

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS**

Letícia Vasques dos Reis Portella Nascimento

**HIDRODINÂMICA RESIDUAL DE UMA PRAIA DE ENSEADA
SUBTROPICAL DOMINADA POR ONDAS:
ESTUDO DE CASO DA ENSEADA DO ITAPOCORÓI**

Florianópolis

2017

Letícia Vasques dos Reis Portella Nascimento

**HIDRODINÂMICA RESIDUAL DE UMA PRAIA DE ENSEADA
SUBTROPICAL DOMINADA POR ONDAS:
ESTUDO DE CASO DA ENSEADA DO ITAPOCORÓI**

Dissertação submetido ao Programa de Pós-Graduação em Oceanografia da Universidade Federal de Santa Catarina como parte dos requisitos para a obtenção do Grau de Mestre em Oceanografia.
Orientador: Prof. Dr. Antonio Fernando Härter Fetter Filho

Florianópolis

2017

AGRADECIMENTOS

Agresteço ao Prof. Dr. Antonio H. da F. Klein e ao Professor João Luiz Baptista de Carvalho por terem gentilmente cedidos os dados medidos imprescindíveis para o desenvolvimento do atual trabalho. Também devo agradecer à CB&I por toda a compreensão que foi necessária para que eu pudesse participar mestrado bem como todo o apoio cedido durante o processo.

RESUMO

O presente estudo tem o objetivo de avaliar a hidrodinâmica da Enseada do Itapocorói com foco na circulação residual e de longo período buscando compreender quais forçantes ambientais são mais relevantes na geração dessas correntes. Para alcançar este objetivo, fez-se a análise dos resultados de 3 *Acoustic Doppler Current Profilers* (ADCPs) dispostos ao longo da enseada em posições com diferentes graus de ondulação e um marégrafo localizado na enseada ao lado, em Penha. Também foi utilizado o modelo hidrodinâmico, *Regional Ocean Modelling System* (ROMS) para analisar o comportamento espacial das correntes locais. O modelo foi desenvolvido em escala regional e local e calibrado com dados provenientes dos ADCPs. Verificou-se que as correntes na região tem um padrão bastante ameno, com velocidades abaixo de $40\text{cm}.\text{s}^{-1}$ em todo domínio e abaixo de $20\text{cm}.\text{s}^{-1}$ nas regiões mais internas. Pelo menos 1/4 da energia local provém de períodos acima de 50h, indicando forte presença de ondas de plataforma e correntes residuais.

Palavras-chave: Circulação Residual. Modelagem Numérica. ROMS.

ABSTRACT

The current study has the goal to evaluate the hydrodynamic behavior of the Itapocorói Bay, focusing on the residual and long-term circulation, in order to better understand which environment forcings have the main part on its generation. To achieve this goal, data from 3 Acoustic Doppler Current Profilers (ADCPs) were analyzed as well as an tide gaugue located on a bay nearby, Penha Bay. Also, it was made use of a numerical model called Regional Ocean Modelling System (ROMS) to better comprehend the spacial dynamic of local currents. The model was developed with a regional and a local grid and calibrated with data from the ADCPs. The current on the bay are very mild, usually below $40\text{cm}.\text{s}^{-1}$ in all area and below $20\text{cm}.\text{s}^{-1}$ in sheltered areas inside the bay. At least a quarter of local energy is contained in periods greater than 50h, indicating a strong presence of platform waves and residual currents.

Keywords: Residual Circulation. Numerical Modelling. ROMS.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Métodos de solução para um problema físico. Fonte: Maliska (1995)	17
Figura 2	Exemplo de grade numérica estruturada	18
Figura 3	Exemplo de grade numérica desestruturada	18
Figura 4	Difusão numérica em diferentes condições de CFL em um problema da equação da onda 1D com condição de fronteira invariavelmente igual a 1	19
Figura 5	Localização da Enseada do Itapocorói	20
Figura 6	Efeitos da erosão em Piçarras. Fonte: Maciel (2010)	23
Figura 7	Imagen do Google Earth da Praia de Piçarras de 18 de Setembro de 2015. Fonte: Google Earth	24
Figura 8	Localização dos pontos anfídrômicos no Atlântico Sul. Fonte: Petersen (2003) .	25
Figura 9	Máxima elevação do nível do mar causada por marés meteorológicas e astronômicas. Fonte: Parise et al. (2009)	25
Figura 10	Fluxograma da metodologia a ser aplicada.....	27
Figura 11	Localização das coletas de dados através de ADCPs.....	30
Figura 12	Dados medidos no ADCP ST001. Pontos em vermelho indicam que os dados foram obtidos através de interpolação linear e os dados em azul são dados medidos pelo ADCP	31
Figura 13	Dados medidos no ADCP ST002. Pontos em vermelho indicam que os dados foram obtidos através de interpolação linear e os dados em azul são dados medidos pelo ADCP	32
Figura 14	Dados medidos no ADCP ST003. Pontos em vermelho indicam que os dados foram obtidos através de interpolação linear e os dados em azul são dados medidos pelo ADCP	33
Figura 15	Localização das variáveis calculadas em uma malha do tipo Arakawa C	34
Figura 16	Exemplo do sistema de coordenadas verticais σ . Fonte: Shchepetkin e McWilliams (2005)	35
Figura 17	Tipos de grades de refinamento no ROMS: grade de refinamento único (esquerda) e múltiplos refinamentos de sub-classes (direita)	36
Figura 18	A grade em azul é a doadora, a grade vermelha é a receptora e a região em roxo é a área de contato onde ocorre a troca de informação entre ambas.	37
Figura 19	Interface gráfica do TMD para obtenção das constituintes harmônicas calculadas pelo modelo TPXO	38
Figura 20	Localização dos dados de vento do modelo de reanálise CFSR e do aeroporto de Navegantes (METAR)	42
Figura 21	Rosa dos ventos do Aeroporto de Navegantes para o ano de 2011 (METAR) ...	43
Figura 22	Rosa dos ventos referente aos dados do CFSR para o ano de 2011.....	44
Figura 23	Histograma de velocidade do vento no Aeroporto de Navegantes para o ano de 2011 (METAR)	45
Figura 24	Histograma de velocidade do vento referentes aos dados do CFSR para o ano de 2011	45
Figura 25	Histograma de direção do vento no Aeroporto de Navegantes para o ano de 2011 (METAR)	46
Figura 26	Histograma de direção do vento referentes aos dados do CFSR para o ano de	46

2011	46
Figura 27 Dados válidos e dados indisponíveis nos dados de velocidade do vento no Aeroporto de Navegantes para o ano de 2011 (METAR).....	47
Figura 28 Rosa dos ventos referente aos dados do CFSR para a estação Verão (Dezembro a Fevereiro) nos anos 2011 a 2015	49
Figura 29 Rosa dos ventos referente aos dados do CFSR para a estação Outono (Março a Maio) nos anos 2011 a 2015	50
Figura 30 Rosa dos ventos referente aos dados do CFSR para a estação Inverno (Junho a Agosto) nos anos 2011 a 2015	51
Figura 31 Rosa dos ventos referente aos dados do CFSR para a estação Primavera (Setembro a Novembro) nos anos 2011 a 2015	52
Figura 32 Variação de Nível no ponto ST001.....	55
Figura 33 Variação de Nível no ponto ST002.....	56
Figura 34 Variação de Nível no ponto ST003.....	57
Figura 35 Variação de Nível no ponto ST001 separado entre: dado medido (parte superior) e dados de maré previsto e o residual meteorológico (parte interior).	58
Figura 36 Variação de Nível no ponto ST002 separado entre: dado medido (parte superior) e dados de maré previsto e o residual meteorológico (parte interior).	59
Figura 37 Variação de Nível no ponto ST003 separado entre: dado medido (parte superior) e dados de maré previsto e o residual meteorológico (parte interior).	60
Figura 38 Separação dos dados de nível em Penha	61
Figura 39 Evento de maré meteorológica negativa registrado	62
Figura 40 Constantes harmônicas definidas na estação maregráfica brasileira da FEMAR (FEMAR, 2016).....	69
Figura 41 Espectro de energia em Piçarras e Penha	74
Figura 42 Dados de temperatura.....	76
Figura 43 Rosa de correntes no ponto ST001 integrada na vertical (em centímetros).....	78
Figura 44 Rosa de correntes no ponto ST002 integrada na vertical (em centímetros).....	78
Figura 45 Rosa de correntes no ponto ST003 integrada na vertical (em centímetros).....	79
Figura 46 Histograma da velocidade de corrente no ponto ST001 integrada na vertical ...	79
Figura 47 Histograma da velocidade de corrente no ponto ST002 integrada na vertical ...	79
Figura 48 Histograma da velocidade de corrente no ponto ST003 integrada na vertical ...	80
Figura 49 Histograma cumulativo da velocidade da corrente em $m.s^{-1}$ no ST001. Linhas em preto indicam os quartis de 25, 50 e 90%	80
Figura 50 Histograma cumulativo da velocidade da corrente em $m.s^{-1}$ no ST002. Linhas em preto indicam os quartis de 25, 50 e 90%	81
Figura 51 Histograma cumulativo da velocidade da corrente em $m.s^{-1}$ no ST003. Linhas em preto indicam os quartis de 25, 50 e 90%	81
Figura 52 Direção predominante e velocidade das correntes no ponto ST001.....	82
Figura 53 Direção predominante e velocidade das correntes no ponto ST002.....	83
Figura 54 Direção predominante e velocidade das correntes no ponto ST003.....	84
Figura 55 Correntes residuais dos pontos medidos a cada 50h	85
Figura 56 Rosa de correntes no ponto ST001 célula 1 (em $cm.s^{-1}$)	86
Figura 57 Rosa de correntes no ponto ST001 célula 2 (em $cm.s^{-1}$)	87
Figura 58 Rosa de correntes no ponto ST001 célula 3 (em $cm.s^{-1}$)	88

Figura 59 Rosa de correntes no ponto ST002 célula 1 (em $cm.s^{-1}$)	89
Figura 60 Rosa de correntes no ponto ST002 célula 2 (em $cm.s^{-1}$)	90
Figura 61 Rosa de correntes no ponto ST002 célula 3 (em $cm.s^{-1}$)	91
Figura 62 Rosa de correntes no ponto ST002 célula 4 (em $cm.s^{-1}$)	92
Figura 63 Rosa de correntes no ponto ST002 célula 5 (em $cm.s^{-1}$)	93
Figura 64 Rosa de correntes no ponto ST002 célula 6 (em $cm.s^{-1}$)	94
Figura 65 Rosa de correntes no ponto ST002 célula 7 (em $cm.s^{-1}$)	95
Figura 66 Rosa de correntes no ponto ST002 célula 8 (em $cm.s^{-1}$)	96
Figura 67 Rosa de correntes no ponto ST002 célula 9 (em $cm.s^{-1}$)	97
Figura 68 Rosa de correntes no ponto ST002 célula 10 (em $cm.s^{-1}$)	98
Figura 69 Rosa de correntes no ponto ST003 célula 1 (em $cm.s^{-1}$)	99
Figura 70 Rosa de correntes no ponto ST003 célula 2 (em $cm.s^{-1}$)	100
Figura 71 Rosa de correntes no ponto ST003 célula 3 (em $cm.s^{-1}$)	101
Figura 72 Rosa de correntes no ponto ST003 célula 4 (em $cm.s^{-1}$)	102
Figura 73 Rosa de correntes no ponto ST003 célula 5 (em $cm.s^{-1}$)	103
Figura 74 Rosa de correntes no ponto ST003 célula 6 (em $cm.s^{-1}$)	104
Figura 75 Rosa de correntes no ponto ST003 célula 7 (em $cm.s^{-1}$)	105
Figura 76 Rosa de correntes no ponto ST003 célula 8 (em $cm.s^{-1}$)	106
Figura 77 Rosa de correntes no ponto ST003 célula 9 (em $cm.s^{-1}$)	107
Figura 78 Rosa de correntes no ponto ST003 célula 10 (em $cm.s^{-1}$)	108
Figura 79 Rosa de correntes no ponto ST003 célula 11 (em $cm.s^{-1}$)	109
Figura 80 Rosa de correntes no ponto ST003 célula 12 (em $cm.s^{-1}$)	110
Figura 81 Domínio da grade numérica regional	112
Figura 82 Domínio da grade numérica regional e local sobrepostos	113
Figura 83 Domínio da grade numérica local	114
Figura 84 Batimetria interpolada na grade numérica regional	115
Figura 85 Batimetria interpolada na grade numérica local	116
Figura 86 Comparação de dados medidos de nível na grade regional e ponto ST003 na Rodada 17 do modelo	121
Figura 87 Comparação de dados medidos da componente u da velocidade na grade regional e ponto ST003 na Rodada 17 do modelo	122
Figura 88 Comparação de dados medidos da componente v da velocidade na grade regional e ponto ST003 na Rodada 17 do modelo	123
Figura 89 Velocidade ao longo do tempo em ST001 na Camada 1 (em $cm.s^{-1}$)	132
Figura 90 Histograma da velocidade da corrente no ponto ST001 na Camada 1 (em $cm.s^{-1}$)	133
Figura 91 Histograma da direção da corrente no ponto ST001 na Camada 1	134
Figura 92 Velocidade ao longo do tempo em ST001 na Camada 2 (em $cm.s^{-1}$)	135
Figura 93 Histograma da velocidade da corrente no ponto ST001 na Camada 2 (em $cm.s^{-1}$)	136
Figura 94 Histograma da direção da corrente no ponto ST001 na Camada 2	137
Figura 95 Velocidade ao longo do tempo em ST001 na Camada 3 (em $cm.s^{-1}$)	138
Figura 96 Histograma da velocidade da corrente no ponto ST001 na Camada 3 (em $cm.s^{-1}$)	139
Figura 97 Histograma da direção da corrente no ponto ST001 na Camada 3	140
Figura 98 Velocidade ao longo do tempo em ST002 na Camada 1 (em $cm.s^{-1}$)	141

Figura 99 Histograma da velocidade da corrente no ponto ST002 na Camada 1 (em $cm.s^{-1}$)	142
Figura 100Histograma da direção da corrente no ponto ST002 na Camada 1.....	143
Figura 101Velocidade ao longo do tempo em ST002 na Camada 2 (em $cm.s^{-1}$)	144
Figura 102Histograma da velocidade da corrente no ponto ST002 na Camada 2 (em $cm.s^{-1}$)	145
Figura 103Histograma da direção da corrente no ponto ST002 na Camada 2	146
Figura 104Velocidade ao longo do tempo em ST002 na Camada 3 (em $cm.s^{-1}$)	147
Figura 105Histograma da velocidade da corrente no ponto ST002 na Camada 3 (em $cm.s^{-1}$)	148
Figura 106Histograma da direção da corrente no ponto ST002 na Camada 3.....	149
Figura 107Velocidade ao longo do tempo em ST002 na Camada 4 (em $cm.s^{-1}$)	150
Figura 108Histograma da velocidade da corrente no ponto ST002 na Camada 4 (em $cm.s^{-1}$)	151
Figura 109Histograma da direção da corrente no ponto ST002 na Camada 4	152
Figura 110Velocidade ao longo do tempo em ST002 na Camada 5 (em $cm.s^{-1}$)	153
Figura 111Histograma da velocidade da corrente no ponto ST002 na Camada 5 (em $cm.s^{-1}$)	154
Figura 112Histograma da direção da corrente no ponto ST002 na Camada 5.....	155
Figura 113Velocidade ao longo do tempo em ST002 na Camada 6 (em $cm.s^{-1}$)	156
Figura 114Histograma da velocidade da corrente no ponto ST002 na Camada 6 (em $cm.s^{-1}$)	157
Figura 115Histograma da direção da corrente no ponto ST002 na Camada 6.....	158
Figura 116Velocidade ao longo do tempo em ST002 na Camada 7 (em $cm.s^{-1}$)	159
Figura 117Histograma da velocidade da corrente no ponto ST002 na Camada 7 (em $cm.s^{-1}$)	160
Figura 118Histograma da direção da corrente no ponto ST002 na Camada 7.....	161
Figura 119Velocidade ao longo do tempo em ST002 na Camada 8 (em $cm.s^{-1}$)	162
Figura 120Histograma da velocidade da corrente no ponto ST002 na Camada 8 (em $cm.s^{-1}$)	163
Figura 121Histograma da direção da corrente no ponto ST002 na Camada 8.....	164
Figura 122Velocidade ao longo do tempo em ST002 na Camada 9 (em $cm.s^{-1}$)	165
Figura 123Histograma da velocidade da corrente no ponto ST002 na Camada 9 (em $cm.s^{-1}$)	166
Figura 124Histograma da direção da corrente no ponto ST002 na Camada 9.....	167
Figura 125Velocidade ao longo do tempo em ST002 na Camada 10 (em $cm.s^{-1}$)	168
Figura 126Histograma da velocidade da corrente no ponto ST002 na Camada 10 (em $cm.s^{-1}$)	169
Figura 127Histograma da direção da corrente no ponto ST002 na Camada 10.....	170
Figura 128Velocidade ao longo do tempo em ST003 na Camada 1 (em $cm.s^{-1}$)	171
Figura 129Histograma da velocidade da corrente no ponto ST003 na Camada 1 (em $cm.s^{-1}$)	172
Figura 130Histograma da direção da corrente no ponto ST003 na Camada 1.....	173
Figura 131Velocidade ao longo do tempo em ST003 na Camada 2 (em $cm.s^{-1}$)	174
Figura 132Histograma da velocidade da corrente no ponto ST003 na Camada 2 (em centí)	175
Figura 133Histograma da direção da corrente no ponto ST003 na Camada 2.....	176
Figura 134Velocidade ao longo do tempo em ST003 na Camada 3 (em $cm.s^{-1}$)	177
Figura 135Histograma da velocidade da corrente no ponto ST003 na Camada 3 (em $cm.s^{-1}$)	178
Figura 136Histograma da direção da corrente no ponto ST003 na Camada 3.....	179
Figura 137Velocidade ao longo do tempo em ST003 na Camada 4 (em $cm.s^{-1}$)	180
Figura 138Histograma da velocidade da corrente no ponto ST003 na Camada 4 (em $cm.s^{-1}$)	181
Figura 139Histograma da direção da corrente no ponto ST003 na Camada 4	182
Figura 140Velocidade ao longo do tempo em ST003 na Camada 5 (em $cm.s^{-1}$)	183

Figura 141Histograma da velocidade da corrente no ponto ST003 na Camada 5 (em $cm.s^{-1}$)	184
Figura 142Histograma da direção da corrente no ponto ST003 na Camada 5.....	185
Figura 143Velocidade ao longo do tempo em ST003 na Camada 6 (em $cm.s^{-1}$)	186
Figura 144Histograma da velocidade da corrente no ponto ST003 na Camada 6 (em $cm.s^{-1}$)	187
Figura 145Histograma da direção da corrente no ponto ST003 na Camada 6.....	188
Figura 146Velocidade ao longo do tempo em ST003 na Camada 7 (em $cm.s^{-1}$)	189
Figura 147Histograma da velocidade da corrente no ponto ST003 na Camada 7 (em $cm.s^{-1}$)	190
Figura 148Histograma da direção da corrente no ponto ST003 na Camada 7.....	191
Figura 149Velocidade ao longo do tempo em ST003 na Camada 8 (em $cm.s^{-1}$)	192
Figura 150Histograma da velocidade da corrente no ponto ST003 na Camada 8 (em $cm.s^{-1}$)	193
Figura 151Histograma da direção da corrente no ponto ST003 na Camada 8.....	194
Figura 152Velocidade ao longo do tempo em ST003 na Camada 9 (em $cm.s^{-1}$)	195
Figura 153Histograma da velocidade da corrente no ponto ST003 na Camada 9 (em $cm.s^{-1}$)	196
Figura 154Histograma da direção da corrente no ponto ST003 na Camada 9.....	197
Figura 155Velocidade ao longo do tempo em ST003 na Camada 10 (em $cm.s^{-1}$)	198
Figura 156Histograma da velocidade da corrente no ponto ST003 na Camada 10 (em $cm.s^{-1}$)	199
Figura 157Histograma da direção da corrente no ponto ST003 na Camada 10.....	200
Figura 158Velocidade ao longo do tempo em ST003 na Camada 11 (em $cm.s^{-1}$)	201
Figura 159Histograma da velocidade da corrente no ponto ST003 na Camada 11 (em $cm.s^{-1}$)	202
Figura 160Histograma da direção da corrente no ponto ST003 na Camada 11.....	203
Figura 161Velocidade ao longo do tempo em ST003 na Camada 12 (em $cm.s^{-1}$)	204
Figura 162Histograma da velocidade da corrente no ponto ST003 na Camada 12 (em $cm.s^{-1}$)	205
Figura 163Histograma da direção da corrente no ponto ST003 na Camada 12.....	206

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Movimento estimado de turistas para os três primeiros meses de 2010 no município de Piçarras. Fonte: SANTUR (2012)	21
Tabela 2 Receita estimada em reais para os três primeiros meses de 2010 no município de Piçarras. Fonte: SANTUR (2012)	21
Tabela 3 Principais atrativos turísticos considerados pelos turistas para os três primeiros meses de 2010 no município de Piçarras. Fonte: SANTUR (2012)	21
Tabela 3 Principais atrativos turísticos considerados pelos turistas para os três primeiros meses de 2010 no município de Piçarras. Fonte: SANTUR (2012)	22
Tabela 4 Localização dos equipamentos	29
Tabela 5 Cartas Náuticas utilizadas	39
Tabela 6 Características das velocidade de vento por estação do ano.....	48
Tabela 7 Características das Variações de Nível Medidas (em metros)	53
Tabela 8 Características das Marés Meteorológicas Medidas.....	54
Tabela 9 Frequências encontradas nos dados de nível do ST001	64
Tabela 10 Análise harmônica através do ttide nos dados de nível do ST002.....	65
Tabela 11 Frequências encontradas nos dados de nível do ST003	66
Tabela 12 Frequências encontradas nos dados de nível de Penha.....	67
Tabela 12 Frequências encontradas nos dados de nível de Penha.....	68
Tabela 13 Comparações entre as constantes harmônicas encontradas nos pontos ST001, ST002, ST003 e Penha com as constantes definidas pela FEMAR (FEMAR, 2016)	70
Tabela 13 Comparações entre as constantes harmônicas encontradas nos pontos ST001, ST002, ST003 e Penha com as constantes definidas pela FEMAR (FEMAR, 2016)	71
Tabela 14 Número de Forma para cada um dos dados analisados	72
Tabela 15 Características dos dados de temperatura.....	75
Tabela 16 Características gerais do modelo.....	117
Tabela 17 Rodadas de calibração testas até o momento com segunda grade testada.....	119
Tabela 17 Rodadas de calibração testas até o momento com segunda grade testada.....	120

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	PERGUNTAS DE PESQUISA	11
1.2	HIPÓTESE	12
1.3	OBJETIVOS	12
1.3.1	Objetivo Geral	12
1.3.2	Objetivos Específicos	12
2	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	13
2.1	MARÉ E CIRCULAÇÃO RESIDUAL	13
2.2	MODELAGEM NUMÉRICA DE ZONAS COSTEIRAS	16
2.3	ÁREA DE ESTUDO	20
3	MATERIAIS E MÉTODOS	27
3.1	DADOS MEDIDOS	28
3.2	MODELO NUMÉRICO	34
3.2.1	Regional Ocean Modelling System	34
3.3	FORÇANTES DOS MODELOS	36
3.3.1	Maré	36
3.3.2	Vento	38
3.4	DADOS DIVERSOS	39
3.4.1	Linha de Costa	39
3.4.2	Batimetria	39
3.5	AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS DO MODELO	40
3.6	FERRAMENTAS UTILIZADAS	40
4	RESULTADOS	42
4.1	ANÁLISE DOS DADOS DE VENTO	42
4.1.1	Análise por Estação	48
4.2	DESCRIÇÃO DOS DADOS MEDIDOS	53
4.2.1	Nível	53
4.2.2	Temperatura	75
4.2.3	Corrente	77
4.3	MODELO NUMÉRICO	111
4.3.1	Grade	111
4.3.2	Batimetria	115
4.3.3	Definições gerais do modelo	117
4.3.4	Calibração	117
4.3.5	Dificuldades encontradas	124
5	DISCUSSÃO	125
	REFERÊNCIAS	126
	APÊNDICE A - Gráficos de Corrente por Camada	132

1 INTRODUÇÃO

Sentado numa cadeira de praia, um turista pode perceber facilmente que existe uma dinâmica na praia que o cerca. As ondas quebram incessantemente, às vezes maiores, às vezes menores, o vento varia de intensidade e direção e a faixa de areia pode se apresentar maior ou menor conforme o horário em que ela é observada. Apesar de facilmente observados, os processos costeiros que regem as dinâmicas de zonas costeiras são bastante complexos e interligados.

A zona costeira é uma região de alto dinamismo, e está sujeita a oscilações periódicas de altas e baixas frequências como ondas e marés, respectivamente. Dado que a água pode ser considerada incompressível, o volume remanescente após uma oscilação deve ser conservado e é de se esperar que as componentes geradas pela oscilação tenha uma resultante nula (LEBLOND, 1991). Entretanto, o que se observa na realidade é que a resultante das oscilações durante longos períodos (por exemplo, após um ou vários ciclos de maré) é não nula. Essa resultante pode ser causada ou amplificada por diversos parâmetros ambientais tais como: não linearidade da corrente de maré, padrão de onda predominante, direção do vento predominante, eventos de tempestade, entre outros (BROWN et al., 2010, e.g.).

As magnitudes dessas correntes residuais e de longo período normalmente são ordens de magnitude menores que as correntes de maré. No entanto, mesmo sendo muito menos intensas, a magnitude e a variação espacial e temporal dessa circulação exerce um grande influência na interação de processos físicos, bioquímicos e sedimentares. Os processos de transporte através da circulação residual e de longo período tem controle sobre fluxo de água doce, descarga de contaminantes, dispersão e transporte de sedimentos e nutrientes além de poderem auxiliar na manutenção ou declínio de recursos vivos (CHENG, 1990). Além disso, dependendo da variação dessa circulação, seja por sazonalidade ou pela frequência dos eventos de tempestade, a mesma também pode ter papel fundamental na morfodinâmica regional (BROWN et al., 2010).

A Enseada do Itapocorói se destaca no cenário catarinense pela grande importância turística. No entanto, a região sofre com sucessivos problemas erosivos desde a década de 70, quando a barra do rio Piçarras foi fixada (HEUVEL et al., 2008). Considerando então a importância econômica e social da Enseada do Itapocorói tanto em termos econômicos como sociais, o seu estudo é de vital importância. Visto que a circulação residual pode ter um papel importante para o entendimento do transporte de partículas, um estudo da mesma pode vir a contribuir para o entendimento da morfodinâmica de longo prazo, bem como avaliar a taxa de recirculação local, podendo colaborar para a melhora da qualidade da água. Além disso, o estudo da morfodinâmica de enseadas necessita que os processos hidrodinâmicos da região sejam bem conhecidos (SILVA et al., 2010). Dessa forma, o presente estudo visa avaliar o comportamento hidrodinâmico da região focando na circulação residual bem como o papel dos parâmetros ambientais da região em sua formação, de forma a avaliar qual parâmetro é mais relevante na modificação dessa circulação.

As correntes residuais dificilmente conseguem ser medidas em campo (CHENG, 1990) por isso, para alcançar o objetivo proposto, será feito uso da modelagem numérica e avaliação de dados de ADCP (temperatura, corrente, ondas e nível) coletados ao longo de um mês em três pontos na enseada.

1.1 PERGUNTAS DE PESQUISA

- Qual é o padrão espacial típico da circulação submareal da Enseada? E temporal?
- Quais os parâmetros ambientais têm maior influência na circulação residual?

1.2 HIPÓTESE

Existe uma circulação residual típica na Enseada do Itapocorói que é gerada principalmente por um algum fator ambiental (maré ou vento), mas cujas características principais podem ser eventualmente alteradas no caso de eventos de tempestade.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo Geral

O objetivo geral do estudo é compreender o padrão de circulação local e a circulação residual na Enseada do Itapocorói (Balneário Piçarras), bem como as variáveis ambientais que os influenciam, através do uso de modelagem numérica de forma a encontrar padrões de longo prazo.

1.3.2 Objetivos Específicos

São objetivos específicos deste trabalho:

- Caracterizar a circulação local através da análise das séries dos fundeio;
- Construção de um modelo hidrodinâmico (ROMS) para a área de estudo, com grade local e regional, visando diminuir inconsistências na região de interesse;
- Calibração dos modelos hidrodinâmicos com dados provenientes de 3 ADCPs;
- Definir o padrão típico da circulação residual;
- Compreender o papel dos parâmetros ambientais na modificação da circulação e qual o parâmetro dominante;
- Definir a circulação residual na Enseada do Itapocorói tanto nos dados modelados quanto nos dados medidos;

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 MARÉ E CIRCULAÇÃO RESIDUAL

As principais variações de nível ocorridas em zonas costeiras acontecem devido às oscilações causadas pelas marés, tornando-se de fundamental importância para estudos costeiros o seu conhecimento, bem como as correntes que são por elas geradas (EBBERT; EROFEEVA, 2002). Apesar de bem compreendidas num âmbito global, a onda de maré em águas costeiras tem uma dinâmica muito diferente daquela encontrada em regiões oceânicas (LEBLOND, 1991).

As marés são consideradas ondas de água rasa e, portanto, estão sempre sujeitas à influência do fundo. Entretanto, ao adentrar águas ainda mais rasas, como as plataformas continental interna, as suas escalas laterais passam a ser reduzidas e as restrições impostas pela continuidade se tornam mais relevantes do que os balanços dinâmicos nas determinações das escalas espaciais (LEBLOND, 1991).

Conforme a onda de maré passa a propagar para águas costeiras ela tende a interagir e sofrer diversos processos: reflexão total ou parcial (uma vez que a linha de costa passa a agir como uma barreira), efeitos inerciais, efeitos de continuidade, perda de energia por fricção, entre outros. Dessa forma, uma vez que se encontra em águas rasas, a onda de maré se torna progressivamente não linear e dissipativa. Além disso, esses processos não lineares podem transferir energia para constituintes harmônicas de águas rasas totalmente novas (SCHUREMAN, 1958; MASSEL, 1989; PARKER, 2007). Outra consequência da redução das escalas laterais é a criação de regiões de gradiente de velocidade. Os termos inerciais passam a ganhar importância no balanço de momento e contribuem para a geração de correntes residuais e vorticidade (LEBLOND, 1991). Portanto, em águas rasas, uma variedade de processos compõem um complexo cenário a ser estudado e, por mais que os fenômenos que gerem as marés sejam muito bem conhecidos e compreendidos, os movimentos resultantes requerem um estudo mais aprofundado.

Ao se considerar a água como incompressível, independente das oscilações ocorridas, seria natural se pensar, em um primeiro momento, que o residual da circulação deveria ser nulo (LEBLOND, 1991). O que se vê na realidade é bastante distinto e a observação de longo prazo nos dá a clara predominância de uma direção indicando a presença de resultantes não nulas. A fonte mais óbvia de geração de velocidade residual é a descarga fluvial, uma vez que seu fluxo é unidirecional. Entretanto, o que se observa é que existem resultantes de velocidade mesmo em locais sem presença de rios. Diversos parâmetros ambientais podem gerar residuais de velocidade. Entre eles podemos citar não linearidade da corrente de maré, padrão de onda predominante, direção do vento predominante, eventos de tempestade, diferença de densidade, características batimétricas ou mesmo obras costeiras (TEE, 1976; TRUCCOLO, 2009; BROWN et al., 2010).

A circulação residual, especialmente a da maré, está normalmente relacionada a processos de longo período, com frequências baixas e velocidades uma ou duas ordens menores que as próprias correntes de maré e, assim, pode acabar sendo negligenciada por conta dessas características (CHENG, 1990). Apesar de serem consideradas irrelevantes quando comparadas com as correntes de maré, elas podem ser bastante relevantes em longo prazo dado que podem dominar o transporte e a distribuição geral de propriedades da água como temperatura e salinidade quando considerada a sua persistência. Dessa forma, sua determinação pode contribuir para o manejo costeiro (como tempo de permanência de poluentes) ou mesmo para a proteção costeira, dado que ela também pode ter papel significante para transporte de partículas sedimentares (TRUCCOLO, 2009).

Parker (1991) cita os trabalhos de Hunt e Johns (1963), Huthnance (1973) e Nihoul e Ronday (1975) como os primeiros trabalhos a proporem mecanismos de geração de correntes residuais geradas por maré. Hunt e Johns (1963) estudaram a geração de correntes de fundo

induzidas por maré em águas rasas, já citando a importância de fluxos residuais tanto na circulação geral quanto em mudanças morfológicas significativas. Huthnance (1973) verificou que as forças geradoras de correntes residuais em bancos de maré no Norfolk Sandbanks foram a força de Coriolis e fricção de fundo. Nihoul e Ronday (1975) mostraram que em regiões com marés expressivas os termos não lineares das equações passam a agir como uma "tensão de cisalhamento de maré" que, aliada ao vento, produz movimentos residuais.

De forma geral e simplificada, o termo circulação residual é utilizado para remeter às circulações de longo período, ou seja, o resultante da circulação uma vez que os processos atuantes são findados. No entanto é possível perceber na literatura uma certa variação em relação à sua definição.

Nihoul e Ronday (1975) discutem sobre as diferentes formas como o termo circulação residual é utilizado em diferentes campos. Os autores citam que, sob um olhar matemático, as correntes residuais podem ser consideradas como o fluxo estacionário descrito pelas equações fundamentais desconsiderando os termos transientes das equações. Em se tratando do campo experimental, tende-se a definir as correntes residuais como o fluxo que sobra ao se subtrair uma maré modelada (ou prevista) de um fluxo medido. E, segundo os autores, ainda existem os cientistas que consideram as correntes residuais aquelas encontradas após se realizar uma integração das correntes naturais ao longo de um período de tempo suficientemente longo, de forma a se cancelarem as contribuições da maré. Os autores afirmam que a última parece ser a mais realista.

Yanagi (1976) afirma que o fluxo estacionário (*steady-state*) é causado por diversos processos físicos como vento, gradiente de pressão atmosférica, descarga de rios, correntes de densidade, correntes de oceano aberto, força de Coriolis e marés. Especificamente, o autor considera fluxo residual de maré como aquele causado por não linearidades das correntes de maré relativas à topografia de fundo e geometria das bordas.

Tee (1976) considera corrente residual aquela corrente que permanece após retiradas as frequências diurnas, semidiurnas ou superiores.

No estudo de Brown et al. (2010) a circulação residual é tratada como a circulação instantânea que permanece após a remoção da maré astronômica da circulação total encontrada, tanto em dados medidos quanto modelados.

No presente estudo, será considerado como circulação residual aquela descrita como a média da circulação local em um longo período de tempo, conforme descrito por Nihoul e Ronday (1975). Este termo foi definido por Imasato (1983) como velocidade residual eulíptiana gerada por maré e calculada conforme a equação 2.1 onde T é um período de tempo suficientemente grande para anular as componentes de maré.

$$U_{\text{residual}}(x, y) = \frac{1}{T} \int_0^T U(x, y, t) dt \quad (2.1)$$

Onde,

U é a componente da velocidade;

T é o período de tempo analisado;

x, y, t são as componentes espaciais e temporal.

Verifica-se na literatura que muitos estudos são focados em circulação residual em ambientes estuarinos com enfoque especial naquela gerada pela baroclinicidade do sistema (MACCREADY; BANAS, 2010; BURCHARD et al., 2011; BROWN et al., 2010). Poucos esforços foram feitos na tentativa de estudos de circulação residual em sistemas com predominância barotrópica ou separando e avaliando as componentes barotrópicas. O presente estudo vem ao encontro para contribuir nessa área, guiando-se pelos trabalhos de Valle-Levinson et al. (2000) e Brown et al. (2010).

Valle-Levinson et al. (2000) tinham como objetivo compreender a circulação residual em uma baía semi-árida bastante semelhante ao que se pode encontrar na Enseada do Itapocorói: orientação preferencial norte-sul, aberta para o oceano, encapsulada entre dois promontórios, com uma baixa descarga fluvial, regime de micro-maré semidiurna e importante centro urbano. Os autores verificaram que a circulação básica poderia ser dividida em duas: uma camada superior dominada por uma componente diurna (atmosférica e mareal) e uma camada inferior com influência diurna e semi-diurna gerada principalmente pela maré.

Já o trabalho de Brown et al. (2010) tinha como objetivo compreender a contribuição de parâmetros físicos na variação temporal das correntes residuais em um ambiente estuarino fortemente influenciado pela maré e comparar a contribuição desses parâmetros, em condições normais e de tempestade, quando comparados com a maré. Os processos físicos avaliados foram: forcantes meteorológicas, baroclinicidade, descarga de rios, residual externo, marés e ondas.

O trabalho de Truccolo et al. (2006) verificou que em São Francisco do Sul, na região exposta às ondulações, apenas 74% da variação de nível poderia ser explicada por marés astronômicas e que 24% da variação poderia ser explicada pelas oscilações em frequência submareal. Além disso, oscilações do nível do mar em frequência submareal não podem ser completamente desconsideradas em um regime de micromaré como o encontrado no sul do Brasil, uma vez que sobre-elevações de até 1 m já foram registradas na região de Itajaí (TRUCCOLO, 2009).

Dessa forma, o presente trabalho levará em consideração as variações em frequência submareal, desconsiderando frequências supramareais (e.g. ondas de gravidade) e terá como foco principal o estudo de correntes residuais barotrópicas cujos principais parâmetros ambientais serão a maré e o vento.

2.2 MODELAGEM NUMÉRICA DE ZONAS COSTEIRAS

O conhecimento da hidrodinâmica de uma região costeira pode ter diversos benefícios tanto em termos ambientais (variações sazonais, previsão das condições oceanográficas, padrões de transporte de sedimentos, etc.) quanto em ganhos sociais (prevenção de desastres naturais, proteção costeira, etc.). No entanto, para um entendimento amplo das características oceanográficas de determinada região é necessário um conhecimento extenso da mesma tanto em termos espaciais quanto temporais. Isso se torna extremamente difícil principalmente devido à complexidade dos processos envolvidos e à dificuldade de obtenção de dados medidos, que são muito custosos e esparsos.

As leis de conservação que governam os fluidos são modelos matemáticos validados há bastante tempo e que podem ser amplamente utilizados para compreendê-los (MALISKA, 1995). Quando se faz necessário resolver determinado problema nesta área pode-se optar por três métodos: os analíticos, os numéricos (experimentação teórica) e a experimentação em laboratório (Figura 1 baseada em Maliska (1995)).

Os métodos analíticos e numéricos são métodos teóricos, pois ambos tem como objetivo resolver equações diferenciais que explicam os fenômenos. A diferença está apenas na complexidade da equação que cada método consegue resolver. O método de experimentação em laboratório é o mais próximo da realidade, pois de fato se trata da configuração real, porém está associado a grandes custos e uma super estrutura que, nem sempre, consegue atacar todos os problemas (e.g. escalas oceânicas).

No caso de soluções numéricas existem dois tipos de erros que podem estar presentes: aqueles referentes à má solução das equações diferenciais e aqueles referentes à não adequação das equações diferenciais para resolver o problema proposto. Ou seja, esses métodos só serão adequados e confiáveis quando se está em posse de um método numérico que resolva corretamente as equações diferenciais e de um modelo matemático que, sabidamente, represente com fidelidade o fenômeno físico. Independente dos possíveis erros associados, os ganhos advindos das técnicas de soluções numéricas e analíticas é muito alto quando comparado aos custos de técnicas experimentais. Além disso é ampla a aceitação destes métodos para a solução desses tipos de equações devido à grande versatilidade e relativa simplicidade de aplicação dessas técnicas (MALISKA, 1995).

No caso da mecânica dos fluidos já existe um consenso a respeito da validade das leis que as descrevem e, portanto, assume-se que os modelos matemáticos estão livres de erros ou que estes podem ser menosprezados na solução geral. Entretanto, estes modelos matemáticos validados são compostos de equações diferenciais parciais não lineares que, em geral, não possuem soluções analíticas ou fechadas a não ser em casos extremamente simplificados. Portanto, para o caso da mecânica de fluidos complexos as solução numéricas são as mais adequadas. Quando os modelos matemáticos passam a ser discretizados e resolvidos através de métodos numéricos eles recebem a denominação específica de dinâmica de fluidos computacionais (KUNDU et al., 2012).

Apesar de serem consideravelmente precisas é preciso ter consciência que as soluções numéricas são, inexoravelmente, inexatas. Existem dois erros introduzidos ao se utilizar os métodos numéricos na solução de um problema. Um deles ocorre devido à limitação de armazenamento de informação que os computadores digitais possuem, denominados erros de arredondamento. O segundo tipo de erro é introduzido pelo próprio método numérico que, ao se utilizar aproximações para encontrar a solução numérica, acaba gerando os erros de truncamento. Juntos, os dois erros constituem o erro total da solução numérica, que é, basicamente, a diferença entre a solução verdadeira (exata, e que é desconhecida) e a solução numérica aproximada (GILAT; SUBRAMANIAM, 2008).

Inicialmente, soluções numéricas eram muito custosas computacionalmente e modelos analíticos (bastante simplificados) e experimentais eram as únicas ferramentas que os cientistas

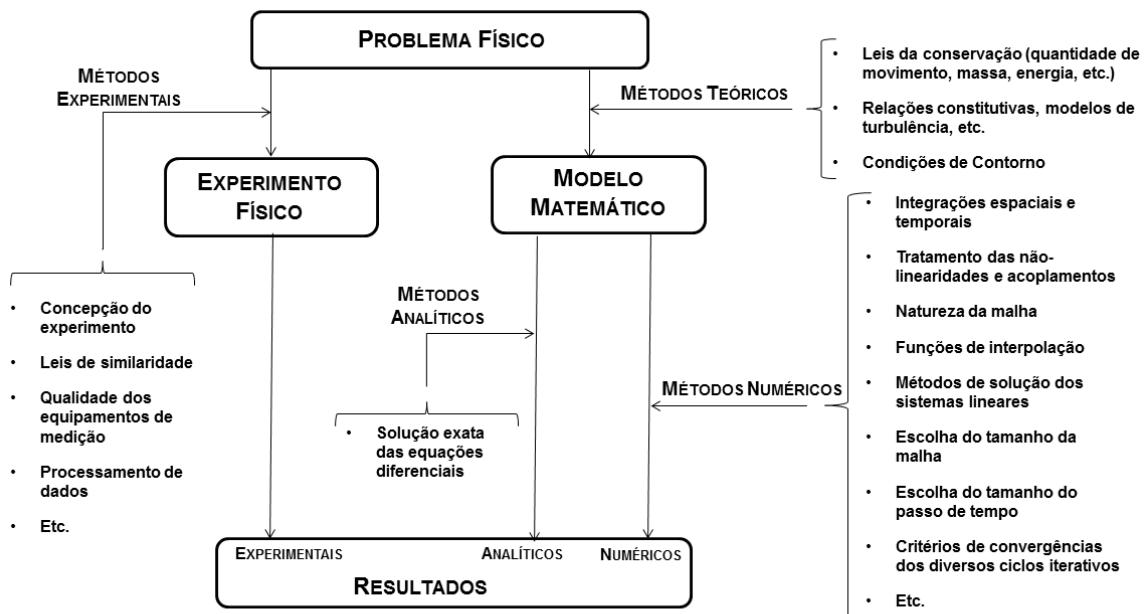


Figura 1 – Métodos de solução para um problema físico. Fonte: Maliska (1995)

podiam contar para o entendimento dos fenômenos físicos. Com o avanço computacional ocorrido nas últimas décadas, as barreiras computacionais que tornavam custosas as soluções para a resolução dos métodos numéricos se tornaram muito pequenas comparadas aos ganhos potenciais. A solução de escoamento turbulento supersônico em um aerofólio com os computadores da década de 60 consumiria um tempo de computação de aproximadamente 30 anos com um custo de 10 milhões de dólares. O mesmo problema com os computadores atuais requer minutos e custo na ordem de centenas de dólares (MALISKA, 1995). Dessa forma, a modelagem numérica permite não apenas resolver as equações que descrevem os fenômenos físicos mas também se constitui uma ferramenta para experimentos relativos aos processos que interagem e compõe as características observadas nos oceanos.

Modelos numéricos de áreas costeiras foram desenvolvidos desde o começo da década de 80, mas apenas na década de 90 que grandes institutos europeus conseguiram aprimorar os primeiros modelos e desenvolveram os modelos robustos e de código flexível que ainda são utilizados hoje em dia como o Delft3D (Deltares), Mike21 (*Danish Hydraulic Institute*) e Telemac (*Laboratoire Nationale d'Hydraulique*). Hoje em dia, diversos modelos estão disponíveis para utilização e muitos são gratuitos e de código aberto, o que facilita seu uso e dispersão. Inúmeros são os trabalhos na área da oceanografia que fazem uso dessa ferramenta que se tornou fundamental os estudos na área.

A tarefa do método numérico, portanto, é resolver uma ou mais equações diferenciais, substituindo as derivadas existentes na equação por expressões algébricas que envolvem a(s) função(ões) incógnita(s). Quando escolhe-se fazer uma aproximação numérica da equação diferencial, aceitamos ter a solução para um número discreto de pontos de forma que, quanto maior for este número de pontos, mais próxima da solução exata será a solução aproximada (MALISKA, 1995). O conjunto de pontos onde a solução será calculada é denominado grade numérica ou malha numérica.

As grades numéricas podem ser construídas de maneiras estruturadas ou desestruturadas. As grades estruturadas são geralmente aquelas cujo formato é retilíneo ou curvilíneo, mas cuja forma principal é o retângulo como apresentado na figura 2. Grades não estruturadas ou desestruturadas são aquelas tipicamente construídas através de triângulos (Figura 3), mas

também podem se basear em composição de triângulos e quadriláteros. Em grades estruturadas normalmente são utilizados métodos de diferenças finitas, enquanto em grades não estruturadas são utilizados métodos de elementos finitos ou volumes finitos (ROELVINK, 2012).

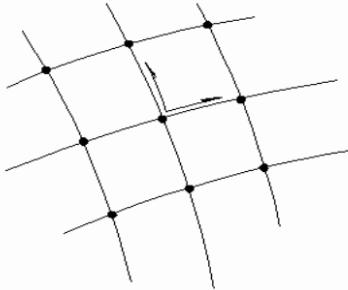


Figura 2 – Exemplo de grade numérica estruturada

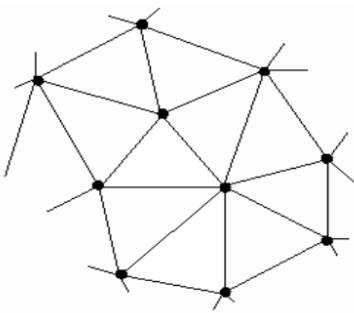


Figura 3 – Exemplo de grade numérica desestruturada

Tradicionalmente, o método de diferenças finitas é mais popular nos modelos costeiros, principalmente pela facilidade dos seus conceitos e sua eficiência no cálculo célula-a-célula. Já os métodos de elementos finitos são bem mais complicados matematicamente e costumam ser mais lentos nos cálculos célula-a-célula mas conseguem facilmente cobrir áreas com grandes diferença em escala de tamanhos (ROELVINK, 2012).

Os sistemas de equações formados por todas as sete equações básicas pode ser resolvido de dois modos, basicamente: de forma implícita ou de forma explícita. Em métodos implícitos, todo o sistema de equações é calculado simultaneamente já que todos os valores do passo de tempo atual são desconhecidos com exceção das fronteiras. Esse cálculo pode ser feito através de inversão de matriz (totalmente implícito) ou de métodos iterativos (parcialmente implícito). No caso dos métodos explícitos, as variáveis no tempo atual são baseadas em valores conhecidos do passo de tempo passado, o que é consideravelmente mais simples. Em geral métodos implícitos demoram mais por passo de tempo, mas conseguem trabalhar com passos de tempo maiores porque não há um limite fixo de estabilidade. Já no caso de métodos explícitos existe pouco esforço computacional por passo de tempo, mas um critério deve ser seguido para garantir estabilidade (MALISKA, 1995; ROELVINK, 2012). É importante ressaltar que processos que demandam iteração podem acumular erros de arredondamento que também podem desestabilizar a solução.

No caso de modelos costeiros, os modelos Delft3D e Mike21 utilizam-se de esquemas implícitos enquanto modelos como ROMS e o XBeach usam esquemas explícito de soluções.

Os modelos, em geral, podem apresentar problemas de convergência, onde a solução numérica não é estável. A condição descrita pelos autores Richard Courant, Kurt Friedrichs e Hans Lewy deu origem a todos os fundamentos necessários para as condições de convergência de qualquer esquema numérico e passou a ser conhecida como condição CFL (FORTUNA, 2000).

A ideia básica da condição de Courant-Friedrichs-Lowy (CFL) é que a solução das equações de diferenças finitas não pode ser independente dos dados que determinam a solução das equações diferenciais parciais associadas, ou seja, as partículas de fluido calculadas não podem se mover mais do que um espaçamento de grade em um passo de tempo. A condição CFL é uma condição necessária para a estabilidade do modelo, porém não suficiente.

Os métodos numéricos, por suas características intrínsecas, geram um efeito semelhante ao de difusão com suavização de gradientes, mesmo quando o cálculo inclui unicamente componentes advectivas. Esse é um efeito puramente numérico, denominado difusão artificial, difusão falsa ou difusão numérica. Conforme o CFL é reduzido, o efeito de difusão numérica também é (FORTUNA, 2000). A figura 4 apresenta o resultado final da equação da onda 1D para duas diferentes condições CFL. A fronteira foi imposta como 1 invariavelmente, mas nota-se o efeito de difusão numérica ocorrendo em maior ou menos escala, dependendo da condição imposta.

$$CFL = \frac{C\Delta t}{\Delta x}, C \approx \sqrt{gh} + u \quad (2.2)$$

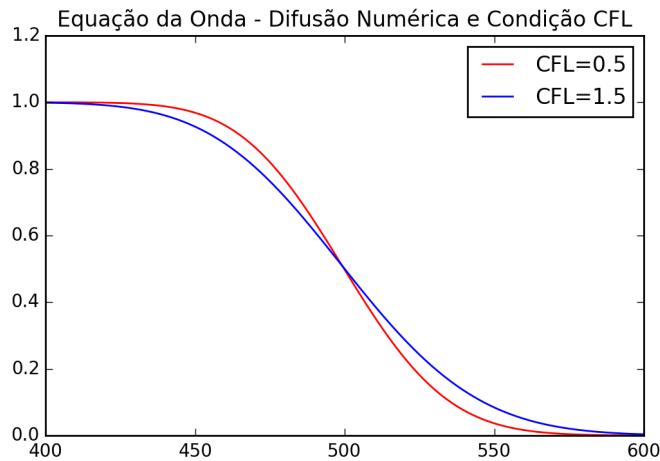


Figura 4 – Difusão numérica em diferentes condições de CFL em um problema da equação da onda 1D com condição de fronteira invariavelmente igual a 1.

2.3 ÁREA DE ESTUDO

No contexto das zonas costeiras as praias de enseadas (*headland-bay beaches*) representam quase 51% das linhas de costa do mundo. Estas são características em regiões rochosas associadas com topografias montanhosas e cujas dimensões podem variar dependendo da topografia pré-existente parcialmente afogada durante a transgressão holocênica. Tipicamente possuem um formato assimétrico caracterizado por uma área curva denominada zona de sombra, uma área parcialmente curva transicional e uma região reta alinhada ao clima de ondas predominante (SHORT; MASSELINK, 1999).

A Enseada do Itapocorói está localizada no litoral centro-norte de Santa Catarina e engloba os municípios de Piçarras, Penha e Barra Velha (Figura 5). A enseada se enquadra na característica típica de uma praia de enseada, com uma área sombreada, protegida por um costão rochoso (Ponta da Penha) no formato de uma espiral e uma área mais exposta na direção das ondulações predominantes.



Figura 5 – Localização da Enseada do Itapocorói

O principal município que constitui a enseada é a Praia de Piçarras, que possui 8 km de extensão, sendo delimitada ao norte pelo promontório de Itajuba e ao sul pela foz do rio Piçarras. Do rio Piçarras até a Ponta da Penha, está parte do município de Penha. A praia de Piçarras tem orientação de 157 a 337° com altura de quebra de onda (Hb) de 0,4 m e período de 7 segundos (KLEIN; MENEZES, 2001).

Grande parte da economia local advém do turismo. Na maior parte do mundo, praias são o principal atrativo turístico da costa sendo que boa parte da economia de países desenvolvidos ou em desenvolvimento dependem desse tipo de turismo (KLEIN et al., 2009). No Balneário Piçarras não é diferente, em 2010 cerca de 17 mil pessoas residiam permanentemente na cidade (IBGE, 2015), porém estima-se que apenas nos primeiros três meses de 2010, mais de 133 mil turistas estiveram no município de Piçarras (Tabela 1) com uma receita estimada de mais de 62,5 milhões de reais (Tabela 2). Também verifica-se que o turismo representa mais de 50% dos motivos de viagem (SANTUR, 2012) e os atrativos naturais aparecem como o grande motivador turístico da região (Tabela 3).

Tabela 1: Movimento estimado de turistas para os três primeiros meses de 2010 no município de Piçarras. Fonte: SANTUR (2012)

Origem	Janeiro	Fevereiro	Março
Nacionais	60.123	54.682	16.774
Estrangeiros	323	1.066	60
Total	60.446	55.748	16.834

Tabela 2: Receita estimada em reais para os três primeiros meses de 2010 no município de Piçarras. Fonte: SANTUR (2012)

Origem	Janeiro	Fevereiro	Março
Nacionais	33.376.245,70	22.339.482,46	5.299.255,48
Estrangeiros	323.000,00	1.205.400,04	75.000,00
Total	33.699.245,70	23.544.882,50	5.374.255,48

Tabela 3: Principais atrativos turísticos considerados pelos turistas para os três primeiros meses de 2010 no município de Piçarras. Fonte: SANTUR (2012)

Origem	Janeiro	Fevereiro	Março
Origem	Janeiro	Fevereiro	Março
Atrativos Naturais	53,27%	55,91%	39,08%
Manifestações Populares	27,54%	30,97%	52,11%
Tratamento de Saúde	16,03%	12,86%	6,51%
At. Históricas e Culturais	2,48%	-	1,53%

Tabela 3: Principais atrativos turísticos considerados pelos turistas para os três primeiros meses de 2010 no município de Piçarras. Fonte: SANTUR (2012)

Origem	Janeiro	Fevereiro	Março
Entretenimento	0,23%	-	0,39%
Compras	0,23%	-	0,38%
Religião/Peregrinação	0,22%	-	-
Visita a Amigos e Parentes	-	0,26%	-
Total	100,0%	100,0%	100,0%

Principalmente por conta desse atrativo turístico, a Enseada sofreu o mesmo processo acelerado de urbanização que o litoral centro-norte catarinense passou, em especial nos últimos 30 anos. Nesse período, houve um incremento populacional considerável e com pouca atenção, por parte das autoridades locais, aos processos costeiros que fazem parte da dinâmica da região (KLEIN et al., 2006). A praia de Piçarras, região sul da Enseada e local das maiores taxas de desenvolvimento urbano, sofre com um grande problema erosivo (Figura 6) e vem sendo constantemente estudada em busca de formas de mitigá-lo (HEUVEL et al., 2008; ARAUJO et al., 2010; FREITAS et al., 2010; ALMEIDA, 2013; RIBEIRO, 2014).



Figura 6 – Efeitos da erosão em Piçarras. Fonte: Maciel (2010)

A população local afirma que os problemas erosivos começaram a ocorrer na década de 70, quando a desembocadura do rio Piçarras foi fixada (KLEIN et al., 2009). Diversas intervenções tem sido feitas para solucionar o problema erosivo, como a construção de espigões (1989 e 1994) e o engordamento praial (1999 e 2008) mas ambos os métodos não se apresentaram efetivos para a solução do problema no longo prazo (ALMEIDA, 2013). Na figura 7 pode-se observar na parte inferior direita a fixação da barra do rio Piçarras por dois espigões e na parte superior esquerda a presença de um espigão para retenção de sedimentos. Nota-se claramente na figura que determinadas partes da praia se apresentam muito menos extensas que outras.

Araujo et al. (2010) verificaram um perfil erosivo ao longo de toda a praia, mas foi observado que o sedimento removido da parte sul não estava sendo depositado na mesma proporção na direção da deriva litorânea. A principal zona de erosão, identificada como uma zona de erosão acentuada (ZEA), se situa cerca de 500 m na parte ao norte da desembocadura do Rio Piçarras. Os valores de taxa de erosão chegaram a $-14 \text{ m}^3/\text{m}/\text{ano}$ na região mais crítica da praia entre os anos de 1998 e 2008.

Masselink e Short (1993) propuseram uma relação entre a altura de onda e a variação de maré para avaliar a predominância de um outro em praias denominada *Relative Tidal Range* (RTR). Klein e Menezes (2001) verificaram que, em Piçarras, o RTR é de 2,02, o que indica que a praia é tipicamente dominada por ondas. Isso se deve ao fato de que toda a região sul do Brasil apresenta regimes de micromarés, principalmente pela influência de um ponto anfídrômico localizado aproximadamente em 33°S e 46°W (Figura 8). Na Enseada, a altura média da maré é de cerca de 0,8 m, com máximas de 1,2 m na sizígia e 0,3 m na quadratura, sendo classificada como regime de micro-maré semi-diurno (SCHETTINI et al., 1999). No entanto, análises feitas pelo Instituto de Hidráulica Ambiental da Cantábria indicaram que a maré pode alcançar 1,83 m (ALMEIDA, 2013). Dados da estação maregráfica da UNIVALI indicam que também existe a presença de seiches em frequências sub-horárias (SCHETTINI et al., 1999).

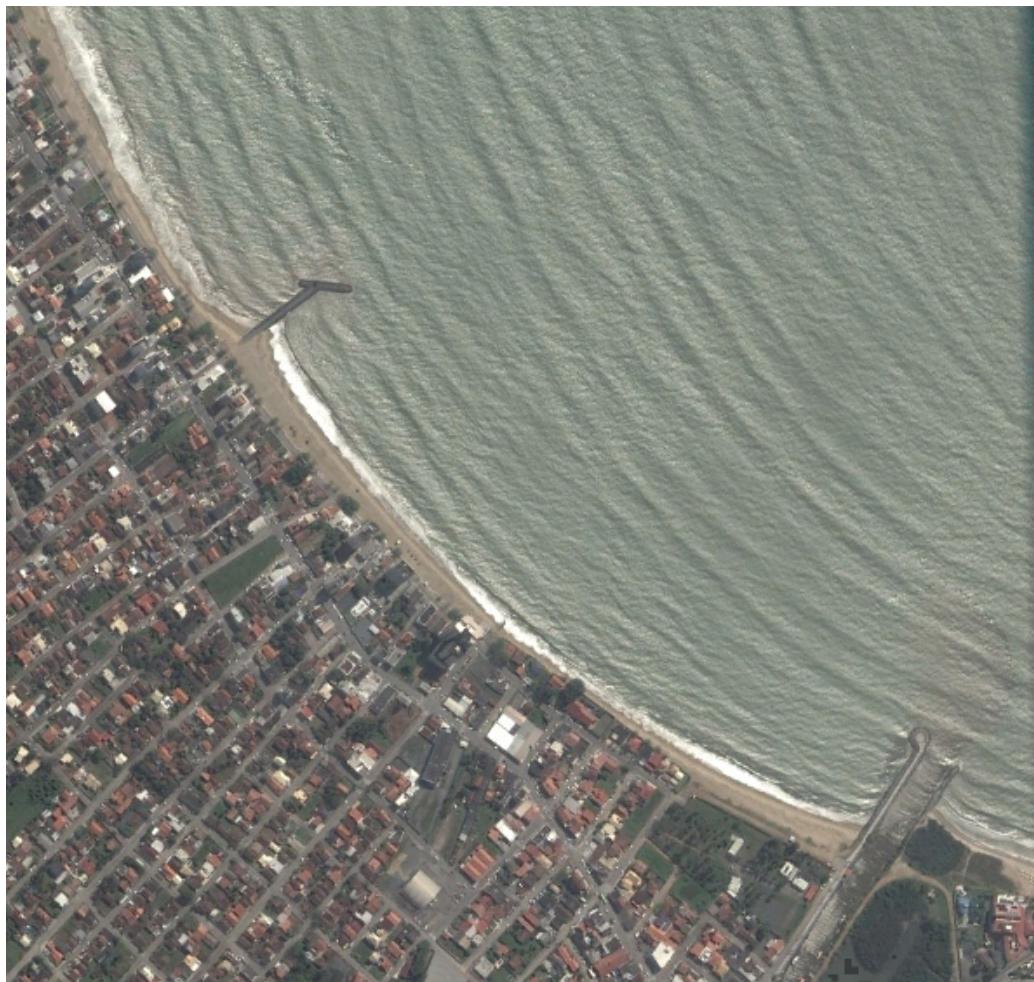


Figura 7 – Imagem do Google Earth da Praia de Piçarras de 18 de Setembro de 2015. Fonte: Google Earth

Devido ao regime de micromarés do sul do país, as marés meteorológicas passam a ter uma grande importância na dinâmica local. Parise et al. (2009) verificaram que entre Junho de 2006 e Julho de 2007, 23 eventos de marés meteorológicas foram registrados no sul do Brasil. As marés meteorológicas alcançaram, em média 1 m de elevação com uma medição máxima de 1,9 m. Os autores também verificaram que ventos de sudoeste estiveram presente em 70% dos casos de sobreelevação. É importante citar que os autores também verificaram que as maiores erosões costeiras eram provenientes de marés meteorológicas com maior duração e não com maior elevação. Esse resultado reforça a importância de estudos de longo prazo para avaliação do efeito cumulativo na dinâmica praial.

As principais forças do regime de corrente na Enseada são a maré e o vento, porém este se apresenta com velocidades usualmente inferiores a $0,1m.s^{-1}$ (SCHETTINI et al., 1999). Estudos anteriores verificaram que a circulação local é, no entanto, muito mais influenciada pelos regimes de vento do que pela maré e esta só passa a ser dominante no caso de ventos fracos ou ausentes (SCHETTINI et al., 1999; LEITE et al., 2011). Leite et al. (2011) encontraram a presença de dois vórtices gerados dentro da Enseada com direções variando conforme o sentido do vento (sentido horário em ventos de NE e anti-horário em ventos de S e SO) e com pouca influência da maré.

O litoral de Santa Catarina é submetido regularmente à passagem de frentes frias, normalmente com trajetória sudoeste para nordeste que afetam todo o litoral da América do Sul. O ar frio é trazido pela aproximação de anticiclones que se deslocam sobre a Argentina e avançam sobre o Brasil (MONTEIRO, 2001). Rodrigues et al. (2004) verificaram que em 10 anos, 429 frentes frias puderam ser identificadas em Santa Catarina com uma média de 3 a 4 frentes

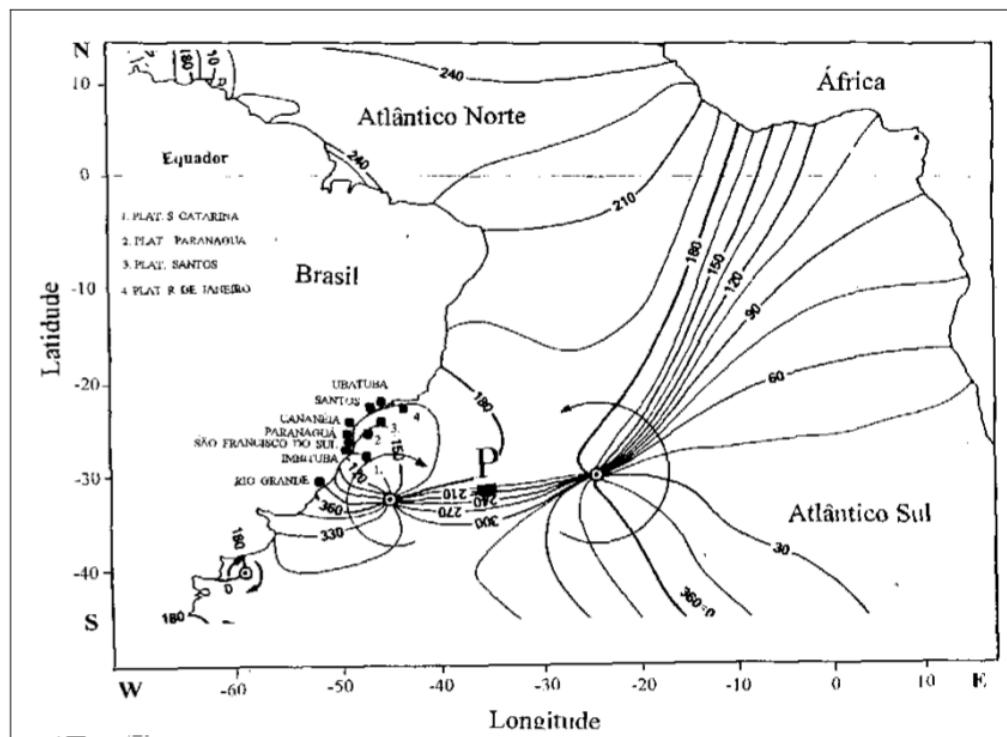


Figura 8 – Localização dos pontos anfídrônicos no Atlântico Sul. Fonte: Petersen (2003)

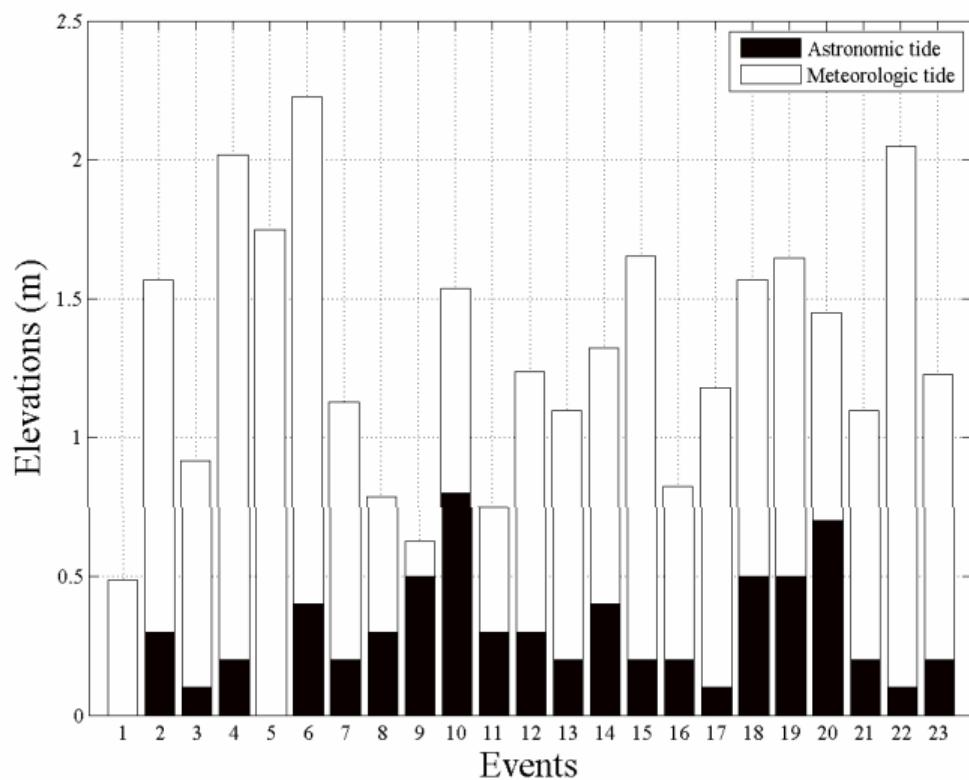


Figura 9 – Máxima elevação do nível do mar causada por marés meteorológicas e astronômicas. Fonte: Parise et al. (2009)

ocorrendo em todos os meses do ano. Entretanto, os autores também verificaram que existe uma leve tendência de aumento das frentes frias na primavera (cerca de 30% das ocorrências, com uma média de 12,6 frentes frias). O intervalo médio entre duas passagens consecutivas de

frentes é de 8 dias, porém mais de 50% das frentes frias atingem o litoral catarinense entre 3 a 8 dias.

As ondulações também são bastante importantes na região, especialmente no setor norte. Devido ao posicionamento abrigado, a parte sul da Enseada é protegida das ondulações mais energéticas provenientes do quadrante S, permanecendo na maior parte do tempo sujeita à ondulações de NE com alturas modestas e períodos inferiores a 8 s (SCHETTINI et al., 1999).

Ribeiro (2014) avaliou dados de ADCP coletados entre agosto e setembro de 2011 e notou uma ausência de ondulações provenientes de NE durante este período. O autor encontrou períodos de pico oscilando entre 12 s, referentes a ondas mais longas de sudeste, e 8 s, referentes a ondas geradas mais próximo da costa, associadas à direção E.

Ramirez (2010) encontrou que as correntes exibem o mesmo comportamento tanto em ondas de altura média como extrema e variam apenas em intensidade. A autora descobriu também que correntes são quase nulas quando as ondulações são oriundas de S e que ondas incidentes de ESE e ENE tem as menores intensidades daquelas vindas do quadrante E, principalmente devido à orientação da praia.

Muitos estudos realizados na Enseada do Itapocorói focaram no estudo da morfodinâmica local (KLEIN; MENEZES, 2001; ARAUJO et al., 2010; RAMIREZ, 2010; OLIVEIRA, 2013), no padrão de ondas (RIBEIRO, 2014) e no estudo de perigos costeiros e evolução da linha de costa (FREITAS et al., 2010; SILVA, 2012). Estes estudos foram estimulados pelo grande problema erosivo que a enseada apresenta bem como pela característica de predominância dos efeitos de onda na região. Entretanto, em praias de enseada a dinâmica é dominada por ondas em períodos curtos, como alguns estados de mar ou tempestades (SILVA et al., 2010) porém a circulação residual gerada pela maré e/ou vento pode ter um efeito cumulativo no longo prazo (BROWN et al., 2010). Dessa forma, visando complementar os estudos anteriores, o presente trabalho pretende atuar no estudo de padrões residuais na enseada, tomando o trabalho de Leite (2009) e Leite et al. (2011) como referência principal da dinâmica da região. Almeja-se que este estudo contribua para a compreensão do tempo de recirculação, que pode contribuir para a maricultura local, bem como contribua para o conhecimento das dinâmicas de longo período da região.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

Dado os objetivos propostos pelo presente estudo, a figura 10 apresenta o fluxograma da metodologia a ser aplicada para que estes sejam alcançados.

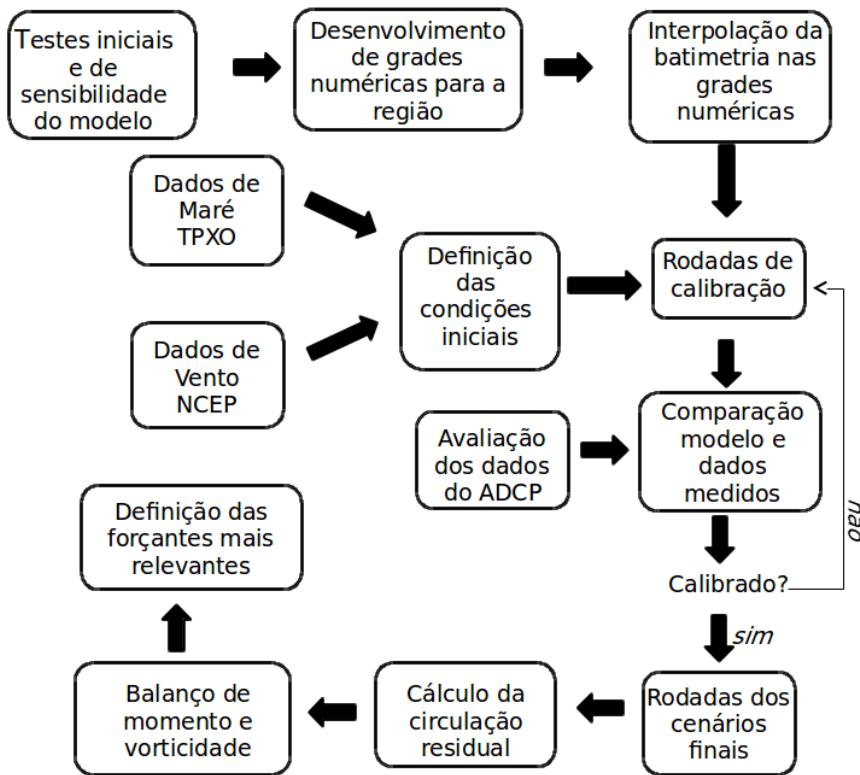


Figura 10 – Fluxograma da metodologia a ser aplicada.

A primeira etapa foi desenvolver uma grade numérica regional e local e interpolar a batimetria em ambas. A grade regional visa trazer os processos de água profundas para regiões mais próximas da costa enquanto a grade local visa resolver os processos costeiros de forma mais detalhada. O acoplamento de ambas permite afastar as fronteiras do local de estudo, bem como tornar mais acurado o processo de transformações de águas profundas, onde estão localizados dados de marés de modelos globais, para águas rasas.

Concomitantemente, serão avaliados os dados de ADCP que serão usados para a calibração do modelo. O objetivo dessas análises é avaliar a consistências dos dados, compreender melhor o comportamento encontrado e desenvolver análises estatísticas que permitam melhor representar os resultados encontrados.

O modelo passará então por uma série de testes de sensibilidade. Esses testes visam compreender o comportamento e as reações do modelo quando os seus dados de entrada ou os parâmetros padrão (*default*) são alterados. Isso garantirá que as configurações a serem usadas sejam bem conhecidas e que os parâmetros a serem mudados na calibração têm sua influência mapeada.

Após os teses de sensibilidade foram configuradas as condições iniciais. Os dados de entrada utilizados como forçantes do modelo foram dados de maré do TPXO e dados de vento do CFSR/NCEP. Detalhes sobre cada um dos dados utilizados como forçante serão descritos nas seções que seguem. O resultado desse modelo será comparado com os dados medidos pelo ADCP, para avaliar a acurácia do modelo. Esse processo é denominado calibração e assume-se

que, quanto menor a diferença entre o dado modelado e medido, melhor é o modelo (WAVEREN et al., 2010). Dessa forma, ao se atestar a confiabilidade dos dados em um ou mais pontos, assume-se que os processos reproduzidos em todo o domínio foram corretamente reproduzidos de forma a gerar resultados coerentes naquele(s) ponto(s) e, portanto, que o modelo está adequado, dentro de suas limitações, a reproduzir a dinâmica da área de interesse.

Os erros entre os dados simulados e os dados medidos podem existir por diversos problemas: erros conceituais nas simplificações assumidas pelos modelos, parâmetros inadequados, erros de forçantes ou problemas de aquisição dos dados medidos. Dessa forma, a ideia geral da calibração é modificar parâmetros que possam otimizar os resultados do modelo, testá-los, e avaliar os resultados. Esse é um processo iterativo e deve ser realizado até que o valor de erro esteja dentro de um limite aceitável (WAVEREN et al., 2010).

Após a obtenção de um modelo calibrado, serão realizadas rodadas com as configurações finais. Serão feitos esquemas conforme descrito em Brown et al. (2010), onde o modelo será rodado em uma condição "simples" (apenas com maré) e outros serão rodados com diferentes forçantes associadas, de forma a avaliar a contribuição de cada uma. Para isso, a condição "simples" será subtraída daquelas com as forçantes. O resultado encontrado será comparado àqueles obtidos através das análises dos dados de ADCP. Finalmente, será feito um balanço de momento e vorticidade e definidos os parâmetros ambientais mais relevantes para a Enseada do Itapocorói.

3.1 DADOS MEDIDOS

Os dados utilizados na calibração do modelo foram coletados pelas equipes da Coastal Planning & Engineering do Brasil (CPE) e o Laboratório de Oceanografia Costeira (LOC) da Universidade Federal de Santa Catarina no período de 19/08/2011 a 22/09/2011, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ_CTT TranArea 22/2008, Proc. No. 575008/2008-3).

Foram coletados dados de temperatura, nível, corrente e ondas com equipamentos do tipo *Acoustic Doppler Current Profiler* (ADCP). Os equipamentos do tipo ADCP utilizam-se do efeito Doppler para avaliar a direção e a velocidade das correntes com base na modificação de um sinal sonoro de alto frequência ao ser refletido em partículas suspensas do fluido em movimento. O ADCP consegue avaliar essa diferença de velocidade entre o pulso emitido e o refletido em diferentes intervalos de profundidade, denominado células. A suposição básica desse método é que as partículas em suspensão deslocam-se com a mesma velocidade do fluxo de água (MÖLLER; ABE, 2011). De forma simples e geral, a velocidade é dada por:

$$F_D = -2F_s \frac{V}{c}$$

onde,

F_d é a mudança na frequência de transmissão;

V é a velocidade relativa entre a fonte e o alvo;

c é a velocidade de propagação do som;

F_s é a frequência de transmissão do som.

Os ADCPs podem ser usados basicamente de duas formas: da forma estática, onde são feitas medições eulerianas de dados e o equipamento é instalado em pilares, pontes ou são fundeados ou de forma dinâmica quando o mesmo é instalado no caso de uma embarcação.

Quando instalados da forma dinâmica se faz necessário um sistema rastreador do fundo (*bottom tracking*) para descontar a velocidade da embarcação.

Foram instalados três ADCPs na região da Enseada do Itapocorói em ponto fixos, de forma a se obter uma medição euleriana de dados (Figura 11). Os ADCPs foram dispostos em diferentes níveis de exposição às ondulações mais intensas de sul: abrigado (ST001), semi-exposto (ST002) e exposto (ST003) de acordo com as coordenadas dispostas na tabela 4 e no mapa da figura 11.

Tabela 4: Localização dos equipamentos

Equipamento	Latitude	Longitude
ST001	26° 46' 5.79"S	48° 39' 15,58"W
ST002	26° 45' 51,74"S	48° 39' 42,37"W
ST003	26° 42' 18,36"S	48° 36' 56,70"W

Os equipamentos foram fundeados voltados para cima (*upward-looking*) e configurados para adquirirem informações com intervalos de 30 minutos. As medições de pressão (nível) e temperatura foram coletadas de forma instantânea (medidas pontuais) enquanto que as medições de corrente são resultados de uma média de 5 minutos de aquisição. Para a medição de ondas os dados foram coletados a cada 1 hora durante 20 minutos, numa taxa de aquisição de 4 Hz (0,25 s) no ST001 e ST002e 2 Hz (0,5 s) no ST003.

Os dados passaram por todo o processo de análise de consistência descritos em Ribeiro (2011) e obtiveram uma taxa de recuperação dos dados acima de 96% para todos os parâmetros coletados (corrente, onda, temperatura e pressão) nos 3 ADCPs. Os dados já foram usados nos trabalhos de Ribeiro (2014) e Oliveira (2013) e podem ser considerados de ótima qualidade para utilização no presente trabalho.

Entretanto, como foi exposto, durante as medições alguns dados não puderam ser coletados e, portanto, as séries temporais continham interrupções. Interrupções em séries temporais tornam-as muito complexas para utilização sem um tratamento prévio. Dado que a quantidade de dados faltantes era esparsa, representava menos de 5% da série temporal e estavam igualmente espaçados, escolheu-se utilizar uma interpolação linear simples para suprir os dados que não foram medidos. A figura 14 apresenta um exemplo dos dados medidos e da quantidade de dados faltantes no ST001.

Além dos dados desses 3 ADCPs, também foram cedidos gentilmente dados de maregrafia coletados em Penha durante mais de 1 ano (entre Outubro de 1995 e Dezembro de 1996). Estes dados não serão usados para a calibração do modelo, mas serão analisados e comparados com os dados do ADCP para melhor compreensão da hidrodinâmica local.

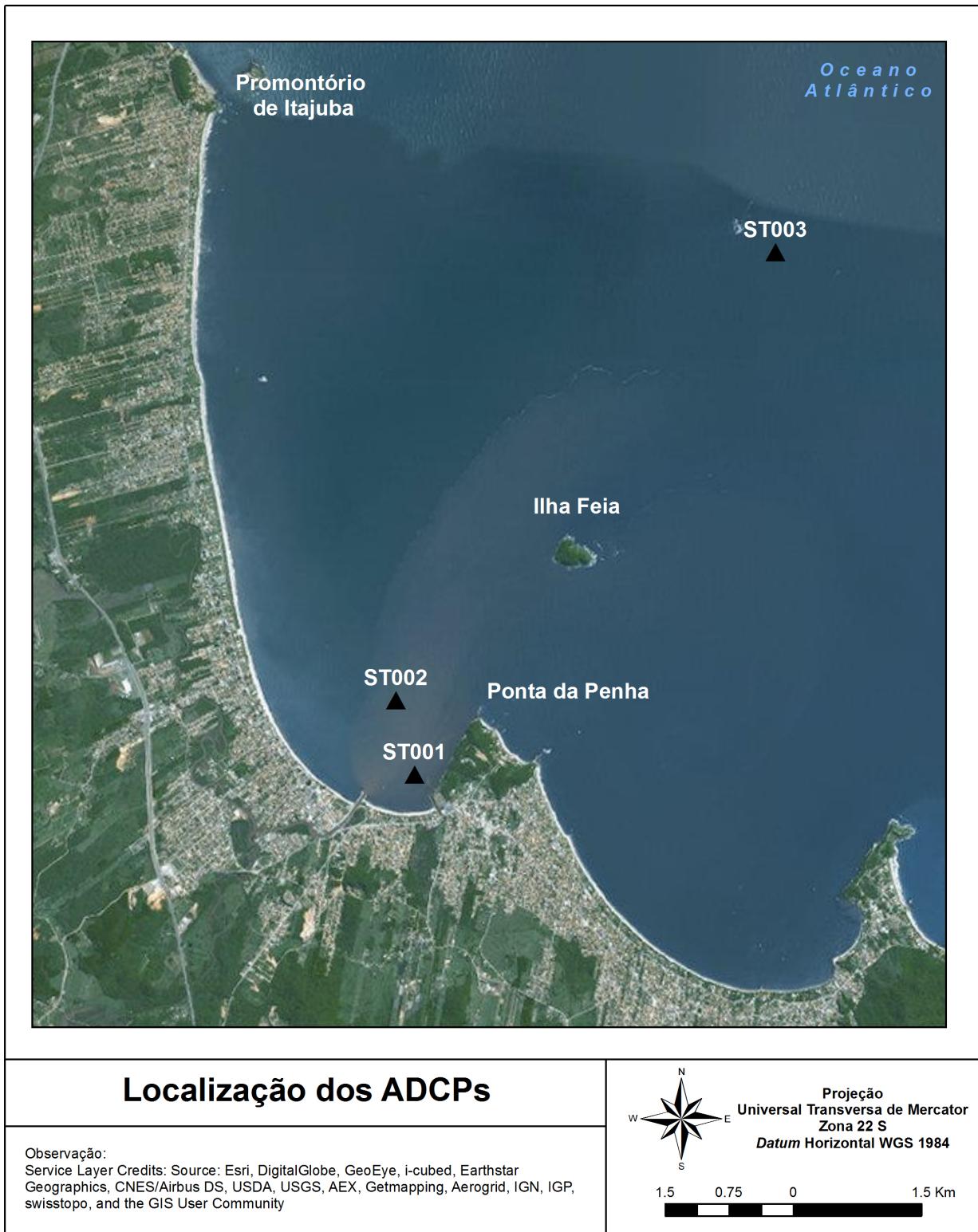


Figura 11 – Localização das coletas de dados através de ADCPs.

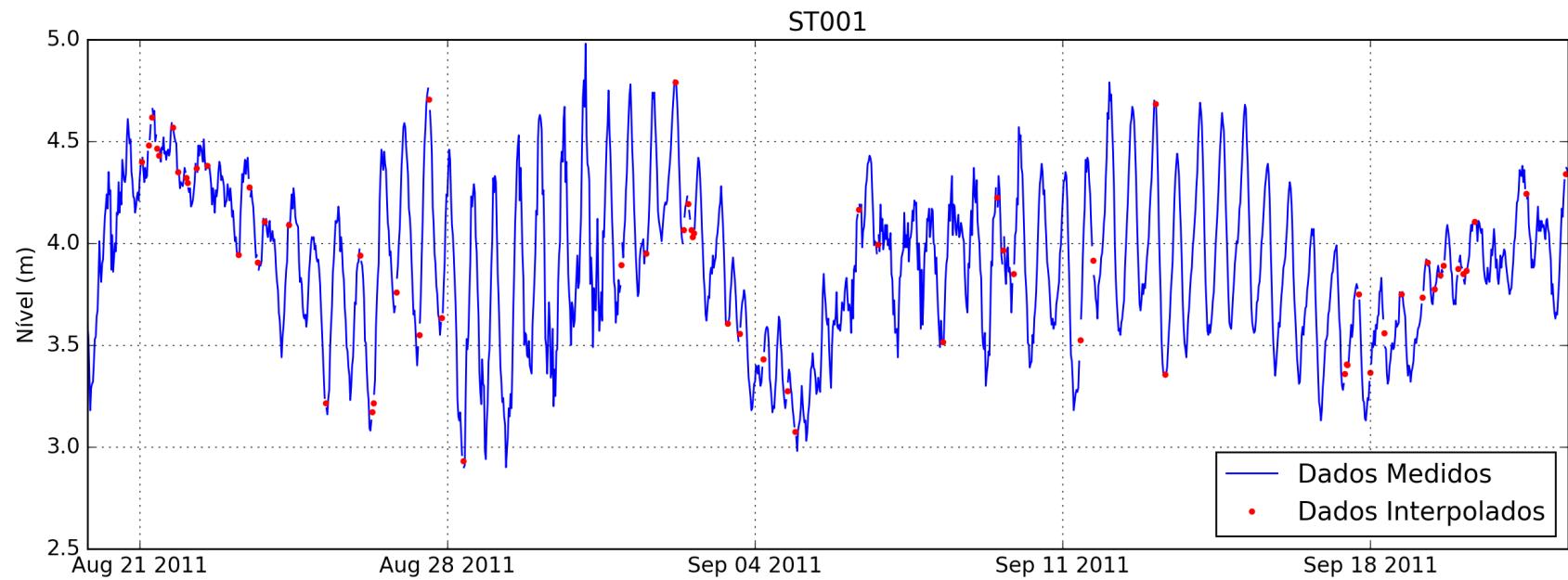


Figura 12 – Dados medidos no ADCP ST001. Pontos em vermelho indicam que os dados foram obtidos através de interpolação linear e os dados em azul são dados medidas pelo ADCP

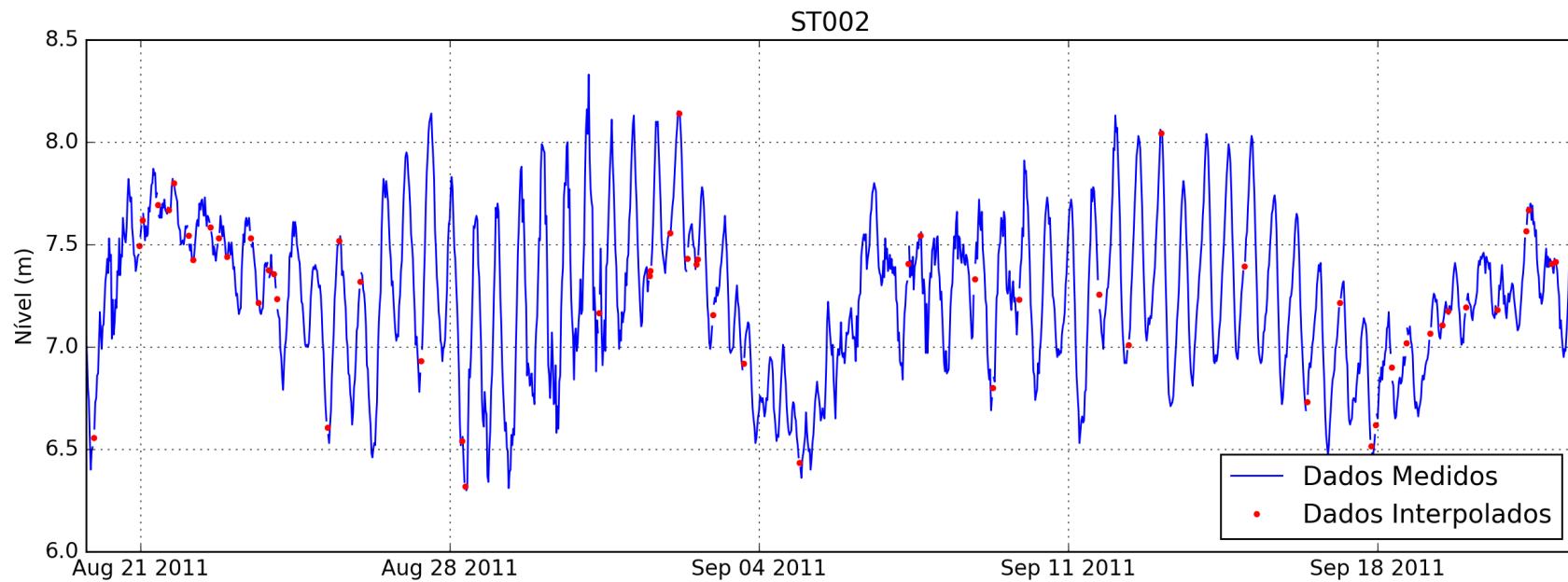


Figura 13 – Dados medidos no ADCP ST002. Pontos em vermelho indicam que os dados foram obtidos através de interpolação linear e os dados em azul são dados medidos pelo ADCP

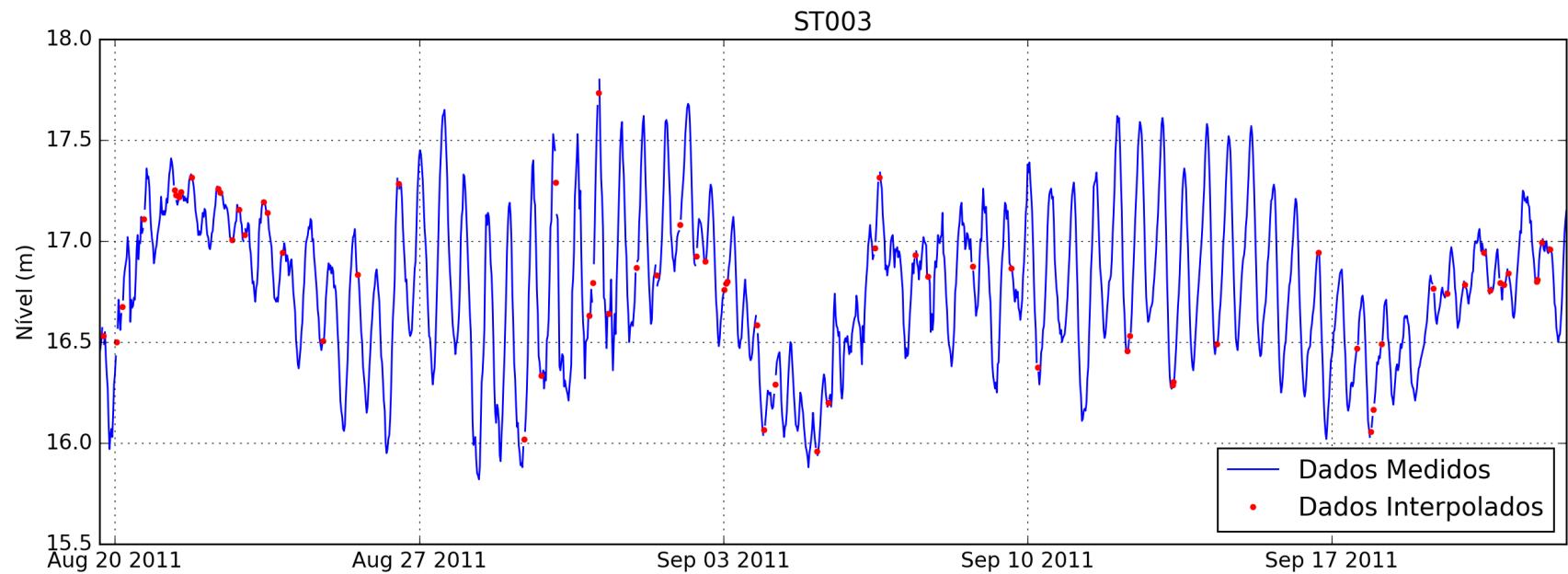


Figura 14 – Dados medidos no ADCP ST003. Pontos em vermelho indicam que os dados foram obtidos através de interpolação linear e os dados em azul são dados medidos pelo ADCP

3.2 MODELO NUMÉRICO

3.2.1 Regional Ocean Modelling System

O *Regional Ocean Modelling System* (ROMS) é um modelo hidrostático de circulação geral em um oceano de Boussinesq desenvolvido especialmente para aplicações na zona costeira (ROMS, 2015; SHCHEPETKIN; MCWILLIAMS, 2005). Apesar de ter sido desenvolvido com enfoque em regiões costeiras, o ROMS já foi aplicado em águas profundas, bacias oceânicas e mesmo em escala global (MOORE et al., 2011).

O modelo utiliza-se, na horizontal, de um modelo tradicional e centralizado de aproximações de diferenças finitas de segunda ordem, num esquema do tipo Arakawa C (ARAKAWA; LAMB, 1977). Neste esquema, as velocidades são calculadas nas bordas da célula enquanto variáveis escalares são calculadas no centro da célula de cálculo. Dessa forma, cada uma das variáveis (u , v e zeta) tem uma matriz de coordenadas independente (Figura 15).

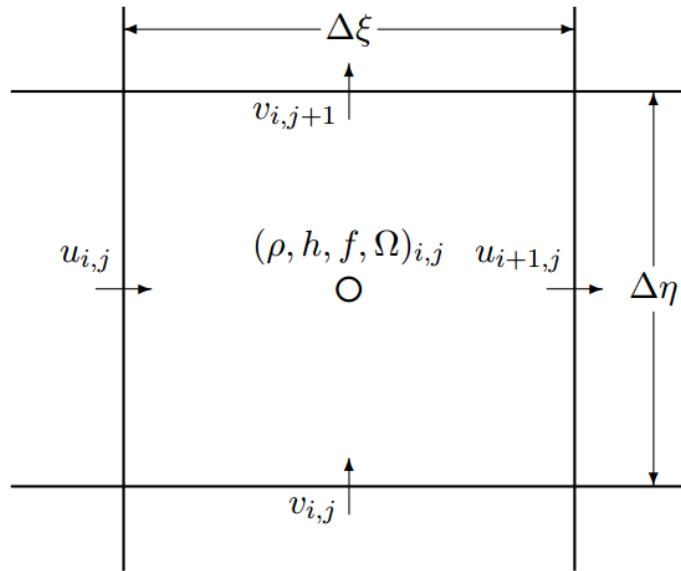


Figura 15 – Localização das variáveis calculadas em uma malha do tipo Arakawa C

Na vertical, são utilizadas coordenadas sigma (σ) (*terrain-following*) que permitem maior resolução em águas rasas ou em regiões de morfologia complexa (Figura 16). Ao se comparar a coordenada σ com outros tipos de coordenadas verticais, como a coordenada z e a coordenada isopicnal, é possível perceber que a primeira exibe muito mais sensibilidade à topografia de fundo. Nos demais modelos as superfícies das coordenadas podem intersectar as superfícies isopicnais em algum momento, mesmo no caso de estratificações horizontais uniformes, podendo gerar erros de gradiente de pressão (SHCHEPETKIN; MCWILLIAMS, 2005).

O modelo σ aplica a seguinte transformação (SHCHEPETKIN; MCWILLIAMS, 2005):

$$z = z(x, y, \sigma) \quad (3.1)$$

onde z é a profundidade em coordenadas cartesianas e σ é a fração da espessura da camada vertical ($-1 \leq \sigma \leq 0$). Quando σ for igual a 0, z corresponde à superfície livre ($z = \xi$), e quando σ for igual a -1, z corresponde ao fundo oceânico ($z = -h(x, y)$).

As equações de movimento resolvidas pelo ROMS são: o balanço do momento horizontal (Equações 3.2 e 3.3), a evolução temporal de um traçador ($C = C(x, y, t)$) como a salinidade, temperatura ou nutrientes (Equação 3.4) e a equação de estado (Equação 3.5).

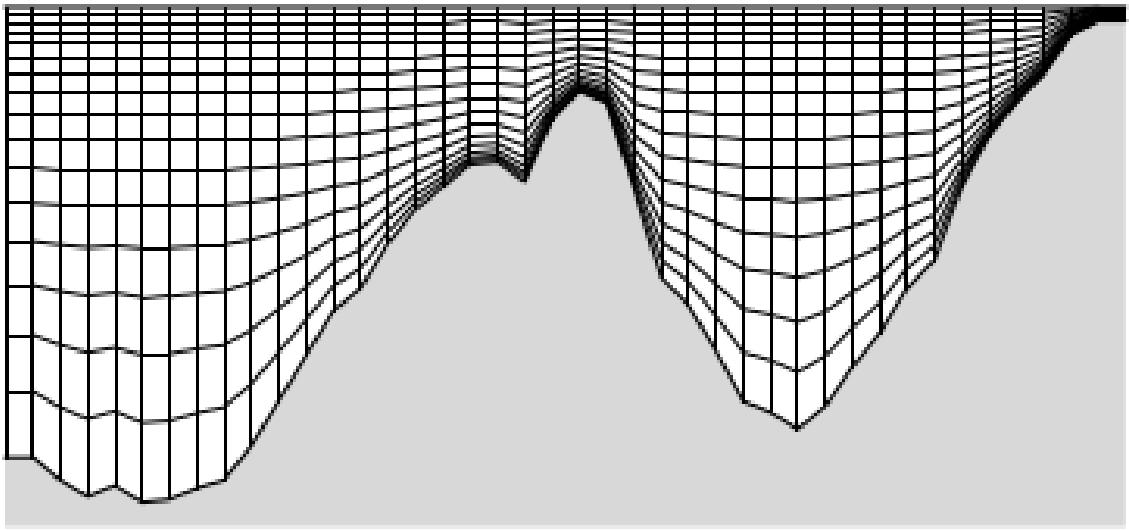


Figura 16 – Exemplo do sistema de coordenadas verticais σ . Fonte: Shchepetkin e McWilliams (2005)

$$\frac{\partial u}{\partial t} + \vec{v} \cdot \vec{\nabla} u - fv = -\frac{\partial \phi}{\partial x} - \frac{\partial}{\partial z} (K_m \frac{\partial u}{\partial z} - \nu \frac{\partial u}{\partial z}) + F_u + D_u \quad (3.2)$$

$$\frac{\partial v}{\partial t} + \vec{v} \cdot \vec{\nabla} v + fu = -\frac{\partial \phi}{\partial y} - \frac{\partial}{\partial z} (K_m \frac{\partial v}{\partial z} - \nu \frac{\partial v}{\partial z}) + F_v + D_v \quad (3.3)$$

$$\frac{\partial C}{\partial t} + \vec{v} \cdot \vec{\nabla} C = -\frac{\partial}{\partial z} (K_C - \nu_\theta \frac{\partial C}{\partial z}) + F_C + D_C \quad (3.4)$$

$$\rho = \rho(T, S, P) \quad (3.5)$$

Dado que o modelo utiliza-se da aproximação de Boussinesq, que considera que as variações de densidade podem ser negligenciadas nas equações de momento, e o fluido pode ser considerado incompressível, a equação da continuidade é dada por:

$$\frac{\partial u}{\partial x} + \frac{\partial v}{\partial y} + \frac{\partial w}{\partial z} = 0 \quad (3.6)$$

onde,

u , v e w são as componentes x , y , z do vetor \vec{v} ;

D_u , D_v e D_C são os termos difusivos;

$f(x, y)$ é o parâmetro de Coriolis;

ν e ν_θ são a viscosidade e a difusividade molecular, respectivamente;

K_m e K_C são a viscosidade e a difusividade turbulenta vertical, respectivamente;

ϕ é a pressão dinâmica ($\phi = \frac{P}{\rho_0}$);

P é a pressão total ($P \approx -\rho_0 g z$);

$S(x, y, z, t)$ é a salinidade;

$T(x, y, z, t)$ é a temperatura potencial;

O ROMS permite ainda acoplar grades maiores e menores de forma que haja uma grade doadora e uma grade receptora. No caso particular do estudo, utilizou-se o aninhamento de grades para refinar uma das grades e aumentar a resolução da malha próximo da área de estudo. É recomendado que o refinamento seja de 1:3, 1:5 ou 1:7. Entretanto, sugere-se não ultrapassar a proporção 1:5, para evitar possíveis instabilidades numéricas. Na figura 17 estão apresentados os tipos de grade de refinamento (simples ou múltiplo). Neste trabalho utilizaremos um refinamento único conforme a figura da esquerda.

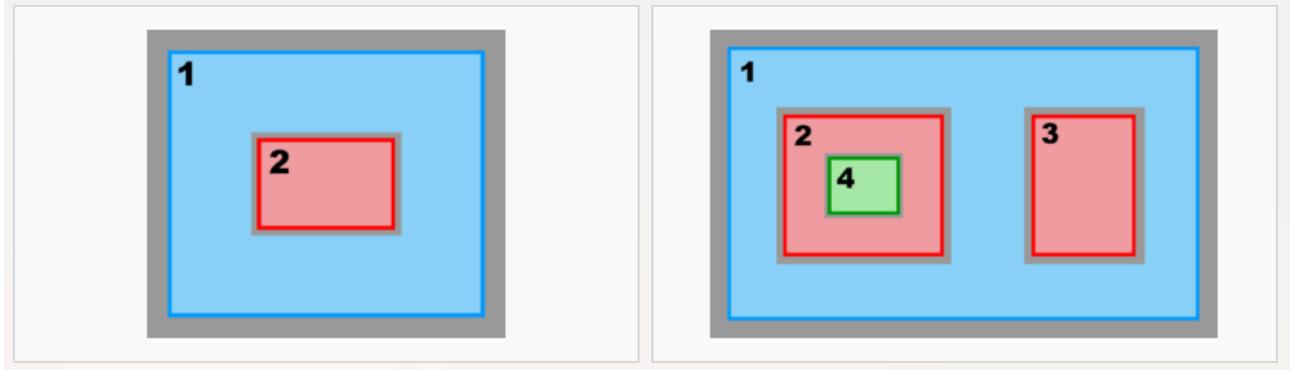


Figura 17 – Tipos de grades de refinamento no ROMS: grade de refinamento único (esquerda) e múltiplos refinamentos de sub-classes (direita)

O contato entre a grade doadora e a grade receptora acontece em uma região de contato, definida em um arquivo separado (Figura 18). Tanto a grade refinada quanto o arquivo de contato são gerados automaticamente por rotinas em Matlab feitas especialmente para isso e obtidas no mesmo endereço do modelo.

É altamente recomendado que o espaço de tempo da grade local seja proporcional ao seu refinamento. Por exemplo, se o passo de tempo da grade regional é de 60 segundos e a grade local tem um refinamento de 1:3, é recomendado que o passo de tempo da grade local seja de 20 segundos.

- *corse2fine*: rotina para gerar a grade refinada. Necessário o valor de refinamento e os pontos i e j máximos e mínimos em que a grade regional deve ser refinada.
- *contact*: rotina para gerar o arquivo de contato. Necessário informar os arquivos da grade regional e local.

O ROMS é escrito em fortran F90/F95, e utiliza pré-processamento em C para ativar diversas opções físicas e numéricas. Pode ser rodado de forma isolada ou com os módulos de ondas e interação oceano-atmosfera em conjunto. No presente trabalho utilizou-se apenas o modelo puro com forçantes de maré e vento, sem nenhum outro módulo acoplado. O código do modelo, bem como maiores informações estão disponíveis através de cadastro no site: www.myroms.org.

3.3 FORÇANTES DOS MODELOS

3.3.1 Maré

Os dados de maré que serão utilizados para forçar o modelo hidrodinâmico serão obtidos do projeto *OSU TOPEX/Poseidon Global Inverse Solution TPXO* disponíveis em Egbert e Erofeeva (2015). O TPXO é um modelo global de marés com resolução de 1/4° de grau (aproximadamente 28 km) que permite obter as constantes harmônicas.

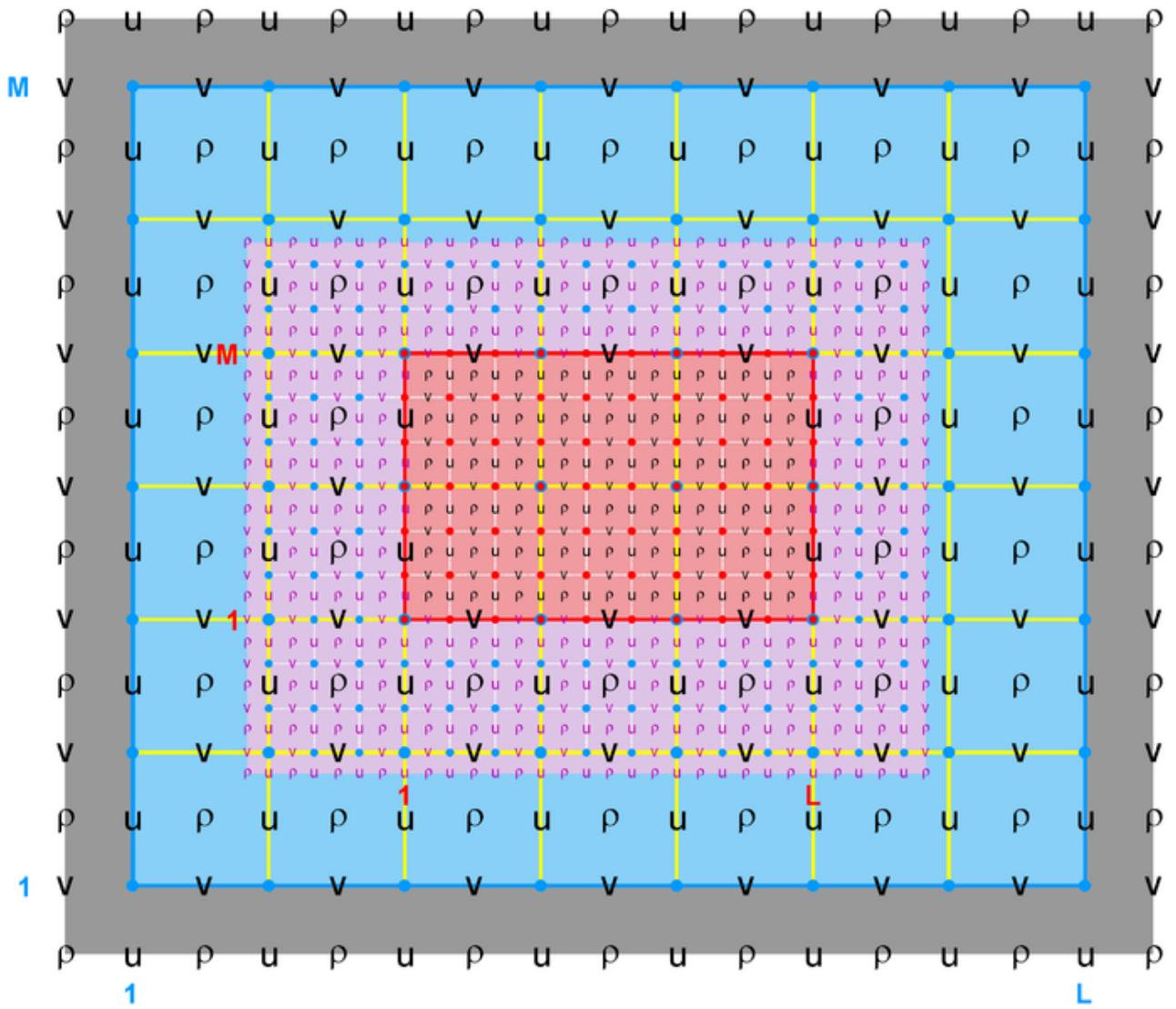


Figura 18 – A grade em azul é a doadora, a grade vermelha é a receptora e a região em roxo é a área de contato onde ocorre a troca de informação entre ambas.

Ele foi inicialmente idealizado por Egbert et al. (1994) que desenvolveram um método inverso generalizado para combinar as equações hidrodinâmicas, as quais os campos de velocidade e elevações devem atender, e dados de marés medidos e obtidos através de imagens de altimetria. Dessa forma, os autores conseguiram inserir dados de altimetria em um modelo barotrópico através da diminuição dos erros, pelo método de mínimos quadrados, entre os dados reais e as equações de águas rasas linearizada. No entanto, esse processo demandava muito tempo computacional, já que as equações deveriam ser calculadas duas vezes para cada observação (uma avançada e uma atrasada no tempo). Egbert e Erofeeva (2002) desenvolveram um método para implementar o modelo inverso generalizado de Egbert et al. (1994) de forma mais eficiente computacionalmente e este é o método usado hoje nas versões mais modernas do TPXO (7.2).

Através desse modelo é possível obter oito constituintes harmônicas principais: quatro semi-diurnas (M_2 , S_2 , N_2 , K_2) e quatro diurnas (K_1 , O_1 , P_1 , Q_1), duas constituintes de longo período (M_f e M_m) e três constituintes não lineares (M_4 , MS_4 , MN_4). Os resultados do modelo são facilmente acessíveis através de uma interface gráfica desenvolvida em ambiente MATLAB e denominada *Tidal Model Driver* (TMD). A versão mais moderna do modelo (7.2) e o TMD estão disponibilizados gratuitamente no endereço: <http://volkov.oce.orst.edu/tides/global.html>.

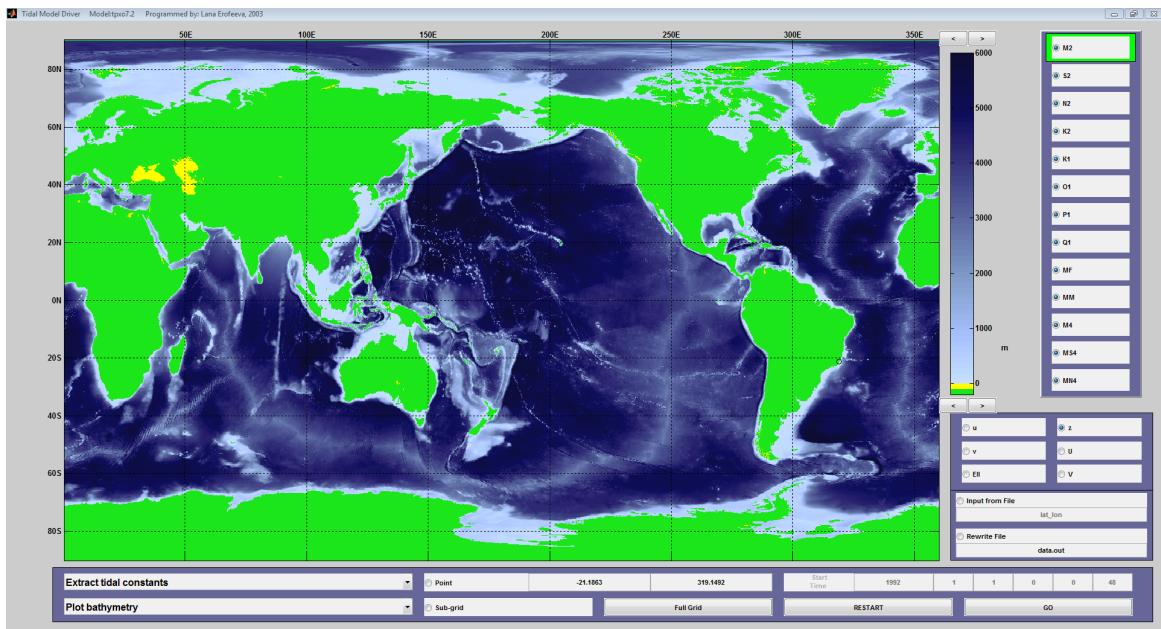


Figura 19 – Interface gráfica do TMD para obtenção das constituintes harmônicas calculadas pelo modelo TPXO

3.3.2 Vento

Para a forçante do modelo numérico os dados de ventos a serem utilizados serão obtidos do modelo de reanálise do *National Centers for Environmental Prediction (NCEP) Climate Forecast System Reanalysis* (CFSR).

O propósito geral de modelos de reanálise é produzir representações globais plurianuais acuradas de condições atmosféricas, geradas por um modelo e uma aquisição constante de dados ao sistema. Pode-se dizer que em um dado momento t é o resultado de uma curta previsão iniciada por uma análise passada ($t - \Delta t$), modificada por assimilação de dados em uma pequena janela centrada em t . Por convenção a janela Δt é de seis horas. Dessa forma, toda nova reanálise é beneficiada por todas as reanálises anteriores e os erros tem mais chances de serem descobertos e corrigidos nos resultados posteriores (SAHA et al., 2010).

O *Coupled Forecast System Reanalysis* (CFSR) é um modelo de reanálise mais recente, cuja primeira versão foi lançada em 2004, abrange o período de 1981 até 2011. Em Março de 2011, foi lançada a versão 2 do sistema, com maior resolução, com uma série de dados disponíveis a partir de 01 de Janeiro de 2011. O modelo de reanálise tem módulos de interação entre a atmosfera, os oceanos, a terra e o gelo marinho. A nova série tem resoluções horizontais de $0,2^\circ$, $0,5^\circ$, 1° e $2,5^\circ$ a cada 1 hora (SAHA et al., 2011). Para o presente modelo, serão utilizados apenas os dados referentes à segunda versão do modelo.

Os resultados estão disponíveis em intervalos de 1 hora e podem ser gratuitamente adquiridos no seguinte endereço: <http://rda.ucar.edu/datasets/ds094.1/>.

Também serão analisados os dados provenientes da Rede Meteorológica do Comando da Aeronáutica (REDEMET) registrados em diversos aeroportos pelo país, denominados METAR. Os dados estão disponíveis no endereço <http://www.redemet.aer.mil.br/>. Para o presente trabalho, foram coletados dados referentes ao ano de 2011 e coletados na estação presente no Aeroporto de Navegantes (SBNF).

Para a análise pontual dos dados de vento (comparação com os dados medidos e descrição da área de estudo) será feita uma comparação entre os dados provenientes do METAR e daqueles oriundos do modelo CFSR. Caso ambos sejam considerados consistentes, as análises posteriores serão realizadas considerando ambos os modelos.

3.4 DADOS DIVERSOS

3.4.1 Linha de Costa

A linha de costa utilizada no presente trabalho foi obtida no banco de dados GSHHG (Global Self-consistent, Hierarchical, High-resolution Geography Database) da NOAA. Este tem como base dois banco de dados de domínio público: o World Vector Shorelines (WVS) e a CIA World Data Bank II (WDBII) e pode ser gratuitamente obtidos em formato ESRI de Shapefile ou em formato binário. Os dados do GSHHG incluem 4 níveis hierárquicos fronteira entre o continente e o oceano (L1), fronteira entre lagos e terras (L2), fronteira entre ilhas lacustres e lagos (L3) e fronteiras entre lagos internos e ilhas (L4). Cada um desses níveis está disponível em cinco resoluções diferentes: grosseira (crude), baixa (low), intermediária (intermediate), alta (high) e máxima (full). Os dados foram adquiridos em dezembro de 2015 através do endereço <https://www.ngdc.noaa.gov/mgg/shorelines/gshhs.html>.

3.4.2 Batimetria

Foram utilizadas cartas náuticas da Diretoria de Hidrografia e Navegação (DHN) obtidas através do endereço <http://www.mar.mil.br/dhn/chm/box-cartas-raster/raster-disponiveis.html>. Foram utilizados dados pontuais de batimetria e isóbatas para refinar o detalhamento da batimetria do modelo das cartas náuticas listas na tabela 5.

Tabela 5: Cartas Náuticas utilizadas

Número da Carta	Nome	Escala
30	Costa Sueste da América do Sul	1:3.500.000
90	Da Ilha de Santa Catarina a Maldonado	1:990.526
23300	De Paranaguá a Imbituba	1:300.000
21070	Do Cabo Frio ao Cabo de Santa Marta Grande	1:1.000.000
1910	Da Ilha da Coral ao Cabo de Santa Marta Grande	1:100.211
1902	Proximidades da Ilha de Santa Catarina	1:100.928
1801	Porto de Itajaí	1:15.000

Na região próxima da costa na Enseada do Itapocorói foram utilizados dados de batimetria coletados pela Universidade Federal de Santa Catarina e Universidade do Vale do Itajaí no período de 02/11/2011 a 06/11/2011, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ_CTTraArea 44/2008, Proc. No. 575008/2008-3) e gentilmente cedidos pelo Prof. Dr. Antonio H. da F. Klein (LOC/UFSC). Todos os procedimentos de coleta e tratamento dos dados estão descritos em Bitencourt e Silva (2011).

Todos esses dados foram interpolados do mais recente e detalhado (medida em 2011) até o mais esparsos (Carta No. 30), de forma que a batimetria interpolada fosse construída dando prioridade aos dados recentes. Os dados foram normalizados para o datum vertical do 0 DHN.

3.5 AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS DO MODELO

A performance do modelo será avaliada conforme os cálculos propostos por Fox (1981) e Wilmott (1982). Estima-se que variações na ordem de 10% da variável modelada sejam aceitáveis.

Fox (1981) descreve os esforços da Sociedade Meteorológica Americana (AMS) para desenvolver técnicas de avaliação de performance de modelos atmosféricos. Dois tipos principais de mensuração de performance foram encontrados: medidas das diferenças (ou residuais) e medidas de correlação. O primeiro diz respeito a uma quantificação do tamanho da diferença entre valores medidos e modelados. Medidas de correlação avaliam a associação ou concordância entre os valores medidos e modelados. O autor afirma que o primeiro é mais coerente com a teoria estatística.

Wilmott (1982) avaliou as medidas propostas por Fox (1981) e verificou que o Erro Médio Absoluto (EMA, Equação 3.7) e a Raiz do Erro Médio Quadrático (REMQ, Equação 3.8) são as medidas que melhor conseguem avaliar a performance de modelos. Entretanto, o autor propõe um nova medida denominada Índice de Concordância (IC, Equação 3.9), que se propõe a ser uma medida descritiva tanto relativa quanto interligada.

$$EMA = \sqrt{\frac{1}{N} \sum_{i=1}^N |M_i - O_i|} \quad (3.7)$$

$$REMQ = \sqrt{\frac{1}{N} \sum_{i=1}^N (M_i - O_i)^2} \quad (3.8)$$

$$IC = 1 - [\sum_{i=1}^N (M_i - O_i)^2 / \sum_{i=1}^N (|M'_i - O'_i|)^2], 0 \leq IC \leq 1 \quad (3.9)$$

Onde,

O são os dados observados;

M são os dados modelados;

$$M'_i = M_i - \bar{O};$$

$$O'_i = O_i - \bar{O}.$$

Buscou-se alcançar erros na casa de 10% da amplitude máxima dos valores modelados. Por exemplo, para uma maré com amplitude de 2m, o ideal é que os valores de erro estejam na casa de, no máximo, 20cm.

3.6 FERRAMENTAS UTILIZADAS

As séries temporais dos dados do ADCP, entradas e saídas dos modelos foram tratadas através da linguagem de programação Python. Python é uma linguagem de programação interpretada, orientada a objetos e de alto nível. Ela é bastante intuitiva, prática e gratuita, sendo facilmente encontrada na internet e com uma grande gama de livros e fóruns para apoio. Ela trabalha através de diversos módulos que são adicionados ao programa conforme necessidade (PYTHON, 2015). O Python conta com diversos pacotes focados na análise de séries temporais e tratamento/processamento de dados geoespaciais, entre eles o Scipy, Numpy, Pandas, Matplotlib, entre outros.

Como pode ser utilizada de modo interativo ela se torna bastante fácil para a geração de códigos para aplicações científicas que requerem o uso de uma grande gama de dados e programas com alta complexidade computacional. Ela já foi utilizado em conjunto com o ROMS para aplicações de previsão em ferramentas otimizadas, como descrito por Marta-Almeida e Ruiz-Villarreal (2011).

Outras ferramentas, geradas a partir dos módulos básicos do Python, são disponibilizadas gratuitamente pelos desenvolvedores e foram usadas no presente trabalho, entre elas:

Pacote ttide desenvolvido pelo Rich Pawlowicz e adaptado ao Python pelo Mitchell O'Flaherty-Sproul e disponível em: https://github.com/moflaher/ttide_py;

Pacote WindRose disponível no repositório Python;

Todas as ferramentas desenvolvidas neste presente trabalho também foram disponibilizadas online e podem ser acessadas através do endereço <https://github.com/leportella/oceanpyscripts>.

Os mapas apresentados foram gerados de Sistema de Informações Geográficas (SIG) através do ArcGIS.

4 RESULTADOS

4.1 ANÁLISE DOS DADOS DE VENTO

Primeiramente os dados proveniente da base METAR da Aeronáutica do Brasil foram comparados com os dados provenientes do modelo de reanálises CFSR da NOAA. Na figura 20 é possível observar a localização dos dados a serem apresentados.

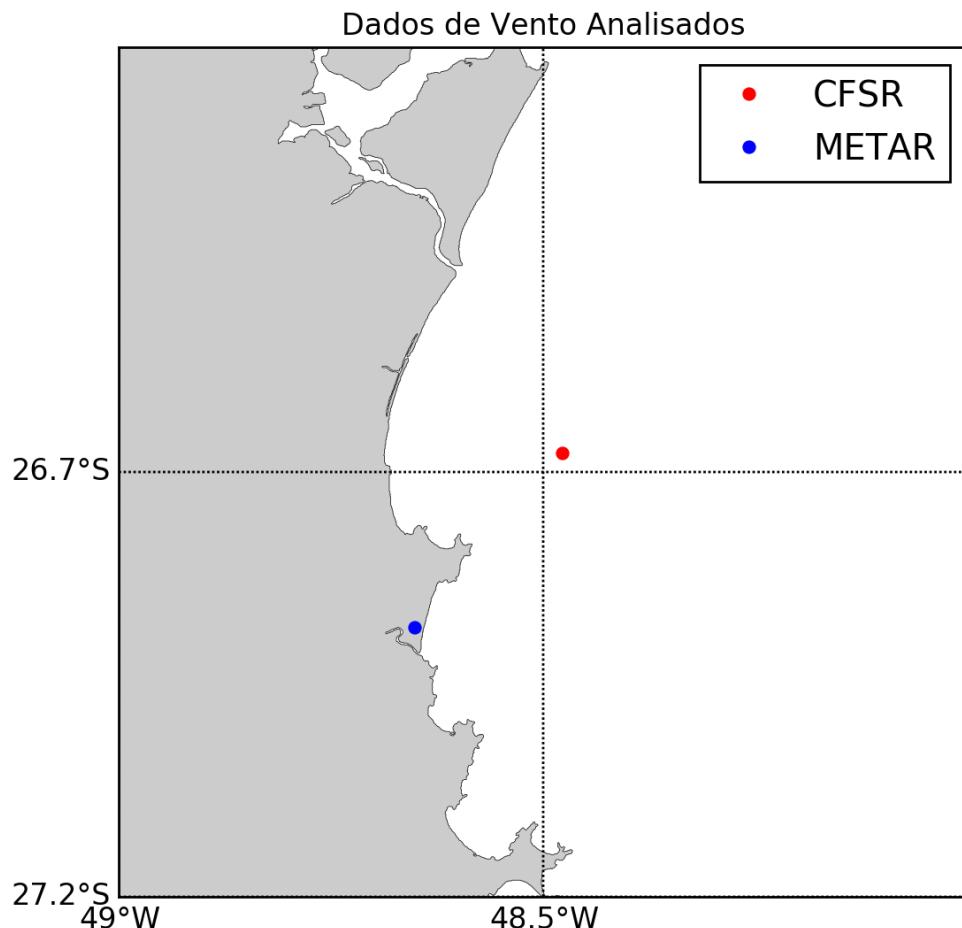


Figura 20 – Localização dos dados de vento do modelo de reanálise CFSR e do aeroporto de Navegantes (METAR)

As figuras 21 e 22 apresentam as rosas de vento dos dados do METAR e CFSR, respectivamente, no ano de 2011 exclusivamente. É possível perceber que os gráficos tem um comportamento semelhante em termo de direção, mas uma variação considerável em relação ao percentual em cada uma das direções. Verifica-se uma predominância de ventos de O-ONO que podem alcançar mais de $8m.s^{-1}$. Entretanto, nos dados do METAR os ventos de 0 representam quase 20% dos dados, com ventos em outras direções presentes, mas em menos de 10% do tempo e velocidades normalmente acima de $4m.s^{-1}$ abaixo de $8m.s^{-1}$, nunca ultrapassando $8m.s^{-1}$.

Os dados do CFSR tem uma maior distribuição na direção dos ventos, com uma baixa presença de ventos do quadrante SSE e uma presença marcante de ventos do quadrante NNE. A velocidade permaneceu entre 2 e $6m.s^{-1}$ na maior parte do tempo. Velocidades acima de

$8m.s^{-1}$ são est  o presentes apenas em ventos de ONO.

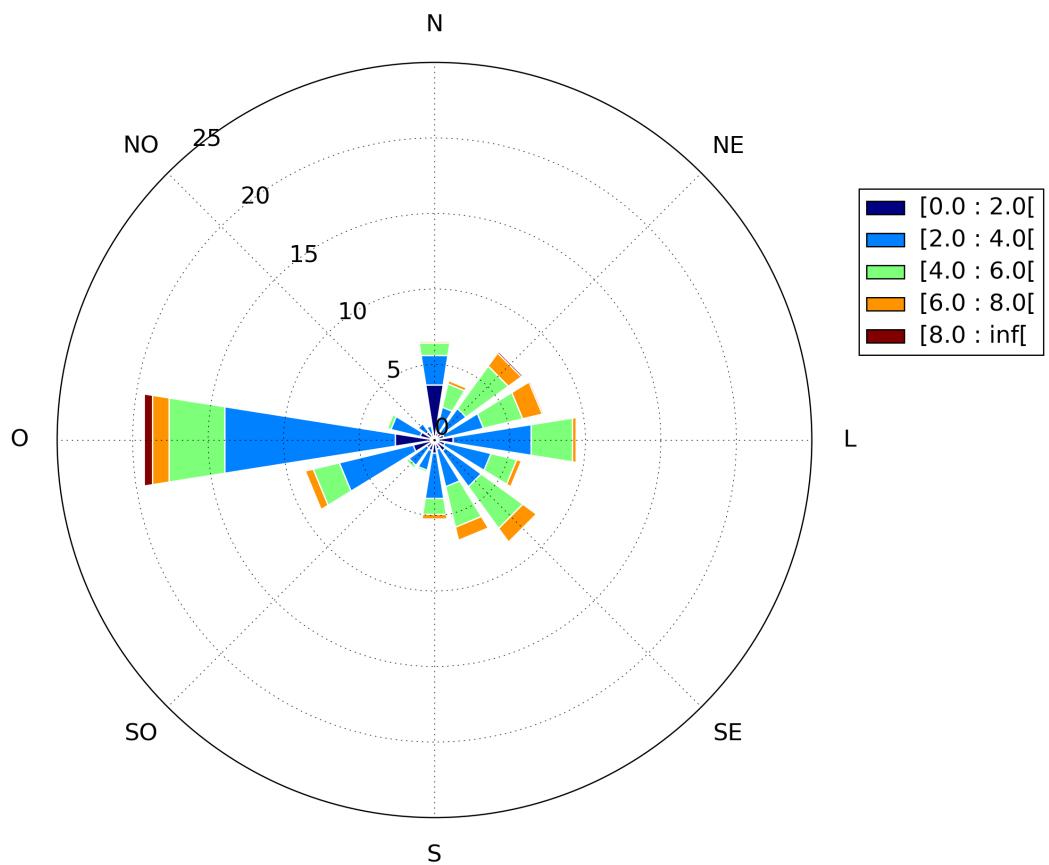


Figura 21 – Rosa dos ventos do Aeroporto de Navegantes para o ano de 2011 (METAR)

Para melhor compreensão do comportamento dos dados, as velocidades foram descritas na forma de histogramas para os dados do METAR e CFSR nas figuras 23 a 26, respectivamente. Enquanto os dados de velocidade do METAR apresentam uma curva normal, os dados aparecem descontinuados no histograma. As velocidades nos dados do CFSR se apresentam mais distribuídas ao longo do histograma, apesar de não possuir o típico formato normal. Os valores de velocidade ficaram entre $0,68$ e $8,05m.s^{-1}$ no CFSR e $0,0$ e $12,86m.s^{-1}$ nos dados do METAR, ou seja, a velocidade máxima dos dados do METAR é 40% maior do que a do CFSR.

Pode-se perceber que os dados do METAR apresentando aus  cia de direc  es em um espaço relativamente equidistante, da mesma forma que observado nos dados de velocidade. J   os dados do CFSR apresentam uma distribui  o mais cont  ua, por  m com baixa presen  a de ventos entre 75 e 200° e distribui  o bastante homog  nea nas demais direc  es.

O que foi verificado ´e que os dados do METAR apresentam uma grande inconsist  cia nos dados. Do ano de 2011, 16,3% dos dados n  o estavam dispon  veis (Figura 27). A utiliz  o de metodologias de interpola  o dos dados em grande quantidade pode afetar o comportamento geral dados ainda mais considerando diversos dados ausentes em sequ  ncia, como ´e o caso atual. Além disso, por se localizar em uma base terrestre distante do local de estudo, os dados direcionais podem ter sido influenciados pelo relevo terrestre, potencialmente prejudicando an  lises feitas em locais distantes do ponto de amostragem. Dessa forma, como existem d  vidas a respeito da qualidade e localiza  o dos dados, as an  lises feitas no presente estudo poderiam ser comprometidas e, portanto, a base de dados do CFSR foi escolhida como a mais adequada fonte de dados de vento para o presente estudo.

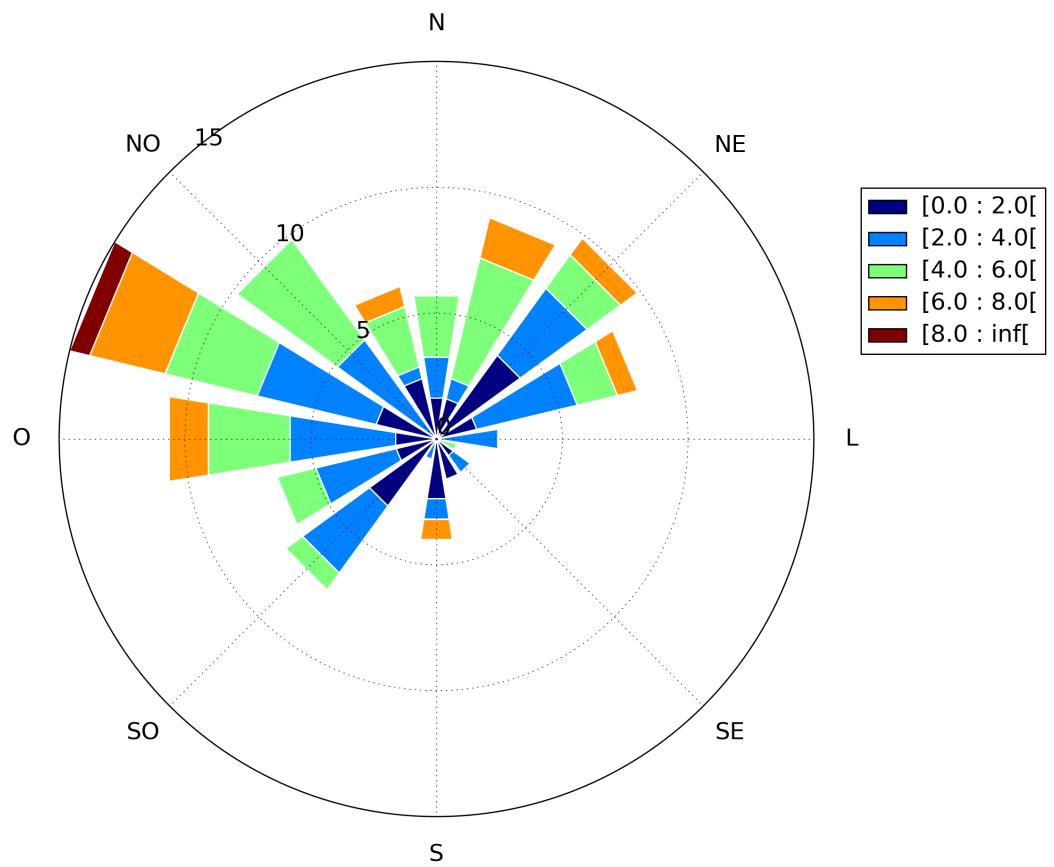


Figura 22 – Rosa dos ventos referente aos dados do CFSR para o ano de 2011

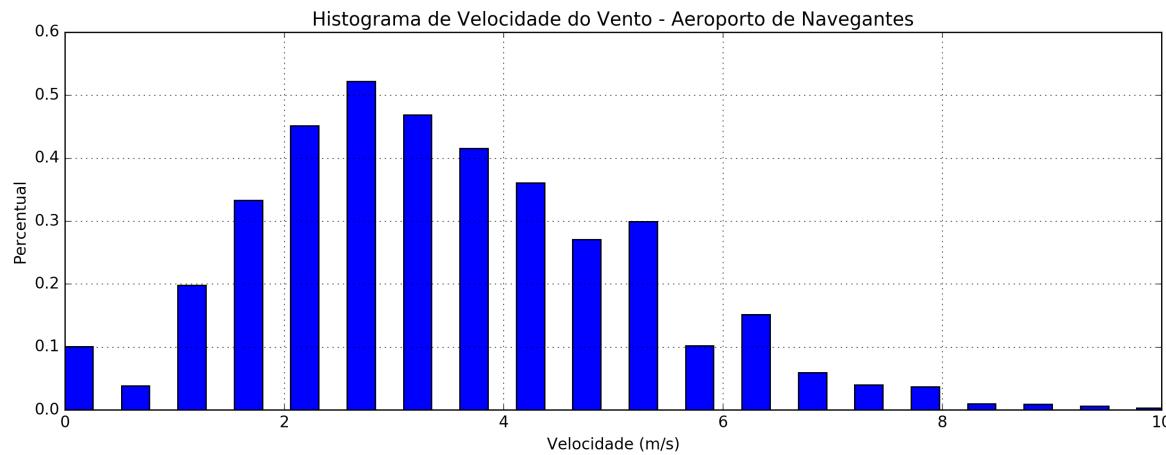


Figura 23 – Histograma de velocidade do vento no Aeroporto de Navegantes para o ano de 2011 (METAR)

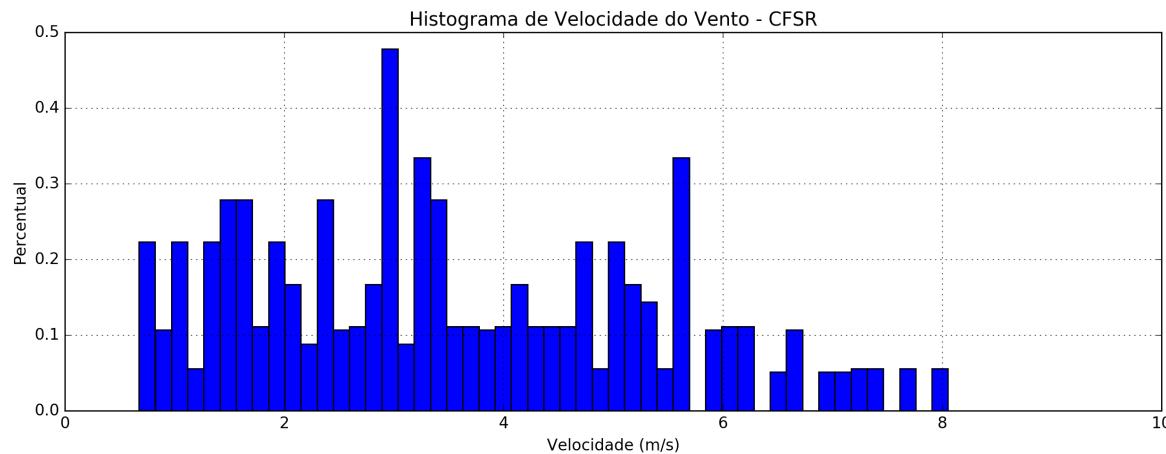


Figura 24 – Histograma de velocidade do vento referentes aos dados do CFSR para o ano de 2011

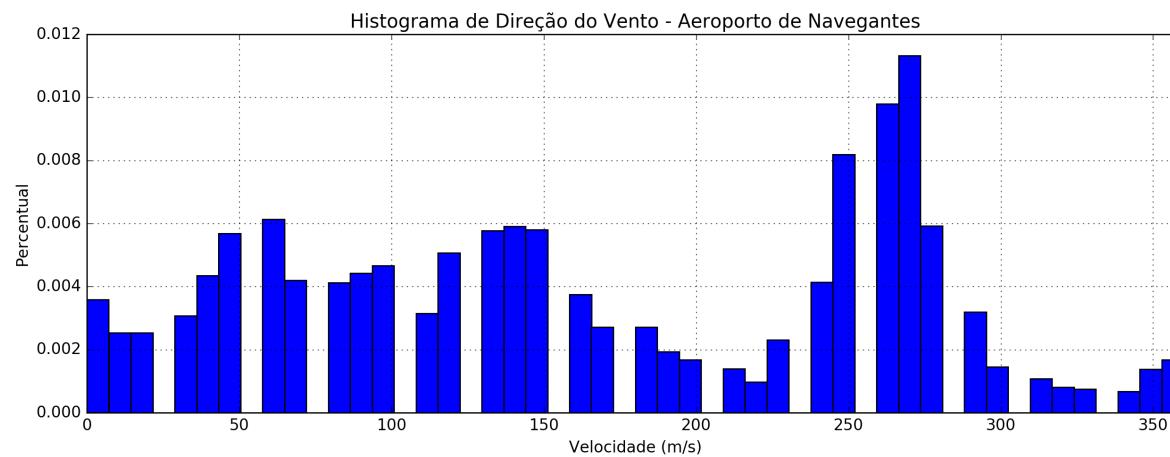


Figura 25 – Histograma de direção do vento no Aeroporto de Navegantes para o ano de 2011 (METAR)

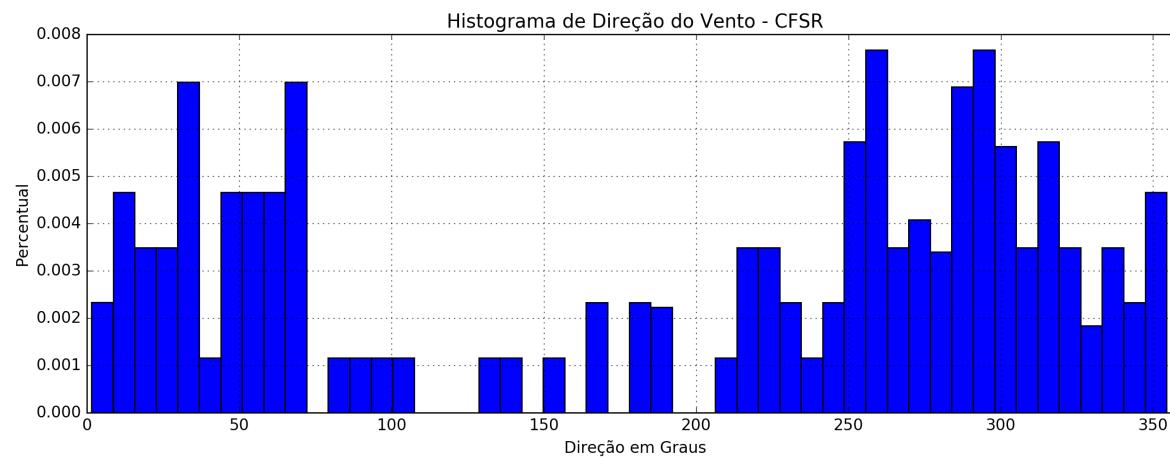


Figura 26 – Histograma de direção do vento referentes aos dados do CFSR para o ano de 2011

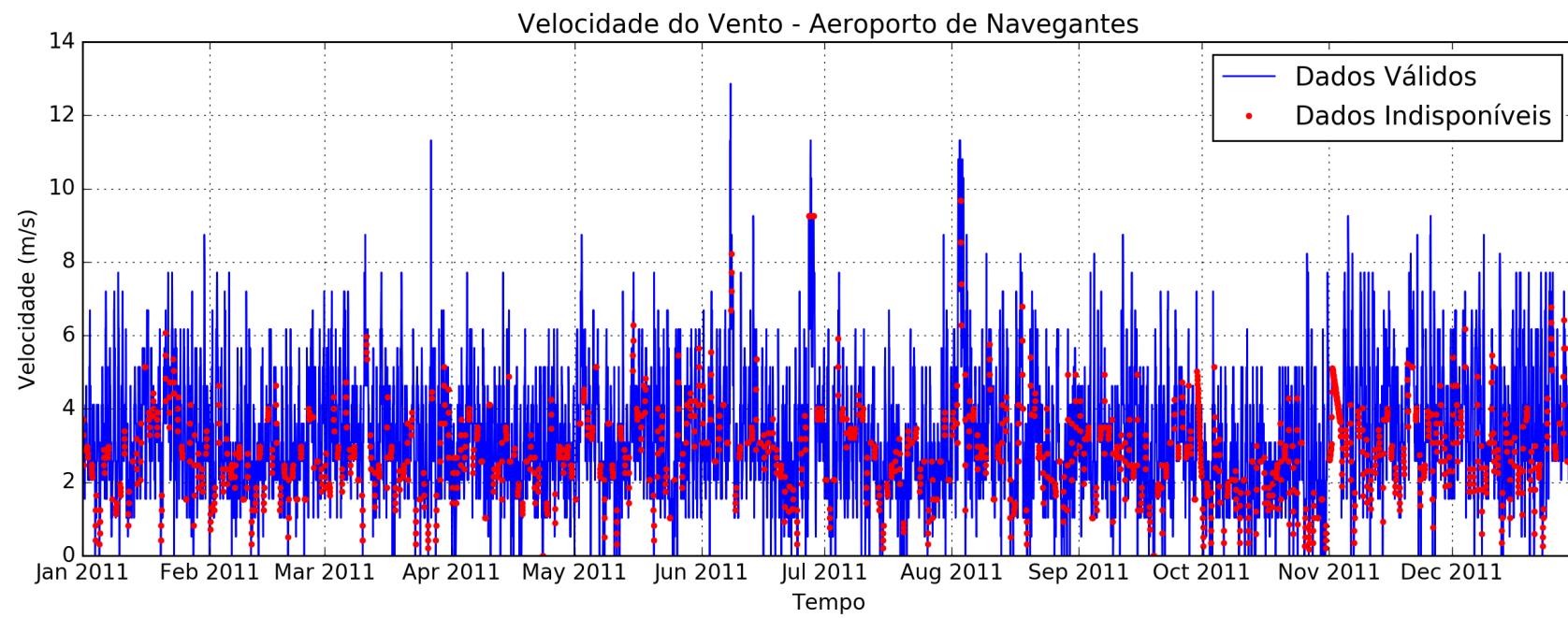


Figura 27 – Dados válidos e dados indisponíveis nos dados de velocidade do vento no Aeroporto de Navegantes para o ano de 2011 (METAR)

4.1.1 Análise por Estação

Com os dados do CFSR de 2011 a 2015, foram feitas análises sazonais do comportamento do vento na região de estudo. Verificou-se que em todas as estações as velocidades ficaram abaixo de $1m.s^{-1}$ e abaixo de $11m.s^{-1}$ com a média perto de $4m.s^{-1}$ em todas as estações. Ou seja, não há uma variação expressiva de velocidade do vento ao longo das estações do ano.

Tabela 6: Características das velocidade de vento por estação do ano.

Estação	Mínimo	Máximo	Média
Verão	0,60	10,03	3,82
Outono	0,17	10,16	4,23
Inverno	0,41	10,93	3,84
Primavera	0,40	9,83	4,00

Entretanto, nas 28 a 31 percebe-se que a direção dos ventos muda bastante conforme a estação.

No Verão, os ventos são mais presentes no quadrante N (NO-NE). Ventos de ONO, N e NE representam cerca de 30% dos casos analisados. Os ventos mais intensos estão associados à direção ONO enquanto ventos de N e NE apresentam velocidades abaixo de $6m.s^{-1}$.

No Outono, os ventos ficam quase totalmente concentrados entre O e NO com menor presença de ventos N. Ventos do quadrante L e S são praticamente ausentes. As maiores velocidades são associadas aos ventos de O que representaram cerca de 13% dos dados. No entanto, a presença de ventos de NO abaixo de $8m.s^{-1}$ apresenta uma presença em quase 20% dos dados.

No Inverno, os ventos de S passam a ser predominantes tanto em intensidade ($>10m.s^{-1}$) quanto em percentual ($>10\%$). Ventos do quadrante L e O aparecem em percentuais menores e velocidades abaixo de $6m.s^{-1}$ na maior parte do tempo. Ventos do quadrante N se tornam quase ausentes neste período.

A Primavera se mostra uma estação bastante semelhante ao verão, com predominância do quadrante N e com os ventos mais intensos oriundos de ONO. Ventos de NE e L aparecem com um percentual próximo de 15% mas velocidades normalmente abaixo de $6m.s^{-1}$. Ventos do quadrante sul são praticamente ausentes e com velocidades abaixo de $4m.s^{-1}$.

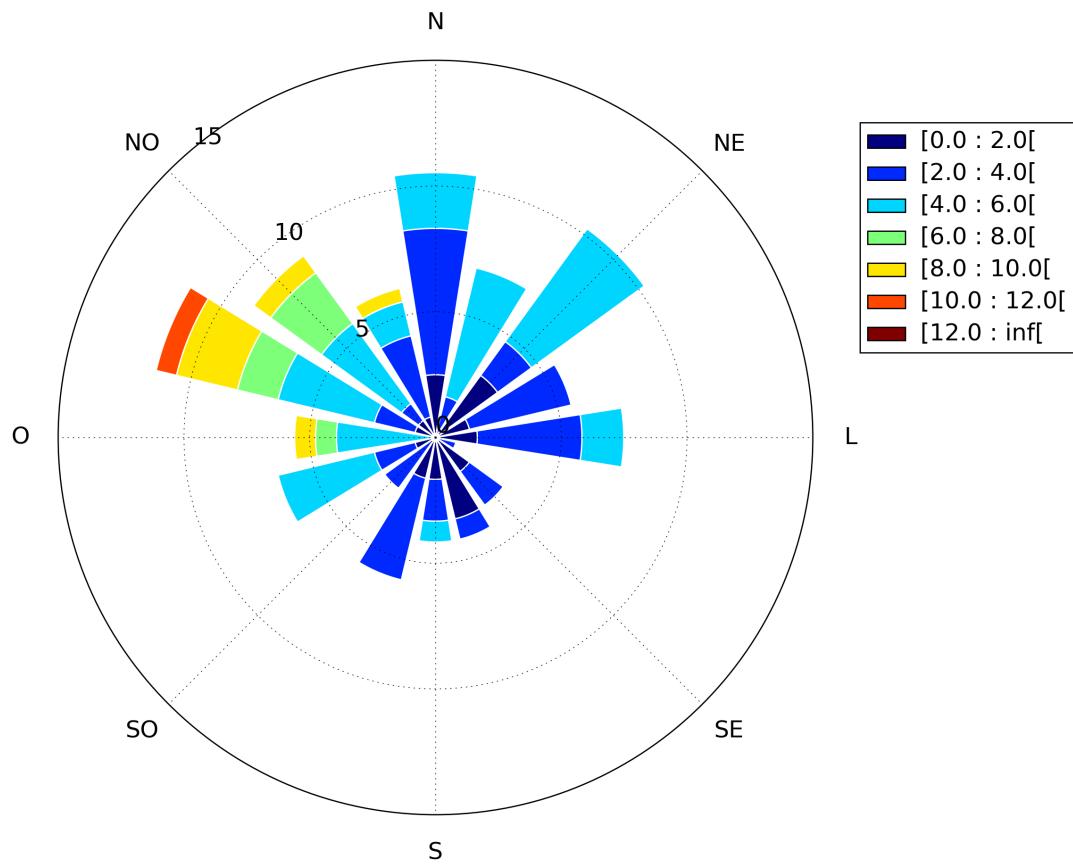


Figura 28 – Rosa dos ventos referente aos dados do CFSR para a estação Verão (Dezembro a Fevereiro) nos anos 2011 a 2015

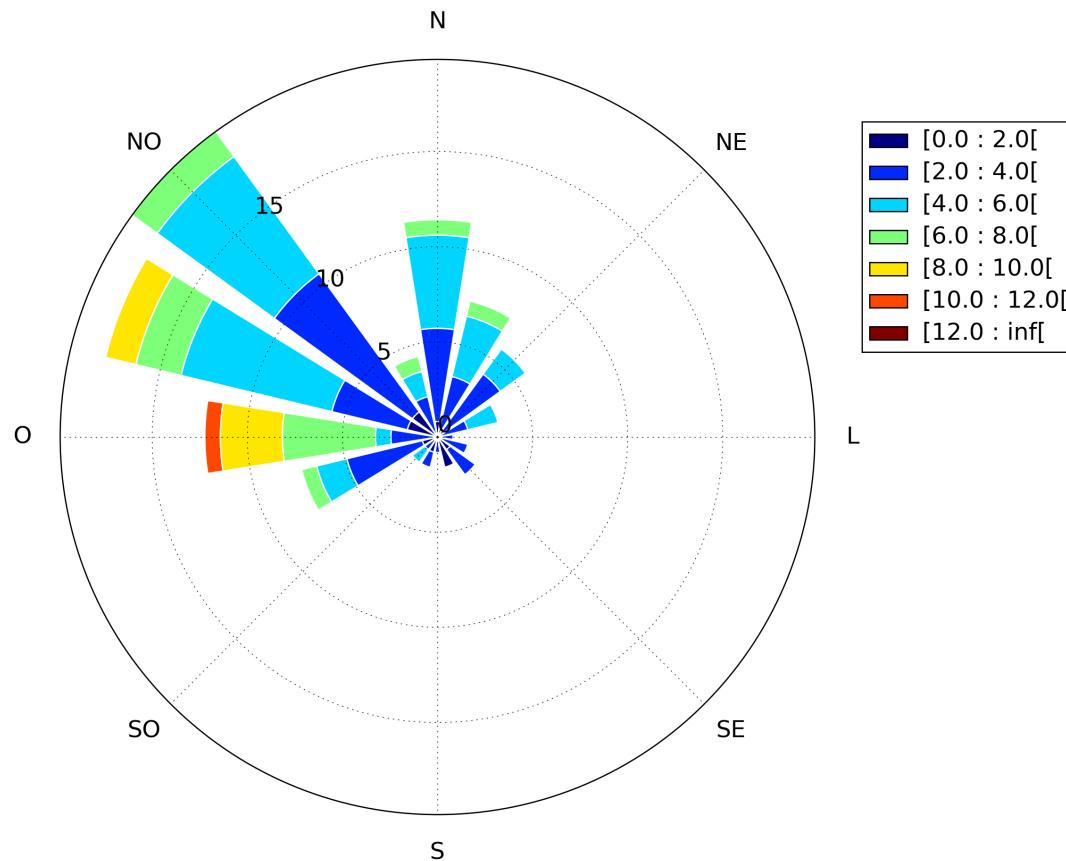


Figura 29 – Rosa dos ventos referente aos dados do CFSR para a estação Outono (Março a Maio) nos anos 2011 a 2015

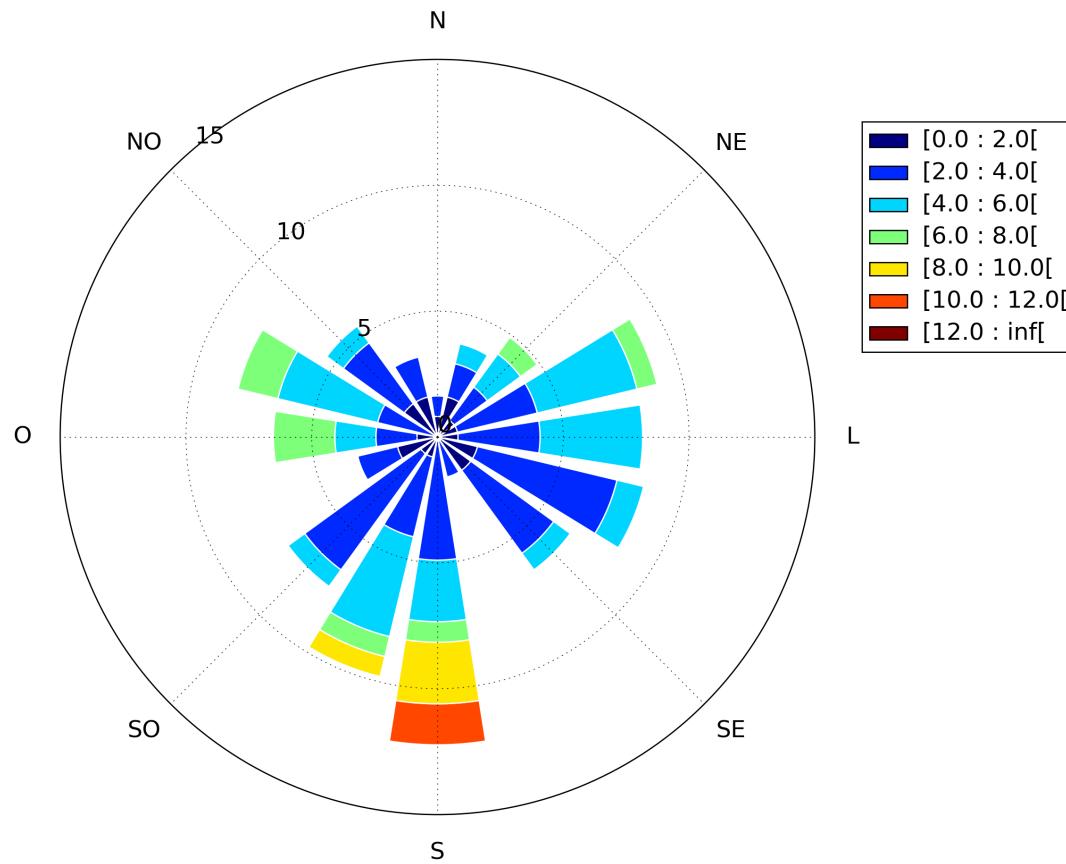


Figura 30 – Rosa dos ventos referente aos dados do CFSR para a estação Inverno (Junho a Agosto) nos anos 2011 a 2015

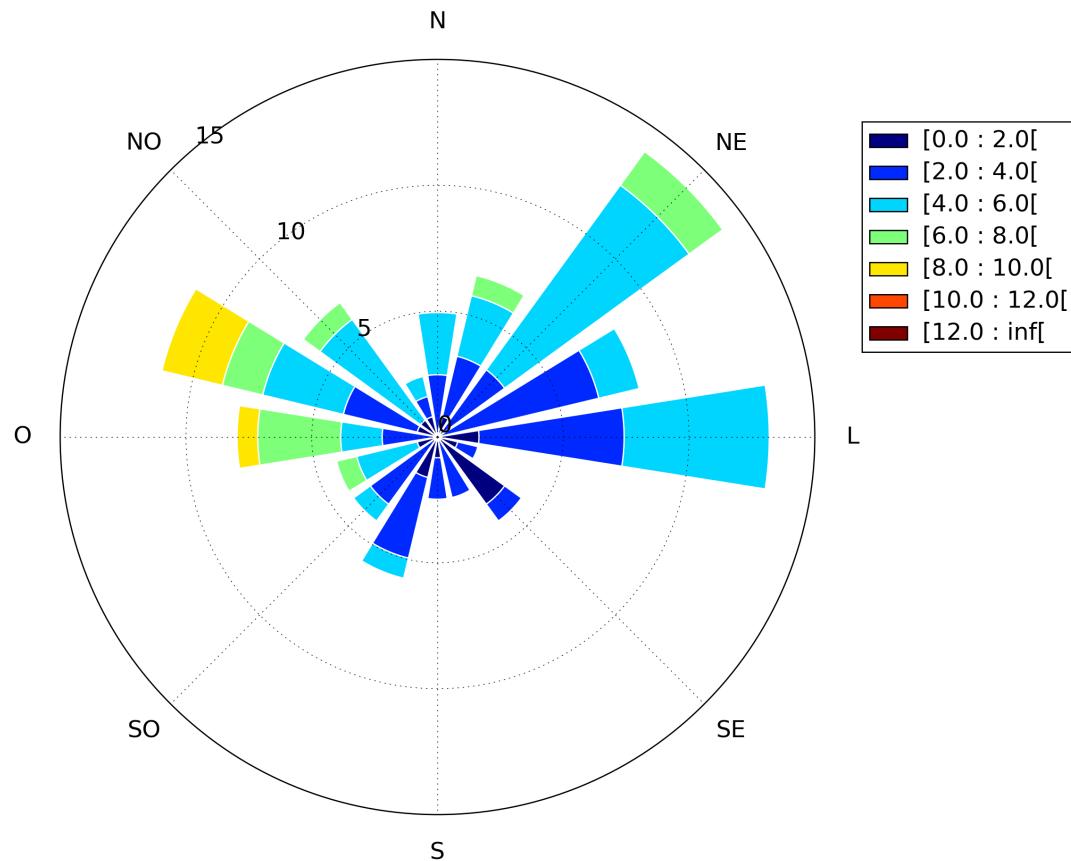


Figura 31 – Rosa dos ventos referente aos dados do CFSR para a estação Primavera (Setembro a Novembro) nos anos 2011 a 2015

4.2 DESCRIÇÃO DOS DADOS MEDIDOS

4.2.1 Nível

Inicialmente foram estudados os dados de nível (pressão) dos três ADCPs para melhor compreender o comportamento da maré ao longo da Enseada. Os dados analisados em cada um dos pontos dos ADCPs podem ser vistos nas figuras 32 a 34 na parte superior. Como a medição de nível depende do local onde o ADCP foi instalado, é possível perceber a diferença entre as profundidades nos três pontos medidos. Não obstante, os três aparelhos tiveram um comportamento de nível muito semelhante, o que indica que, em termos de nível, a dinâmica local não aparenta variar dentro da enseada. A tabela 7 contém as principais características dos dados adquiridos. A variação entre o nível máximo e mínimo encontrado foi de aproximadamente 2 m, com uma tendência leve de aumento dessa variação nos pontos mais internos (ST001 e ST002).

Os dados maregráficos de Penha serviram como base de comparação, uma vez que suas medições aconteceram por um período maior e em momento diferente da coleta dos dados dos ADCPs. A figura 38 se apresenta simétrica ao eixo 0, de forma geral, e com variações raramente ultrapassando 1,0 m tanto positivas quanto negativas. Em geral, as variações se apresentam com até 70 cm aproximadamente. A maior variação encontrada em Penha foi cerca de 30 cm maior que as verificadas nas medições dos ADCPs.

A variação máxima de nível encontrada (tanto em Penha quanto nos dados de ADCP) é quase 2 vezes superior à diferença máxima encontrada na tabela da FEMAR (Média das Preamares Superiores - Média das Baixamares inferiores), que seria de 1,11 cm (Figura 40). Isso indica que a componente meteorológica pode ter uma presença e uma influência muito grande na região.

Tabela 7: Características das Variações de Nível Medidas
(em metros)

Equipamento	Mínimo	Máximo	Média	Mediana	Variação Máxima
ST001	2,90	4,98	3,90	3,91	2,08
ST002	6,30	8,33	7,25	7,25	2,03
ST003	15,52	17,80	16,77	16,78	1,98
Penha	-1.13	1.18	-0.04	-0.04	2.32

As análises harmônicas foram aplicadas em todos os dados medidos para avaliar as componentes astronômicas dentro dos sinais analisados. O resultado final das análises incluiu as principais constantes harmônicas em cada um dos dados analisados e a resultante meteorológica encontrada para o período avaliado. Nas figuras 35 a 38 estão apresentados parte dos resultados gerados pelo pacote. Na parte superior da figura se encontram os dados medidos (uma vez retiradas as médias, no caso dos dados dos ADCPs), na parte interior estão sobrepostos os dados das componentes astronômicas em azul e sobreposto em vermelho o sinal resultante da subtração de dois dados anteriores, referente à maré meteorológica.

Na tabela 8 estão apresentados os valores máximos e mínimos de nível de origem meteorológica. Nos dados colhidos pelos ADCPs, a maré meteorológica gerou um nível mínimo de -0,71 m e máximo de 0,65 m. Dessa forma, a maré meteorológica foi responsável por uma variação de nível de mais de 1,3 m no ponto ST003 e mais de 1,2 m nos outros dois locais de coleta. Já em Penha, verificou-se que enquanto o nível máximo tenha sido semelhante ao

encontrado no dados dos ADCPs (0,70 m), o nível mínimo foi quase o dobro, atingindo -1,37 m.

Na figura 39 verifica-se que esse nível mínimo registrado na verdade fez parte de um evento de maré meteorológica negativa que persistiu entre 3 e 4 dias.

Dessa forma, é possível concluir que a maré meteorológica verificada pelos ADCPs no ano de 2011 não foi tão representativa quanto ela pode ser na região estudada e que marés meteorológicas na região podem ultrapassar 1,3 m. De fato, esses dados concordam com o trabalho de Parise et al. (2009) que verificaram que as marés meteorológicas alcançam em média 1 m, podendo alcançar 1,9 m em casos mais extremos no sul do país.

Tabela 8: Características das Marés Meteorológicas Medidas

Equipamento	Mínimo	Máximo	Variação Máxima
ST001	-0,71	0,65	1,37
ST002	-0,68	0,53	1,21
ST003	-0,70	0,50	1,20
Penha	-1,37	0,70	2,08

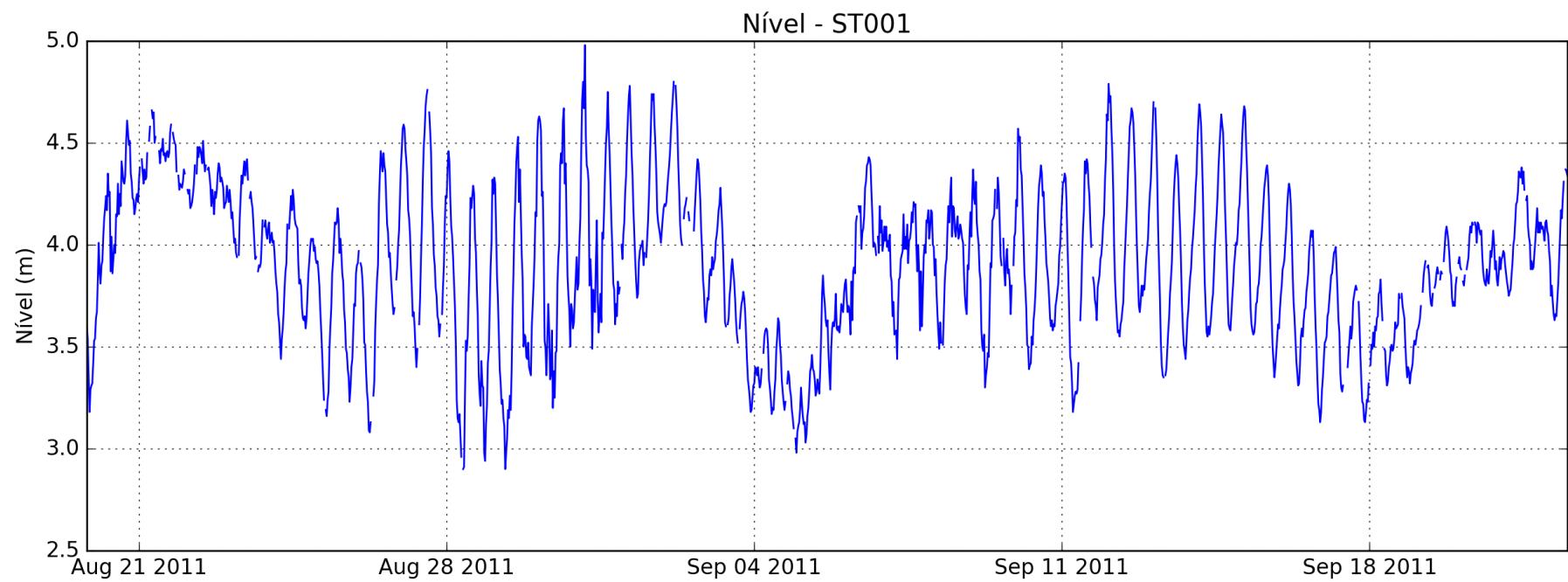


Figura 32 – Variação de Nível no ponto ST001.

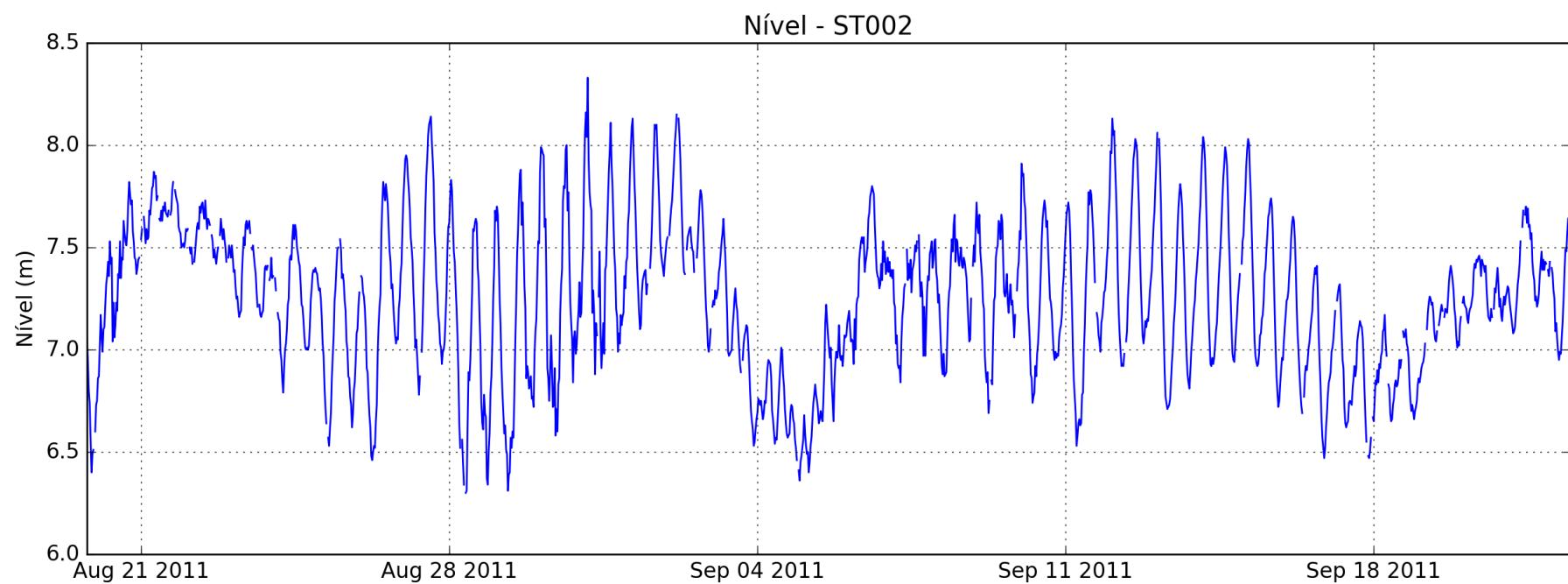


Figura 33 – Variação de Nível no ponto ST002.

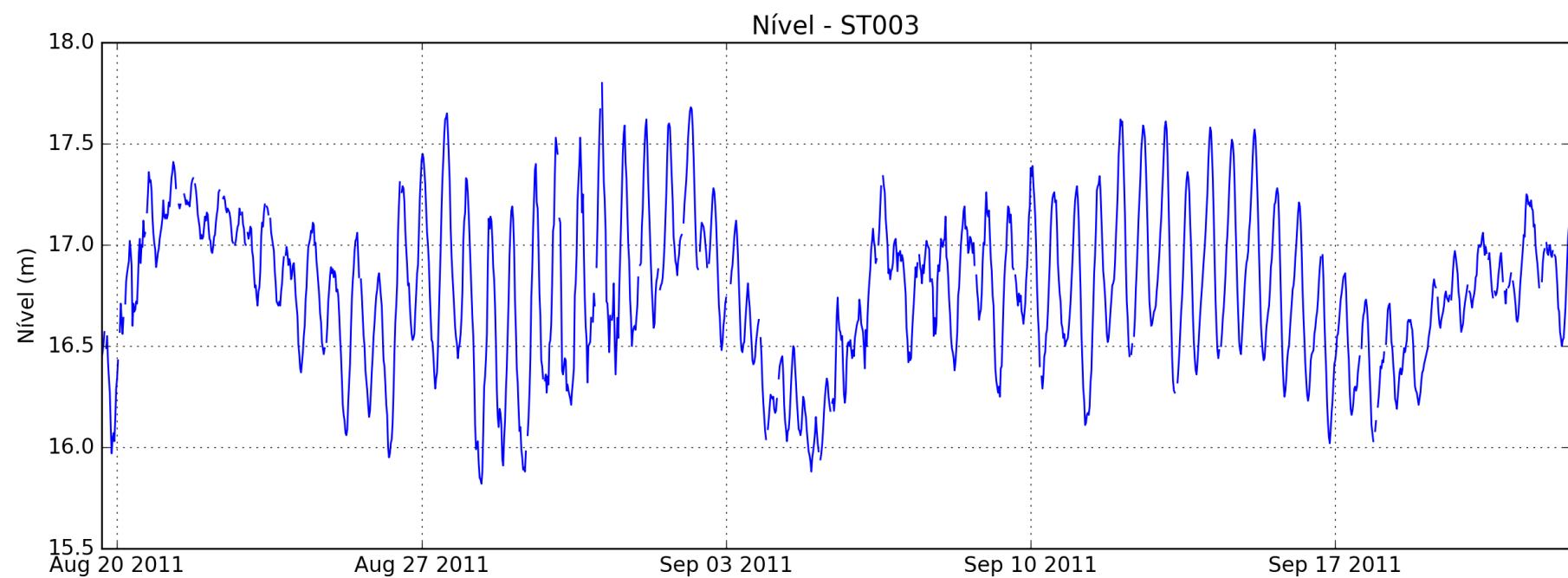


Figura 34 – Variação de Nível no ponto ST003.

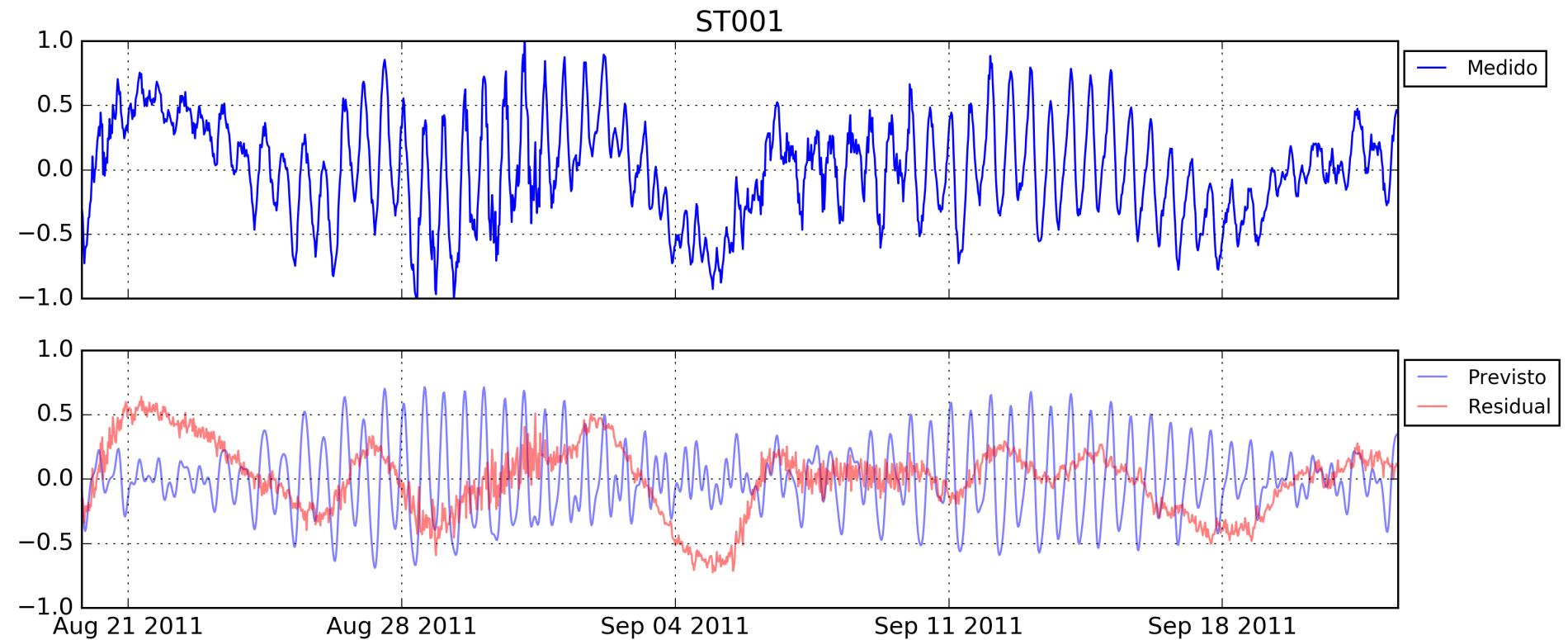


Figura 35 – Variação de Nível no ponto ST001 separado entre: dado medido (parte superior) e dados de maré previsto e o residual meteorológico (parte interior).

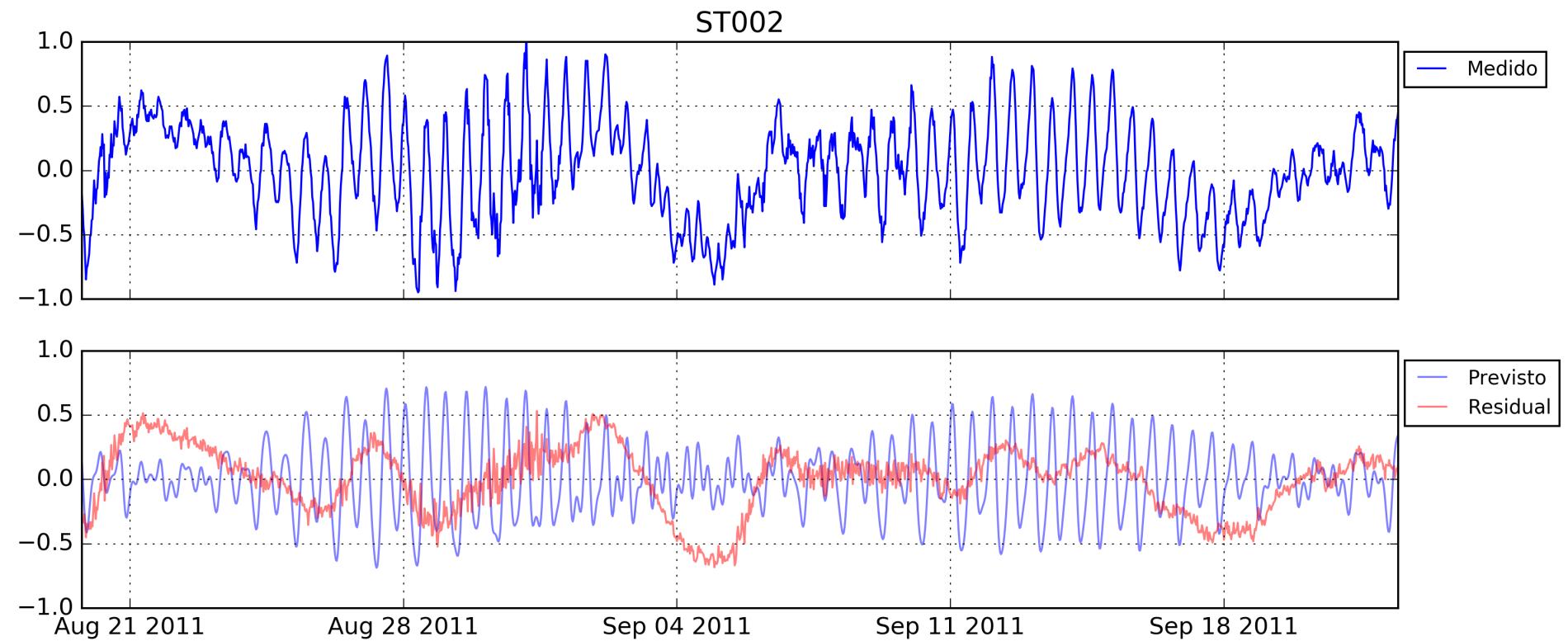


Figura 36 – Variação de Nível no ponto ST002 separado entre: dado medido (parte superior) e dados de maré previsto e o residual meteorológico (parte interior).

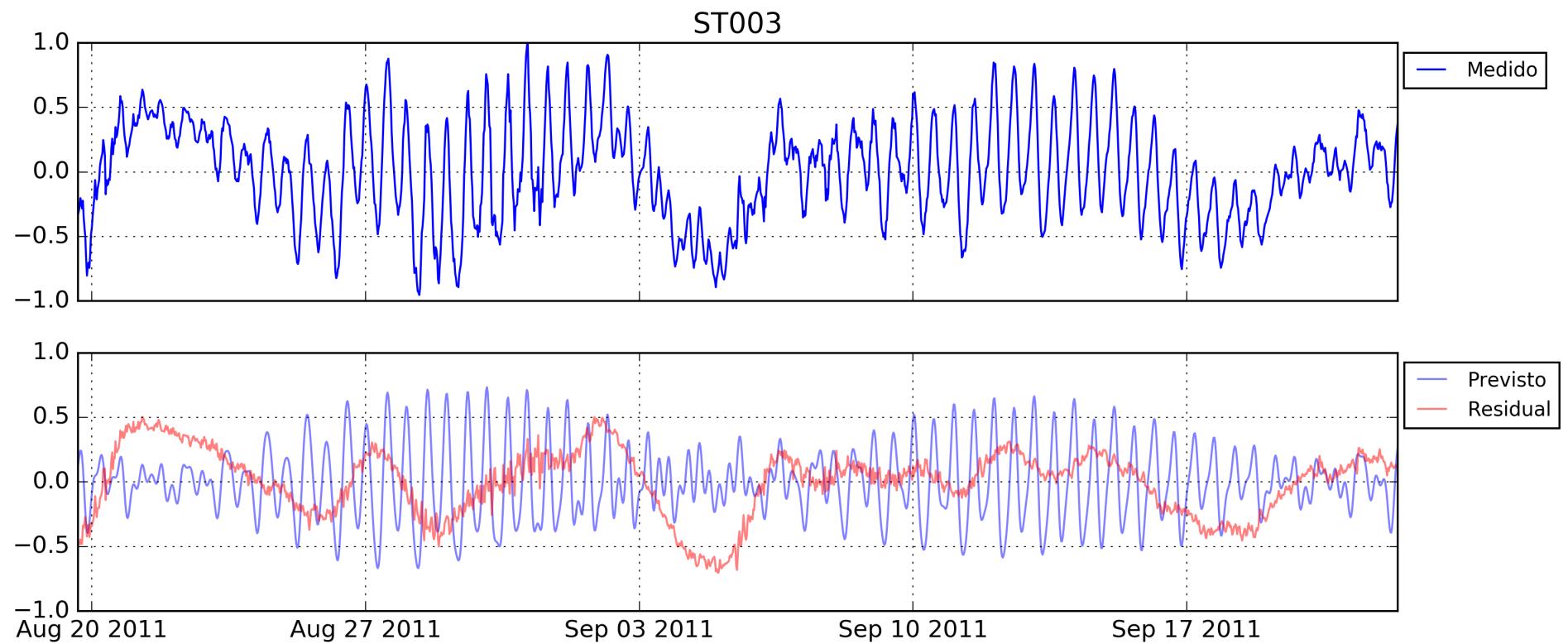


Figura 37 – Variação de Nível no ponto ST003 separado entre: dado medido (parte superior) e dados de maré previsto e o residual meteorológico (parte inferior).

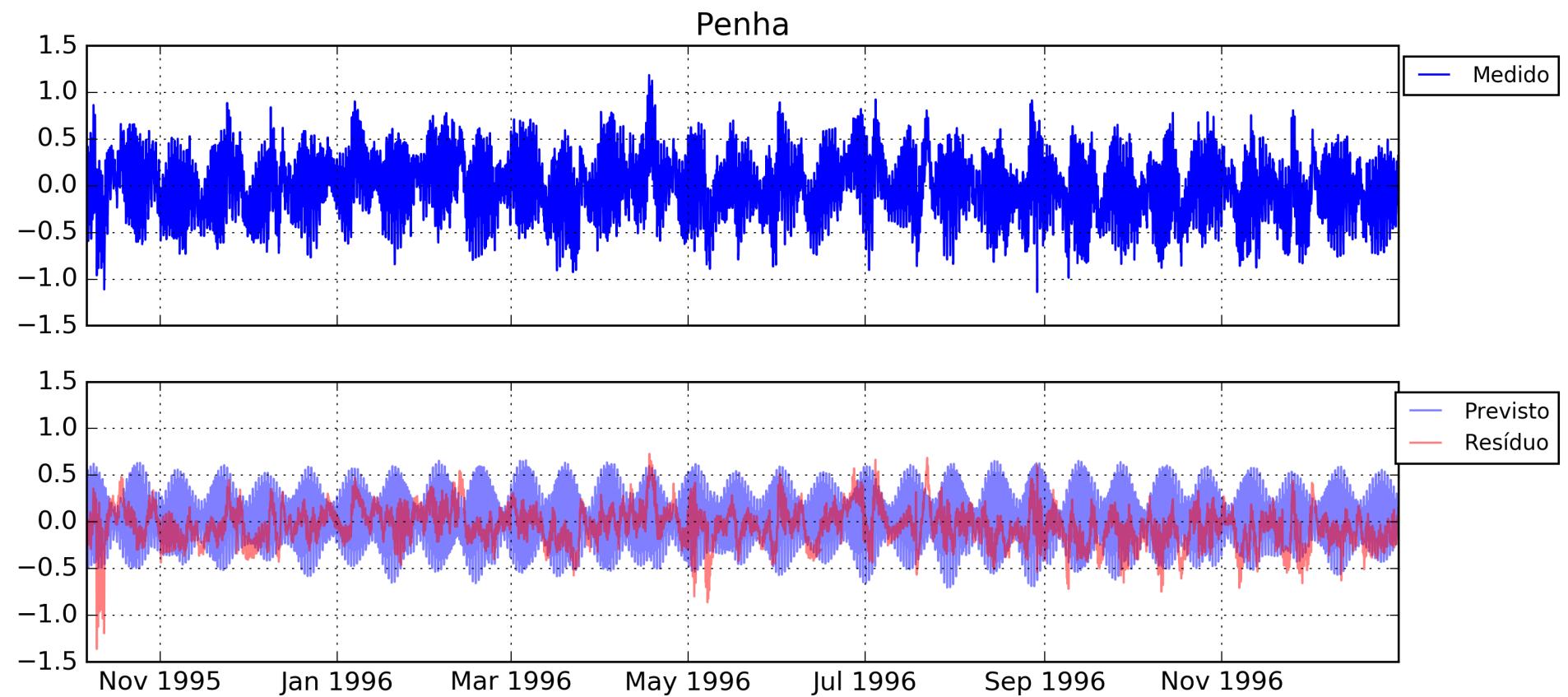


Figura 38 – Separação dos dados de nível em Penha

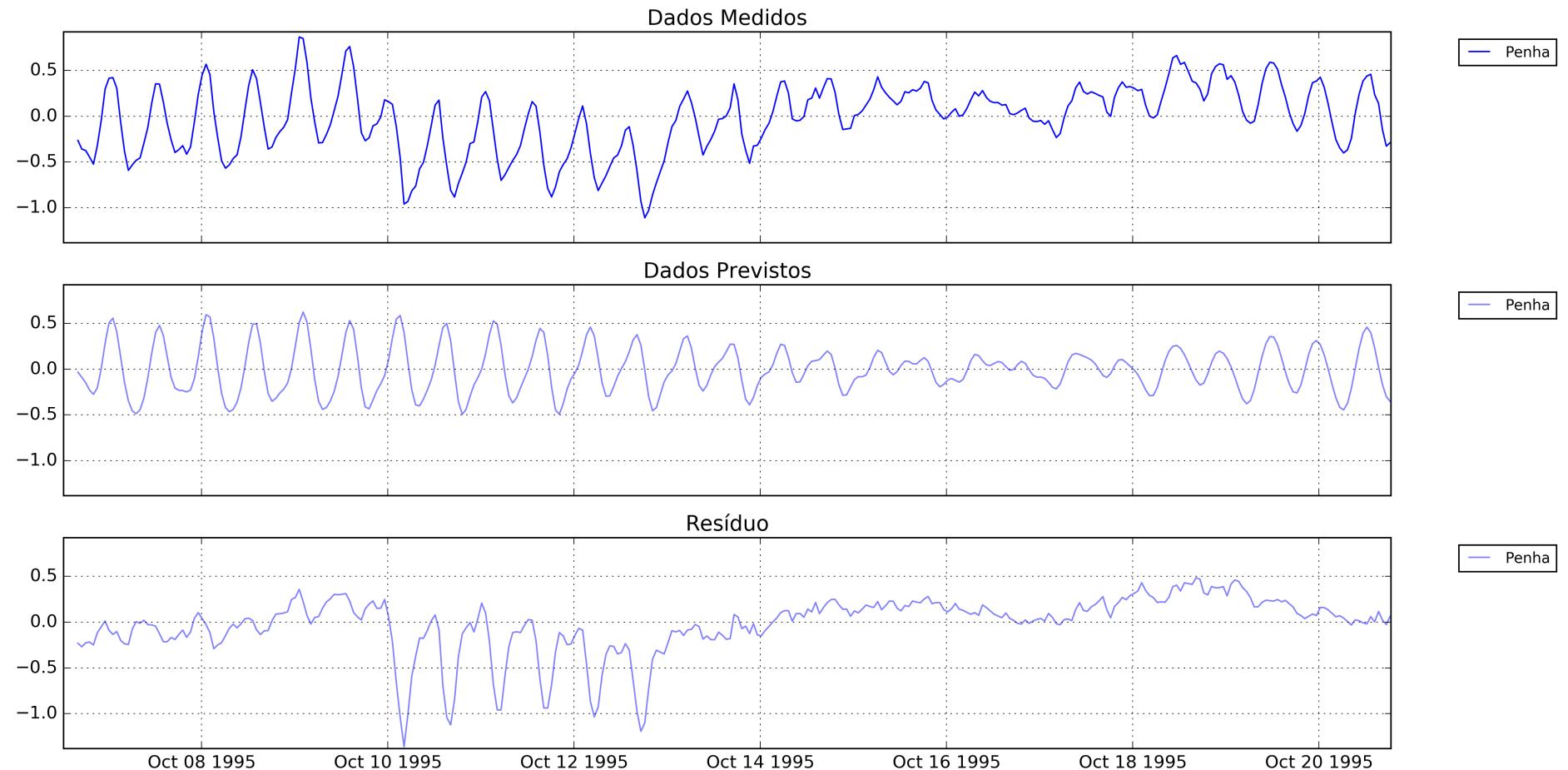


Figura 39 – Evento de maré meteorológica negativa registrado

Nas tabelas 9 a 12 se encontram as constantes harmônicas encontradas pelo pacote *ttide* para os sinais analisados. É possível verificar a frequência, amplitude (em centímetros), o erro de amplitude, a fase, o erro de fase e a relação sinal-ruído (*Signal-to-Noise Ration*) conhecida como SNR.

Simulações considerando um sinal fixo com diferentes níveis de ruído conseguiram indicar para sinais de maré é ideal que o SNR seja maior que 10, mas que valores entre 2 e 3 são aceitáveis (PAWLOWICZ et al., 2002). Portanto, foram excluídas da tabela as constantes harmônicas que apresentaram uma relação de sinal-ruído (SNR) menor que 2.

Quando comparamos as constantes harmônicas dos ADCPs de Piçarras (30 dias de medição) com aquelas encontradas pelo marégrafo localizado na Penha (1 ano de dados), é possível perceber que as segundas apresentaram um maior número de constantes harmônicas cujo SNR foi maior que 2. Pode-se concluir, portanto, que a quantidade limitada de dados no primeiro período pode, potencialmente, prejudicar análises harmônicas mais complexas.

Também é possível observar que as constantes harmônicas encontradas não foram as mesmas em todos os locais analisados. Buscou-se compreender estas diferenças e, para isso também foram utilizadas para comparação as constantes harmônicas estabelecidas como referência pela FEMAR em Penha (FEMAR, 2016). A tabela 13 apresenta, baseado na tabela da FEMAR, quais as constantes harmônicas foram encontradas nos dados e os valores de amplitude encontrados. É nítido que várias constantes apresentadas na tabela da FEMAR não foram encontradas em nenhum dos dados analisados. Entre elas estão as MM, Msf, M1, J1, OO1, 2N2, NU2, T2, SN4. Vale ressaltar que essas constantes até podem ter sido encontradas pelo pacote *ttide* mas foram desconsideradas devido à baixa relação de sinal-ruído.

Dentre as constantes apresentadas pela FEMAR que foram verificadas nos dados medidos, pode-se perceber uma variação na amplitude das ondas. As diferenças chegam alcançar 1,7 m na componente quaterdiurna MS4, 2 cm na componente principal lunar (M2) e mais de 4 cm na principal solar (S2). Além disso, três constantes foram encontradas exclusivamente nos dados de ADCP (ALP1, 2Q1 e NO1) e duas foram encontradas em todos os dados medidos mas não constavam na FEMAR (SK3 e 2MS6).

Tabela 9: Frequências encontradas nos dados de nível do ST001

Constante Harmônica	Freq.	Amplitude (cm)	Erro de Ampl.	Fase	Erro de Fase	SNR
ALP1	0.0343966	1.5419	0.452	299.51	16.54	12
2Q1	0.0357064	1.6449	0.400	94.02	14.52	17
Q1	0.0372185	2.7398	0.429	325.62	9.94	41
O1	0.0387307	10.7731	0.428	293.18	2.08	630
NO1	0.0402686	1.5740	0.392	80.78	15.24	16
K1	0.0417807	4.7897	0.394	17.28	5.59	150
UPS1	0.0463430	0.9009	0.390	337.22	26.55	5.3
MU2	0.0776895	2.8297	0.747	339.19	15.01	14
N2	0.0789992	5.1950	0.728	287.81	7.60	51
M2	0.0805114	28.3225	0.778	139.90	1.38	1300
S2	0.0833333	23.9287	0.756	316.36	1.70	1000
MO3	0.1192421	2.3921	0.792	300.25	19.55	9.1
M3	0.1207671	4.8001	0.727	294.10	9.16	44
SK3	0.1251141	1.9392	0.815	81.87	27.06	5.7
MN4	0.1595106	3.8750	1.030	285.08	13.99	14
M4	0.1610228	8.8702	0.810	266.71	6.14	120
MS4	0.1638447	5.0315	1.057	169.33	11.57	23
2MS6	0.2443561	0.7546	0.459	340.08	40.16	2.7

Tabela 10: Análise harmônica através do ttide nos dados de nível do ST002

Constante Harmônica	Freq.	Amplitude (cm)	Erro de Ampl.	Fase	Erro de Fase	SNR
ALP1	0.0343966	1.6004	0.466	305.34	18.93	12
2Q1	0.0357064	1.7065	0.455	106.38	16.03	14
Q1	0.0372185	2.7464	0.475	338.41	9.04	33
O1	0.0387307	10.6537	0.484	308.31	2.50	480
NO1	0.0402686	1.6129	0.487	97.99	14.54	11
K1	0.0417807	4.7405	0.491	30.21	5.82	93
UPS1	0.0463430	0.9177	0.479	340.12	27.41	3.7
MU2	0.0776895	2.9617	0.756	8.09	12.26	15
N2	0.0789992	5.2263	0.647	315.58	7.34	65
M2	0.0805114	28.0921	0.828	168.82	1.38	1200
L2	0.0820236	1.1613	0.689	147.04	35.45	2.8
S2	0.0833333	23.8874	0.813	346.16	1.74	860
MO3	0.1192421	2.3641	0.837	344.45	19.41	8
M3	0.1207671	4.7645	0.837	338.04	9.39	32
SK3	0.1251141	1.9392	0.856	123.28	24.65	5.1
MN4	0.1595106	3.8767	0.843	344.14	14.66	21
M4	0.1610228	8.8543	0.995	324.72	5.24	79
MS4	0.1638447	4.9715	1.029	227.51	11.20	23
2MS6	0.2443561	0.7419	0.397	68.45	33.10	3.5

Tabela 11: Frequências encontradas nos dados de nível
do ST003

Constante Harmônica	Freq.	Amplitude (cm)	Erro de Ampl.	Fase	Erro de Fase	SNR
ALP1	0.0343966	1.5514	0.609	321.28	22.65	6.5
2Q1	0.0357064	1.9434	0.564	111.56	16.70	12
Q1	0.0372185	2.6224	0.581	13.64	12.90	20
O1	0.0387307	10.6821	0.570	335.28	2.74	350
NO1	0.0402686	1.8453	0.567	125.71	17.34	11
K1	0.0417807	4.4388	0.503	62.02	7.14	78
EPS2	0.0761773	0.8275	0.393	57.06	30.64	4.4
MU2	0.0776895	3.1584	0.410	60.54	7.12	59
N2	0.0789992	4.7225	0.451	6.84	5.75	100
M2	0.0805114	28.2740	0.392	227.28	0.90	5200
L2	0.0820236	1.0548	0.439	191.77	24.69	5.8
S2	0.0833333	24.3625	0.464	45.41	0.96	2800
ETA2	0.0850736	1.1363	0.493	60.91	22.28	5.3
MO3	0.1192421	2.5788	1.045	76.21	22.82	6.1
M3	0.1207671	4.6140	0.982	64.48	11.73	22
SK3	0.1251141	1.9197	1.033	218.20	27.98	3.5
MN4	0.1595106	3.9056	0.860	98.87	14.13	21
M4	0.1610228	8.7903	0.941	82.71	5.82	87
MS4	0.1638447	4.9328	0.893	348.19	10.47	30
2MS6	0.2443561	0.4758	0.328	230.46	40.95	2.1

Tabela 12: Frequências encontradas nos dados de nível
de Penha

Constante Harmônica	Freq.	Amplitude (cm)	Erro de Ampl.	Fase	Erro de Fase	SNR
Q1	0.0372185	2.4132	0.417	114.85	9.27	34
RHO1	0.0374209	0.5895	0.377	242.64	38.22	2.4
O1	0.0387307	8.8670	0.352	348.75	2.53	630
P1	0.0415526	2.0539	0.450	354.04	11.79	21
S1	0.0416667	1.1426	0.424	25.74	17.71	7.3
K1	0.0417807	5.4217	0.394	55.87	3.76	190
2N2	0.0774871	1.7591	1.085	260.35	34.36	2.6
MU2	0.0776895	2.1402	1.110	344.04	33.61	3.7
N2	0.0789992	4.5907	1.088	126.94	16.34	18
M2	0.0805114	28.1197	1.146	261.17	2.11	600
S2	0.0833333	17.5111	1.067	210.29	3.76	270
K2	0.0835615	5.5192	1.191	74.89	11.89	21
MO3	0.1192421	2.5799	0.577	83.65	11.79	20
M3	0.1207671	5.2993	0.545	284.82	6.15	95
SO3	0.1220640	1.5534	0.509	147.95	21.70	9.3
MK3	0.1222921	1.7008	0.530	195.19	17.68	10
SK3	0.1251141	1.2108	0.547	310.34	24.34	4.9
MN4	0.1595106	2.7916	0.505	244.34	11.17	31
M4	0.1610228	7.6645	0.484	144.14	3.95	250
MS4	0.1638447	3.6645	0.552	189.35	8.55	44

Tabela 12: Frequências encontradas nos dados de nível
de Penha

Constante Harmônica	Freq.	Amplitude (cm)	Erro de Ampl.	Fase	Erro de Fase	SNR
MK4	0.1640729	1.0341	0.651	42.41	31.48	2.5
2MK5	0.2028035	0.5157	0.240	281.05	28.78	4.6
2MS6	0.2443561	0.3173	0.145	89.39	32.33	4.8

Nome da Estação :	PENHA – SC						
Localização :	No trapiche da Cia. Pesca Krause						
Organ. Responsável :	DHN						
Latitude :	26° 46,2' S		Longitude :	48° 39,1' W			
Período Analisado :	20/08/74 a 20/09/74		Nº de Componentes :	36			
Análise Harmônica :	Método Tidal Liverpool Institute						
Classificação :	Maré de Desigualdades Diurnas						
Estabelecimento do Porto: (HWF&C)	I H 57 min		Nível Médio (Zo):	68 cm acima do NR.			
Média das Preamares Superiores (MHHW) :	124 cm acima do NR.		Média das Preamares Inferiores (MLHW) :	103 cm acima do NR			
Média das Baixa-mares Superiores (MHLW) :	32 cm acima do NR.		Média das Baixa-mares de Inferiores (MLLW) :	13 cm acima do NR.			
CONSTANTES HARMÔNICAS SELECIONADAS							
Componentes	Semi-amplitude (H) cm	Fase (g) graus (°)	Componentes	Semi-amplitude (H) cm	Fase (g) graus (°)		
Sa	-	-	MU₂	3,1	143		
Ssa	-	-	N₂	5,5	317		
Mm	21,2	110	NU₂	1,1	317		
Mf	-	-	M₂	26,3	067		
MTM	-	-	L₂	0,8	225		
Msf	6,9	004	T₂	1,1	064		
Q₁	3,8	218	S₂	19,4	064		
O₁	11,7	069	K₂	5,3	064		
M₁	0,5	254	MO₃	1,7	027		
P₁	2,6	144	M₃	5,5	188		
K₁	7,9	144	MK₃	0,6	080		
J₁	1,5	068	MN₄	3,8	234		
OO₁	0,7	142	M₄	8,1	121		
MNS₂	-	-	SN₄	0,9	356		
2N₂	0,7	207	MS₄	3,3	213		
Referências de Nível: RN-1: situada no inicio do trapiche onde está montada a casa da bomba. RN-2: na escada de acesso à fábrica de gelo							
Obs: Não há referências a outros períodos							

Código BNDO: 60224

- 263 -

Figura 40 – Constantes harmônicas definidas na estação maregráfica brasileira da FEMAR (FEMAR, 2016)

Tabela 13: Comparações entre as constantes harmônicas encontradas nos pontos ST001, ST002, ST003 e Penha com as constantes definidas pela FEMAR (FEMAR, 2016)

Constantes	FEMAR	ST001	ST002	ST003	Penha
Constante	FEMAR	ST001	ST002	ST003	Penha
MM	21,2	-	-	-	-
Msf	6,9	-	-	-	-
Q1	3,8	2,7	2,8	2,6	2,4
O1	11,7	10,77	10,65	10,68	8,9
M1	0,5	-	-	-	-
P1	2,6	-	-	-	2,0
K1	7,9	4,8	4,7	4,4	5,4
J1	1,5	-	-	-	-
001	0,7	-	-	-	-
2N2	0,7	-	-	-	-
MU2	3,1	2,8	3,0	3,2	2,1
N2	5,5	5,2	5,2	4,7	4,6
NU2	1,1	-	-	-	-
M2	26,3	28,3	28,1	28,3	28,1
L2	0,8	-	1,2	1,0	-
T2	1,1	-	-	-	-
S2	19,4	23,9	23,9	24,4	17,5
K2	5,3	-	-	-	5,5

Tabela 13: Comparações entre as constantes harmônicas encontradas nos pontos ST001, ST002, ST003 e Penha com as constantes definidas pela FEMAR (FEMAR, 2016)

Constantes	FEMAR	ST001	ST002	ST003	Penha
MO3	1,7	2,4	2,4	2,6	2,6
M3	5,5	4,8	4,8	4,6	5,3
MK3	0,6	-	-	-	1,7
MN4	3,8	3,9	3,9	3,9	2,8
M4	8,1	8,9	8,8	8,8	7,7
SN4	0,9	-	-	-	-
MS4	3,3	5,0	5,0	4,9	3,7

A importância relativa das constituintes diurnas e semidiurnas pode ser expresso pelo número de Forma (*Form Factor*, F) de acordo com as constantes harmônicas, definido por (PUGH, 1987):

$$F = \frac{H_{K1} + H_{O1}}{H_{M2} + H_{S2}} \quad (4.1)$$

Onde:

H_{K1} : é a amplitude da componente lunisolar diurna;

H_{O1} : é a amplitude da componente principal lunar diurna;

H_{M2} : é a amplitude da componente principal lunar;

H_{S2} : é a amplitude da componente principal solar.

e:

Se F estiver entre 0 e 0.25 a maré tem forma semidiurna;

Se F estiver entre 0.25 e 1.5 a maré é considerada mista com predominância semidiurna;

Se F estiver entre 1.5 e 3 a maré é considerada mista com predominância diurna;

Se F for maior que 3 a maré é puramente diurna.

Os números de forma encontrados para os dados medidos podem ser observados na tabela 14 e, portanto, a maré na Enseada de Itapocorói e arredores pode ser considerada do tipo mista com uma predominância semidiurna. Vale ressaltar no entanto que, pelo baixo valor de número de forma encontrado, pode-se notar a alta influência das componentes semidiurna sobre as componentes diurnas. Os dados de Penha apresentaram uma maior influência das componentes diurnas sobre as semidiurnas quando comparados com os dados de Piçarras.

Tabela 14: Número de Forma para cada um dos dados analisados

Local	Número de Forma
ST001	0,2978
ST002	0,2962
ST003	0,2873
Penha	0,3131

Também é possível observar a grande influência das componentes semidiurnas na figura 41 onde estão apresentados os resultados de uma Transformada Rápida de Fourier (FFT). Primeiramente deve-se notar que apesar de os dados terem um tempo de medições diferentes (1 ano para Penha e 1 mês para Piçarras), os resultados de espectro se mostraram muito semelhantes. É possível perceber que existem quatro picos de energia distintos cujos períodos associados a esses picos são de 25,5, 12,5, 8,2 e 6,2 horas.

O maior pico de energia em ambos os dados analisados estava localizado na frequência de 0,08, ou seja, um período aproximado de 12,5 horas indicando a predominância semidiurna, como já foi verificado anteriormente. As componentes diurnas, terciadiurnas e quaterdiurnas se apresentaram com picos de energia semelhantes entre si, sem predominância. Outro resultante

interessante é que, em ambos os gráficos, existe uma energia considerável em períodos maiores que 25 horas, mas que não pode ser bem identificada no espectro. Energias com períodos maiores que 50h representaram 27,5 % dos dados analisados.

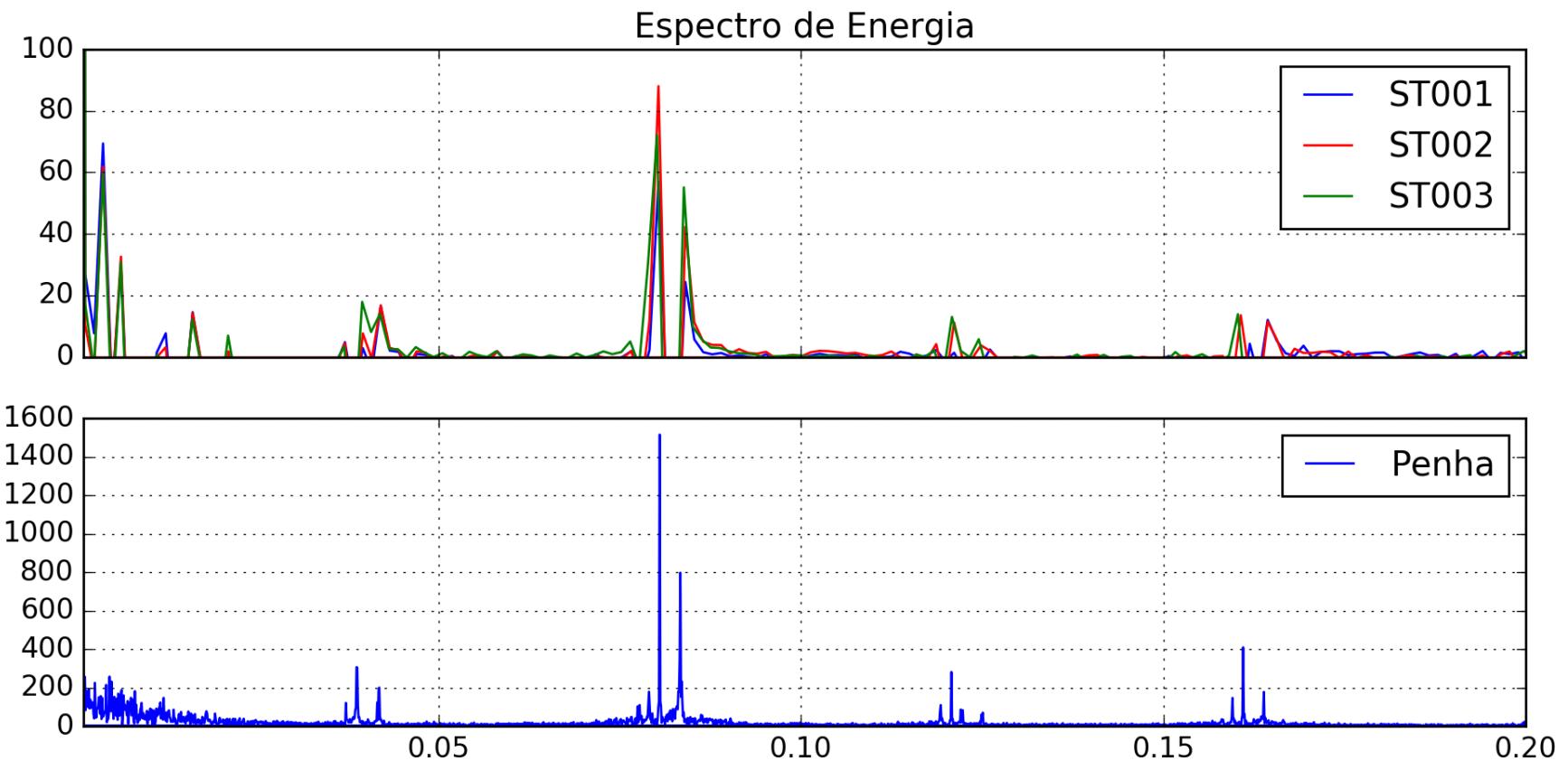


Figura 41 – Espectro de energia em Piçarras e Penha

4.2.2 Temperatura

Os dados de temperatura obtidos pelos ADCPs podem ser observados na figura 42. Existe uma mudança brusca no comportamento da variável ao longo dos três pontos. No ponto ST001, mais próximo da praia e na menor profundidade, possui uma grande variação de temperatura ao longo do mês. A temperatura chegou próximo a 17°C no dia 24 de Agosto (18h) e ultrapassou os 20°C em 19 de Setembro (23h). No ponto ST003 a variação foi de apenas 1,05°C em todo o período analisado enquanto o ponto ST002 permaneceu com características intermediárias (Tabela 15).

Deve-se notar que as temperaturas mínimas foram bastante semelhantes (menos de 0,5 °C de diferença) enquanto a temperatura máxima foi onde as diferenças foram maiores. Dado que a variação de temperatura do ponto ST003 foi mais de 3 vezes a variação encontrada no ponto ST001, assume-se que o segundo tem uma grande influência do aquecimento local, e possivelmente do vento, dada a sua pequena profundidade 4 m. Já o ponto ST003, localizado na profundidade de 17 m, tem um padrão homogêneo possivelmente só sendo afetado por massas de água externas.

Buscou-se tentar encontrar correlações entre a direção do vento predominante e dos dados de temperatura porém apesar de haver alguns indícios de que a variação do vento de NO-N para S poderia ter influência no pico de temperatura no ST001, de forma geral os resultados não apresentaram um padrão evidente.

Tabela 15: Características dos dados de temperatura.

Equipamento	Mínimo	Máximo	Média	Variação Máxima
ST001	17,02°C	20,61°C	18,02°C	3,59°C
ST002	17,23°C	19,67°C	18,19°C	2,44°C
ST003	17,40°C	18,45°C	17,89°C	1,05°C

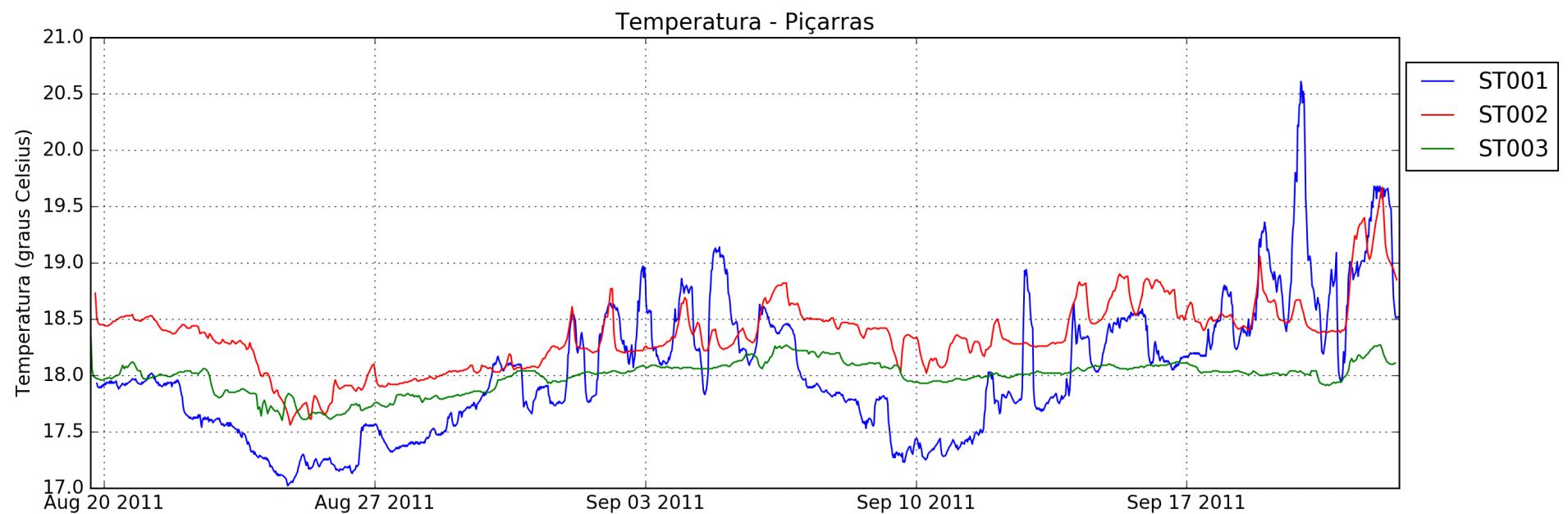


Figura 42 – Dados de temperatura

4.2.3 Corrente

Nas figuras 43, 44 e 45 podem ser observadas as rosas de corrente integradas na vertical para os pontos ST001, ST002 e ST003, respectivamente. Das figura 56 à 80, estão apresentadas as rosas de vento de cada ADCP por camada. Demais análises por camadas podem ser encontradas nos Apêndices.

Em termos de velocidades integradas na coluna, as correntes apresentam velocidades muito baixas, abaixo de 20 cm.s^{-1} na maior parte do tempo. Entretanto, nota-se que a maior parte das correntes fica abaixo de 10 cm.s^{-1} (Figuras 46 a 48). É possível notar nas figuras 49 a 51 que em 90% do tempo, as velocidades ficam abaixo de 8 cm.s^{-1} nos pontos ST001 e ST002 e abaixo de 21 cm.s^{-1} em ST003.

As figuras 52 a 54 apresentam na parte superior os vetores indicando a direção e magnitude das correntes e na parte inferior a velocidade. Enquanto nos pontos ST001 e ST002 não foi possível associar os episódios de grande velocidade com direções predominantes, no ponto ST003 percebe-se que as correntes que atigiram velocidades acima de 15 cm.s^{-1} estão associadas a correntes de sudeste.

Na figura 55 pode ser observada a resultante medida num período de 50 horas. No ponto ST001 a residual é praticamente constante para NE com variações de intensidade. No ponto ST002 já existe uma variação de direções entre NO e NE. As intensidades no ponto ST002 parecem ter menor variação do que no ponto ST001. Já no ponto ST003, a residual é pequena e para N, eventualmente sendo sobrepostas por residuais para L.

Em ST001 as correntes se apresentaram mais fortes na superfície (Figura 58), com direção predominante para NE, enquanto perto do fundo (Figura 56) as velocidades ficaram abaixo de 10 cm.s^{-1} . Correntes para O são praticamente ausentes em todas as camadas.

Em ST002 a velocidade é melhor distribuída ao longo da coluna de água, embora as direções variem de um eixo ENE-WSW perto do fundo para uma distribuição mais homogênea de direções próximo da superfície.

ST003 apresenta predominância de correntes de S-SSE em praticamente todas as camadas mais intensas na superfície, acima de 35 cm.s^{-1} e menos intensas perto do fundo, normalmente abaixo de 30 cm.s^{-1} .

Vale ressaltar que os episódios de velocidade acima de 25 cm.s^{-1} nas camadas de ST001 e ST002 não aconteceram no mesmo período de tempo. Tudo isso indica que diferentes processos regem as correntes em cada uma das regiões analisadas.

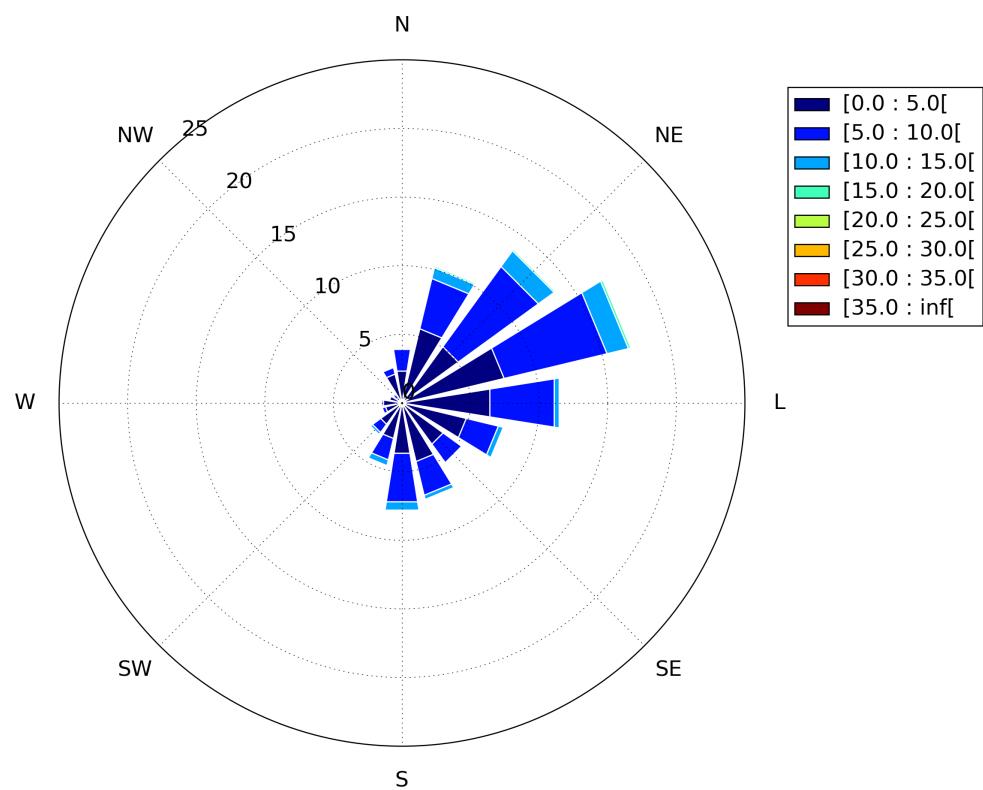


Figura 43 – Rosa de correntes no ponto ST001 integrada na vertical (em centímetros)

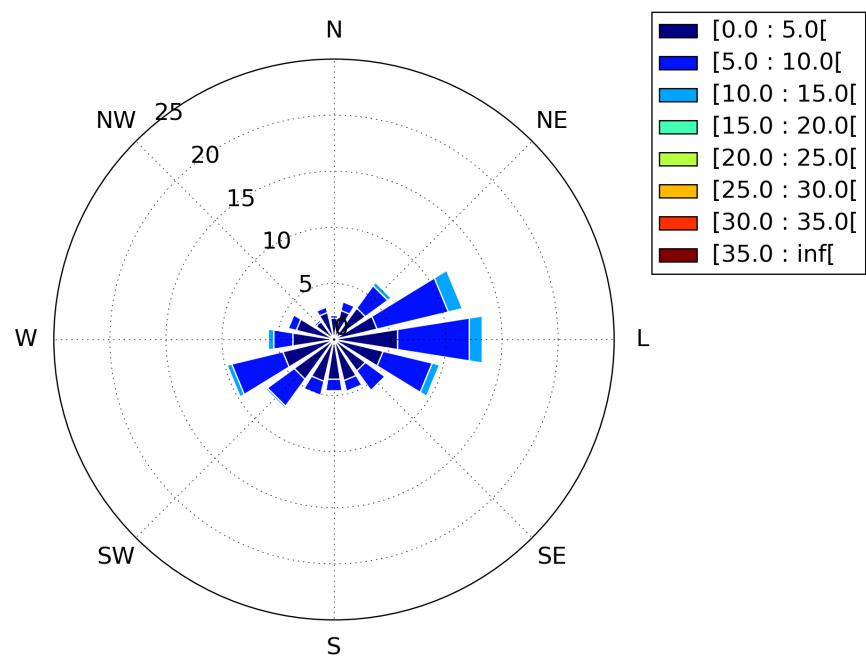


Figura 44 – Rosa de correntes no ponto ST002 integrada na vertical (em centímetros)

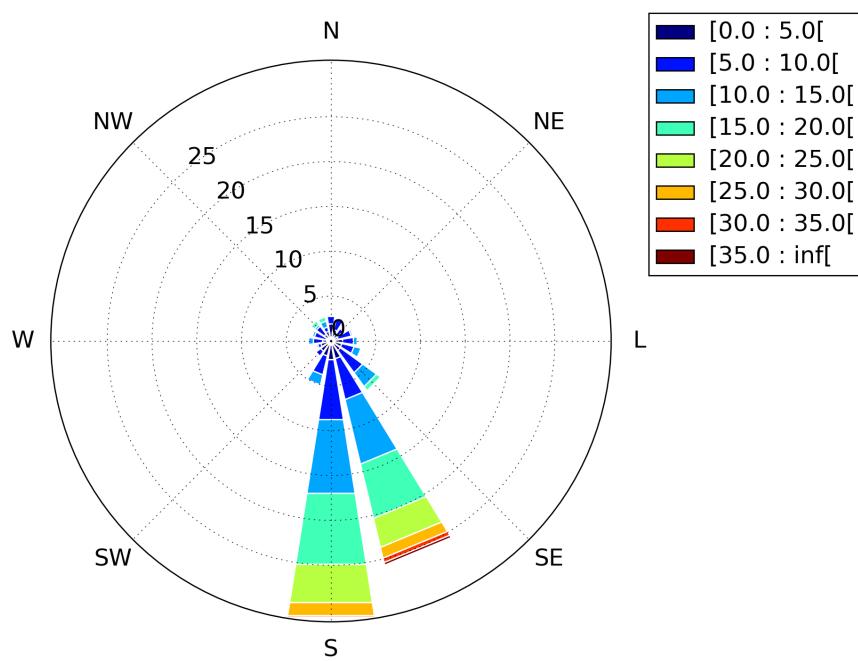


Figura 45 – Rosa de correntes no ponto ST003 integrada na vertical (em centímetros)

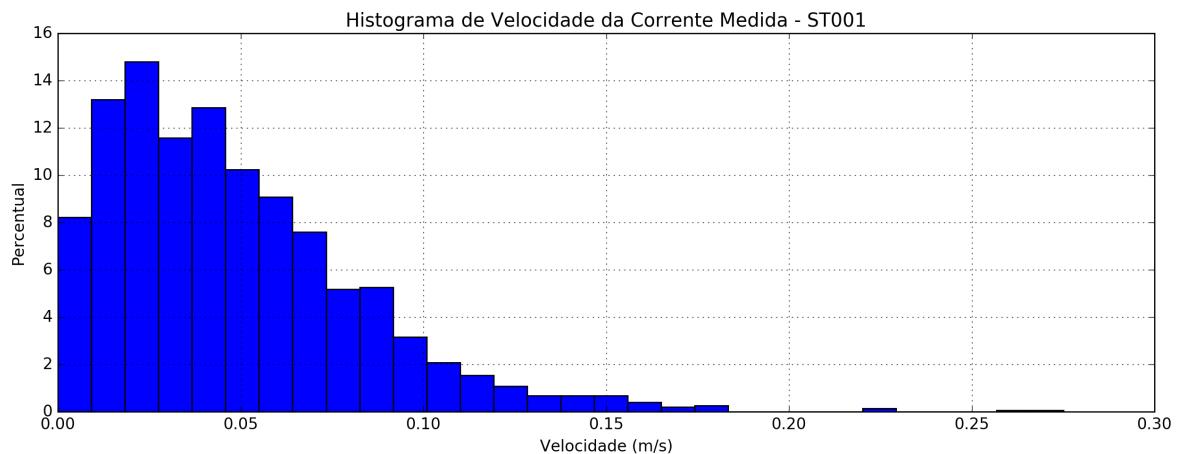


Figura 46 – Histograma da velocidade de corrente no ponto ST001 integrada na vertical

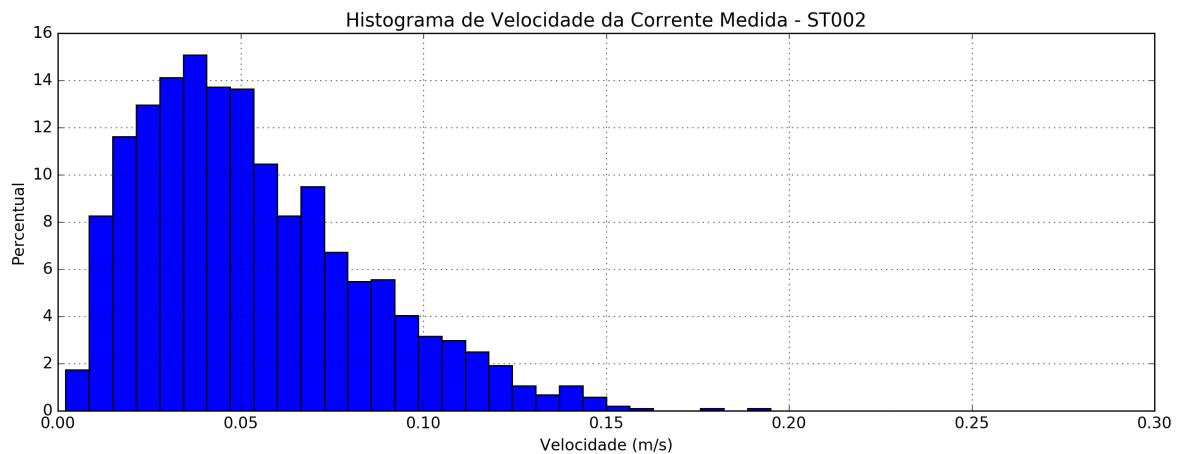


Figura 47 – Histograma da velocidade de corrente no ponto ST002 integrada na vertical

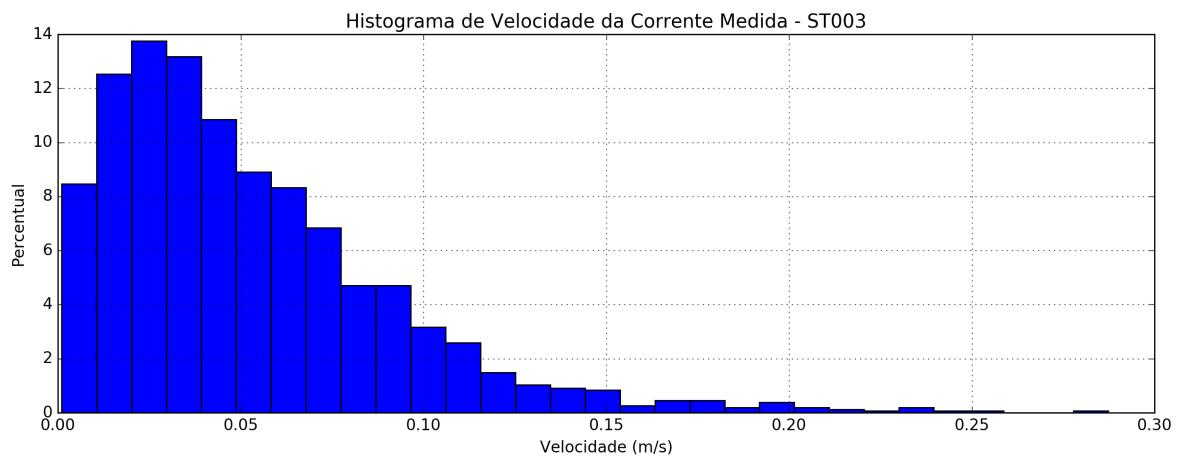


Figura 48 – Histograma da velocidade de corrente no ponto ST003 integrada na vertical

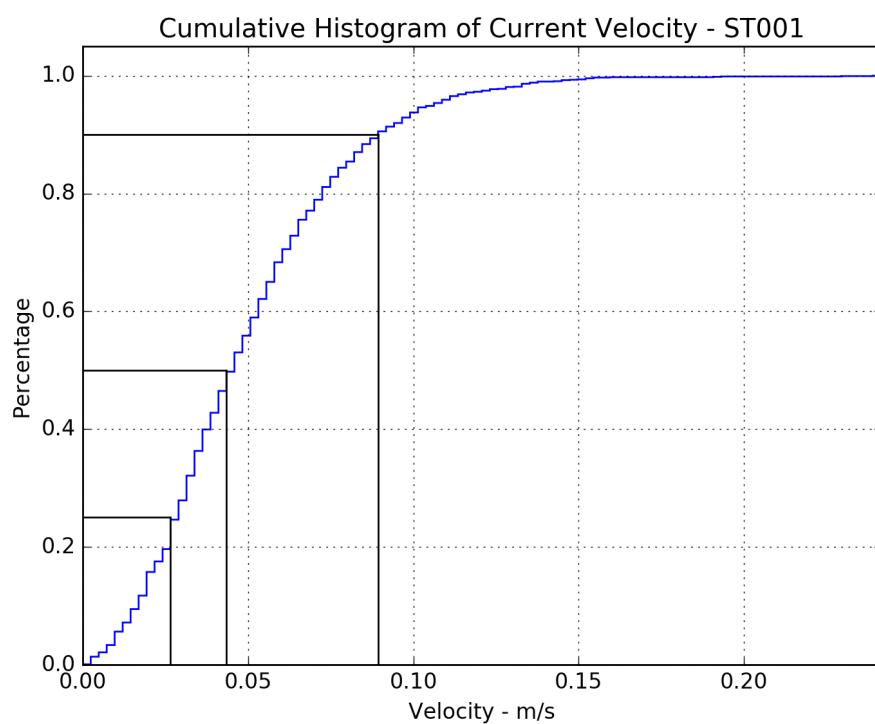


Figura 49 – Histograma cumulativo da velocidade da corrente em $m.s^{-1}$ no ST001. Linhas em preto indicam os quartis de 25, 50 e 90%

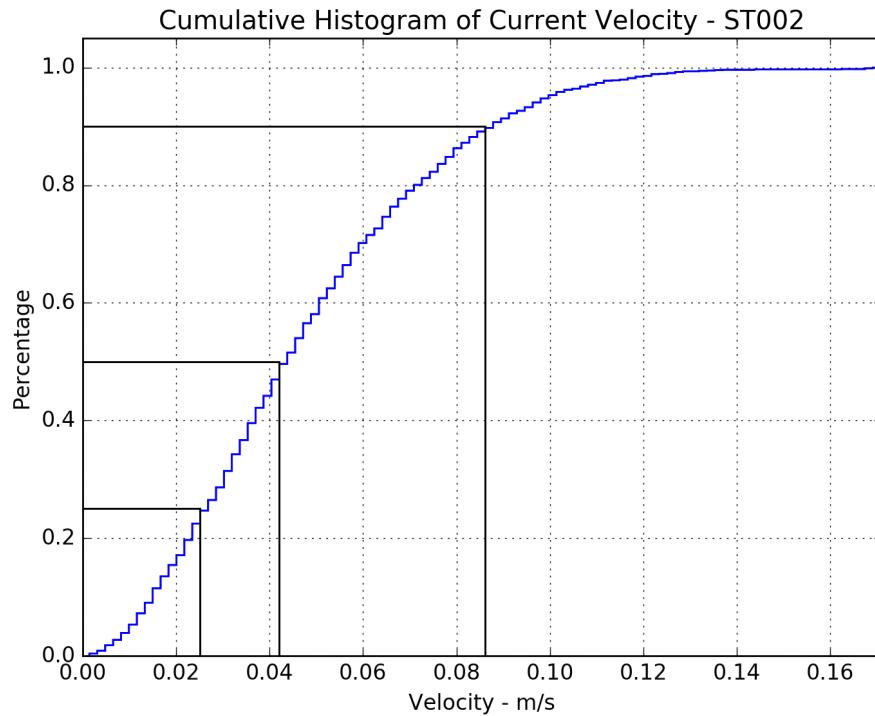


Figura 50 – Histograma cumulativo da velocidade da corrente em $m.s^{-1}$ no ST002. Linhas em preto indicam os quartis de 25, 50 e 90%

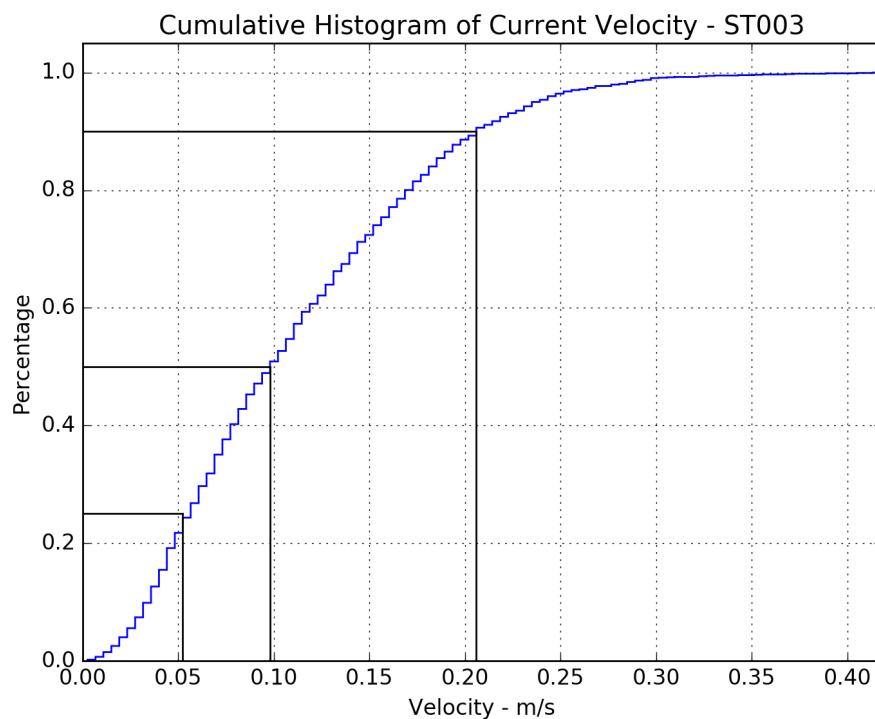


Figura 51 – Histograma cumulativo da velocidade da corrente em $m.s^{-1}$ no ST003. Linhas em preto indicam os quartis de 25, 50 e 90%

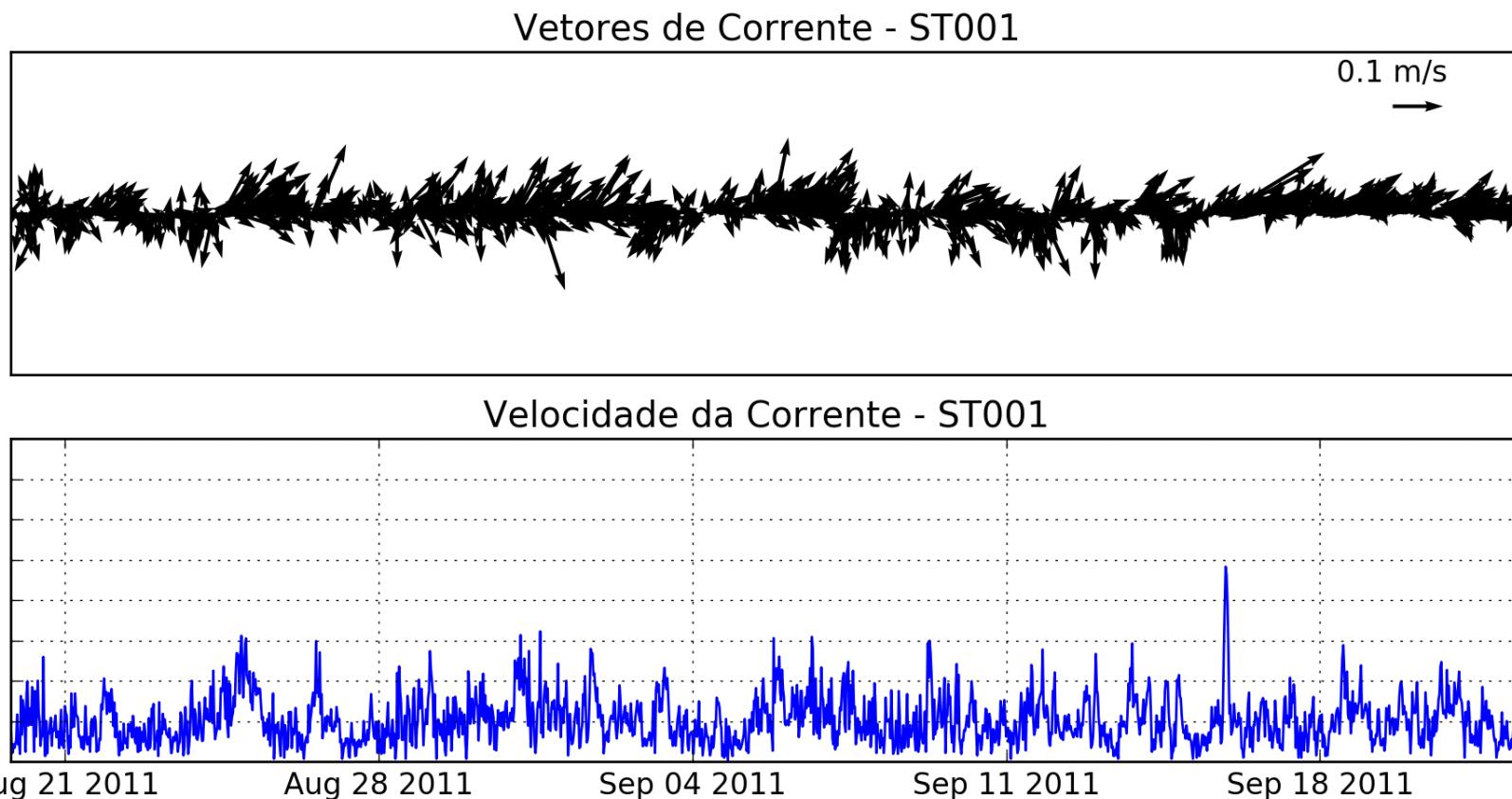
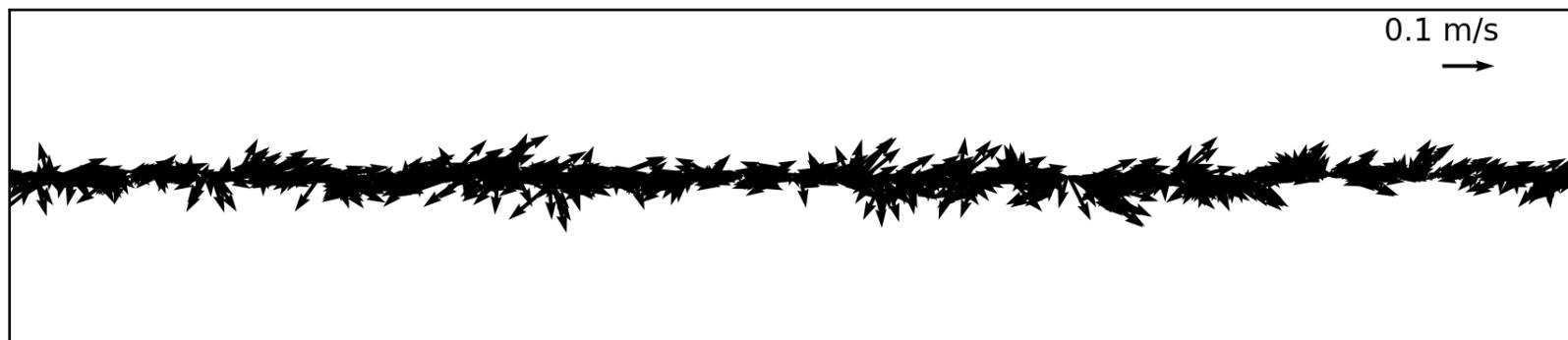


Figura 52 – Direção predominante e velocidade das correntes no ponto ST001

Vetores de Corrente - ST002



Velocidade da Corrente - ST002

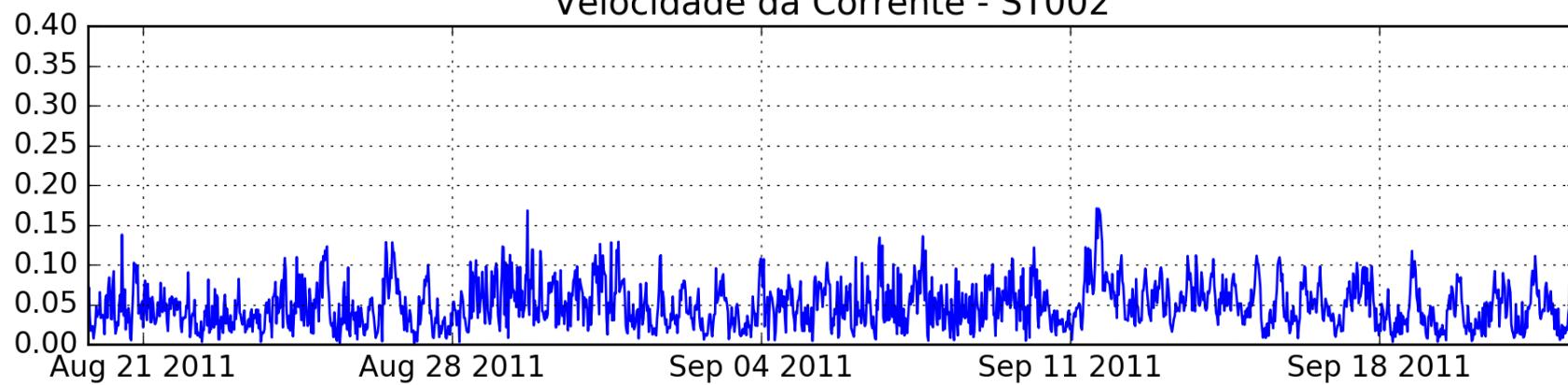


Figura 53 – Direção predominante e velocidade das correntes no ponto ST002

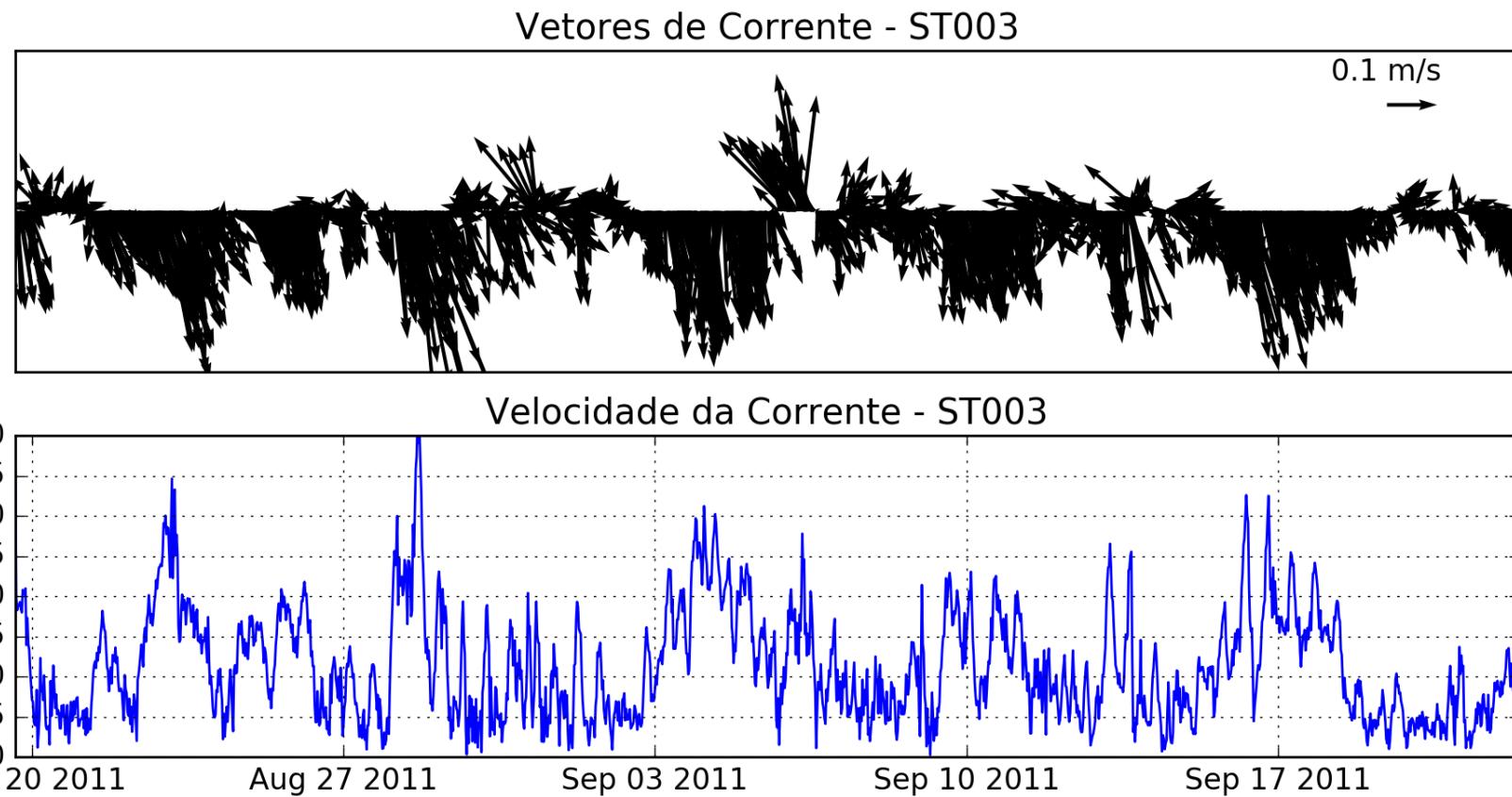


Figura 54 – Direção predominante e velocidade das correntes no ponto ST003

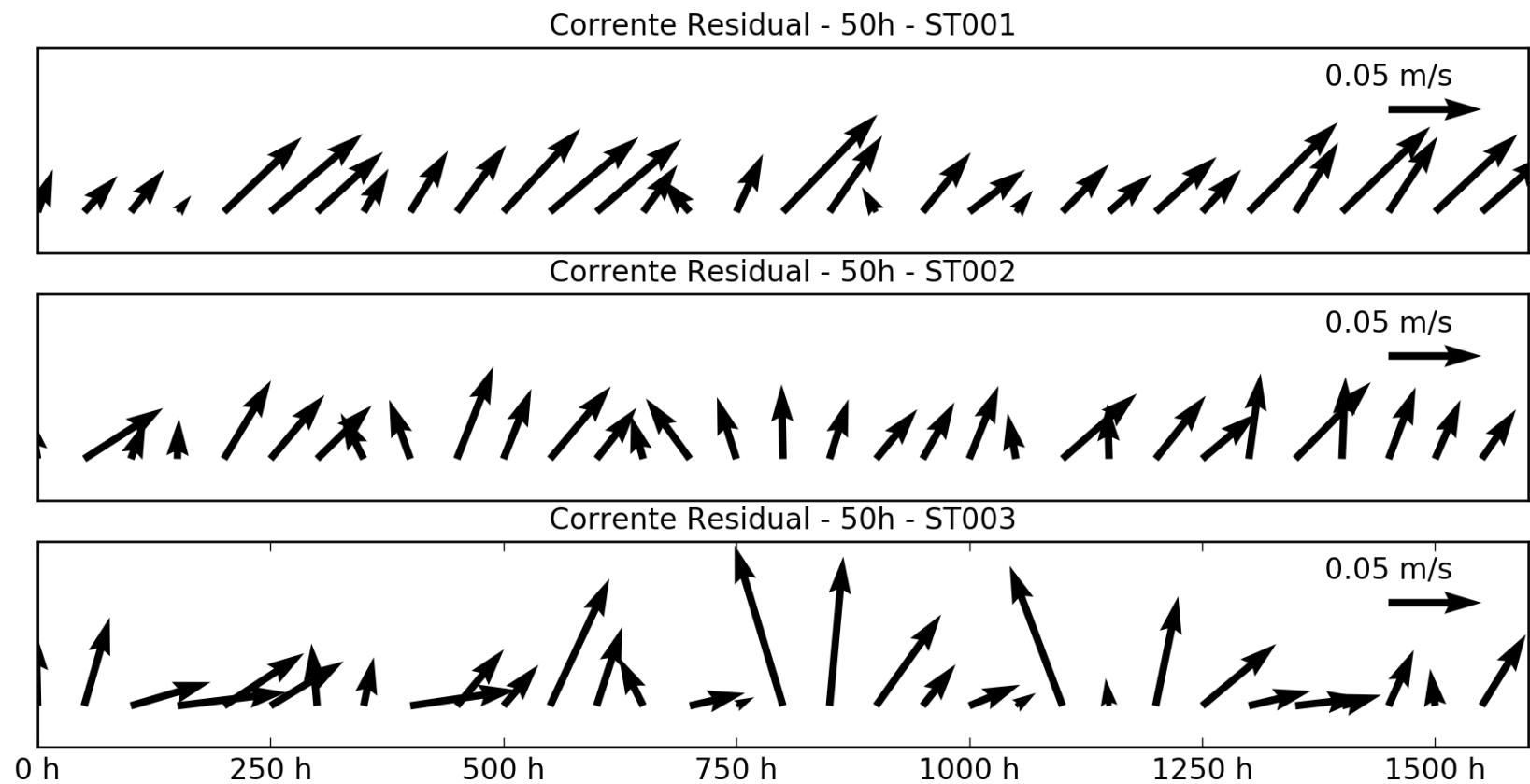


Figura 55 – Correntes residuais dos pontos medidos a cada 50h

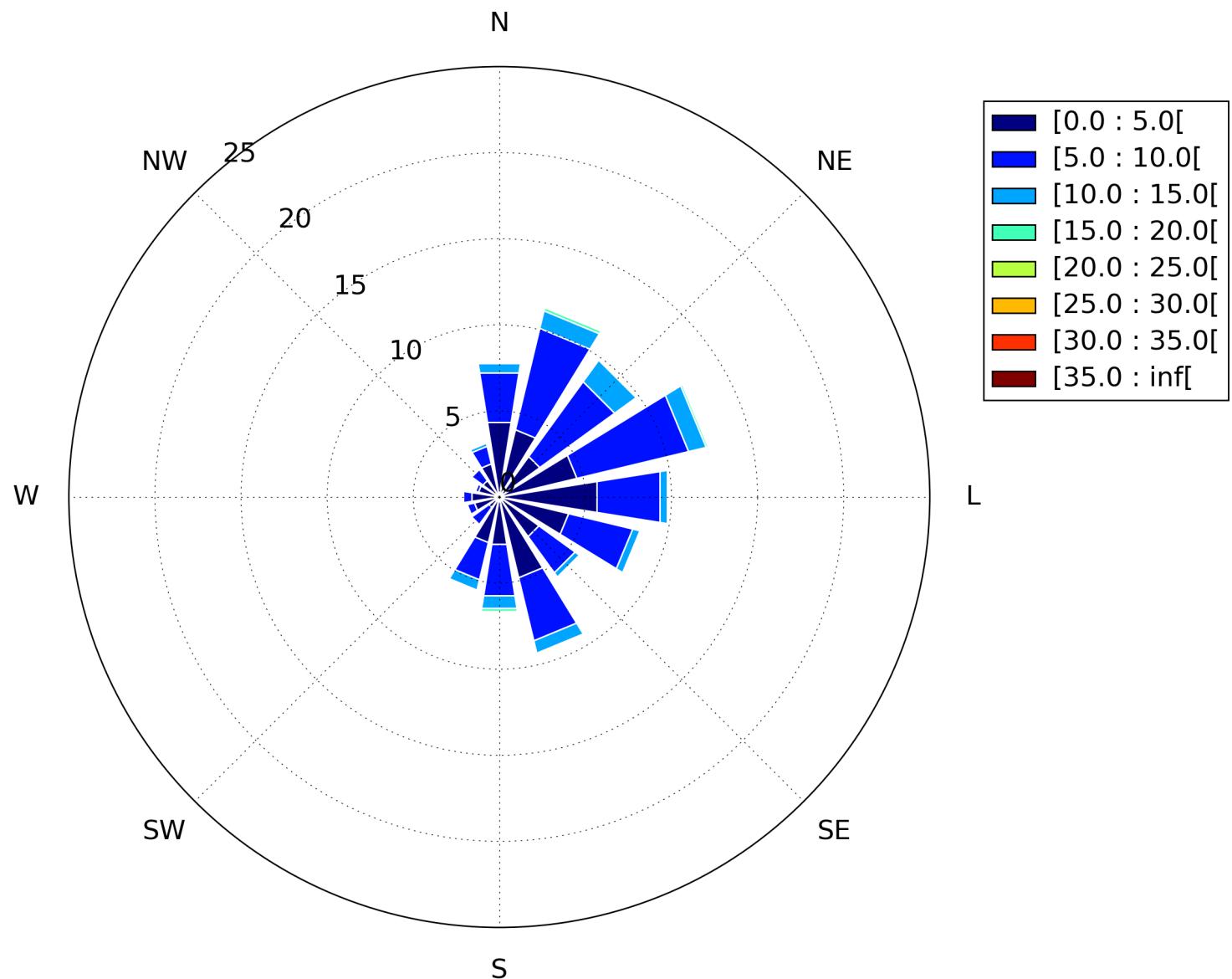


Figura 56 – Rosa de correntes no ponto ST001 célula 1 (em $cm.s^{-1}$)

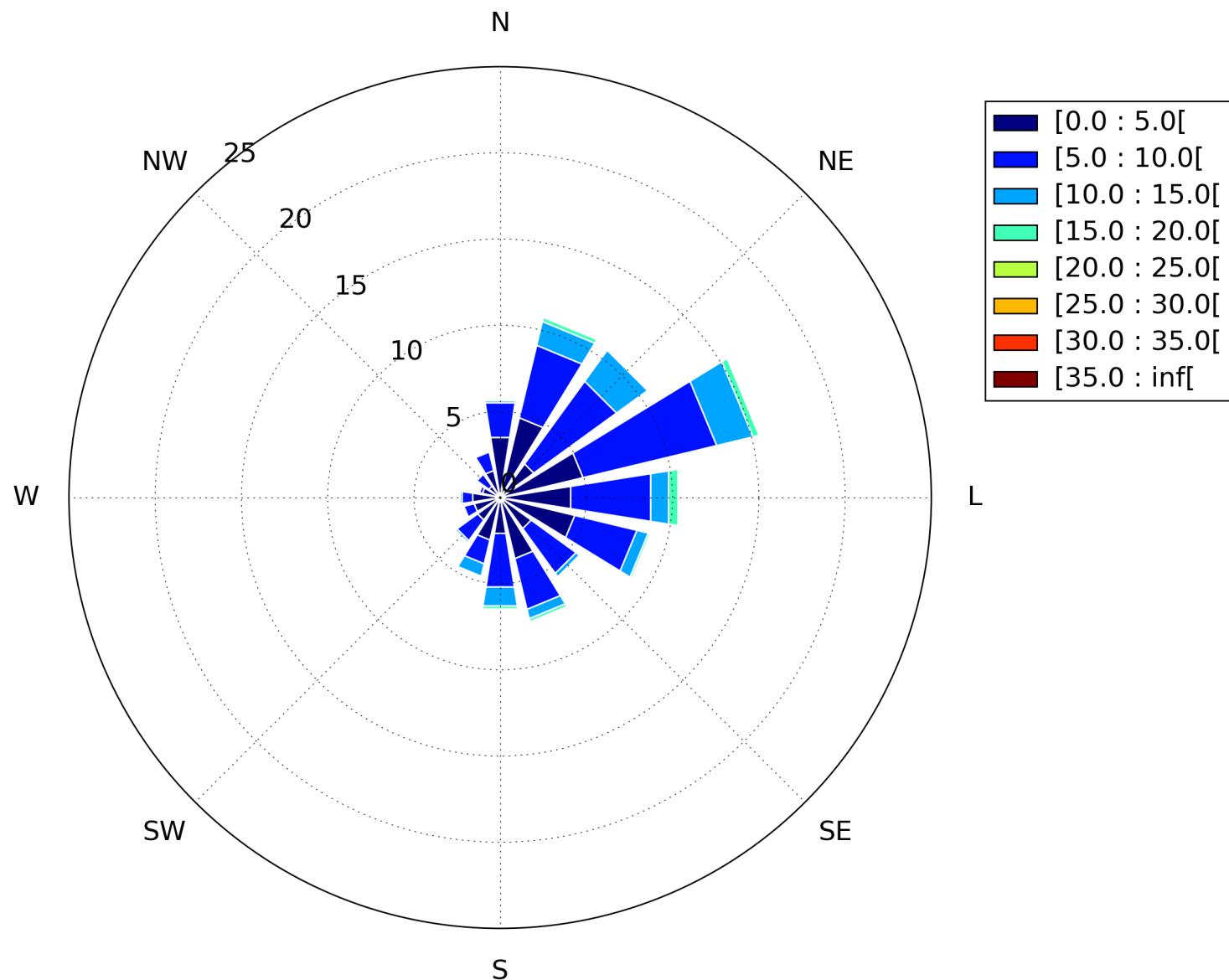


Figura 57 – Rosa de correntes no ponto ST001 célula 2 (em $cm.s^{-1}$)

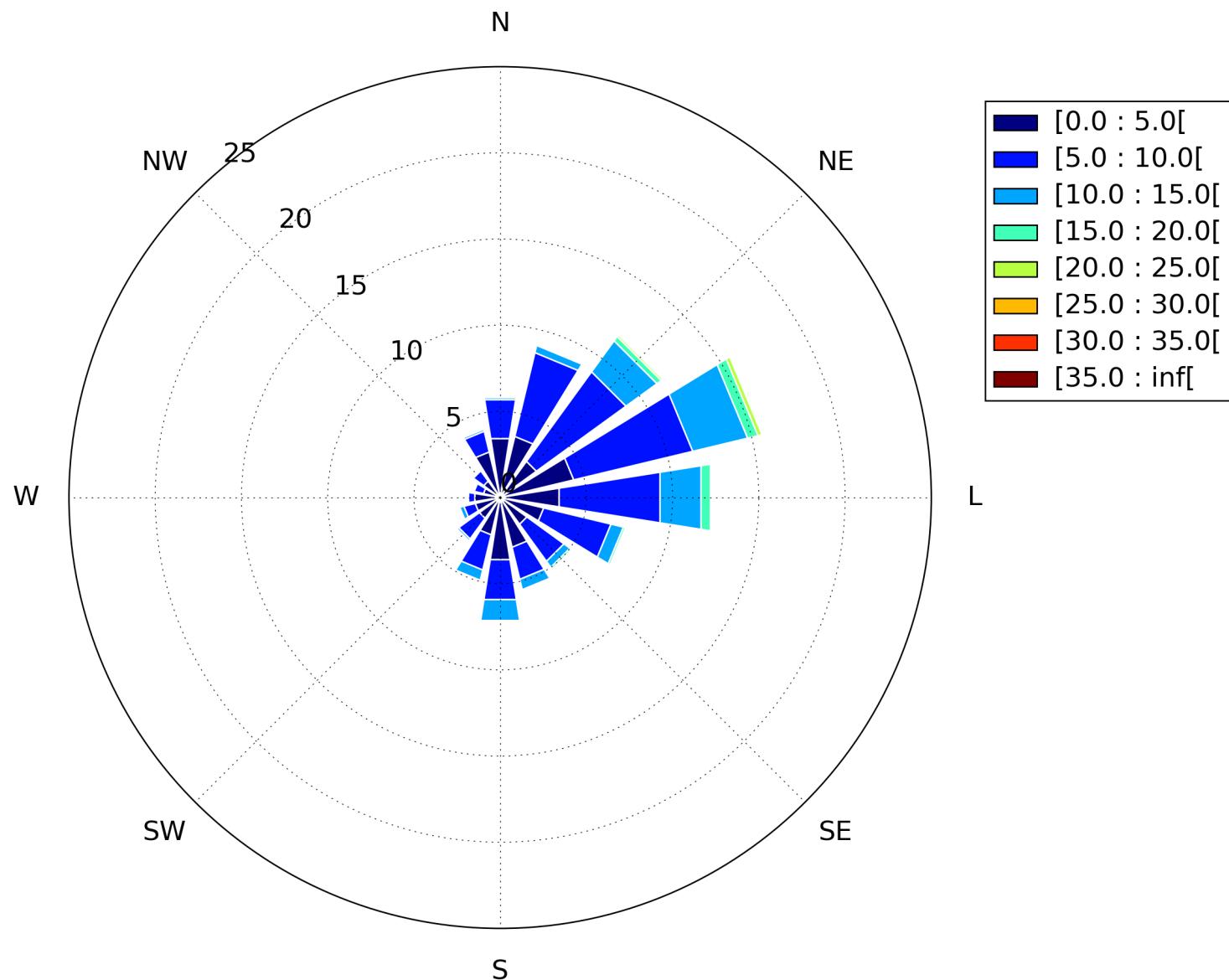


Figura 58 – Rosa de correntes no ponto ST001 célula 3 (em $cm.s^{-1}$)

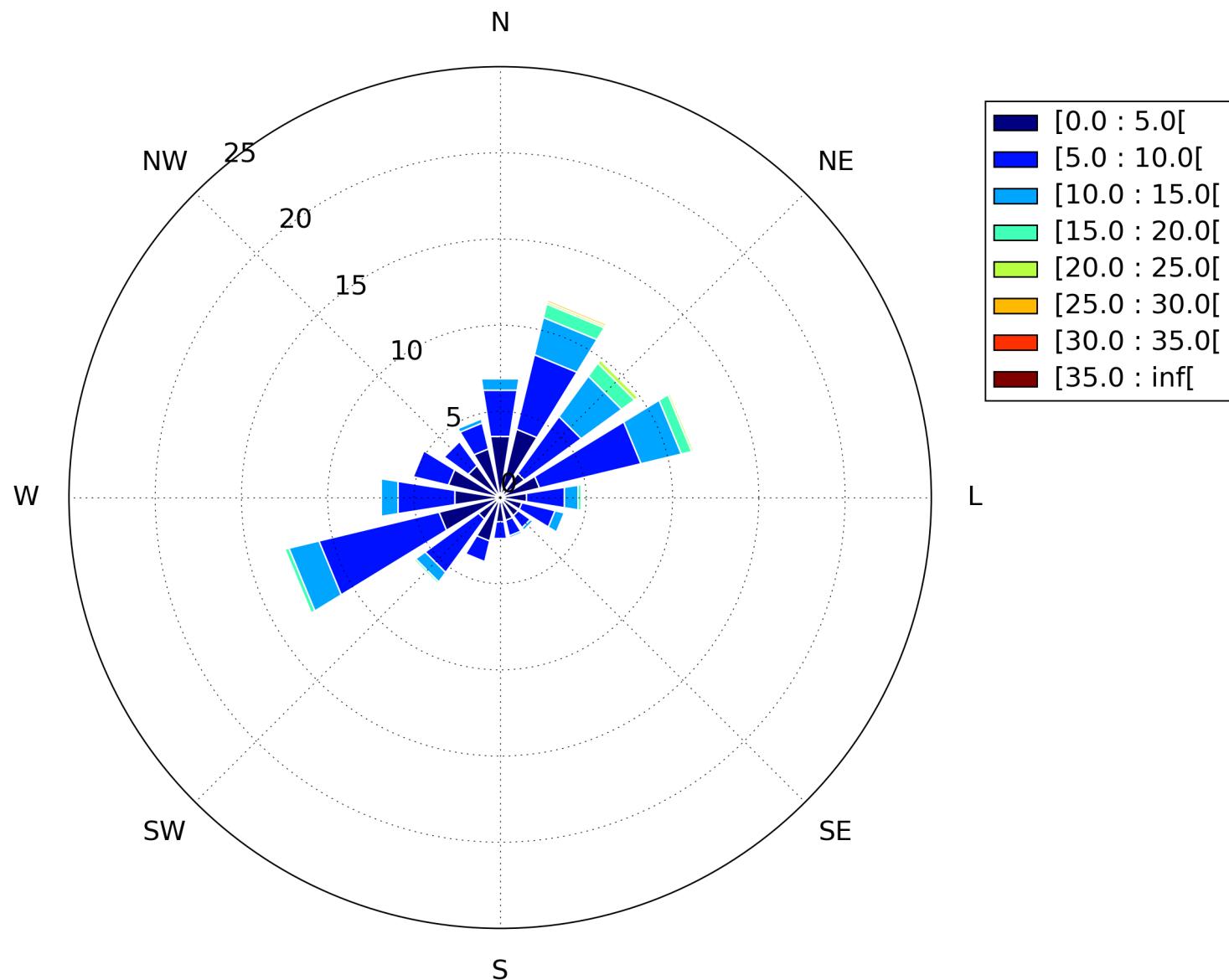


Figura 59 – Rosa de correntes no ponto ST002 célula 1 (em $\text{cm} \cdot \text{s}^{-1}$)

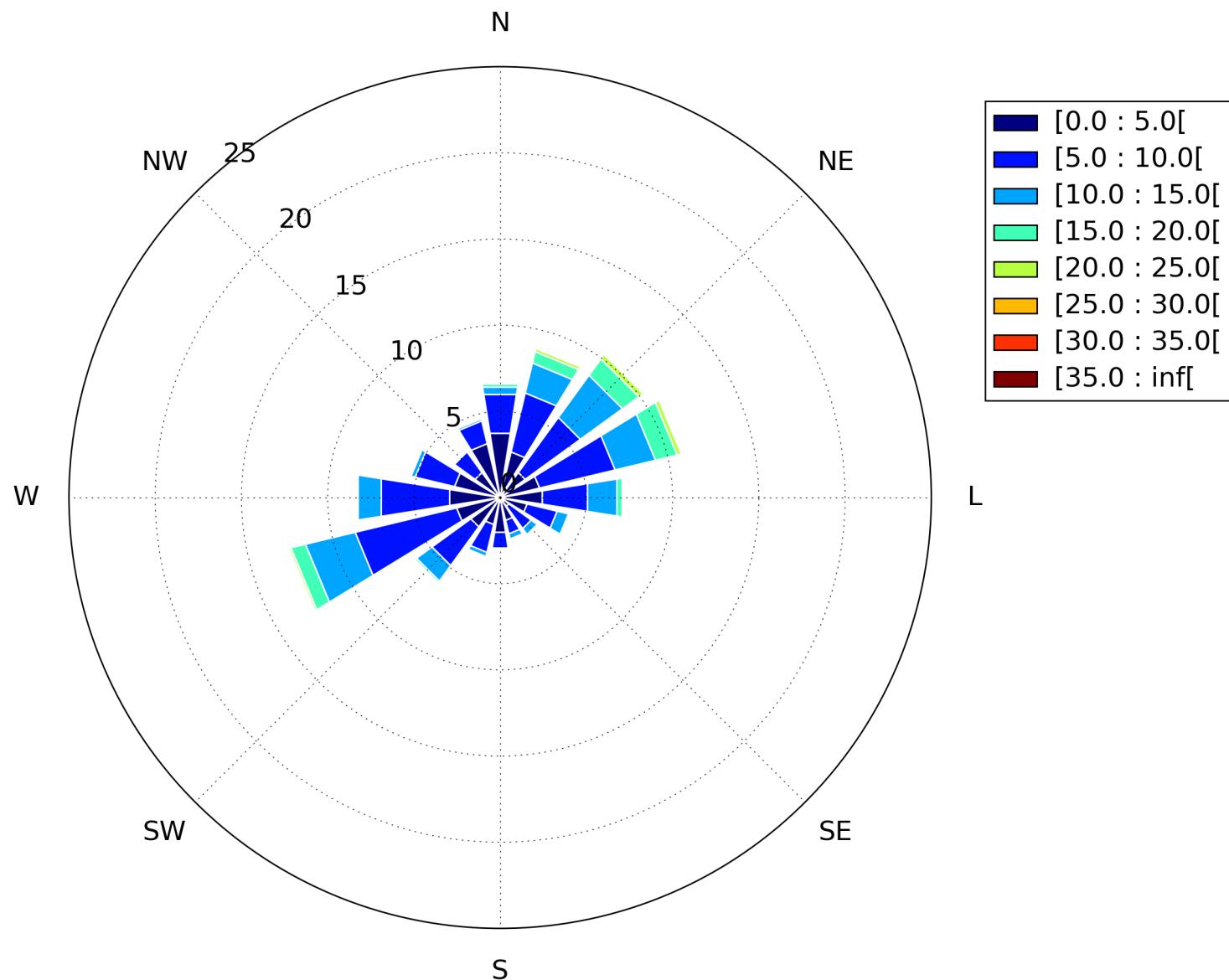


Figura 60 – Rosa de correntes no ponto ST002 célula 2 (em $cm.s^{-1}$)

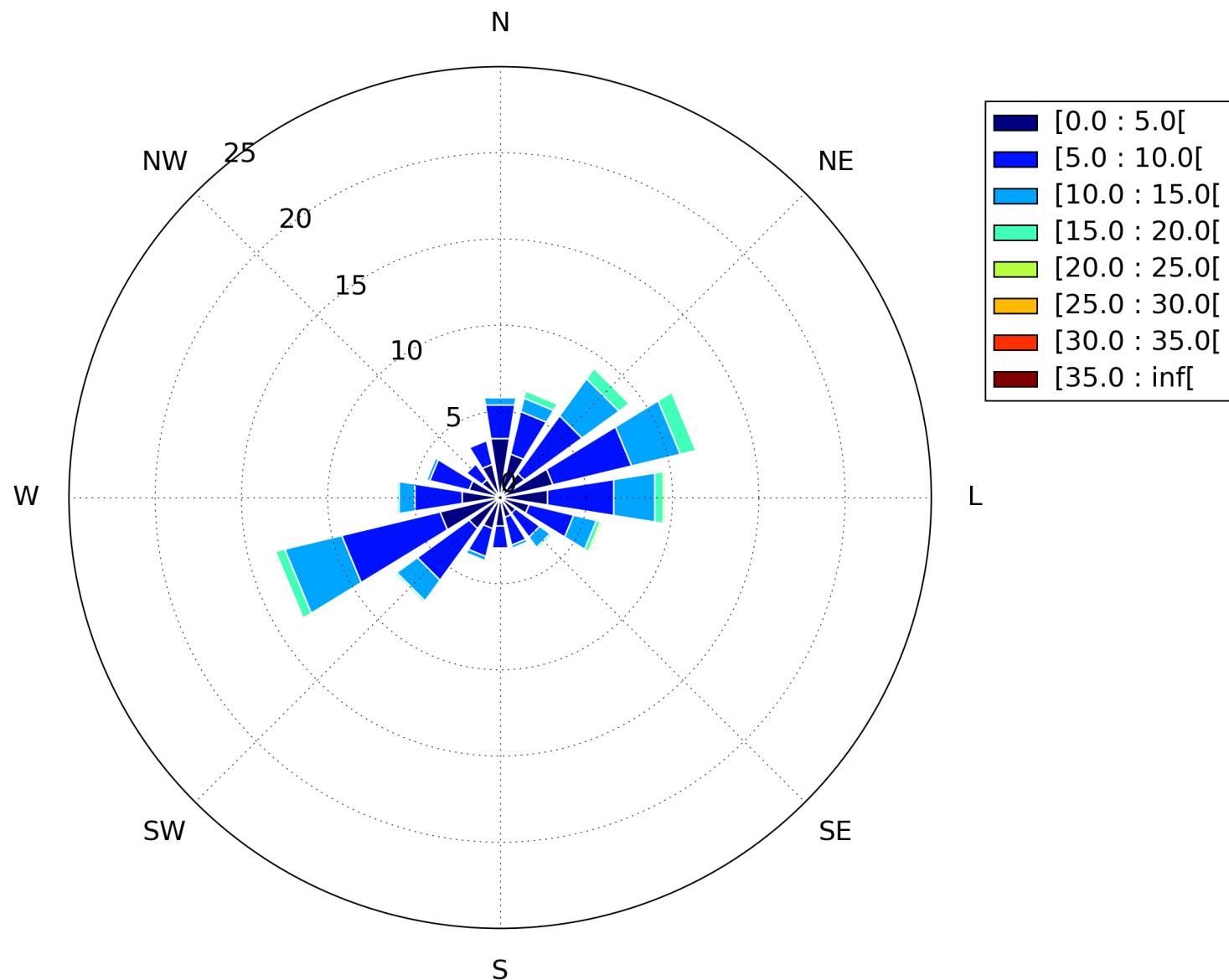


Figura 61 – Rosa de correntes no ponto ST002 célula 3 (em $cm.s^{-1}$)

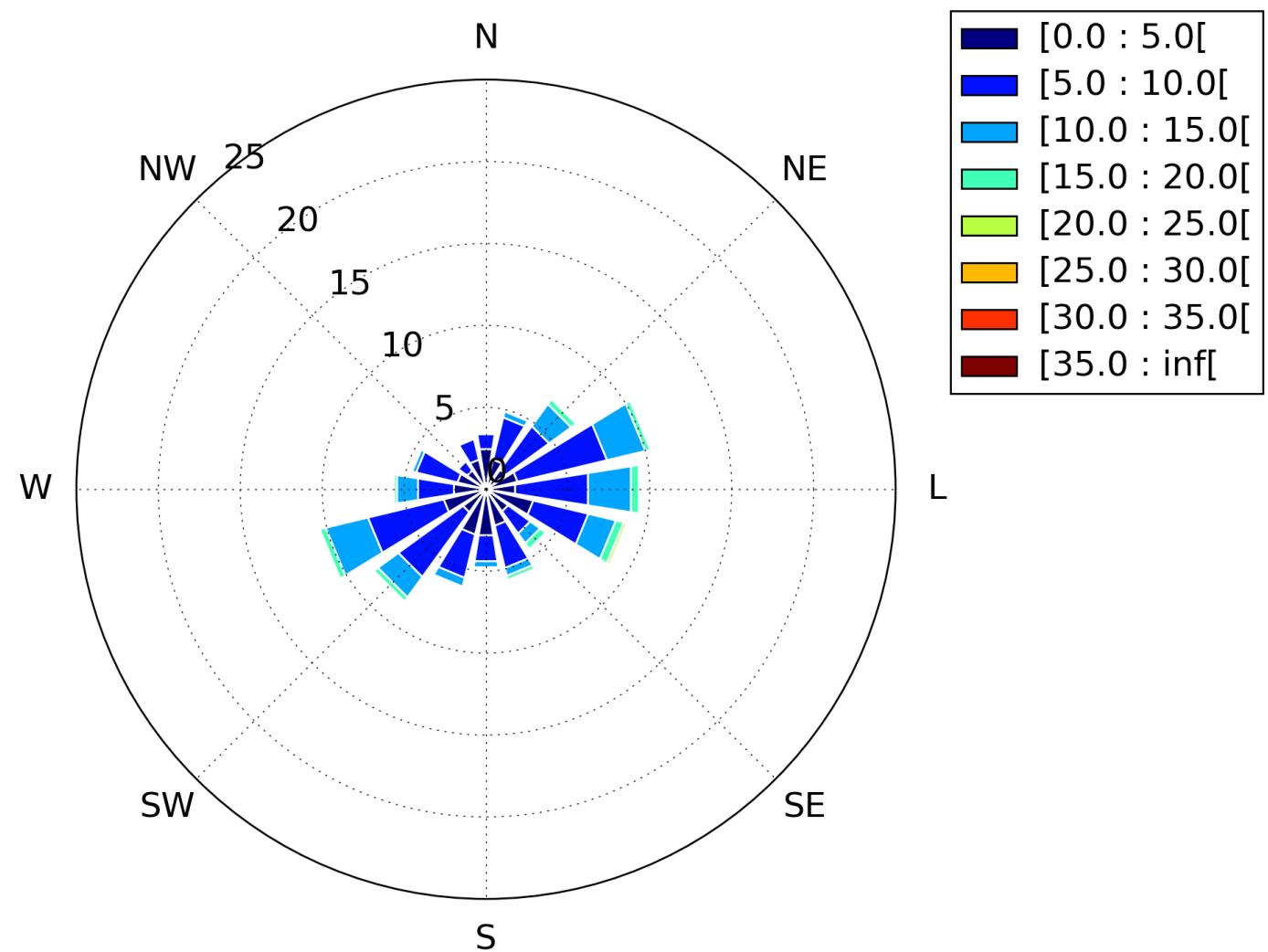


Figura 62 – Rosa de correntes no ponto ST002 célula 4 (em $cm.s^{-1}$)

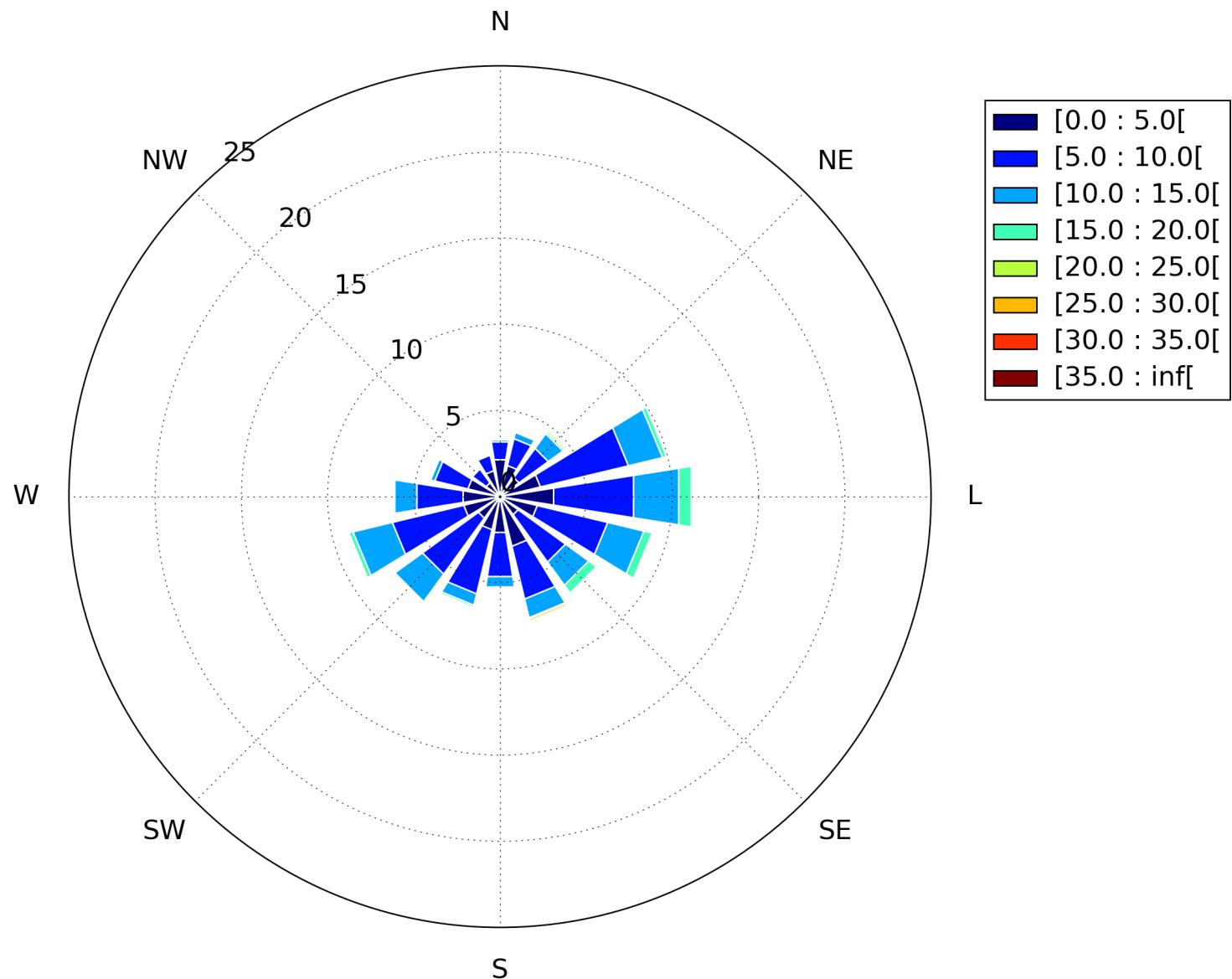


Figura 63 – Rosa de correntes no ponto ST002 célula 5 (em $cm.s^{-1}$)

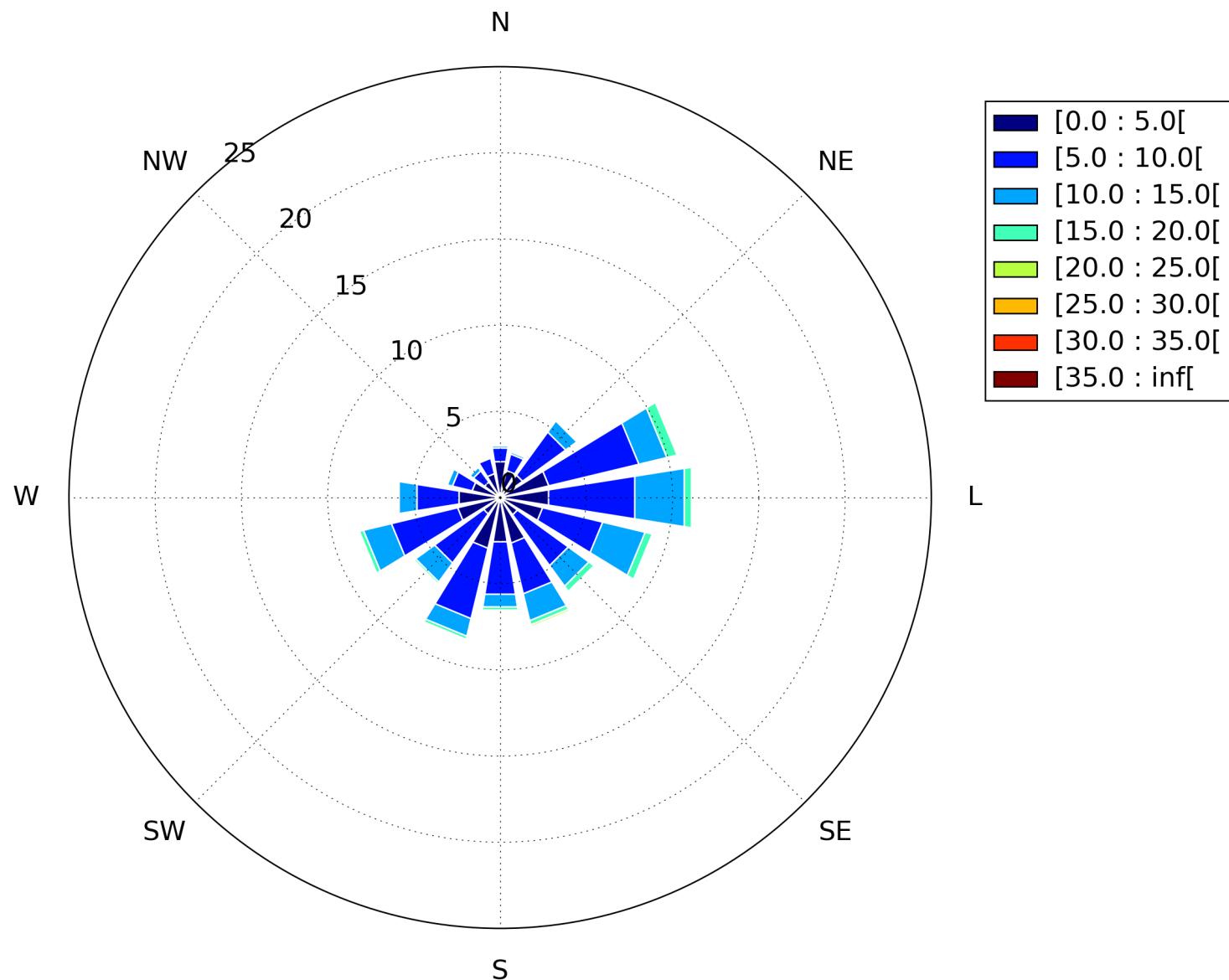


Figura 64 – Rosa de correntes no ponto ST002 célula 6 (em $cm.s^{-1}$)

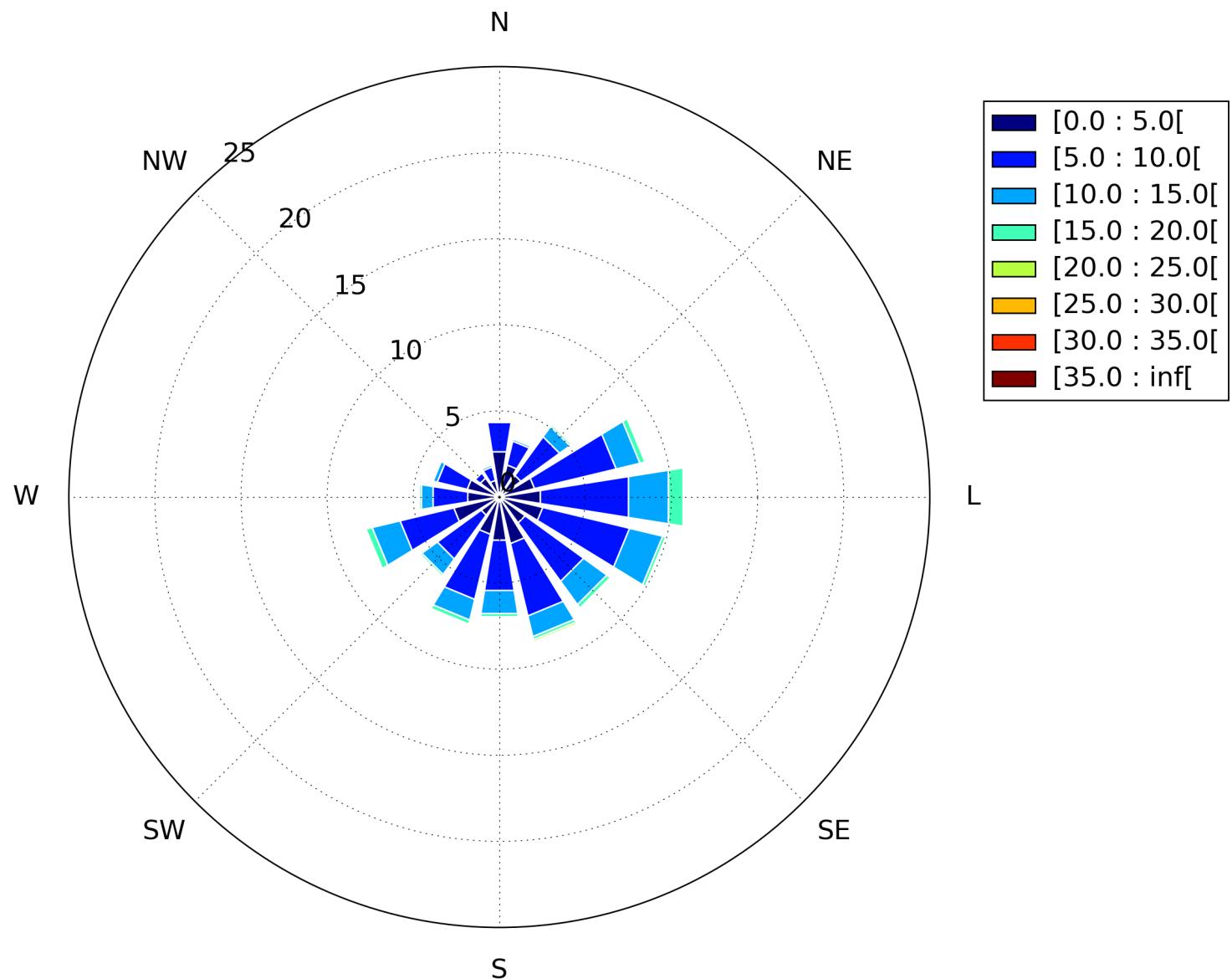


Figura 65 – Rosa de correntes no ponto ST002 célula 7 (em $\text{cm} \cdot \text{s}^{-1}$)

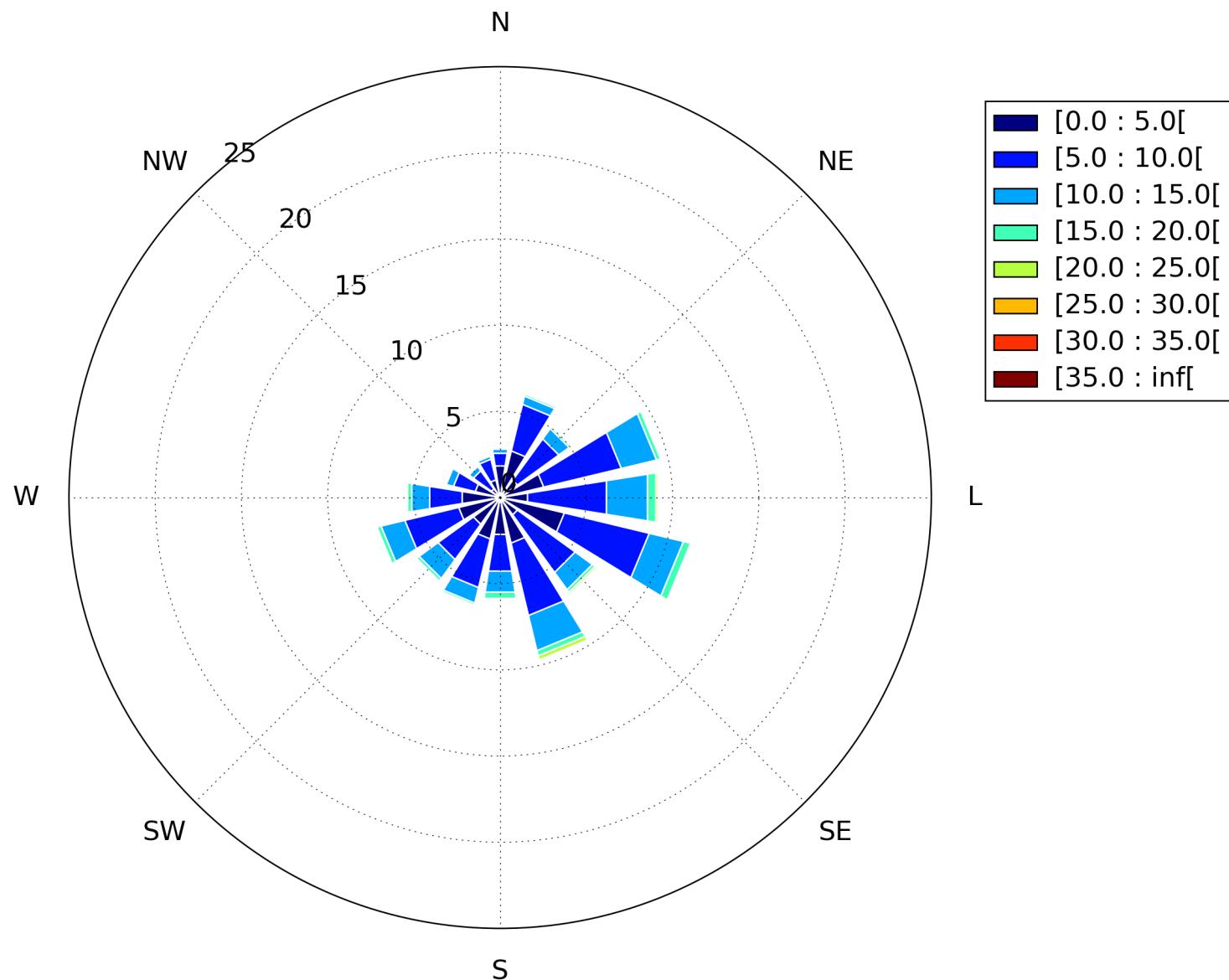


Figura 66 – Rosa de correntes no ponto ST002 célula 8 (em $cm.s^{-1}$)

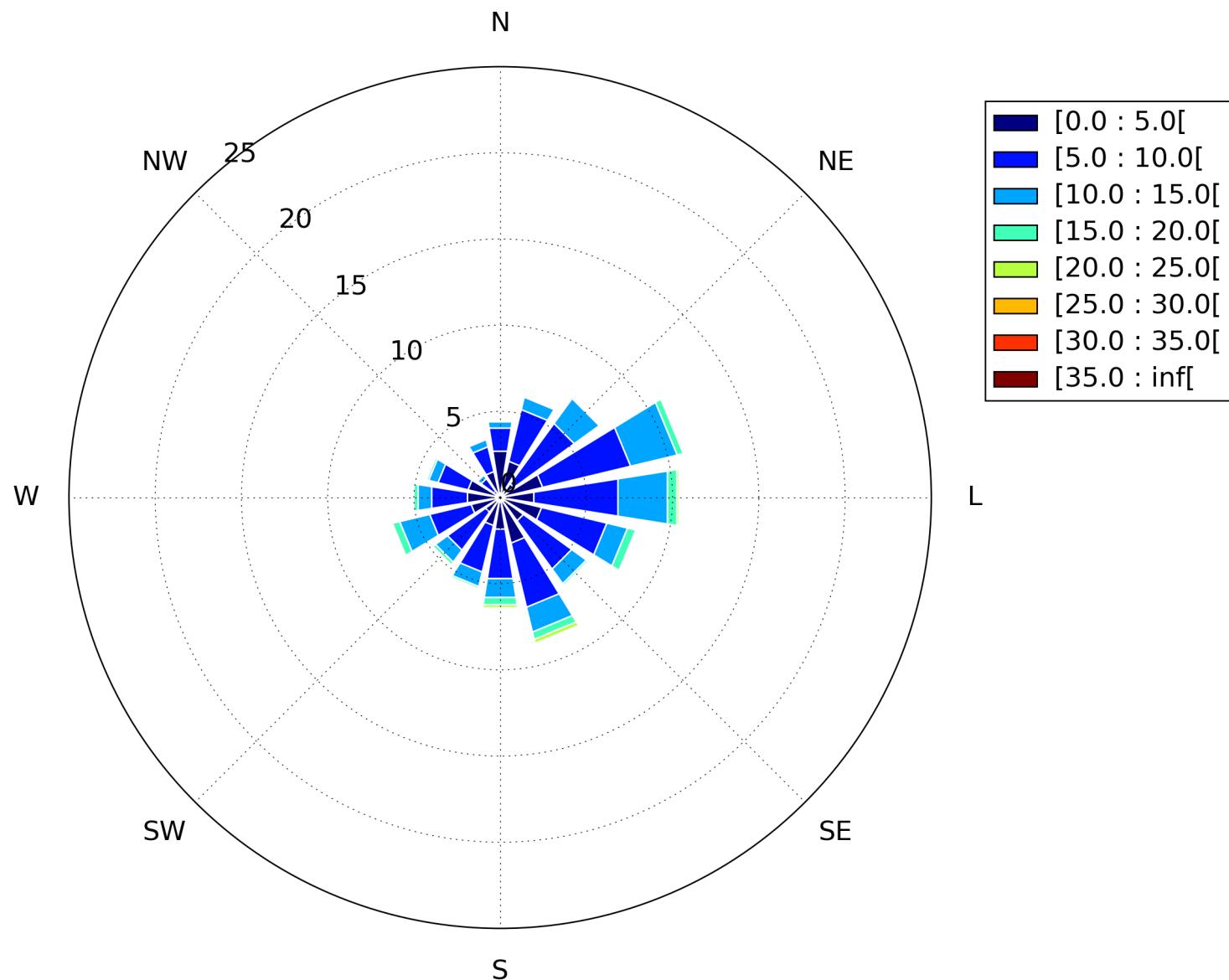


Figura 67 – Rosa de correntes no ponto ST002 célula 9 (em $\text{cm} \cdot \text{s}^{-1}$)

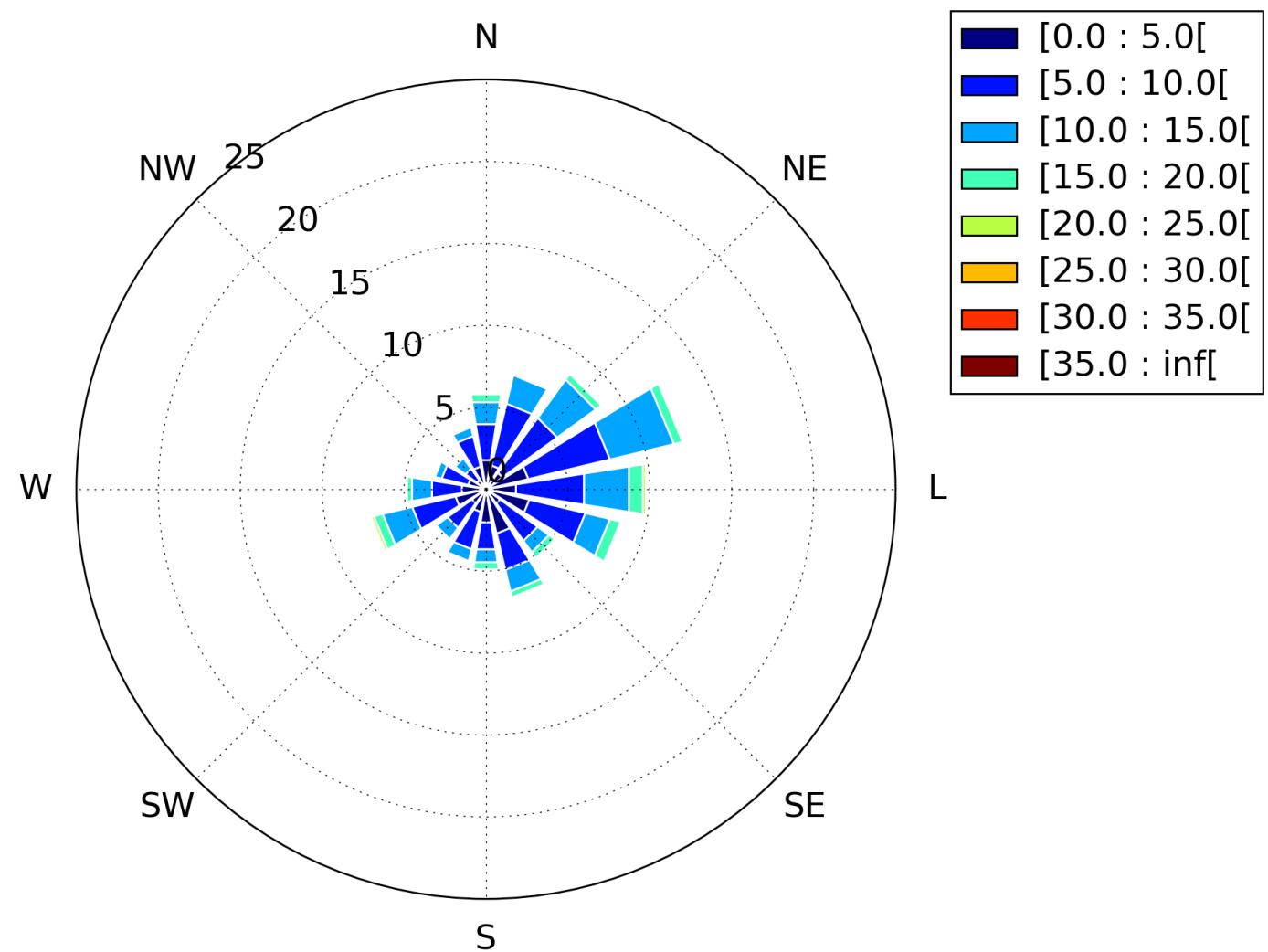


Figura 68 – Rosa de correntes no ponto ST002 célula 10 (em $\text{cm} \cdot \text{s}^{-1}$)

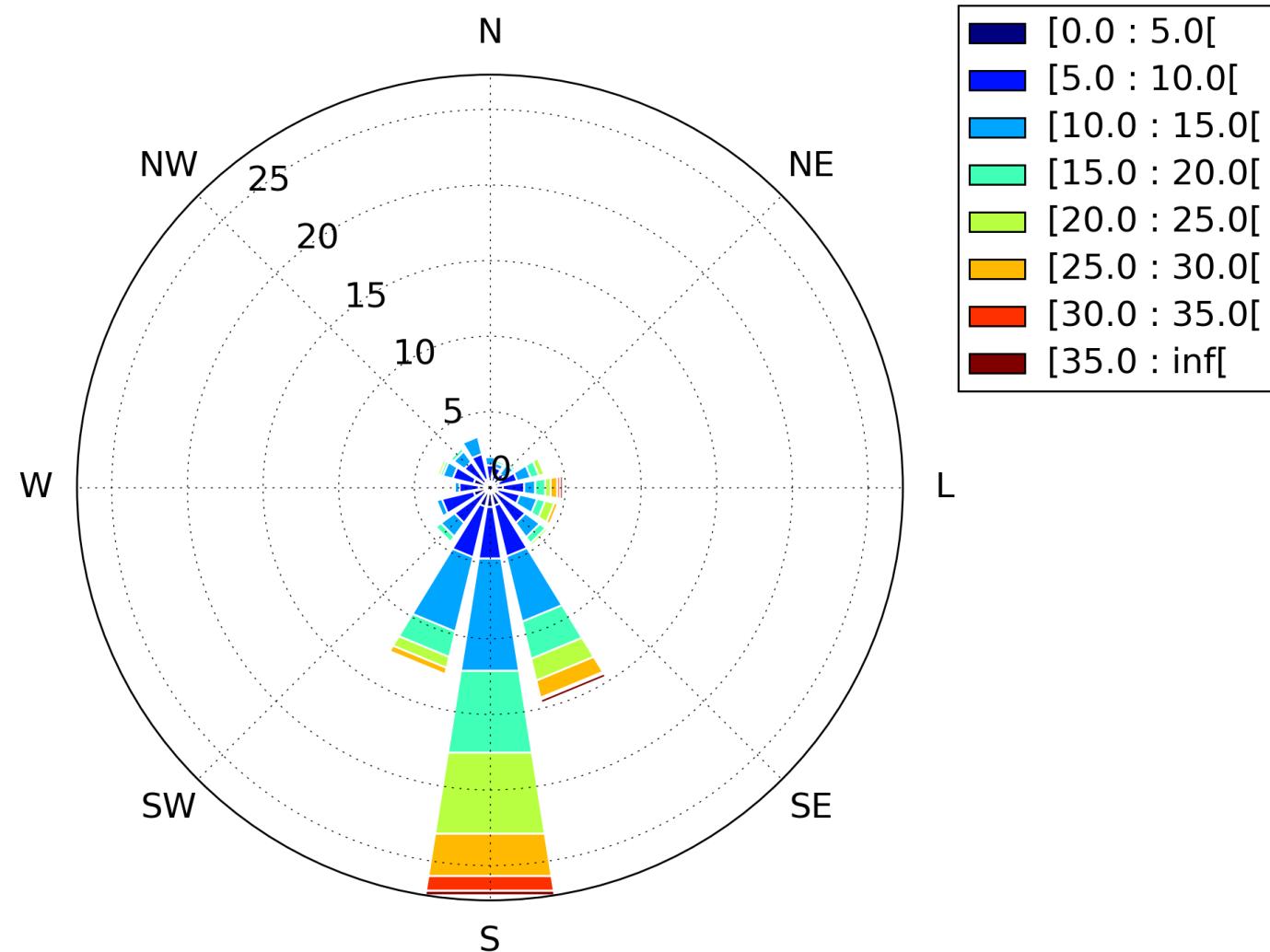


Figura 69 – Rosa de correntes no ponto ST003 célula 1 (em $cm.s^{-1}$)

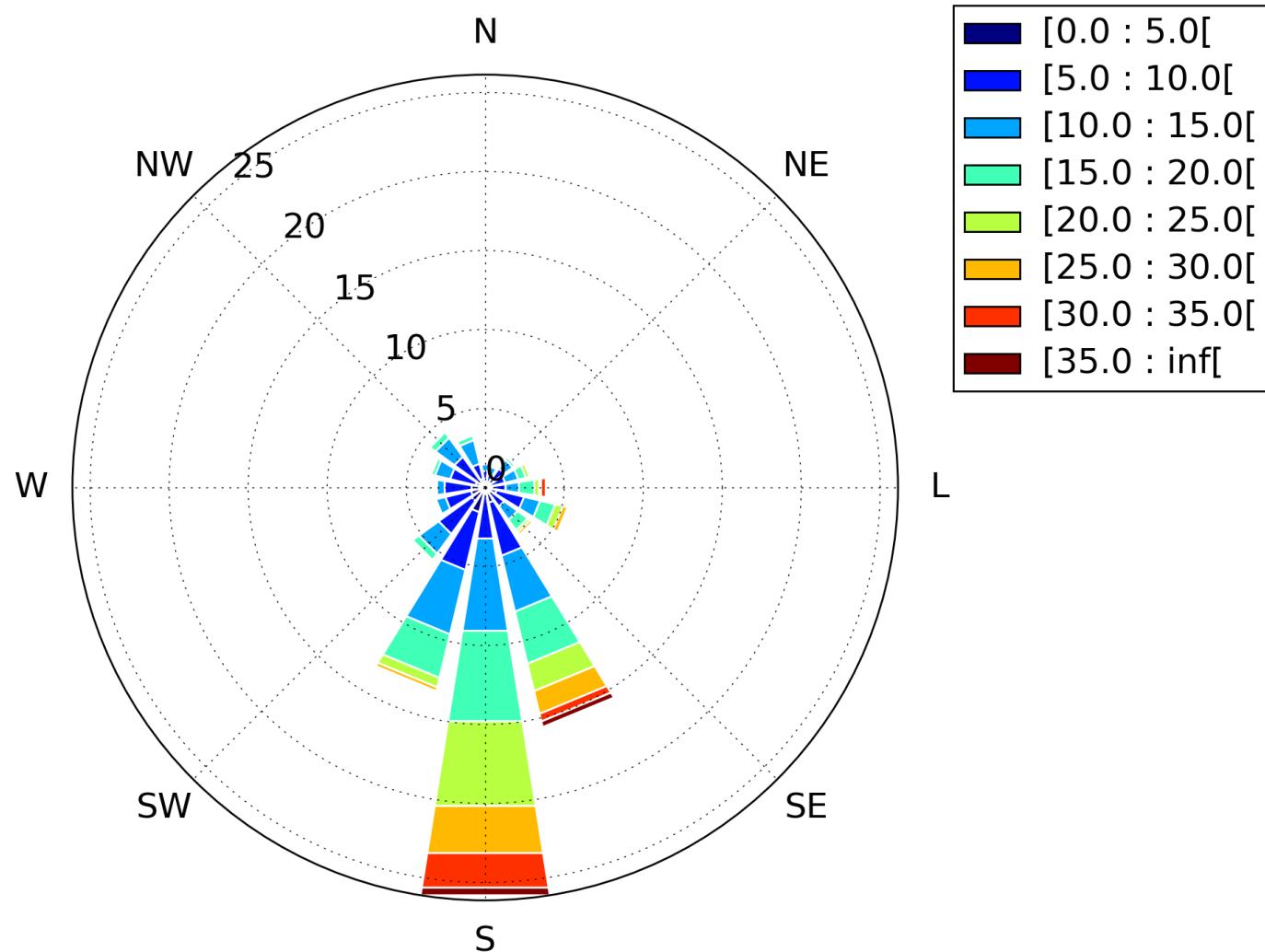


Figura 70 – Rosa de correntes no ponto ST003 célula 2 (em $cm.s^{-1}$)

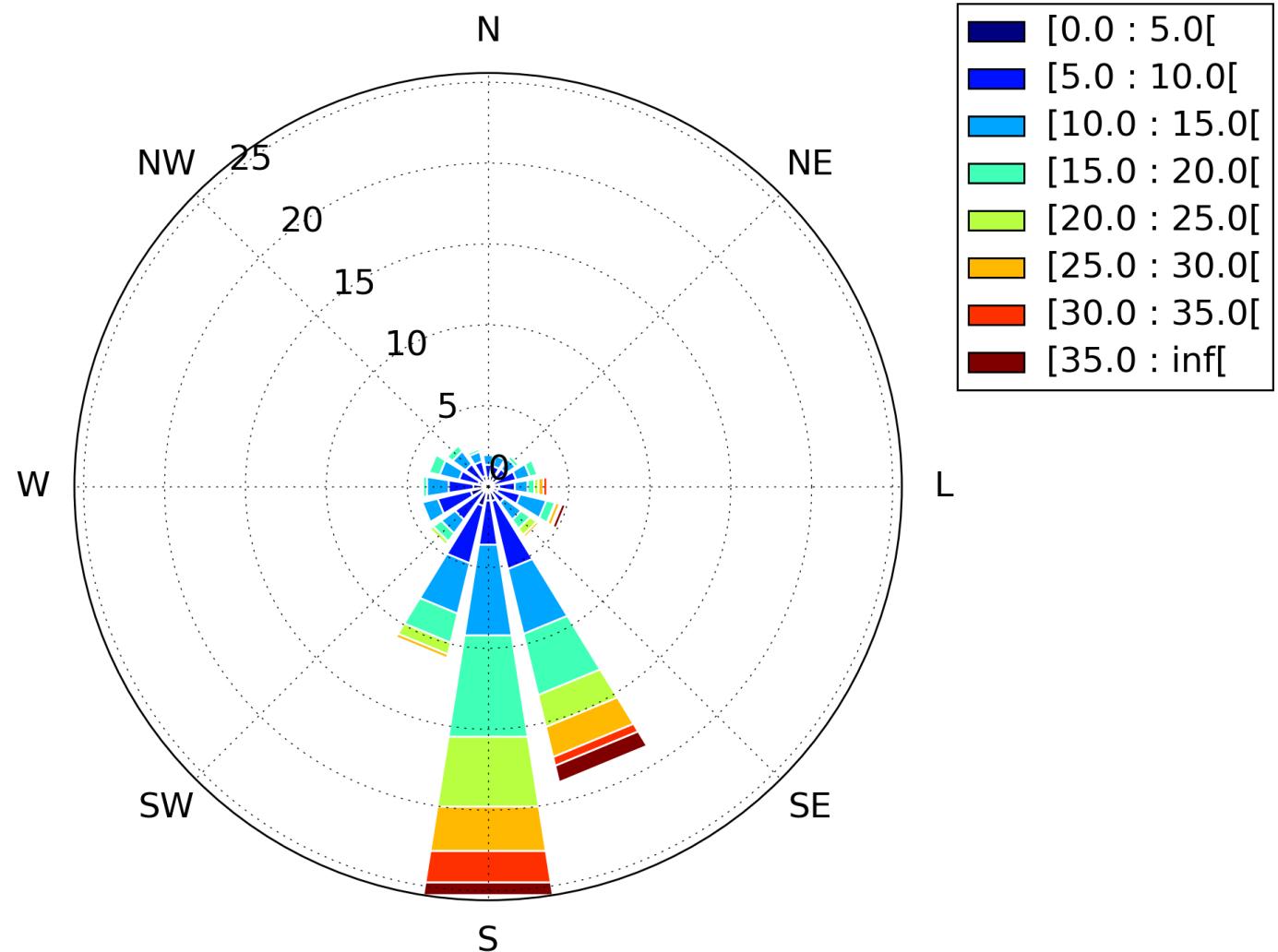


Figura 71 – Rosa de correntes no ponto ST003 célula 3 (em $cm.s^{-1}$)

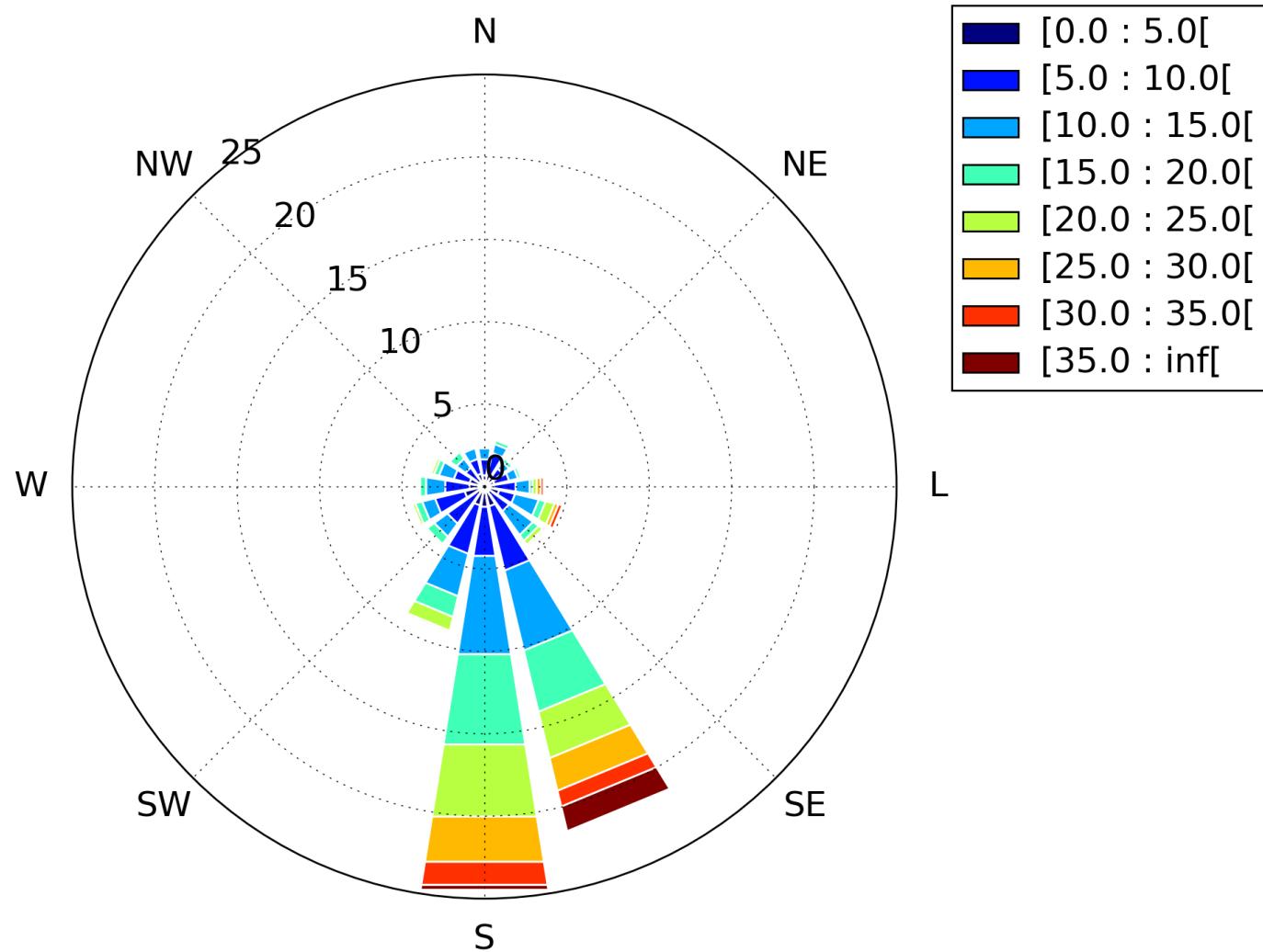


Figura 72 – Rosa de correntes no ponto ST003 célula 4 (em $cm.s^{-1}$)

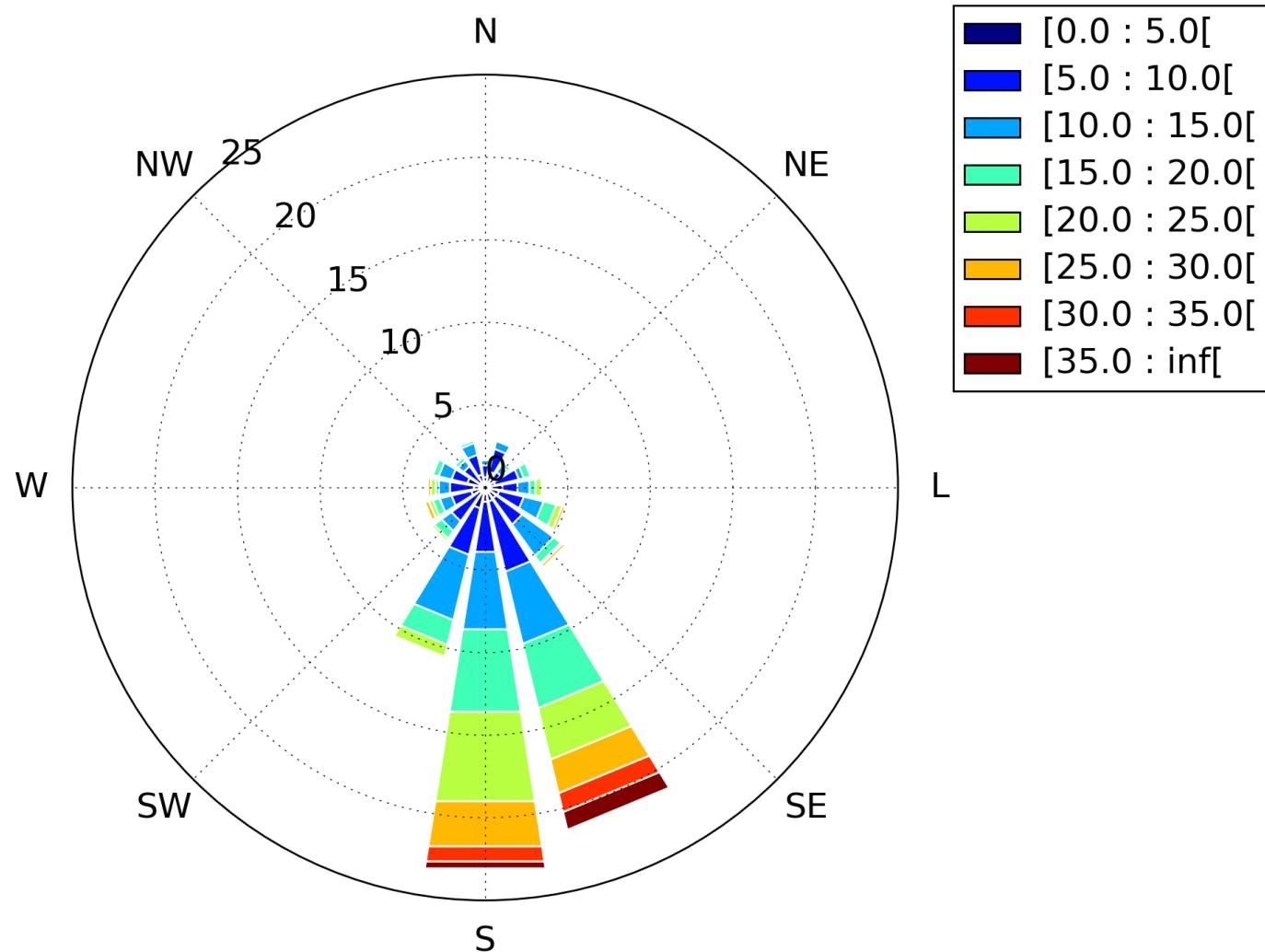


Figura 73 – Rosa de correntes no ponto ST003 célula 5 (em $cm.s^{-1}$)

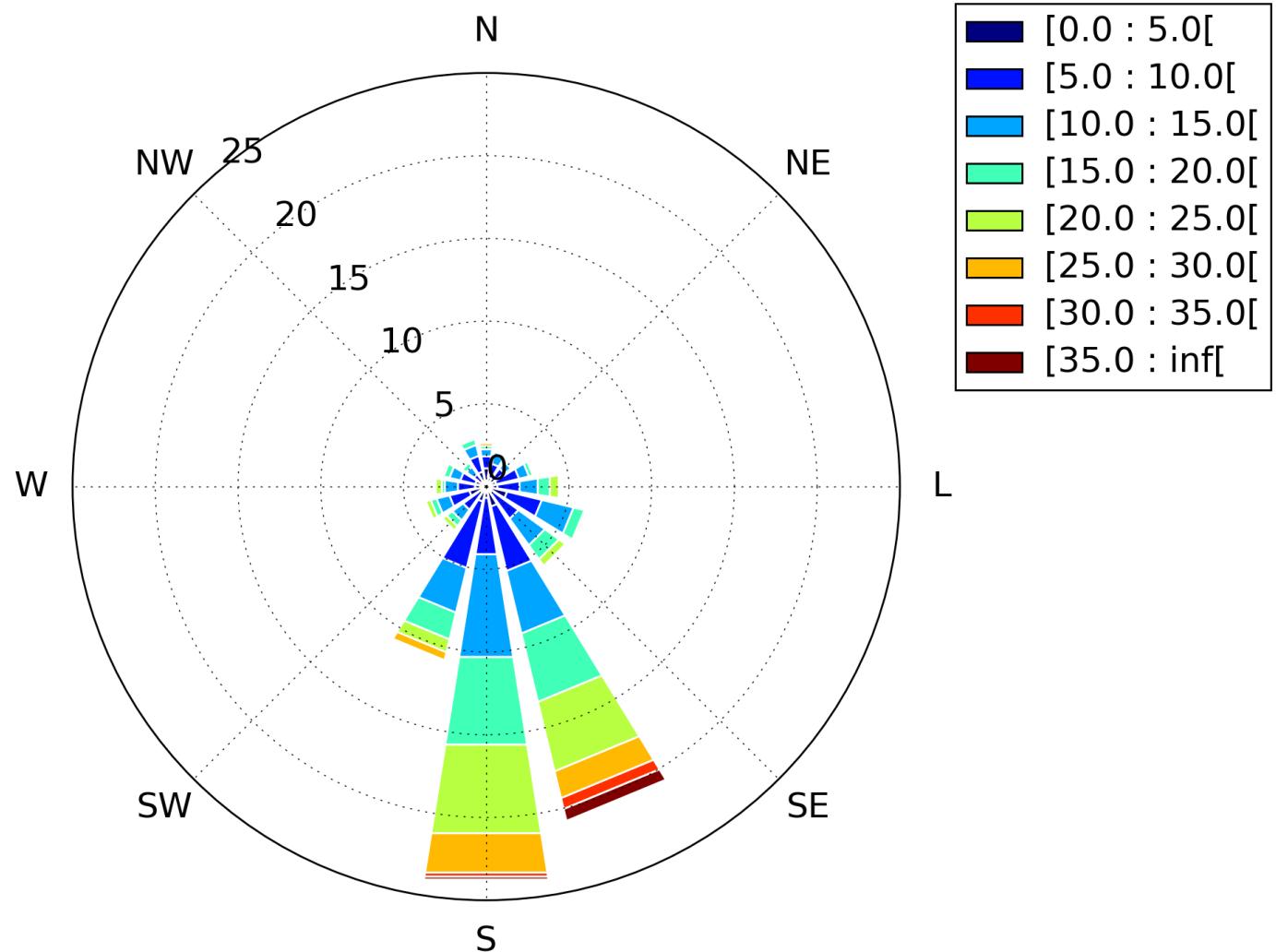


Figura 74 – Rosa de correntes no ponto ST003 célula 6 (em $\text{cm} \cdot \text{s}^{-1}$)

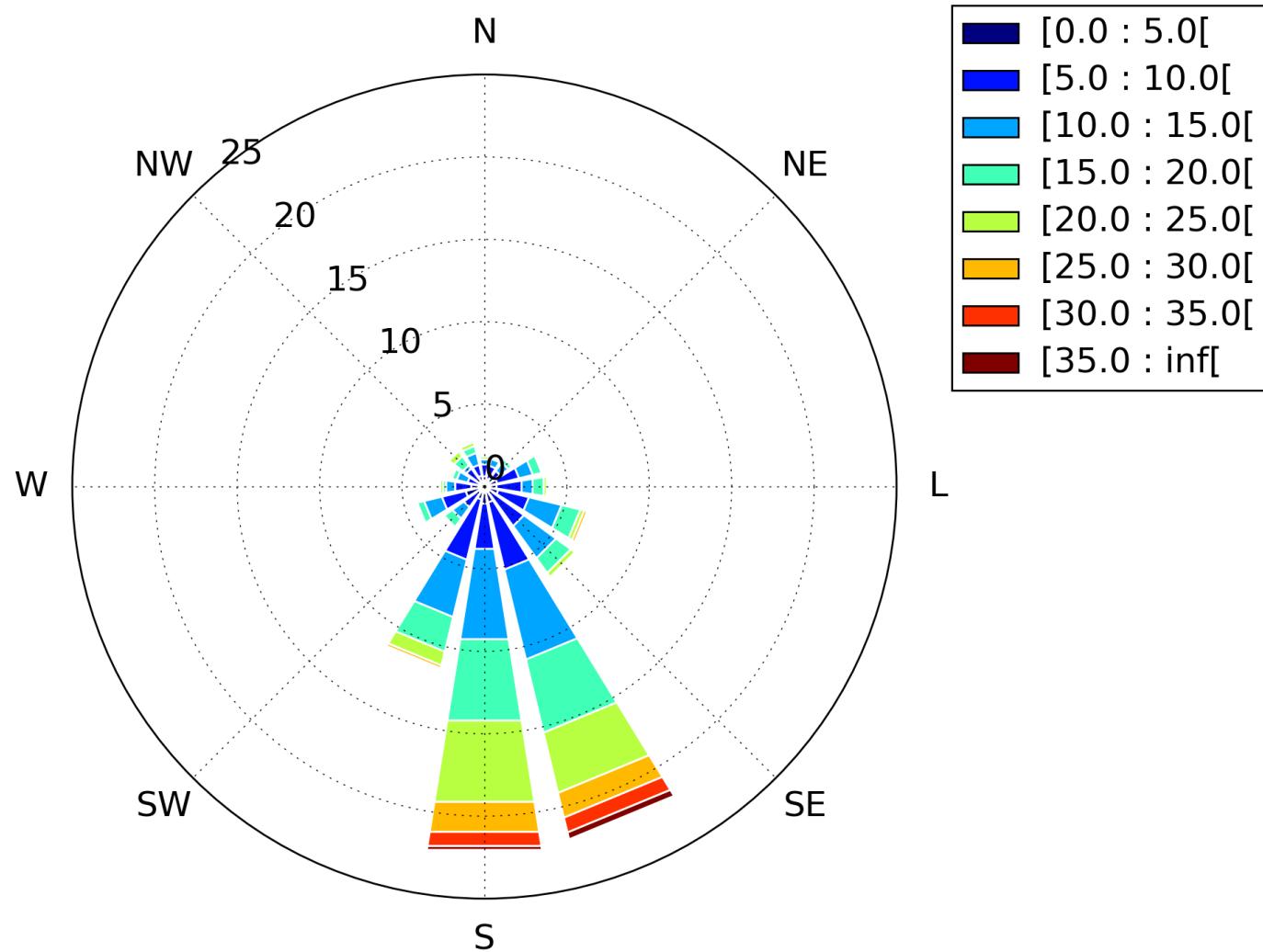


Figura 75 – Rosa de correntes no ponto ST003 célula 7 (em $cm.s^{-1}$)

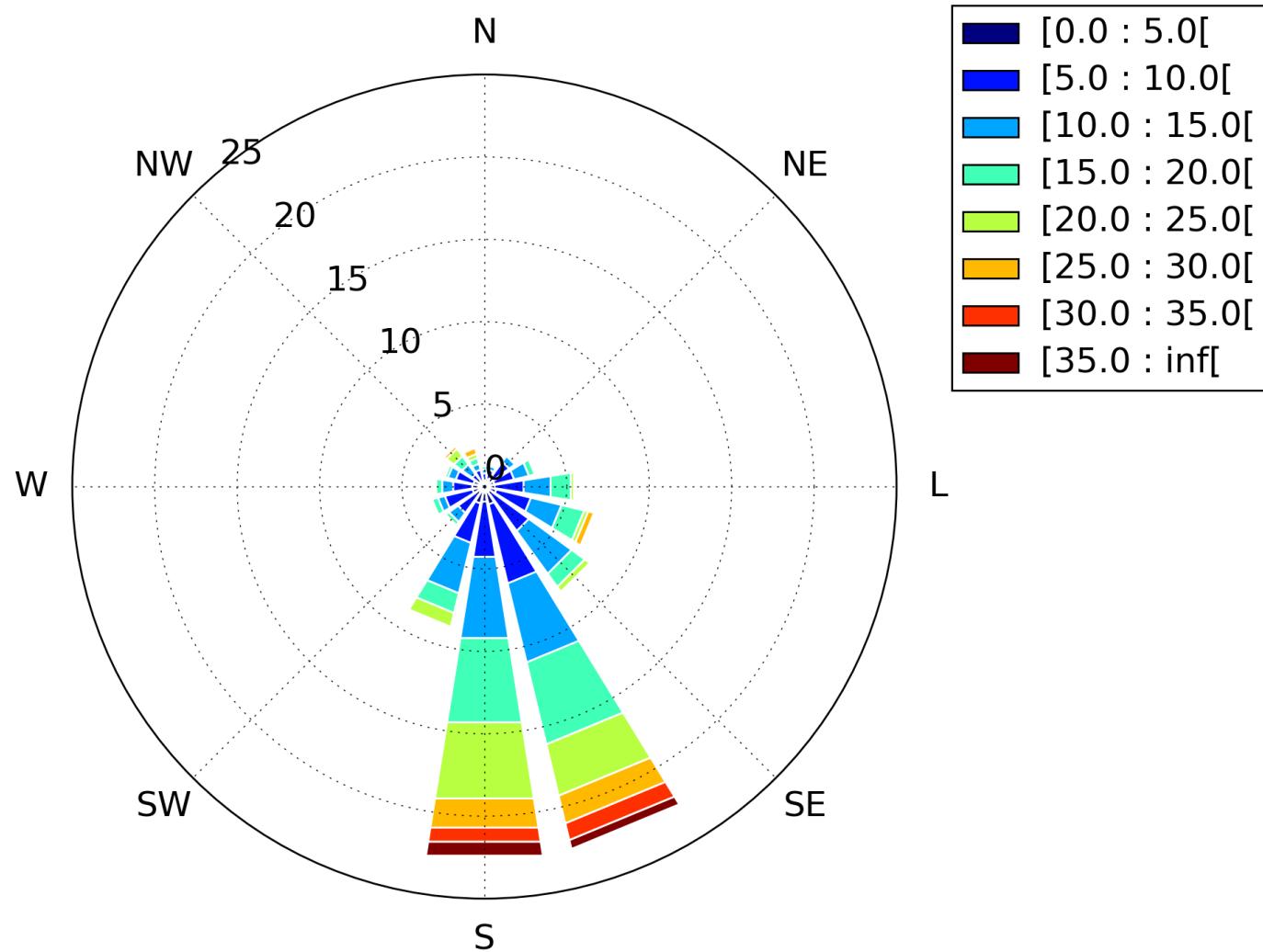


Figura 76 – Rosa de correntes no ponto ST003 célula 8 (em $cm.s^{-1}$)

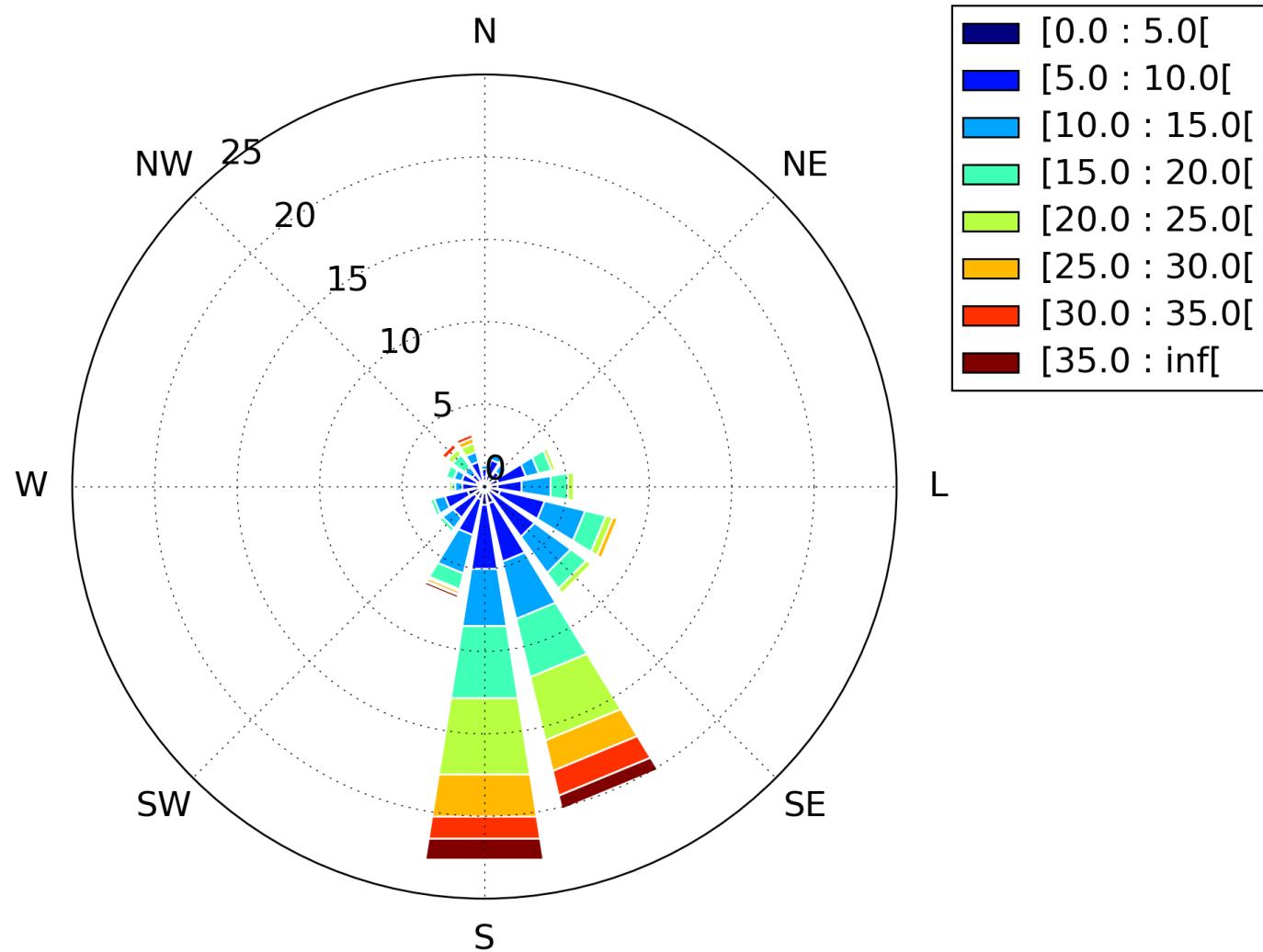


Figura 77 – Rosa de correntes no ponto ST003 célula 9 (em $cm.s^{-1}$)

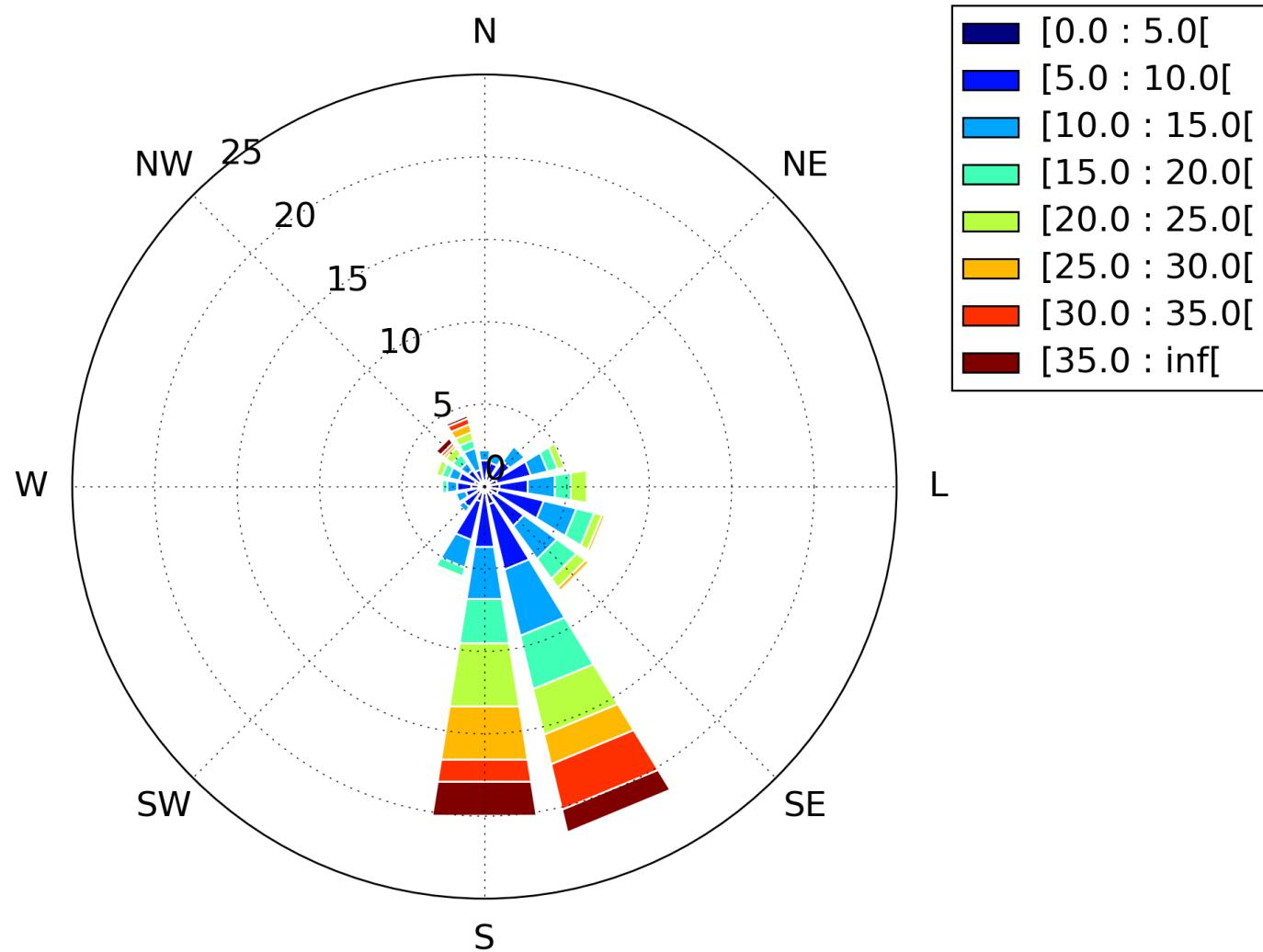


Figura 78 – Rosa de correntes no ponto ST003 célula 10 (em $cm.s^{-1}$)

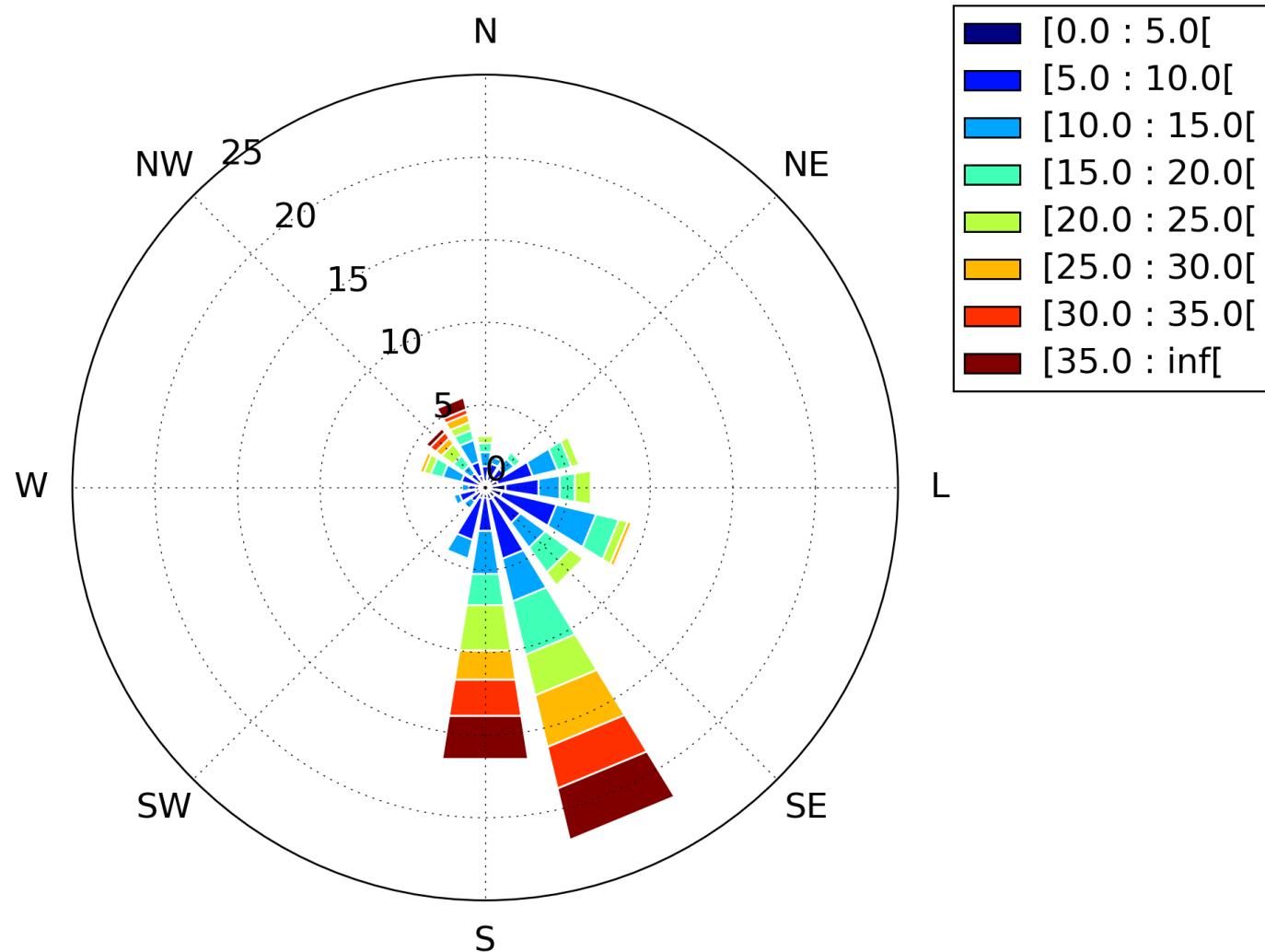


Figura 79 – Rosa de correntes no ponto ST003 célula 11 (em $cm \cdot s^{-1}$)

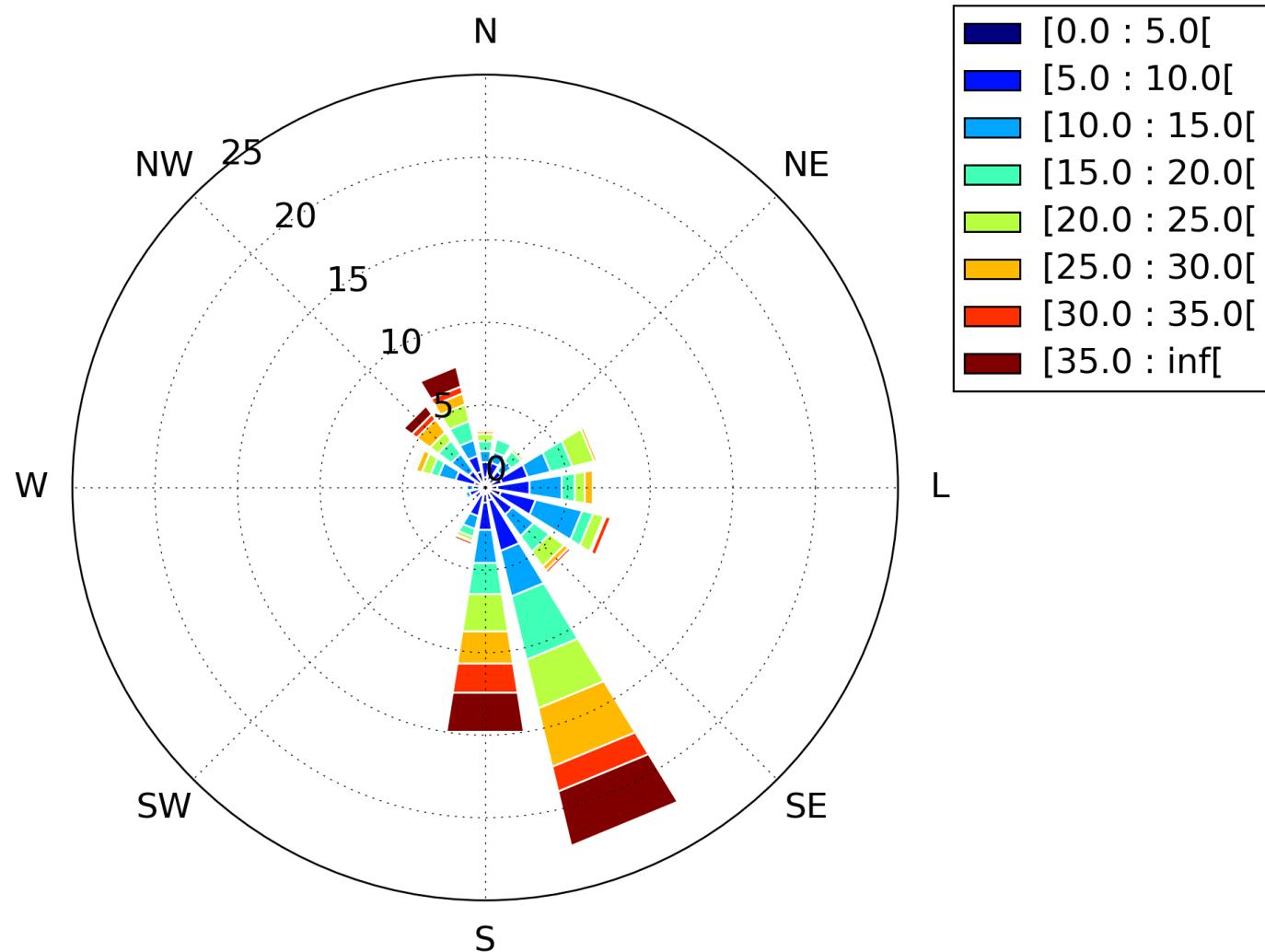


Figura 80 – Rosa de correntes no ponto ST003 célula 12 (em $\text{cm} \cdot \text{s}^{-1}$)

4.3 MODELO NUMÉRICO

4.3.1 Grade

Na descrição realizada nesta seção, o tamanho das grades se referem aos *Rho-points*, localizados no centro da célula. Entretanto, a grade do modelo contém todas as informações específicas para cada uma das variáveis necessárias.

O modelo TPXO utilizado como forçante no ROMS resolve muito bem a maré em águas profundas, duas grades foram desenvolvidas para que a onda de maré fosse trazida de águas profundas, onde ela é bem resolvida, para águas rasas da região de interesse.

A grade regional foi construída de forma retangular, com uma resolução de 500 m e se estendendo desde o sul da Ilha de Santa Catarina até próximo da desembocadura da Baía de Paranaguá (Figura 81). Isso resultou em 398 elementos de grade na direção χ (x) e 498 elementos de grade na direção η (y).

A resolução de 500 m da grade regional foi escolhida de forma arbitrária. O ROMS só permite o aninhamento com uma grade gerada de forma automática e a documentação não recomenda utilizar uma resolução no aninhamento maior que 5 vezes. Dessa forma, para se alcançar uma resolução de 100 metros na área de estudo, a grade regional foi construída considerando a resolução desejada na grade local.

A grade local foi construída então a partir da grade regional com uma resolução 5 vezes maior, focando na Enseada do Itapocorói mas de forma que as fronteiras ainda ficassem distantes o suficiente da região de interesse. Esta possui 270 elementos na direção χ (x) e 430 elementos na direção η (y) e a extensão de seu domínio pode ser vista na figura 83.

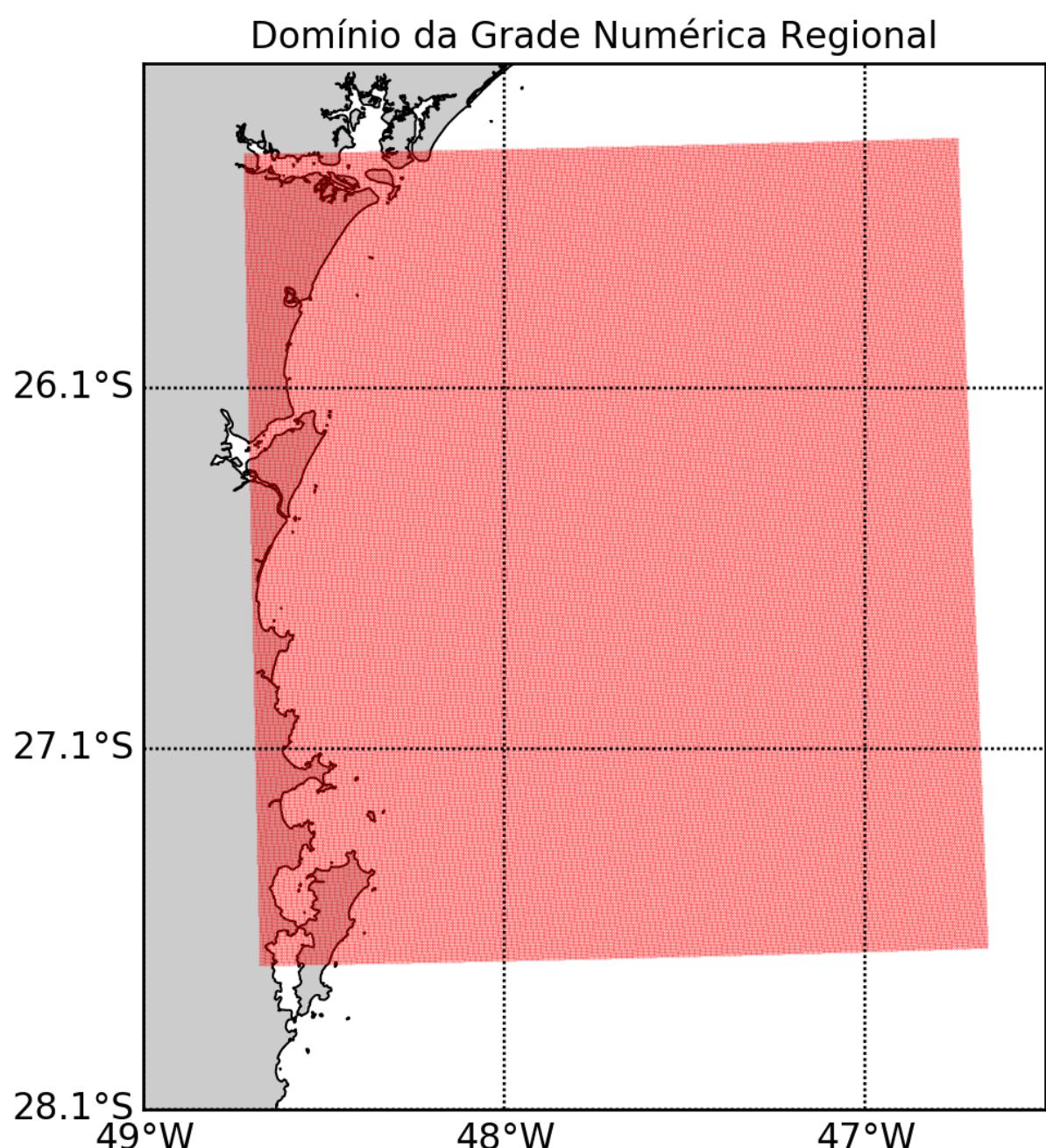


Figura 81 – Domínio da grade numérica regional.

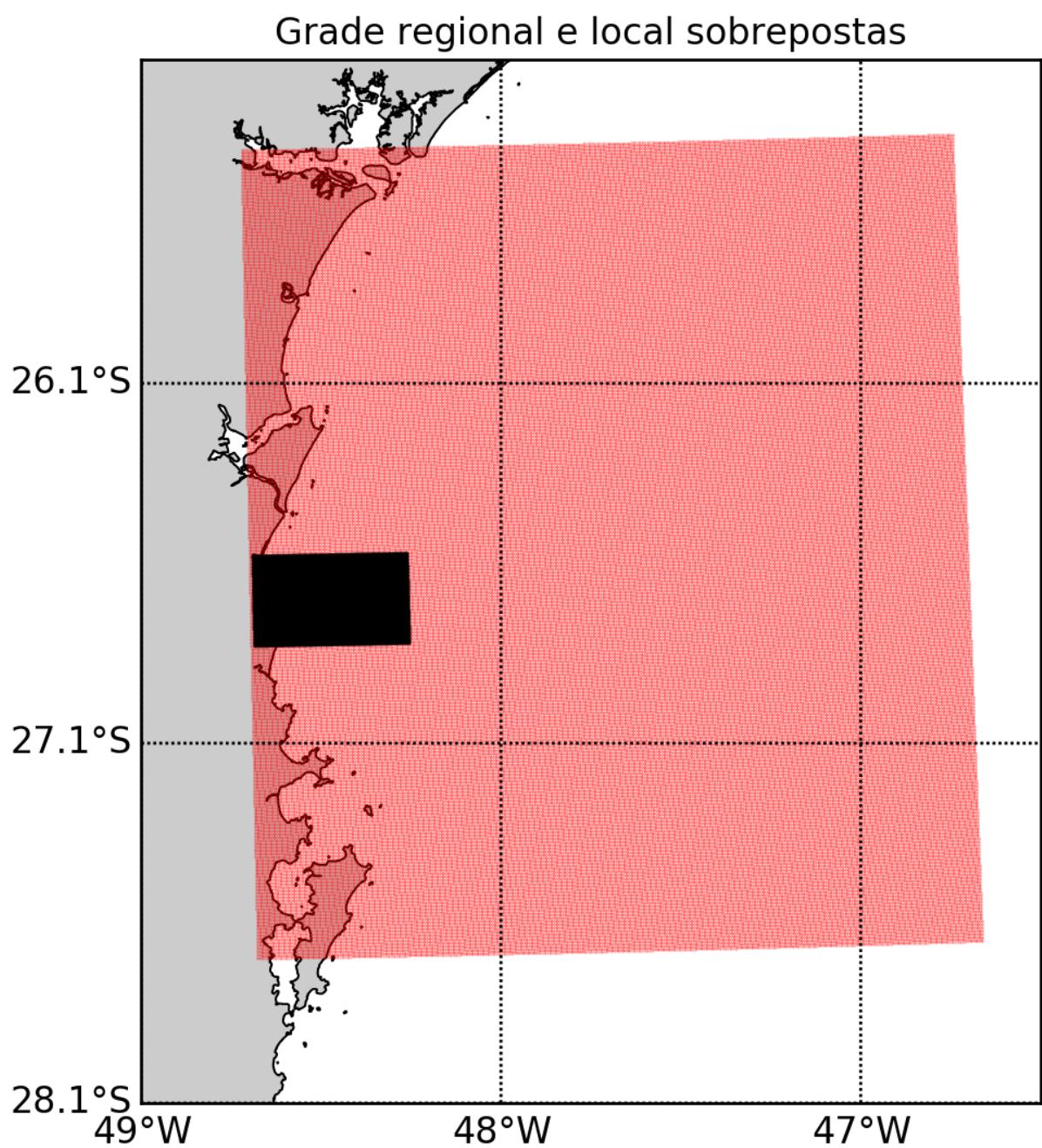


Figura 82 – Domínio da grade numérica regional e local sobrepostos.

Domínio da Grade Numérica Local

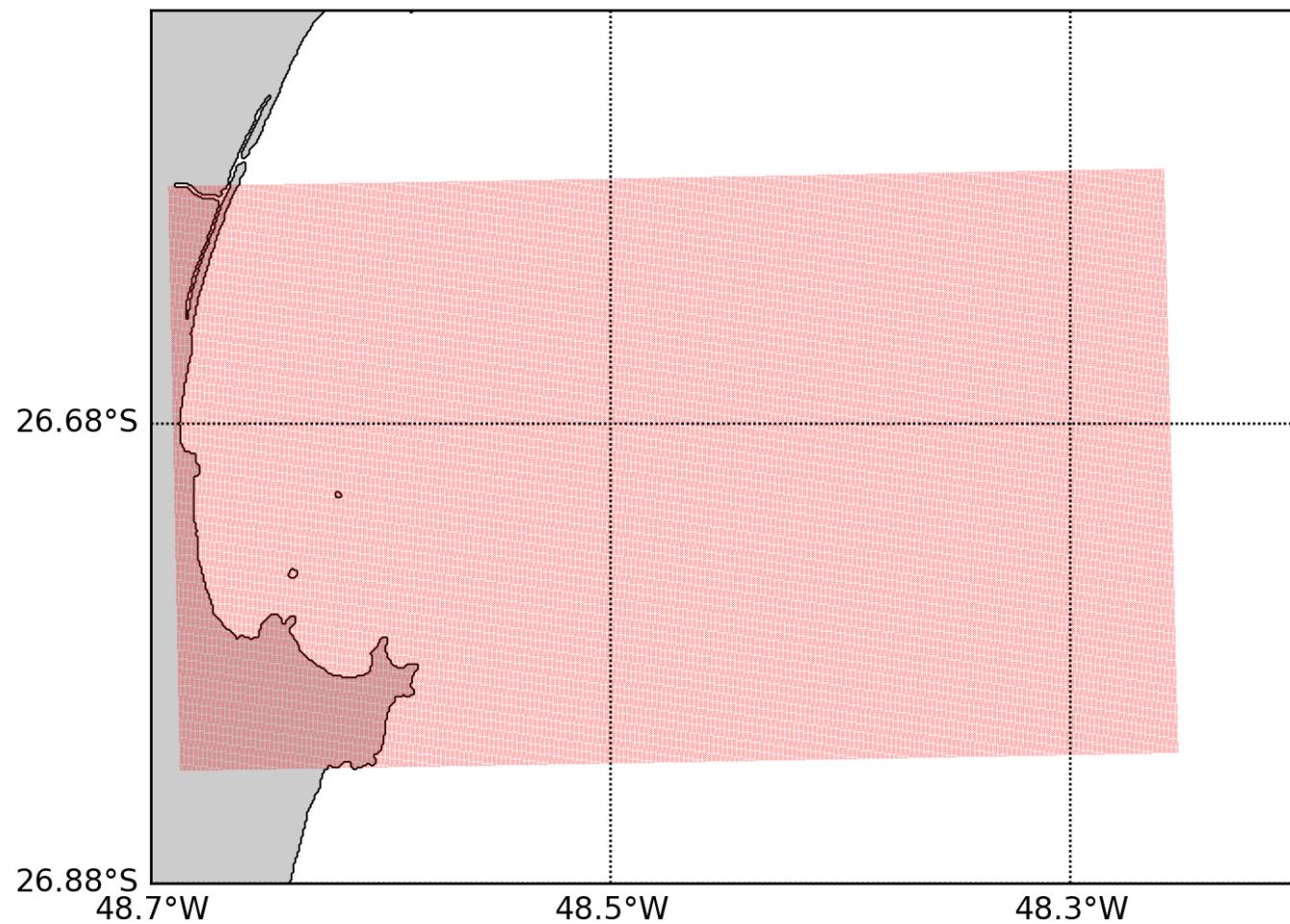


Figura 83 – Domínio da grade numérica local.

4.3.2 Batimetria

Os dados batimétricos foram interpolados nas grades numéricas regional e local e podem ser observados nas figuras 84 e 85, respectivamente. Na grade regional, a maior profundidade foi de 1229 metros, enquanto na local foi de 49 metros.

Como o modelo utiliza coordenadas sigma, a variação topográfica devem ser limitadas para evitar gradientes de pressão errôneos (MASON et al., 2010). Dessa forma, foi aplicado um filtro Shapiro de forma que o fator r fosse menor que 0,2 conforme descrito por (MASON et al., 2010).

Inicialmente, foi verificado que o modelo era bastante sensível quanto à profundidade da coluna de água e que, em profundidades muito pequenas o modelo se tornava tão instável que quebrava. Dessa forma, alguns testes foram feitos para avaliar qual a menor profundidade necessária para que o modelo se mostrasse estável. Essa profundidade mínima estabelecida foi 3 metros e, portanto, qualquer valor menor que 3 metros foi alterado para que ficasse com o valor de 3 metros. Isso não influencia o presente trabalho, uma vez que este não pretende resolver processos dentro da zona de surf.

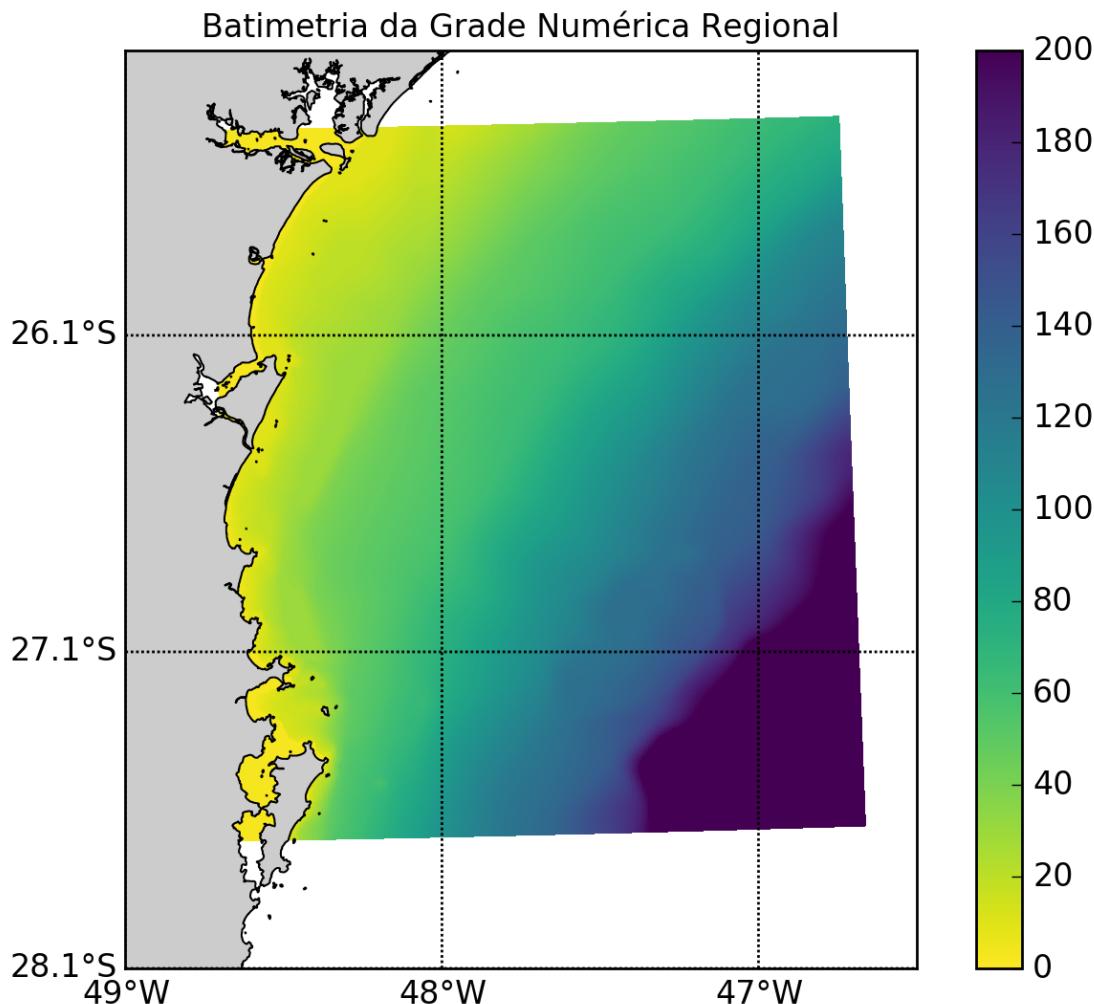


Figura 84 – Batimetria interpolada na grade numérica regional.

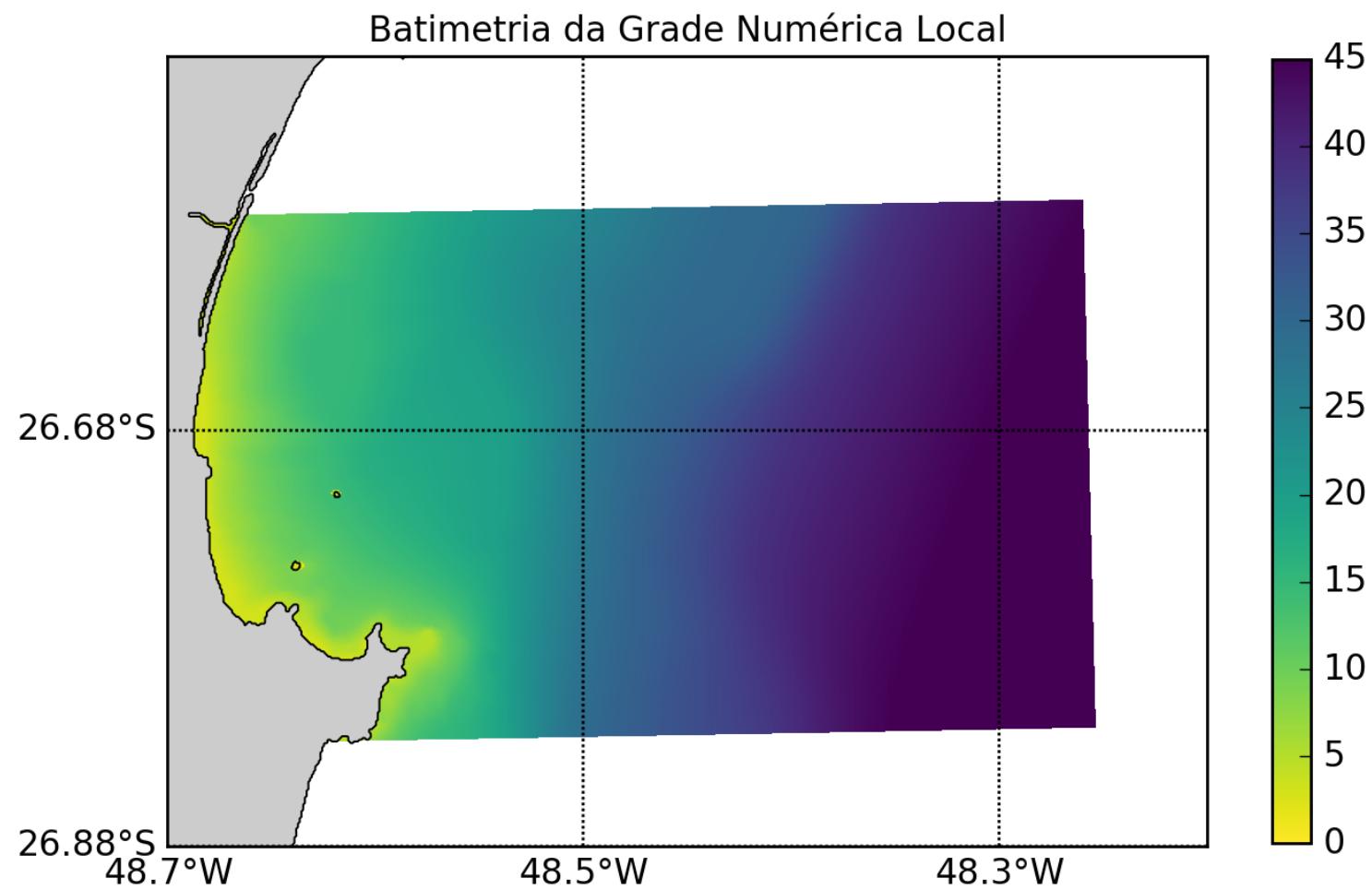


Figura 85 – Batimetria interpolada na grade numérica local.

4.3.3 Definições gerais do modelo

A grade regional teve como condição de fronteira o tipo Chapman Explícito para a superfície livre e Flather para as equações de momento 2D. Esta combinação é descrita nos fóruns como a melhor combinação para casos propagados com maré.

Algumas outras informações estão apresentadas na tabela 16.

Tabela 16: Características gerais do modelo.

Configuração	G. Regional	G. Local
Passo de tempo (DT)	30 s	10 s
Número de camadas	1	1
Mínimo Courant Barotrópico	0,046	0,230
Máximo Courant Barotrópico	0,423	0,913
Mínimo resolução vertical	0,27 m	0,27 m
Máximo resolução vertical	68,48 m	10,49 m

4.3.4 Calibração

Até o presente momento, mais de 50 rodadas de modelo foram desenvolvidas, buscando alcançar uma configuração de modelo que pudesse ser considerada calibrada. As primeiras rodadas tiveram que ser descartadas tanto em termos de configuração quanto em termos de grade.

Basicamente buscou-se implementar: a) uma grade estável regional que propagasse a maré de forma coerente b) um aninhamento entre grade local e regional c) modelo aninhado rodando com maré e vento.

No presente momento, as condições *a* e *b* foram atingidas e espera-se conseguir um modelo estável nas configurações *c* em breve. O que foi possível verificar é que um modelo rodando apenas com maré, é possível calibrar nível e não as componentes *u* e *v* da velocidade. O que indica que as correntes na região são mais dependentes do vento do que da maré, corroborando com os resultados descritos pela literatura.

Também verificou-se que modelos com viscosidade se apresentaram mais estáveis que modelos sem viscosidade. Para definir o valor da viscosidade, usou-se o parâmetro VISC2, coeficiente horizontal Laplaciano de viscosidade entre 5 e $25m^2.s^{-1}$. Esses valores foram retirados de trabalhos de referência utilizando o mesmo modelo. Os autores Costa et al. (2012) e Ilicak et al. (2012) utilizaram o valor de $5m^2.s^{-1}$ enquanto Ezer et al. (2002) utilizaram $500m^2.s^{-1}$, porém esse valor foi definido após testes com valores que chegaram a $25m^2.s^{-1}$.

A tabela 17 apresenta algumas das rodadas realizadas ao longo desse período e para as grades versões 2 e 3. As rodadas das versões anteriores e testes de grade não foram incluídos pois, na maioria das vezes, não eram nem estáveis o suficiente para rodar. As colunas das tabelas representam os seguintes itens:

- Rodada: Identificador da configuração
- Versão: Número de versão da grade e batimetria sendo utilizada na rodada
- Fronteiras: Configuração das fronteiras do modelo

- Aninhamento: Se a grade local foi aninhada com a grade regional. Se estiver como *não*, indica que a rodada era só com grade regional
- Ts Reg: Espaço de tempo (timestep) da grade regional
- Ts Local: Espaço de tempo (timestep) da grade local
- Maré: Se o modelo teve maré como entrada
- Vento: Se o modelo teve vento como entrada
- Viscosidade: Se o modelo teve viscosidade configurada e se sim, qual valor
- Conf. Visc.: Parâmetros de compilação da viscosidade
- Resultado: estado atual do modelo. *ok* indica que o modelo rodou por 50 dias de simulação sem nenhuma instabilidade, *quebrou* indica que o modelo sofreu alguma instabilidade antes de rodar todo o tempo de simulação estipulado, *rodando* indica que o modelo ainda estava simulando enquanto este documento estava sendo escrito.

A rodada 17 conseguiu agregar as forçantes de vento e maré, porém apenas na grade regional. A mesma configuração foi implementada na rodada 18 junto com o aninhamento, porém esta quebrou. Busca-se agora acoplar a rodada 17 com uma configuração que permita o aninhamento da grade local de forma estável. As figuras 86, 87 e 88 apresentam os resultados da rodada 17 para a grade regional no ponto ST003 para nível, u e v, respectivamente.

Tabela 17: Rodadas de calibração testas até o momento
com segunda grade testada

Rodada	Versão	Fronteiras	Aninhamento	Ts Reg	Ts Local	Maré	Vento	Viscosidade	Conf.	Visc.	Resultado
Run1	v2	Che+Fla+Rad	sim	10	10	sim	não	não	-	-	ok
Run1	v2	Che+Fla+Rad	sim	10	2	sim	não	não	-	-	ok
Run2	v2	Che+Fla+Rad	sim	10	2	sim	não	VISC2=5	MIX_S_UV	-	ok
Run3	v2	Che+Fla+Rad	sim	10	2	sim	não	VISC2=5	MIX_S_GEO	-	ok
Run4	v2	Che+Fla+Rad	sim	10	2	sim	não	VISC2=5	VISC2	-	ok
Run5	v2	Che+Fla+Rad	sim	10	2	sim	sim	não	-	-	quebrou
Run6	v2	Che+Fla+Rad	sim	10	2	sim	sim	VISC2=5	VISC2	-	quebrou
Run7	v2	Che+Fla+Rad	sim	10	2	sim	sim	VISC2=5	MIX_S_UV	-	quebrou
Run8	v2	Che+Fla+Rad	sim	10	2	sim	sim	VISC2=5	MIX_S_GEO	-	quebrou
Run9	v2	Che+Fla+Rad	sim	10	2	sim	sim	VISC2=10	MIX_S_UV	-	quebrou
Run10	v2	Che+Fla+Rad	sim	10	2	sim	sim	VISC2=10	MIX_S_GE	-	quebrou
Run11	v2	Che+Fla+Rad	sim	10	2	sim	sim	VISC2=25	MIX_S_GEO	-	quebrou
Run12	v2	Che+Fla+Rad	sim	10	2	sim	adaptado	VISC2=10	MIX_S_UV	-	quebrou
Run13	v3	Che+Fla+Rad	sim	10	2	sim	adaptado	VISC2=10	MIX_S_UV	-	quebrou
Run14	v3	Che+Fla+Rad	não	10	2	sim	adaptado	VISC2=10	MIX_S_UV	-	quebrou
Run15	v3	Che+Fla+Rad	sim	10	2	sim	não	VISC2=10	MIX_S_UV	-	ok
Run16	v3	Che+Fla+Rad	não	10	2	não	adaptado	VISC2=10	MIX_S_UV	-	quebrou
Run17	v3	Cha+Fla	não	10	2	não	adaptado	VISC2=10	MIX_S_UV	-	ok
Run18	v3	Cha+Fla	sim	10	2	não	adaptado	VISC2=10	MIX_S_UV	-	quebrou
Run19	v3	Cha+Fla ¹	sim	10	2	não	adaptado	VISC2=10	MIX_S_UV	-	rodando

Tabela 17: Rodadas de calibração testas até o momento
com segunda grade testada

Rodada	Versão	Fronteiras	Aninhamento	Ts Reg	Ts Local	Maré	Vento	Viscosidade	Conf. Visc.	Resultado
Run20	v3	Cha+Fla ²	sim	10	2	não	adaptado	VISC2=10	MIX_S_UV	rodando

¹Esta rodada possui configurações de compilação do modelo diferentes daquelas utilizadas na rodada 18

²Esta rodada possui configurações de compilação do modelo diferentes daquelas utilizadas. Mais detalhes serão inseridos na versão final

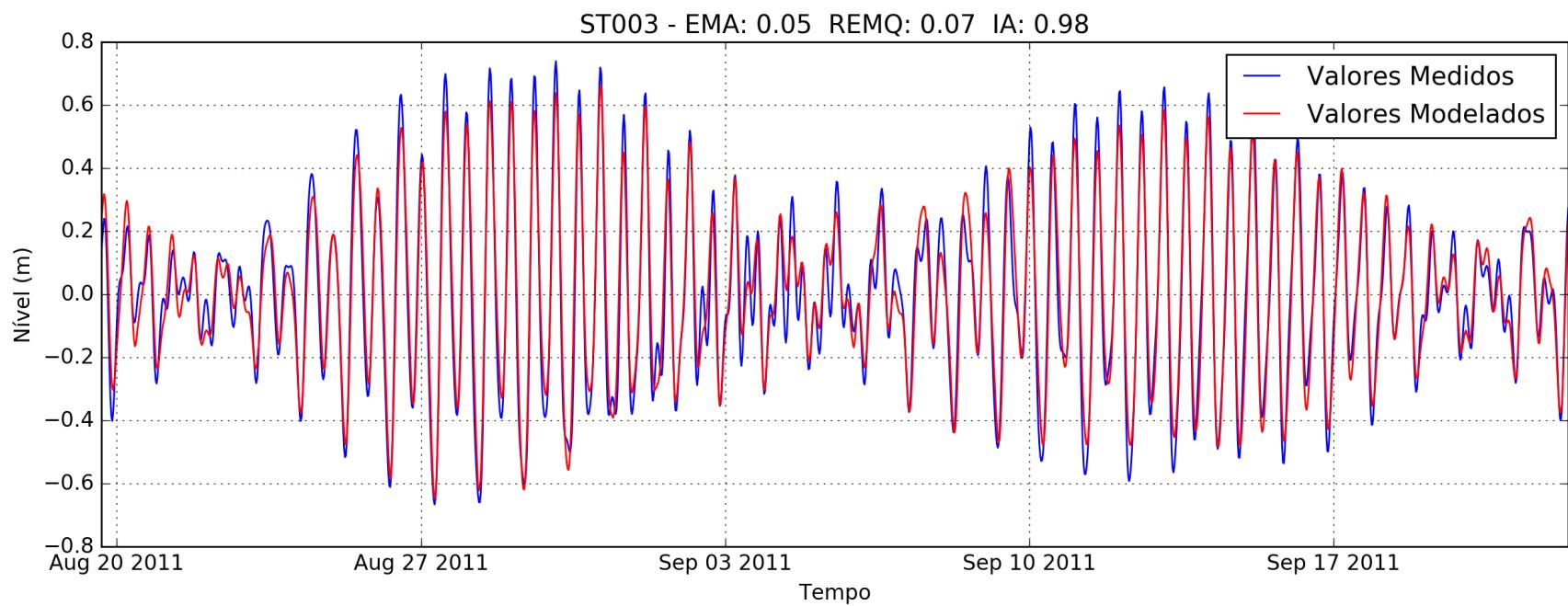


Figura 86 – Comparaçāo de dados medidos de nível na grade regional e ponto ST003 na Rodada 17 do modelo.

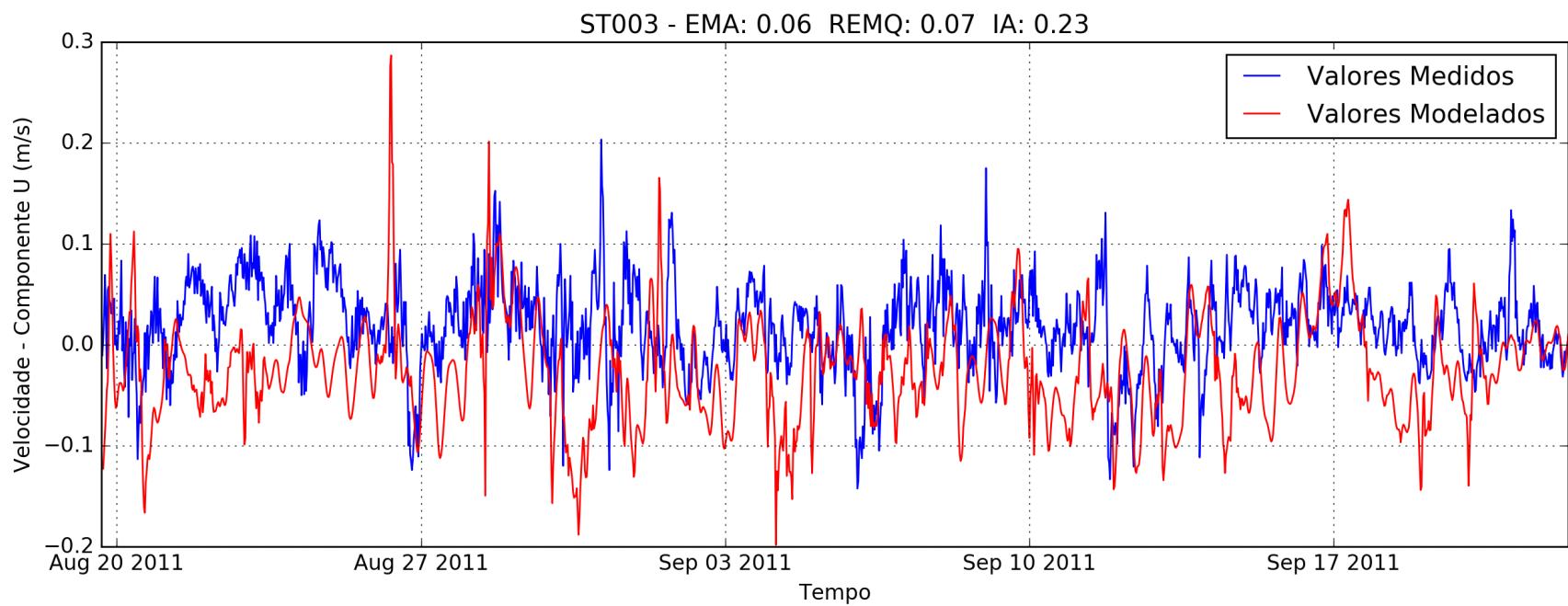


Figura 87 – Comparaçāo de dados medidos da componente u da velocidade na grade regional e ponto ST003 na Rodada 17 do modelo.

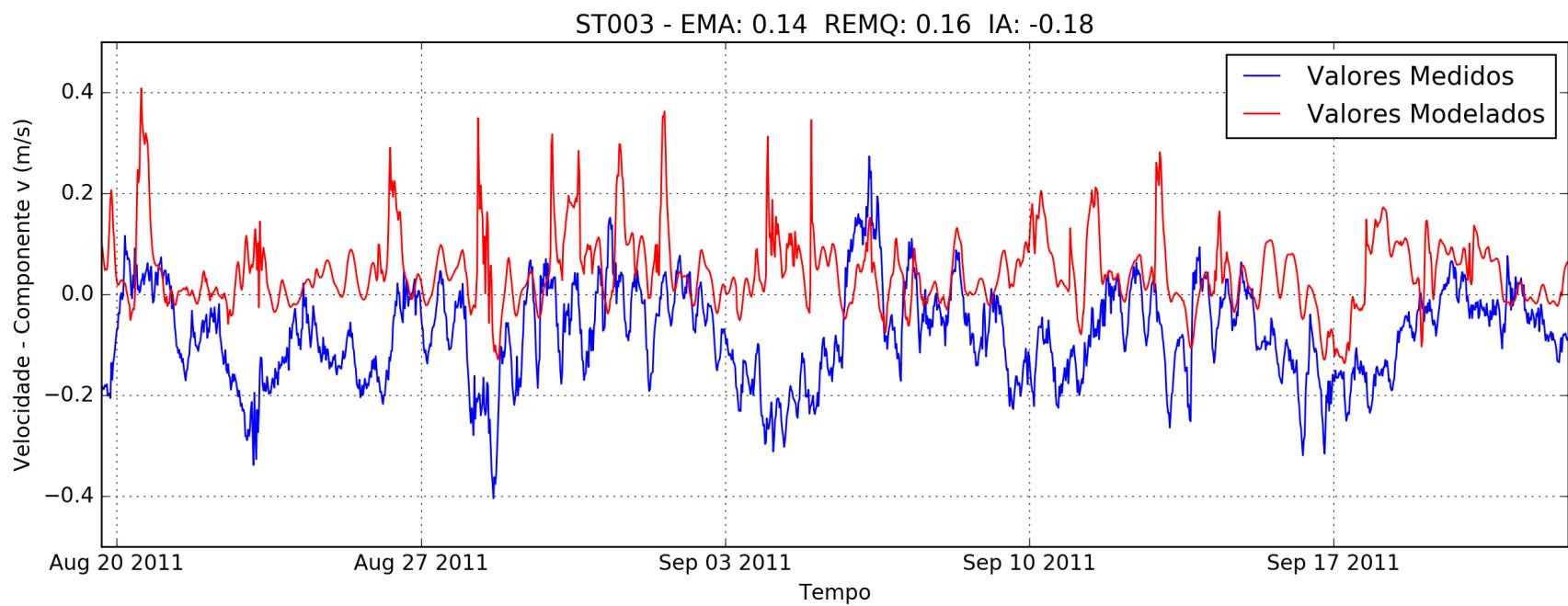


Figura 88 – Comparaçāo de dados medidos da componente v da velocidade na grade regional e ponto ST003 na Rodada 17 do modelo.

4.3.5 Dificuldades encontradas

Uma série de dificuldades foram encontradas nas etapas iniciais do modelo que tornaram sua execução inicial bastante complexa e demorada.

- O modelo não possui interface gráfica e a compreensão dos arquivos necessários e formatos se torna mais complexa;
- O modelo numérico é escrito em FORTRAN, que é uma linguagem compilada. Isso fez com que fosse necessário entender configurações de pré-processamento, compilador necessário, etc;
- É necessário instalar diversos pacotes netCDF que, em um primeiro momento, se mostraram trabalhosos;
- O exemplo básico padrão disponível (*upwelling*) é fácil e bem descrito na documentação mas ele funciona com grades e forçantes padrão (sem arquivos de entrada) e não há explicação de como é possível construir um novo modelo com arquivos de entrada, quais variáveis devem ser alteradas e quais as variáveis de pré-compilação para cada tipo de opção ativada;
- A documentação é estilo *wiki* e a maior parte da informação está desatualizada, muito material não está disponibilizado e o manual disponível não está completo além de também estar desatualizado;
- Muita informação está contida no fórum de discussões, o que demanda tempo e certo conhecimento prévio do assunto para compreender o que está escrito em cada discussão;
- Uma primeira tentativa foi colocar uma elevação de nível na fronteira. Após uma série de testes, foi verificado que o modelo não inclui nível como variável nas equações. Dessa forma, verificou-se que além da variável zeta, também é necessário inserir nas fronteiras as componentes de velocidade u e v das correntes de maré;
- Diferente de outros modelos, na construção da grade numérica devem ser inseridos os valores de posição para cada um dos elementos calculados (rho, psi, u e v), o que gera confusão na construção da grade;
- O modelo mostrou-se bastante sensível quando atinge águas rasas. Modelos cujas camada de água tinha profundidas de 1 metro ou menos acabaram se mostrando instáveis. Foi estabelecido um mínimo de 3 metros para propagação da onda de maré de forma estável;
- Outro fator que o modelo se mostrou sensível foi a máscara que indica onde o modelo deve interpretar como terra (máscara=0) e onde é agua (máscara=1), fazendo que houvesse acúmulo de água em determinadas quinas. Uma edição cuidadosa da máscara deve ser feita antes do modelo iniciar;
- As fronteiras escolhidas tem grande influência no resultado final. Uma combinação inicial utilizada num modelo menos detalhado (não apresentado aqui) causou diversas instabilidades no modelo descrito anteriormente. Dessa forma, gastou-se muito tempo tentando entender quais seriam os problemas possíveis, pois assumiu-se que as fronteiras estavam corretas.

5 DISCUSSÃO

O vento na região apresenta velocidades máximas de cerca de $10\text{cm}.\text{s}^{-1}$ em todas as estações e um comportamento homogêneo em termos de velocidade em todas as estações. Esses resultados concordam com os resultados encontrados por Gomes (2010), que também encontrou um padrão muito semelhante de velocidades do vento ao longo das estações do ano. Entretanto, o autor descreveu ventos predominantes de L tanto verão quanto na primavera, enquanto os resultados do presente estudo indicam predominância de ventos de O e N, nestas estações. A predominância de ventos S no inverno foi encontrada em ambos os trabalhos.

Verificou-se que a maré meteorológica analisada nos ADCPs não foi tão representativa quanto descrito por Parise et al. (2009). Os autores verificaram que as marés meteorológicas alcançam em média 1m, podendo alcançar 1,9m em casos na Praia do Cassino, extremo sul do Brasil. Os dados de nível de Penha, porém, indicaram que marés meteorológicas de até 1,3m podem ocorrer na região, concordando com os dados dos autores do Cassino.

Os resultados de frequência de nível mostraram uma forte influência da componente semi-diurna da maré, com presença de componentes diurnas, terci-diurnas e quadri-diurnas em níveis semelhantes de energia. Esse resultado concorda com o número de forma encontrado para cada ponto medido, que ficou abaixo de 0,30 em toda Enseada e 0,31 em Penha, indicando uma maré mista com predominância semidiurna. Também verificou-se que 27,5 % da energia do sinal se encontrava em frequências superiores a 50h. Esse resultado vai ao encontro dos dados de Truccolo et al. (2006), que verificou que cerca de 24% da variação de nível em São Francisco do Sul poderia ser explicada por frequências submareais em São Francisco do Sul. Ou seja, circulações residuais e correntes de plataforma tem um papel fundamental na dinâmica de região e, portanto, seu papel não pode ser subestimado ao se analisar a dinâmica local.

Todos os valores de temperatura foram bem menores que aqueles descritos em Schettini et al. (1999), onde os valores permaneceram entre 25 e 27°C. A grande diferença se dá pelo período medido. Enquanto os dados de Schettini et al. (1999) foram medidos em março (fim do verão), os dados aqui apresentados foram coletados entre agosto e setembro (fim do inverno) e, portanto, essa diferença é natural para a região, que se encontra em uma região temperada e está sujeita à massas de água com valores menores de temperatura.

Os resultados de corrente indicaram correntes amenas, abaixo de $0,20\text{cm}.\text{s}^{-1}$ dentro da enseada e abaixo de $40\text{cm}.\text{s}^{-1}$ em regiões abertas e expostas à ondulação direta. Esses resultados corroboram com as observações descritas em Schettini et al. (1999). Entretanto, os autores afirmaram que as correntes obedecem mais diretamente ao regime dos ventos do que as oscilações da maré. Da mesma forma como foi feito com a temperatura, foram desenvolvidos alguns gráficos tentando correlacionar a velocidade da corrente com a direção ou o vento. Novamente nenhum padrão emergiu nas análises realizadas e não foi possível relacionar a velocidade da corrente com o vento.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, L. R. de. **Estudio de dinámica litoral y evolución de la zona sur de la Playa de Piçarras (Santa Catarina/ Brasil)**. Dissertaçāo (Mestrado) — Universidad de Cantabria, Santander, 2013. 263 p.
- ARAKAWA, A. & LAMB, V. Methods of computational physics. **Academic Press**, v. 17, p. 174–265, 1977.
- ARAUJO, R. S. et al. Variação da morfologia praial e identificação de zonas de erosão acentuada (zea) na enseada do itapocorói-sc. **Braz. J. Aqua. Sci. Technol.**, v. 14, n. 1, p. 29–38, 2010.
- BITENCOURT, D. & SILVA, G. V. **Levantamento Batimétrico na Enseada do Itapocorói utilizando Motoaquática**. [S.l.], 2011.
- BROWN, J. M. & BOLAÑOS, R. & SOUZA, A. J. a. Process contribution to the time-varying residual circulation in tidally dominated estuarine environments. **Braz. J. Aqua. Sci. Technol.**, v. 14, n. 1, p. 29–38, 2010.
- BURCHARD, H. et al. Drivers of residual estuarine circulation in tidally energetic estuaries: Straight and irrotational channels with parabolic cross section. **Journal of Physical Oceanography**, v. 41, p. 548–570, 2011.
- CHENG, R. T. Residual currents and long-term transport. In: _____. New York, U.S.A.: Springer-Verlag, 1990. cap. Introduction.
- COSTA, P. et al. Using the regional ocean modelling system (roms) to improve the sea surface temperature predictions of the mercator ocean system. **Advances in Spanish Physical Oceanography**, v. 76S1, p. 165–175, 2012.
- EGBERT, G. D. & BENNET, A. F. & FOREMAN, M. G. G. Topex/poseidon tides estimated using a global inverse model. **Journal of Geophysical Research**, v. 99, p. 821–852, 1994.
- EGBERT, G. D. & EROFEEVA, S. Y. Efficient inverse modeling of barotropic ocean tides. **American Meteorologica Society**, v. 19, p. 183–204, 2002.
- EGBERT, G. D. & EROFEEVA, S. Y. **TPXO/Poseidon**. 2015. Acessado em 09 ago 2015. Disponível em: <<http://volkov.oce.orst.edu/tides/global.html>>.
- EZER, T. & ARANGO, H. & SHCHEPETKIN, A. F. Developments in terrain-following ocean models: intercomparisons of numerical aspects. **Ocean Modelling**, v. 4, p. 249–267, 2002.
- FEMAR. 2016. Acessado em mar. 2016. Disponível em: <<http://www.fundacaofemar.org.br/biblioteca/emb/tabelas/263.html>>.
- FORTUNA, A. O. **Técnicas Computacionais para Dinâmica dos Fluidos: Conceitos básicos e aplicações**. [S.l.]: Edusp, 2000.
- FOX, D. G. Judging air quality model performance. **Bulletin American Meteorological Society**, p. 599– 609, 1981.
- FREITAS, D. et al. Quantificação de perigos costeiros e projeção de linhas de costa futuras para a enseada do itapocorói - sc. **Braz. J. Aqua. Sci. Technol.**, v. 14, n. 1, p. 39–49, 2010.

- GILAT, A. & SUBRAMANIAM, V. **Métodos Numéricos para Engenheiros e Cientistas**: Uma introdução com aplicações usando o matlab. [S.l.]: Bookman, 2008.
- GOMES, G. H. **Caracterização do regime de vento costeiro do Estado de Santa Catarina por meio de dados do satélite Quikscat seawinds**. 2010. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) - Universidade do Vale do Itajaí.
- HEUVEL, S. van den et al. **Case Study Piçarras Beach**: Erosion and nourishment of a headland bay beach. [S.l.], 2008.
- HUNT, J. N. & JOHNS, B. Currents induced by tides and gravity waves. **Tellus**, v. 15, n. 4, p. 343–351, 1963.
- HUTHNANCE, J. M. Tidal current asymmetries over the norfolk sandbanks. **Estuarine and Coastal Marine Science**, I, p. 89–99, 1973.
- IBGE. 2015. Acessado em fev. 2015. Disponível em:
<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=421280&search=santa- catarina—balneario-picarras>.
- ILICAK, M. et al. Spurious dianeutral mixing and the role of momentum closure. **Ocean Modelling**, v. 45-46, p. 37–58, 2012.
- IMASATO, N. What is tide-induced residual current. **American Meteorological Society**, p. 1307–1317, 1983.
- KLEIN, A. H. F. et al. Beach management: Principles and practice. In: _____. 100 Cambridge Grove: Earthscan, 2009. cap. Ameliorative Strategies at Balneário Piçarras Beach.
- KLEIN, A. H. F. & MENEZES, J. T. Beach morphodynamics and profile sequence for a headland bay coast. **Journal of Coastal Research**, v. 17, n. 4, p. 812–835, 2001.
- KLEIN, A. H. F. et al. Erosão e progradação do litoral brasileiro. In: _____. Brasília, DF: Ministério do Meio Ambiente, 2006. cap. Santa Catarina.
- KUNDU, P. K. & COHEN, I. M. & DOWNLIND, D. R. **Fluid Mechanics**. [S.l.]: Elsevier, 2012.
- LEBLOND, P. H. **Tydal Hydrodynamics**. [S.l.]: John Wiley and Sons Inc, 1991.
- LEITE, L. **Hidrodinâmica das praias de enseada**: Estudo da enseada do itapocorói. Dissertação (Mestrado) — Universidade de Aveiro, Aveiro, 2009. 61 p.
- LEITE, L. M. et al. Hydrodynamic study of bay beaches - a case study os itapocoroi bay, brazil. **Journal of Coastal Research**, v. 64, p. 1086–1090, 2011.
- MACCREADY, P. & BANAS, N. S. **Estuary Treatise**: Residual circulation, mixing and dispersion. [S.l.: s.n.], 2010.
- MACIEL, R. **Prefeitura de Piçarras decreta novo estado de calamidade pública devido ao avanço das ondas**. 2010. Acessado em 10 ago. 2015. Disponível em:
<http://diariocatarinense.clicrbs.com.br/sc/noticia/2011/11/prefeitura-de-picarras-decreta-novo-estado-de-calamidade-publica-devido-ao-avanco-das-ondas-3548659.html>.
- MALISKA, C. R. **Transferência de Calor e Mecânica dos Fluidos Computacional**. [S.l.]: Livros Técnicos e Científicos S. A., 1995.

- MARTA-ALMEIDA, M. & RUIZ-VILLARREAL, M. Offe: A python engine for automating regional and coastal ocean forecasts. **Environmental Modelling & Software**, v. 26, p. 680–682, 2011.
- MASON, E. et al. Procedures for offline grid nesting in regional ocean models. **Ocean Modelling**, v. 35, p. 1–15, 2010.
- MASSEL, S. R. **Hydrodynamics of Coastal Zones**. [S.l.]: Elsevier Science Publisher, 1989.
- MASSELINK, G. & SHORT, A. D. The effect of tide range on beach morphodynamics and morphology: A conceptual beach model. **Journal of Coastal Research**, v. 9, n. 3, p. 785–800, 1993.
- MONTEIRO, M. A. Caracterização climática do estado de santa catarina: uma abordagem dos principais sistemas atmosféricos que atuam durante o ano. **Geosul**, v. 21, n. 16, p. 69–78, 2001. Florianópolis.
- MOORE, A. et al. The regional ocean modelling system (roms) 4-dimensional variational data assimilation systems: Part i - system overview and formulation. **Progress in Oceanography**, v. 91, p. 34–49, 2011.
- MÖLLER, O. & ABE, M. P. Estudos oceanográficos: do instrumental ao prático. In: _____. Pelotas, RS: Editora Textos, 2011. cap. Oceanografia Física.
- NIHOUL, J. C. J. & RONDAY, F. C. The influence of the "tidal stress" on the residual circulation. **Tellus XXVII**, v. 5, 1975.
- OLIVEIRA, J. G. de. **Modelagem numérica das respostas do perfil praial a eventos extremos em praias de enseada**: Estudo de caso da enseada do itapocorói, santa catarina, brasil. 2013. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- PARISE, C. K. & CALLIARI, L. J. & KRUSCHE, N. Extreme storm surges in the south of brazil: Atmospheric conditions and shore erosion. **Brazilian Journal of Oceanography**, v. 57, n. 3, p. 175–188, 2009.
- PARKER, B. B. **Tydal Hydrodynamics**. [S.l.]: John Wiley and Sons Inc, 1991.
- PARKER, B. B. **Tidal Analysis and Prediction**. [S.l.], 2007.
- PAWLOWICZ, R. & BEARDSLEY, B. & LENTZ, S. Classic tidal harmonic analysis including error estimates in matlab using t_tide. **Computers & Geosciences**, v. 28, p. 929–937, 2002.
- PETERSEN, G. **Wave Simulations at the Coast of Paraná in southern Brazil**. Dissertação (Mestrado) — Christian Albrechts University, Kiel, Alemanha, 2003. 128 p.
- PUGH, D. T. **Tides, Surges and Mean Sea-Level**. [S.l.]: John Wiley & Sons, 1987.
- PYTHON. 2015. Acessado em nov. 2015. Disponível em: <<https://www.python.org/>>.
- RAMIREZ, M. R. **Estudio de la estabilidad de las playas en la enseada de Itapocorói (SC, Brasil)**. Dissertação (Mestrado) — Universidade da Cantábria, Santander, 2010. 184 p.
- RIBEIRO, P. J. da C. **Medição de correntes e ondas na ensada do Itapocorói: Processamento dos dados e resultados**. [S.l.], 2011.

- RIBEIRO, P. J. da C. **Transformação de ondas em praias de enseada: Estudo de Caso na Enseada de Itapocorói**. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal de Florianópolis, Florianópolis, 2014. 140 p.
- RODRIGUES, M. L. G. & FRANCO, D. & SUGAHARA, S. Climatologia de frentes frias no litoral de santa catarina. **Revista Brasileira de Geofísica**, v. 22, n. 2, p. 135–151, 2004.
- ROELVINK, D. **A guide to modeling coastal morphology**. [S.l.]: World Scientific, 2012. 274 p.
- ROMS. 2015. Acessado em jul. 2015. Disponível em: <<https://www.myroms.org/wiki/>>.
- SAHA, S. et al. The ncep climate forecast system reanalysis. **American Meteorological Society**, p. 1015–1057, 2010.
- SAHA, S. et al. **NCEP Climate Forecast System Version 2 (CFSv2) Selected Hourly Time-Series Products**. [S.l.]: Research Data Archive at the National Center for Atmospheric Research, Computational and Information Systems Laboratory, 2011. Acessado em 16 ago 2015.
- SANTUR. **Pesquisa Mercadológica e Estudo da Demanda Turística**. [S.l.], 2012.
- SCHETTINI, C. A. F. et al. Aspectos hidrodinâmicos da enseada da armação de itapocorói. **NOTAS TÉC. FACIMAR.**, v. 3, p. 99–109, 1999.
- SCHUREMAN, P. **Manual of Harmonic Analysis and Prediction of Tides**. [S.l.], 1958.
- SHCHEPETKIN, A. F. & MCWILLIAMS, J. C. The regional ocean modelling system (roms): a split-explicit, free-surface, topography-following-coordinate oceanic model. **Ocean Modelling**, v. 9, p. 347–404, 2005.
- SHORT, A. D. & MASSELINK, G. Handbook of beach and shoreface morphodynamics. In: _____. West Sussex, England: John Wiley & Sons, LTD, 1999. cap. Santa Catarina.
- SILVA, G. V. **Cota de Inundação e Recorrência para a Enseada do Itapocorói e Praia do Morro dos Conventos, Santa Catarina**. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. 98 p.
- SILVA, R. et al. Hydrodynamics of a headland-bay beach: Nearshore current circulation. **Coastal Engineering**, v. 57, p. 160–175, 2010.
- TEE, K. T. Tide-induced residual current - verification of a numerical model. **Journal of Physical Oceanography**, v. 7, p. 396–402, 1976.
- TRUCCOLO, E. C. **Hidrodinâmica em frequência mareal e submareal do estuário do Rio Itajaí-Açu, SC**. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. 204 p.
- TRUCCOLO, E. C. & FRANCO, D. & SCHETTINI, C. The low frequency sea level oscillations in the northern coast of santa catarina, brazil. **Journal of Coastal Research**, v. 39, p. 547–552, 2006.
- VALLE-LEVINSON, A. et al. Tidal and residual circulation in a semi-arid bay: Coquimbo bay, chile. **Continental Shelf Research**, v. 20, p. 2009–2028, 2000.
- WAVEREN, R. H. van et al. **Good Modelling Practice Handbook**. [S.l.], 2010.

WILMOTT, C. J. Some comments on the evaluation of model performance. **Bulletin American Meteorological Society**, p. 1309 – 1313, 1982.

YANAGI, T. Fundamental study on the tidal residual circulation i. **Journal of the Oceanographical Society of Japan**, v. 32, p. 199–208, 1976.

APÊNDICE A – Gráficos de Corrente por Camada

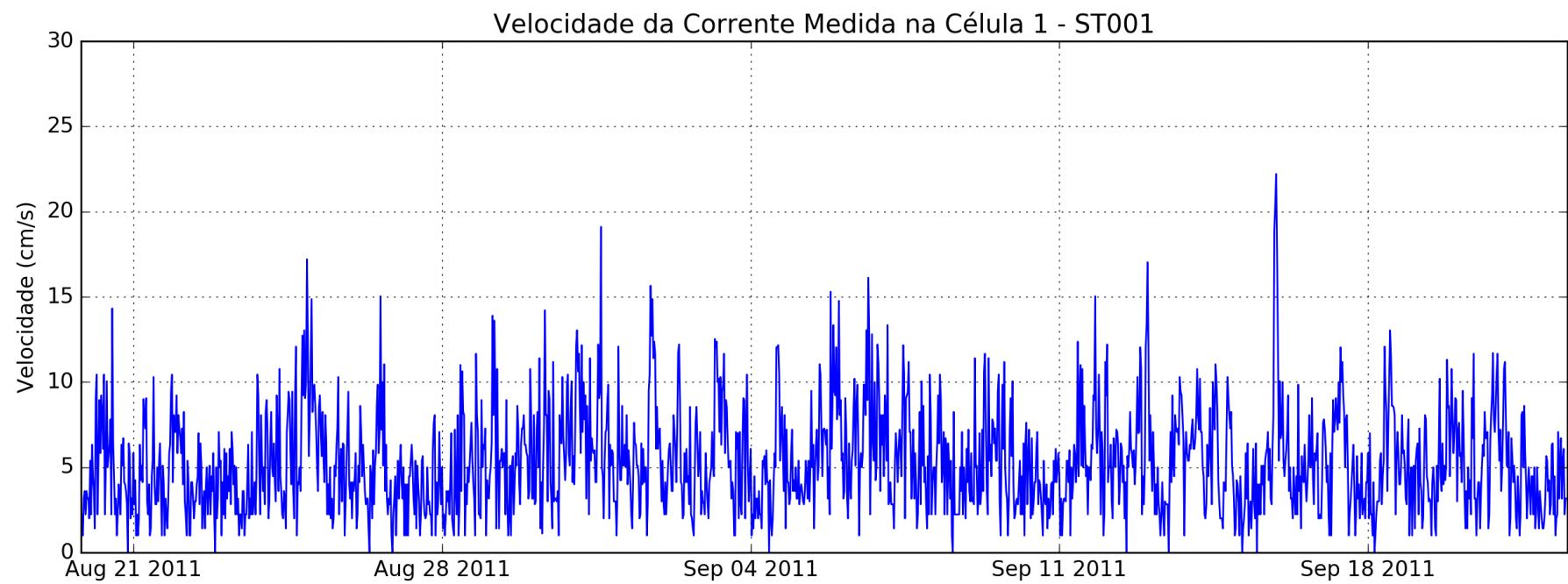


Figura 89 – Velocidade ao longo do tempo em ST001 na Camada 1 (em $\text{cm} \cdot \text{s}^{-1}$)

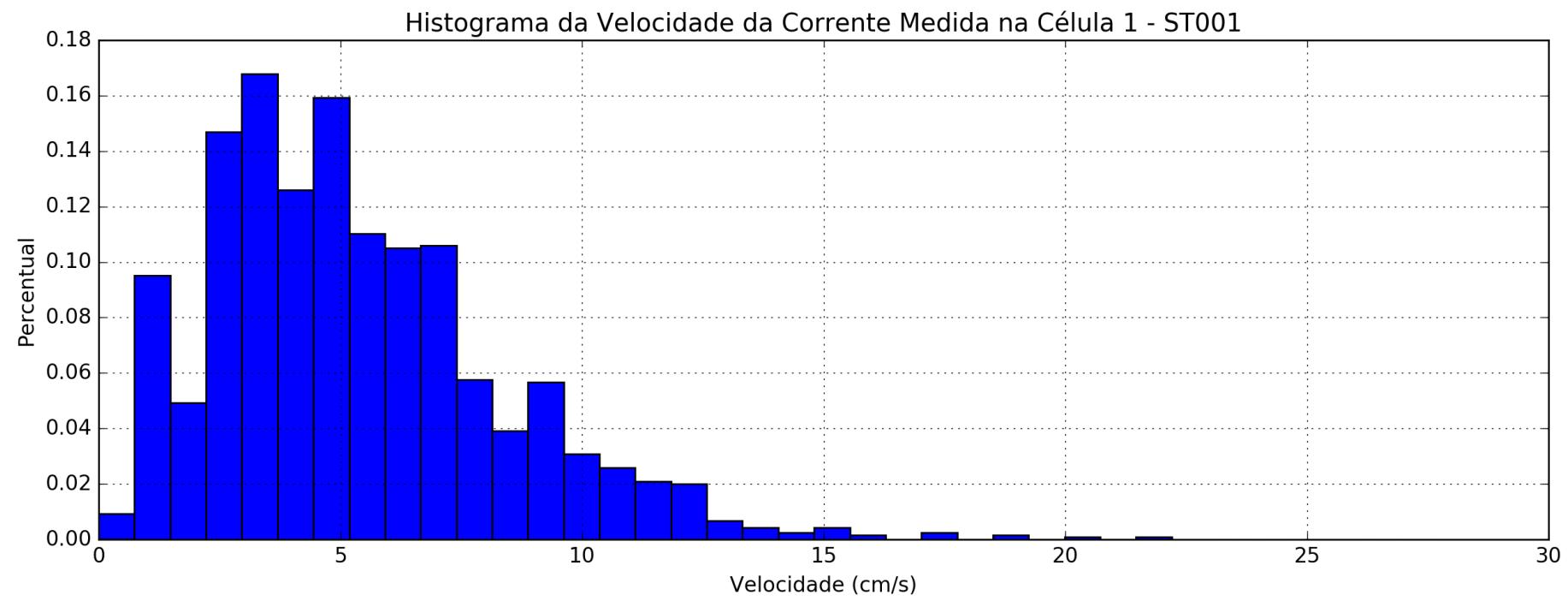


Figura 90 – Histograma da velocidade da corrente no ponto ST001 na Camada 1 (em $\text{cm} \cdot \text{s}^{-1}$)

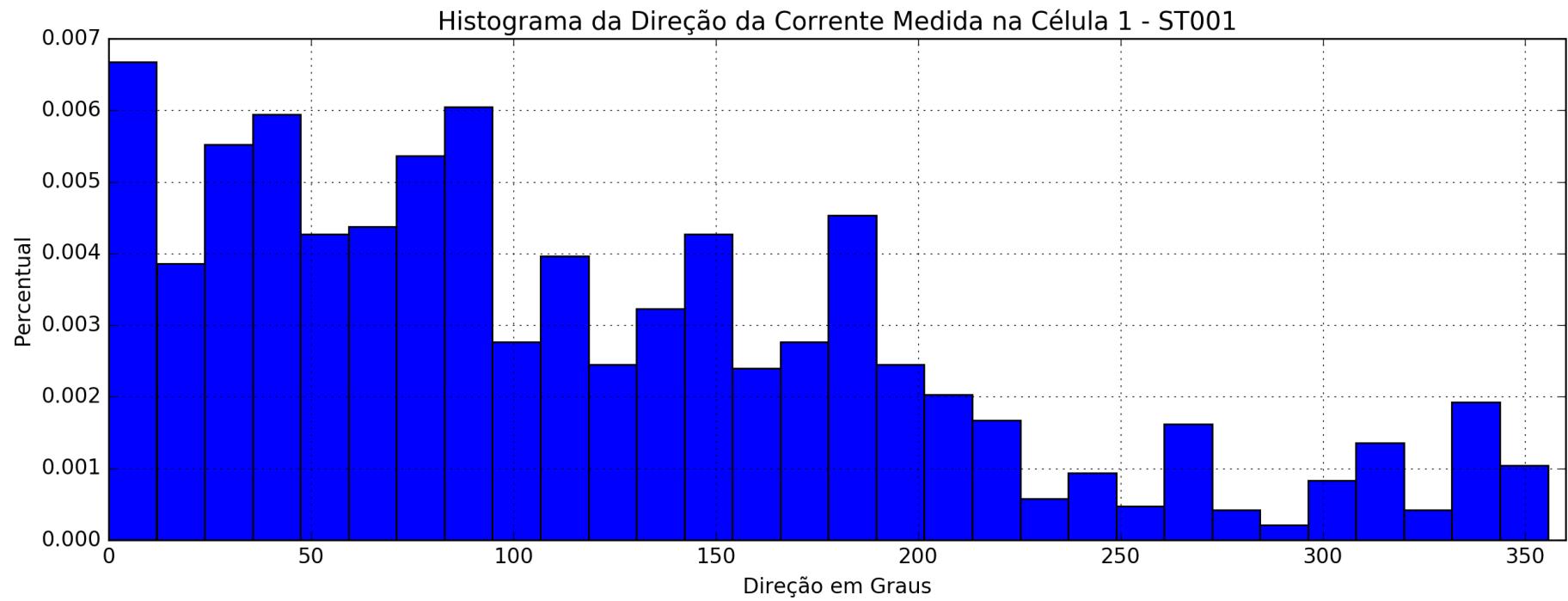


Figura 91 – Histograma da direção da corrente no ponto ST001 na Camada 1

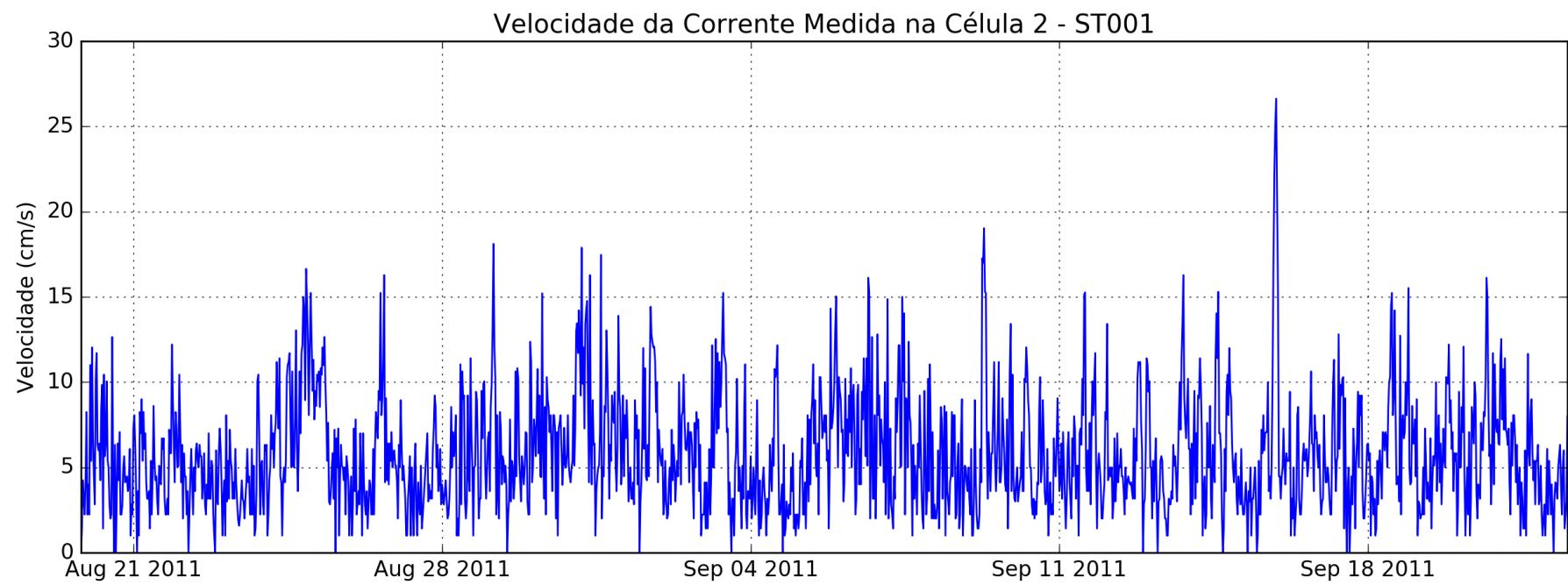


Figura 92 – Velocidade ao longo do tempo em ST001 na Camada 2 (em $cm.s^{-1}$)

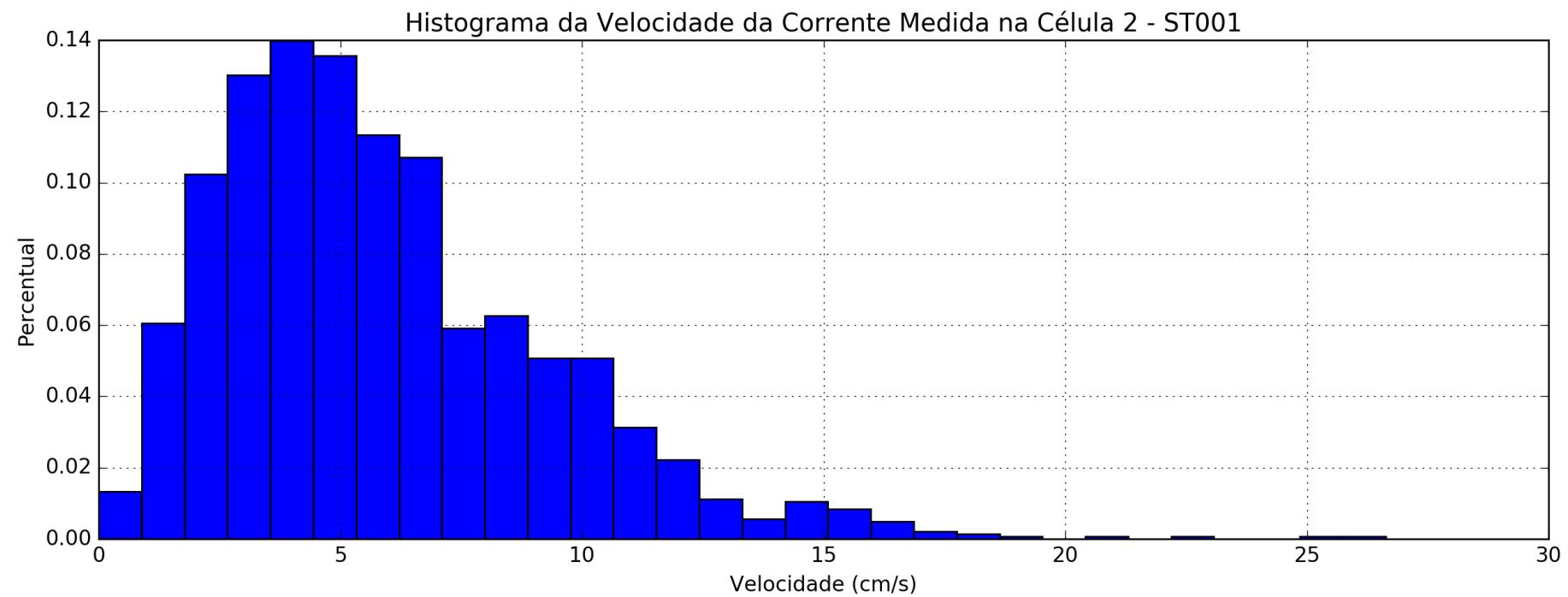


Figura 93 – Histograma da velocidade da corrente no ponto ST001 na Camada 2 (em $\text{cm} \cdot \text{s}^{-1}$)

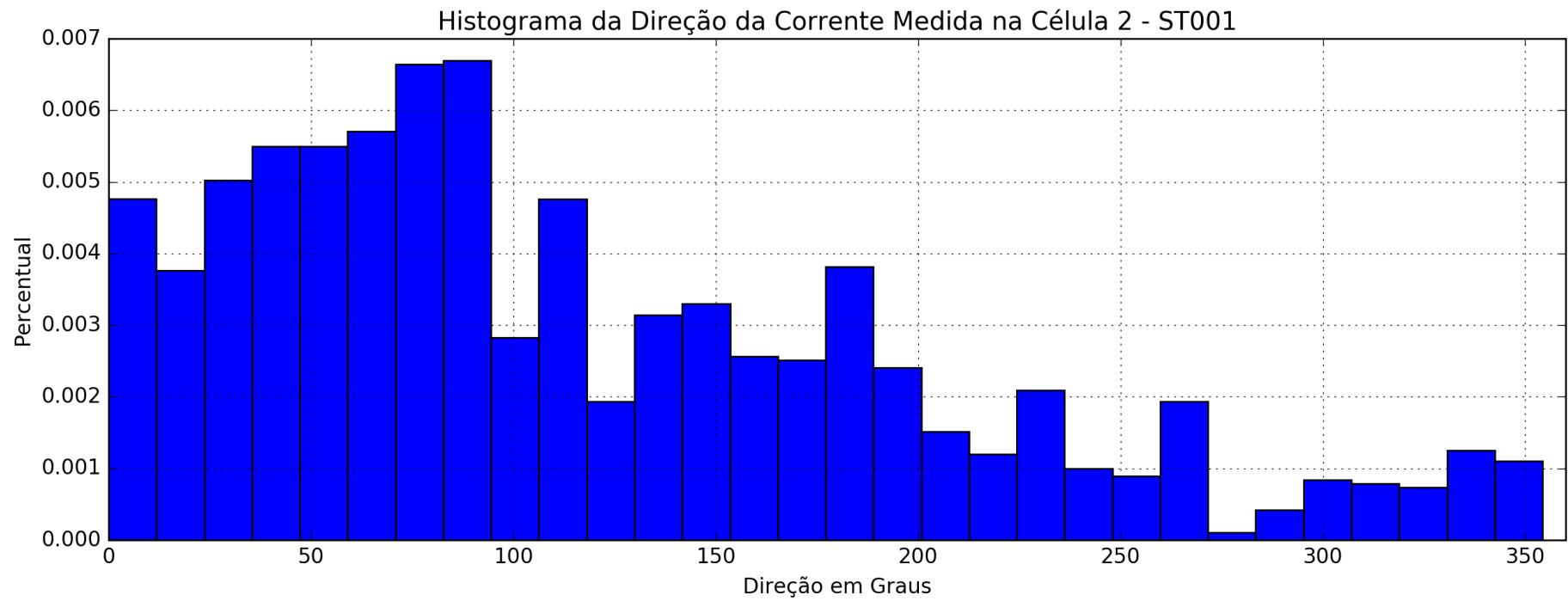


Figura 94 – Histograma da direção da corrente no ponto ST001 na Camada 2

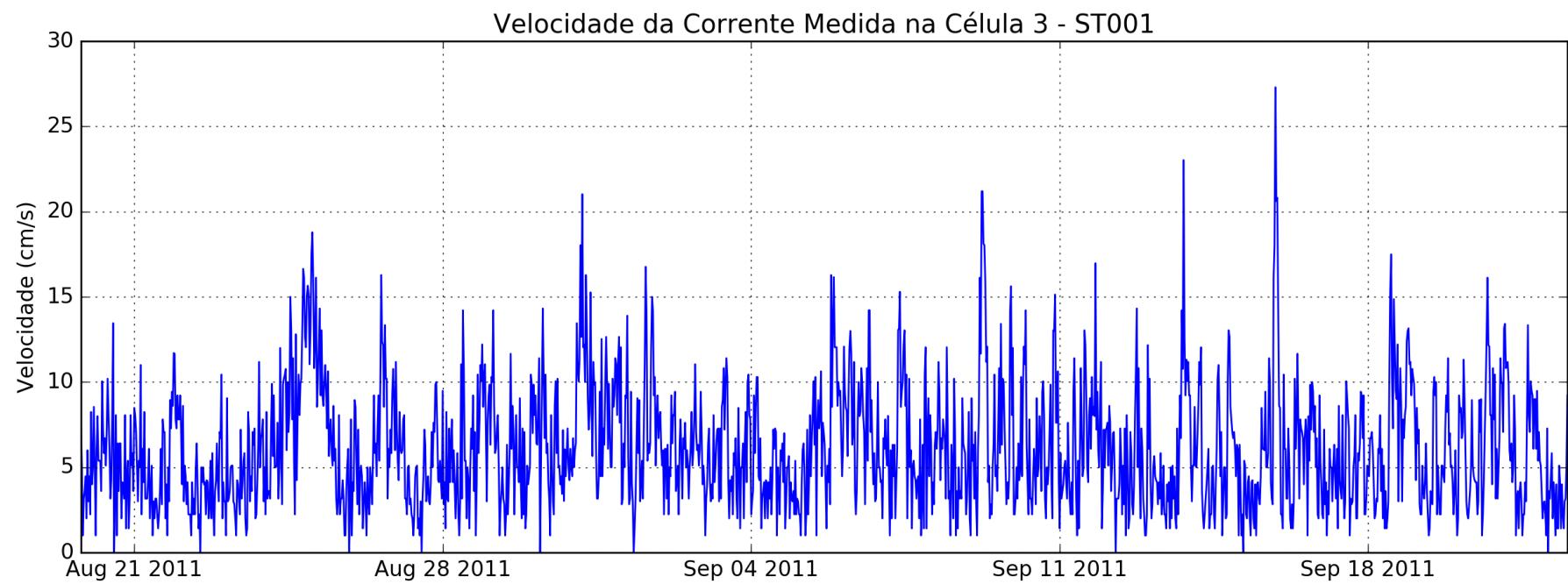


Figura 95 – Velocidade ao longo do tempo em ST001 na Camada 3 (em $cm.s^{-1}$)

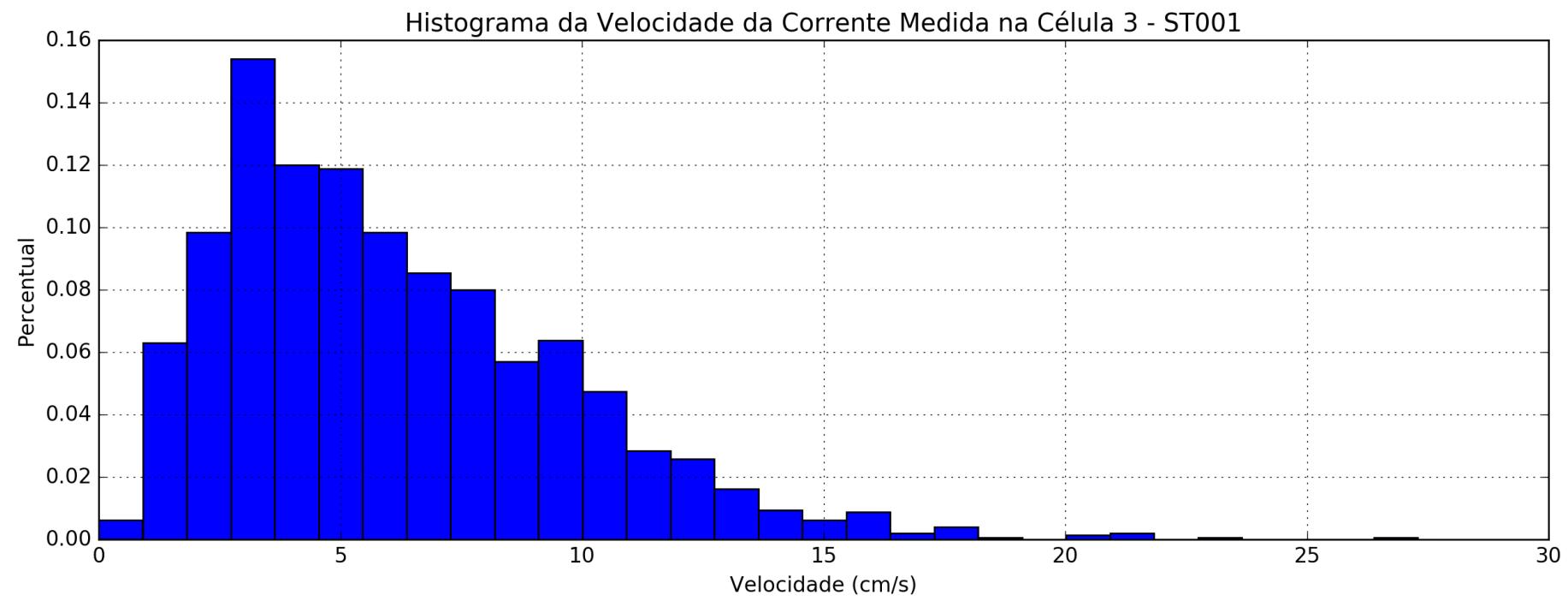


Figura 96 – Histograma da velocidade da corrente no ponto ST001 na Camada 3 (em $\text{cm} \cdot \text{s}^{-1}$)

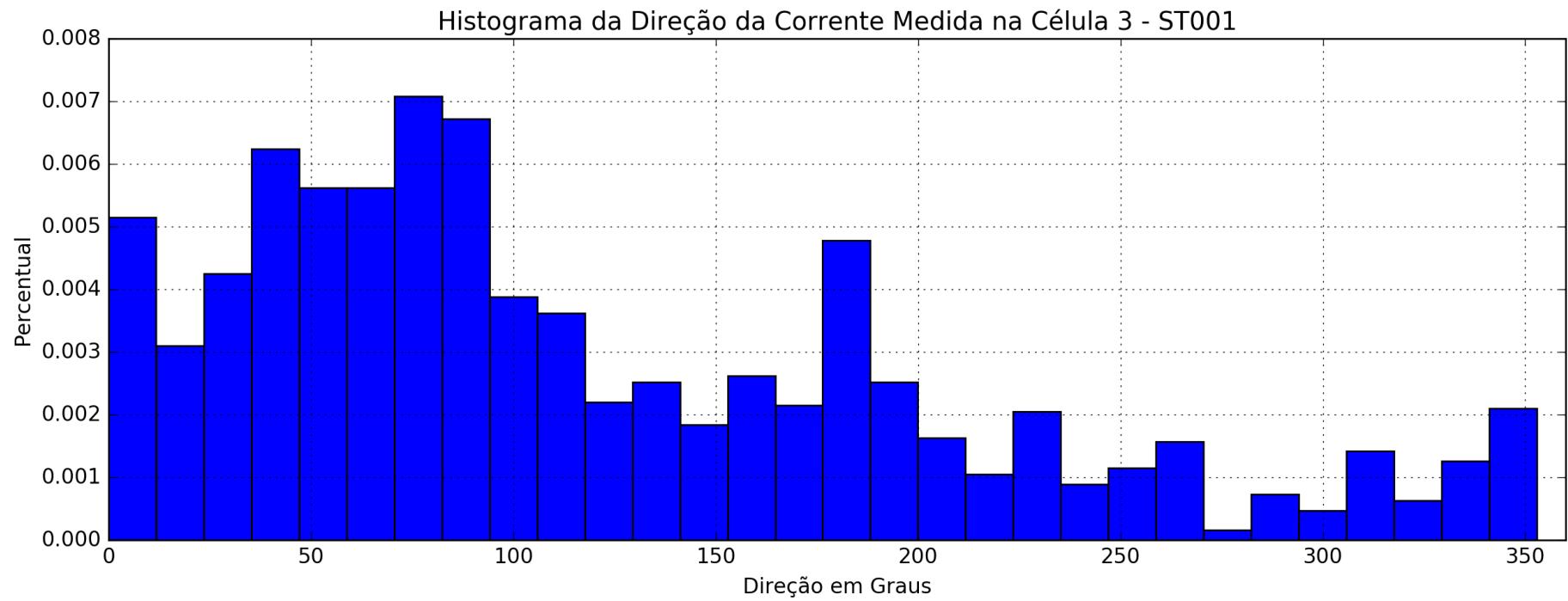


Figura 97 – Histograma da direção da corrente no ponto ST001 na Camada 3

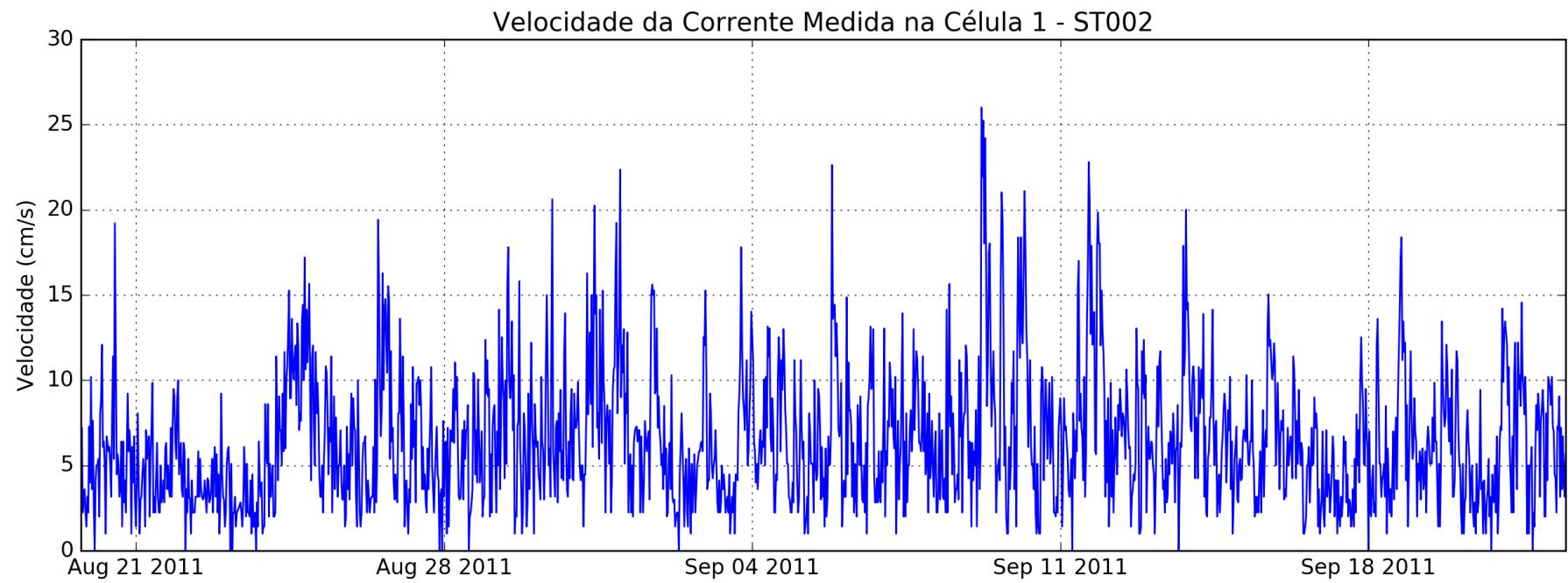


Figura 98 – Velocidade ao longo do tempo em ST002 na Camada 1 (em $cm.s^{-1}$)

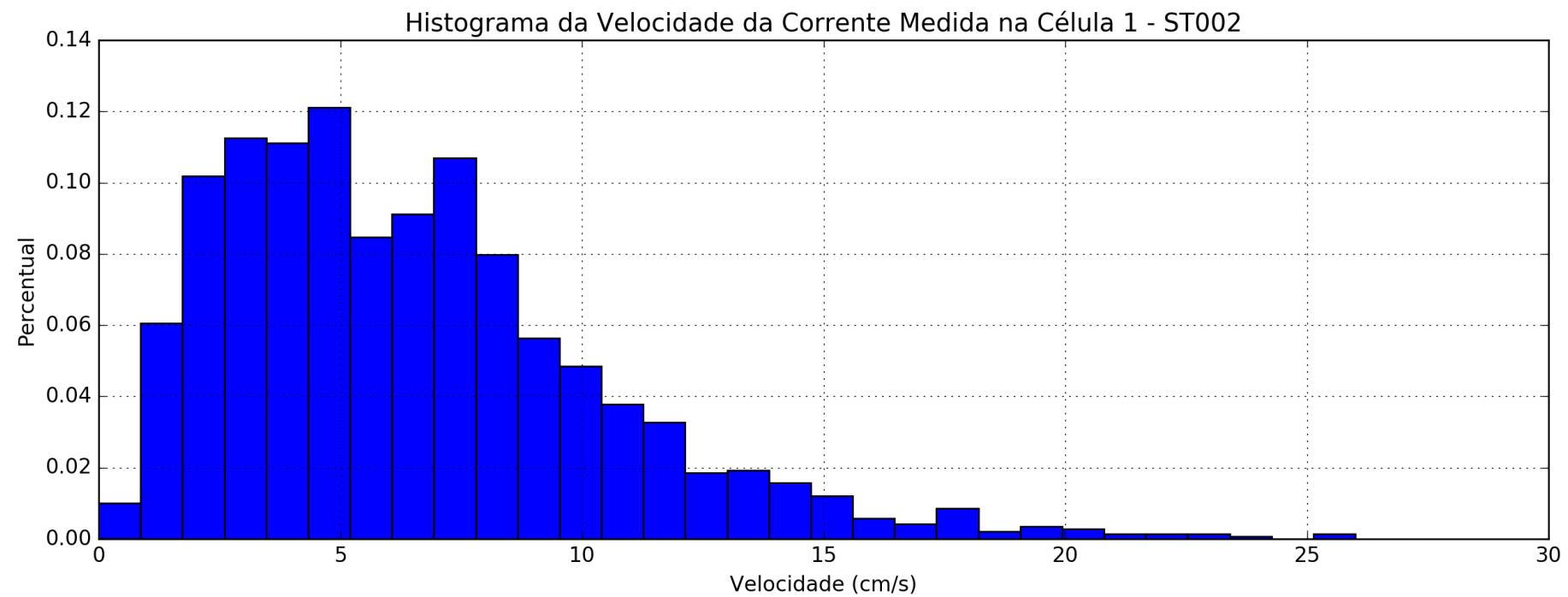


Figura 99 – Histograma da velocidade da corrente no ponto ST002 na Camada 1 (em $\text{cm} \cdot \text{s}^{-1}$)

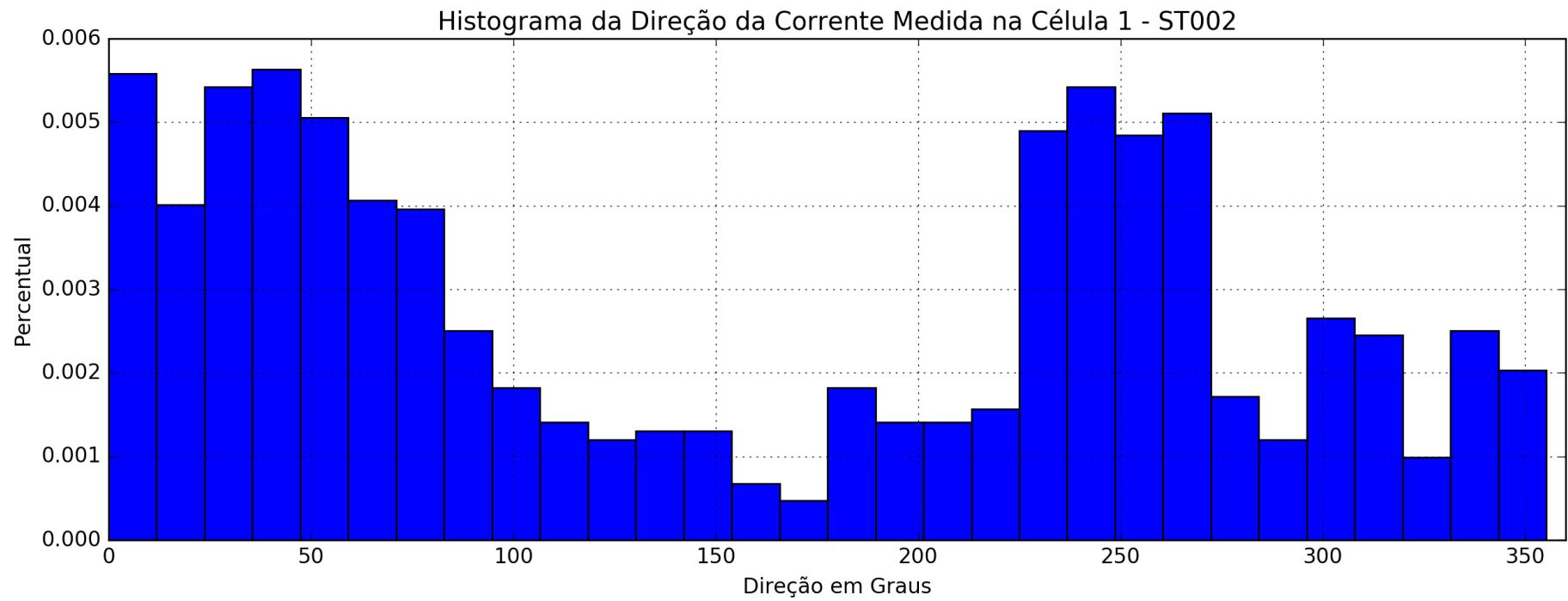


Figura 100 – Histograma da direção da corrente no ponto ST002 na Camada 1

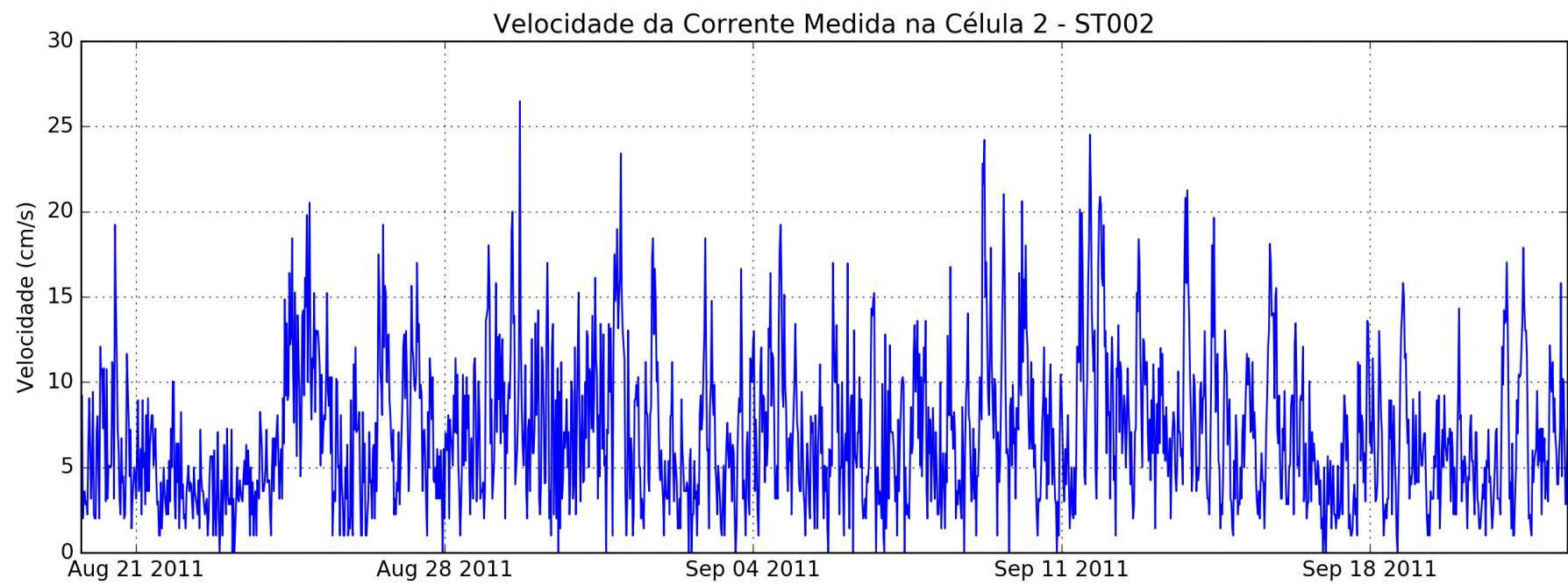


Figura 101 – Velocidade ao longo do tempo em ST002 na Camada 2 (em $\text{cm} \cdot \text{s}^{-1}$)

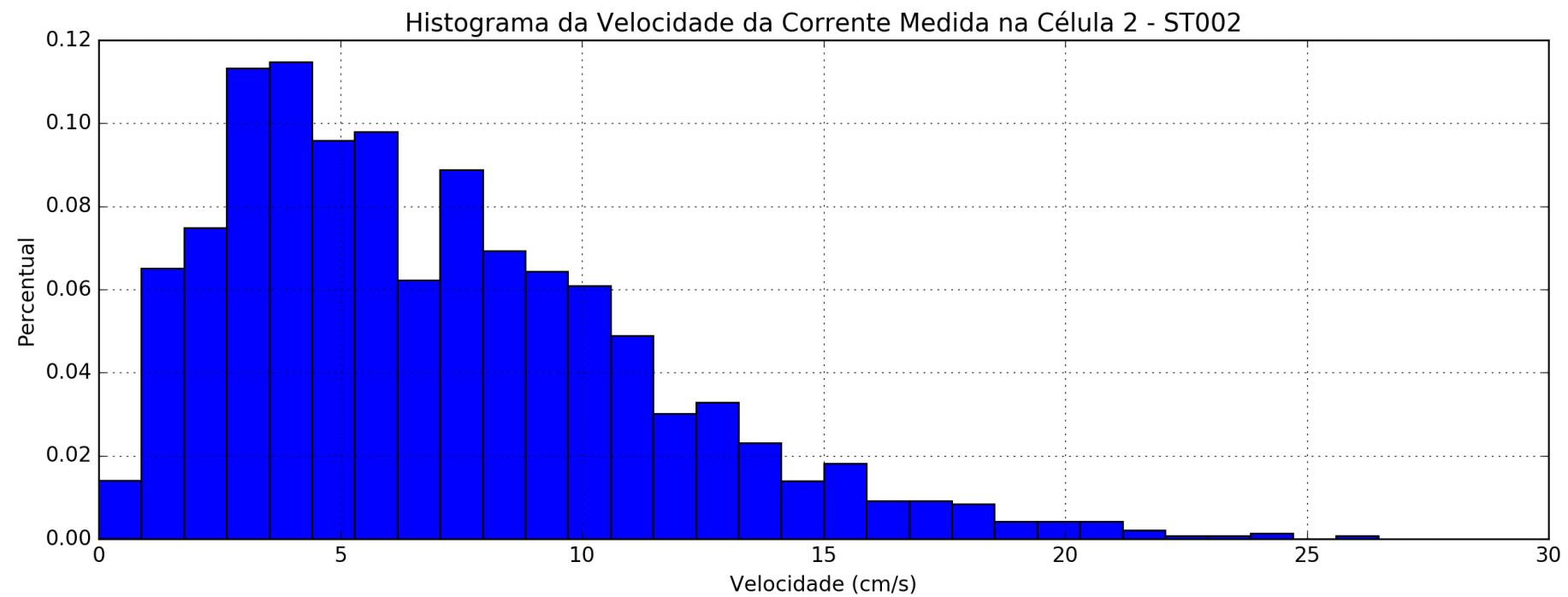


Figura 102 – Histograma da velocidade da corrente no ponto ST002 na Camada 2 (em $\text{cm} \cdot \text{s}^{-1}$)

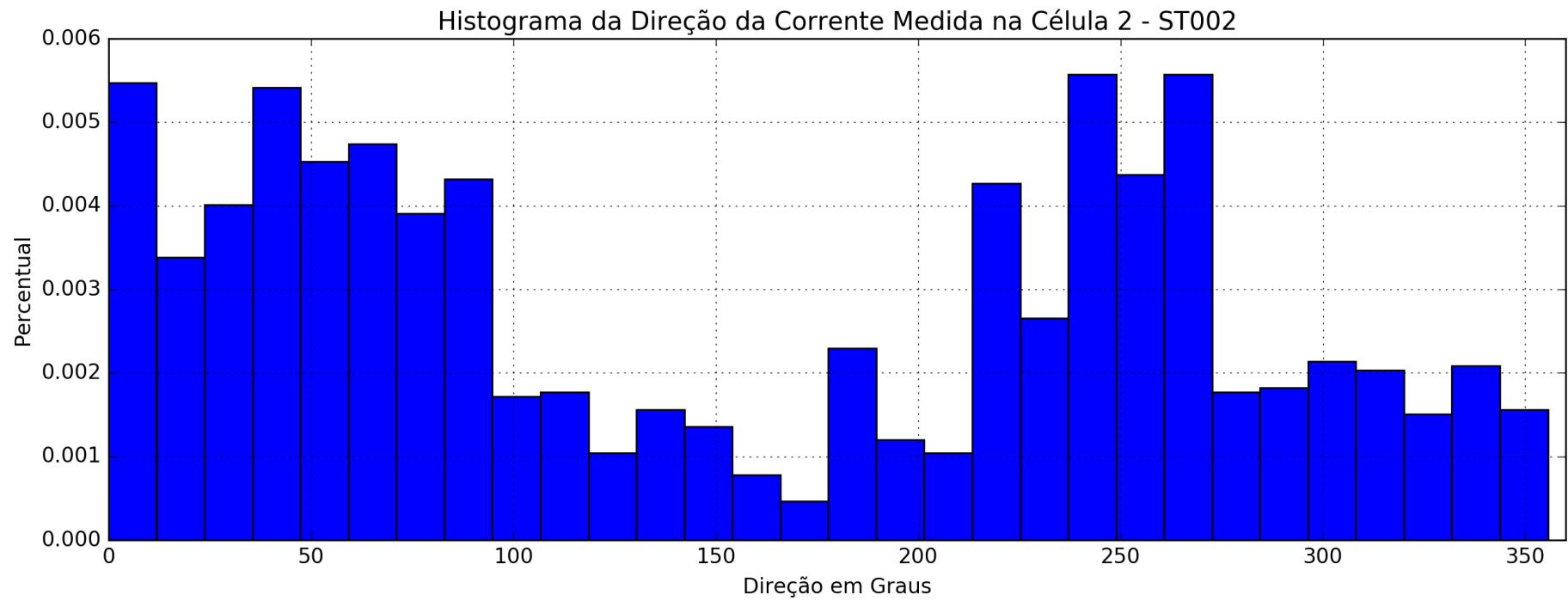


Figura 103 – Histograma da direção da corrente no ponto ST002 na Camada 2

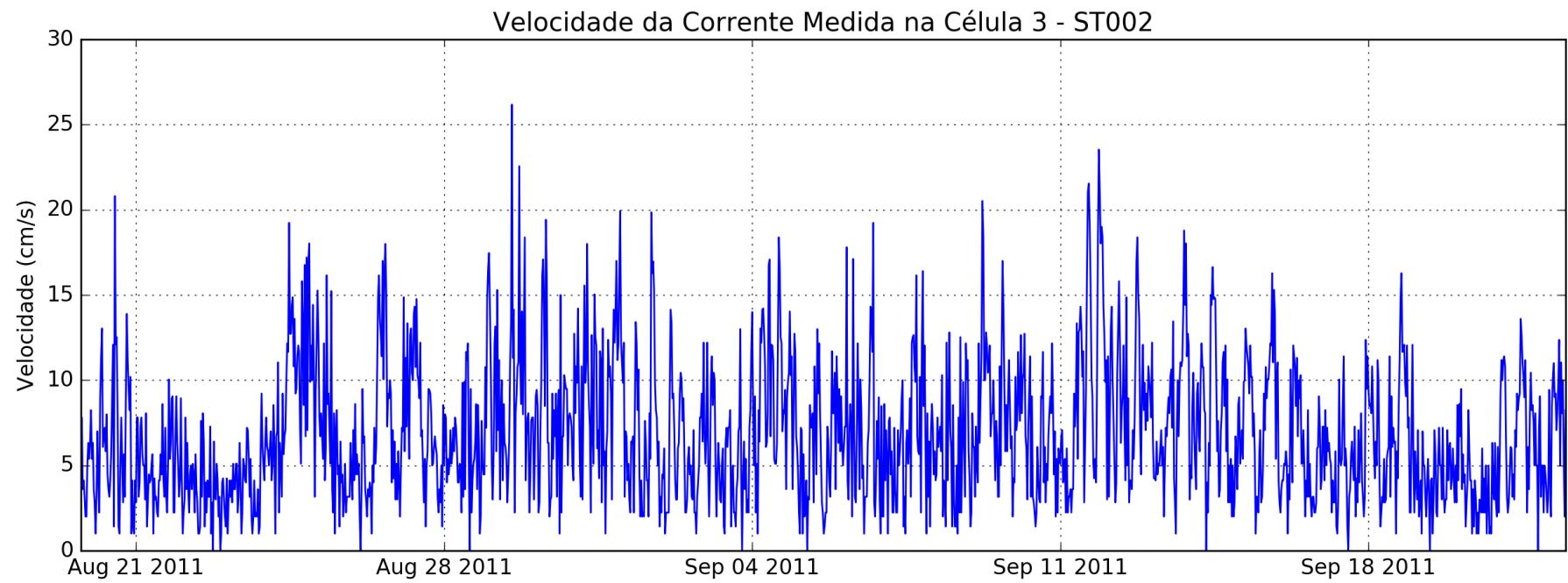


Figura 104 – Velocidade ao longo do tempo em ST002 na Camada 3 (em $\text{cm} \cdot \text{s}^{-1}$)

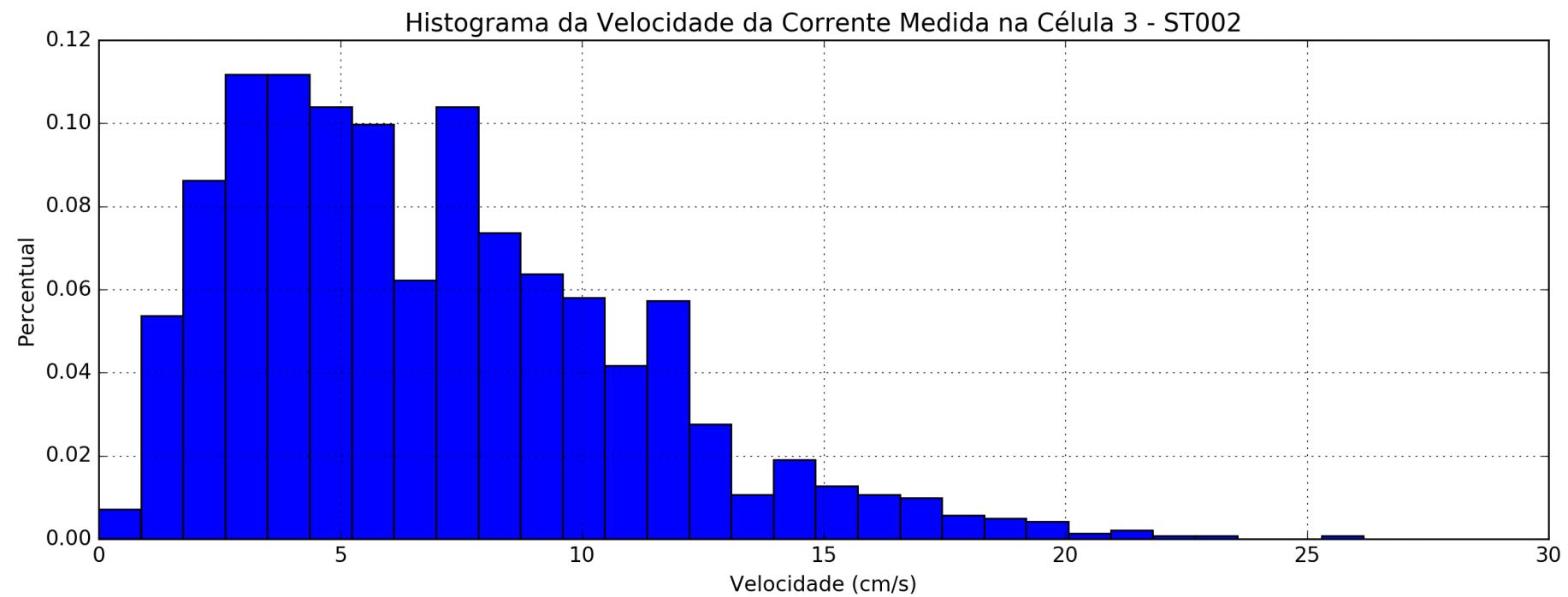


Figura 105 – Histograma da velocidade da corrente no ponto ST002 na Camada 3 (em $\text{cm} \cdot \text{s}^{-1}$)

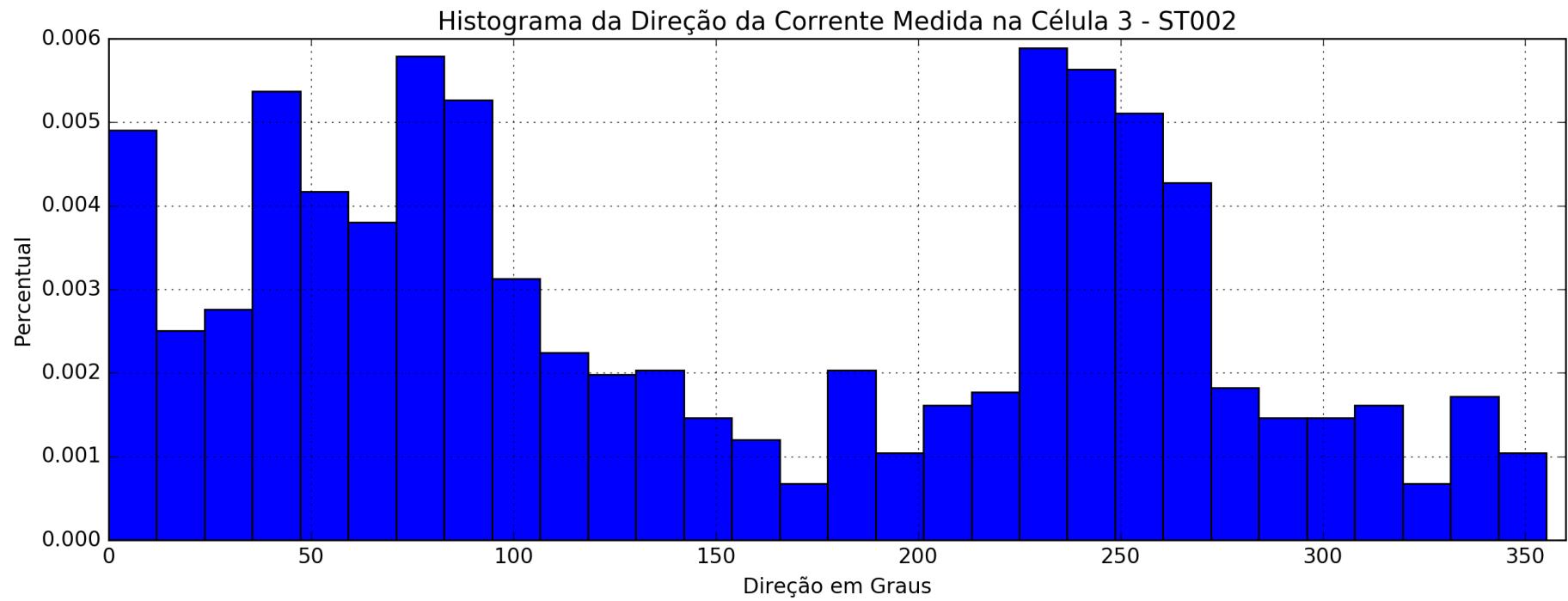


Figura 106 – Histograma da direção da corrente no ponto ST002 na Camada 3

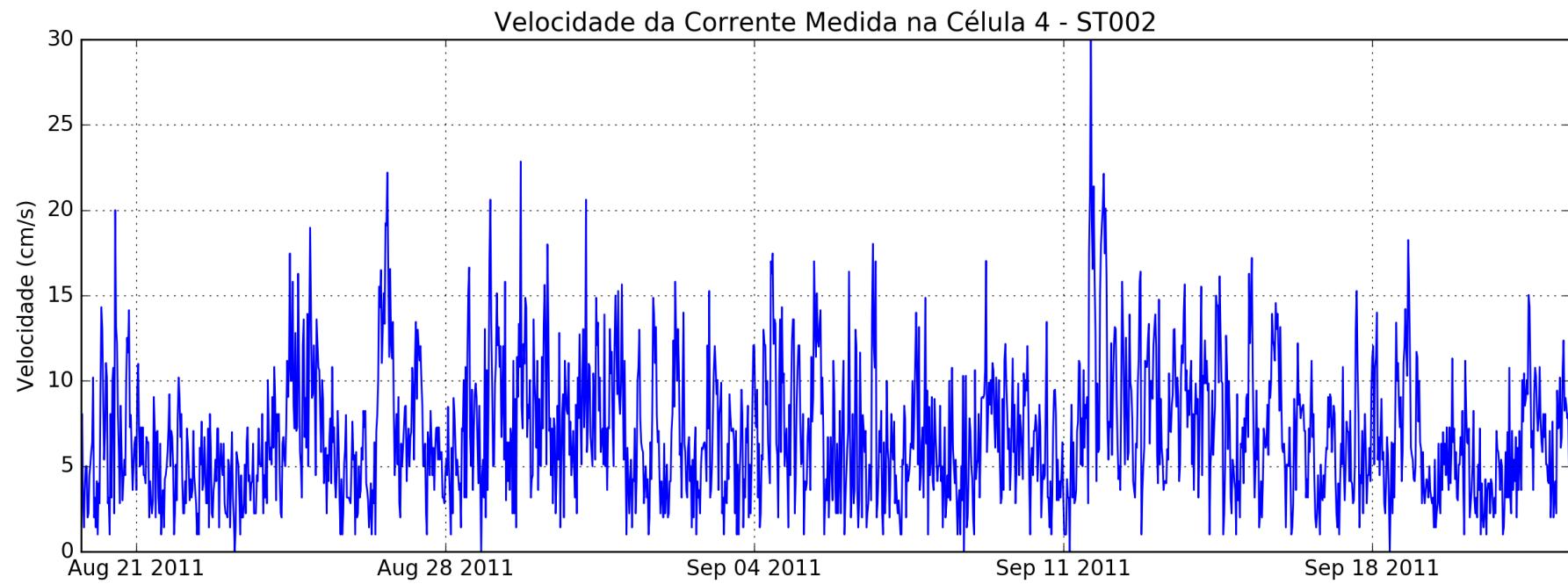


Figura 107 – Velocidade ao longo do tempo em ST002 na Camada 4 (em $\text{cm} \cdot \text{s}^{-1}$)

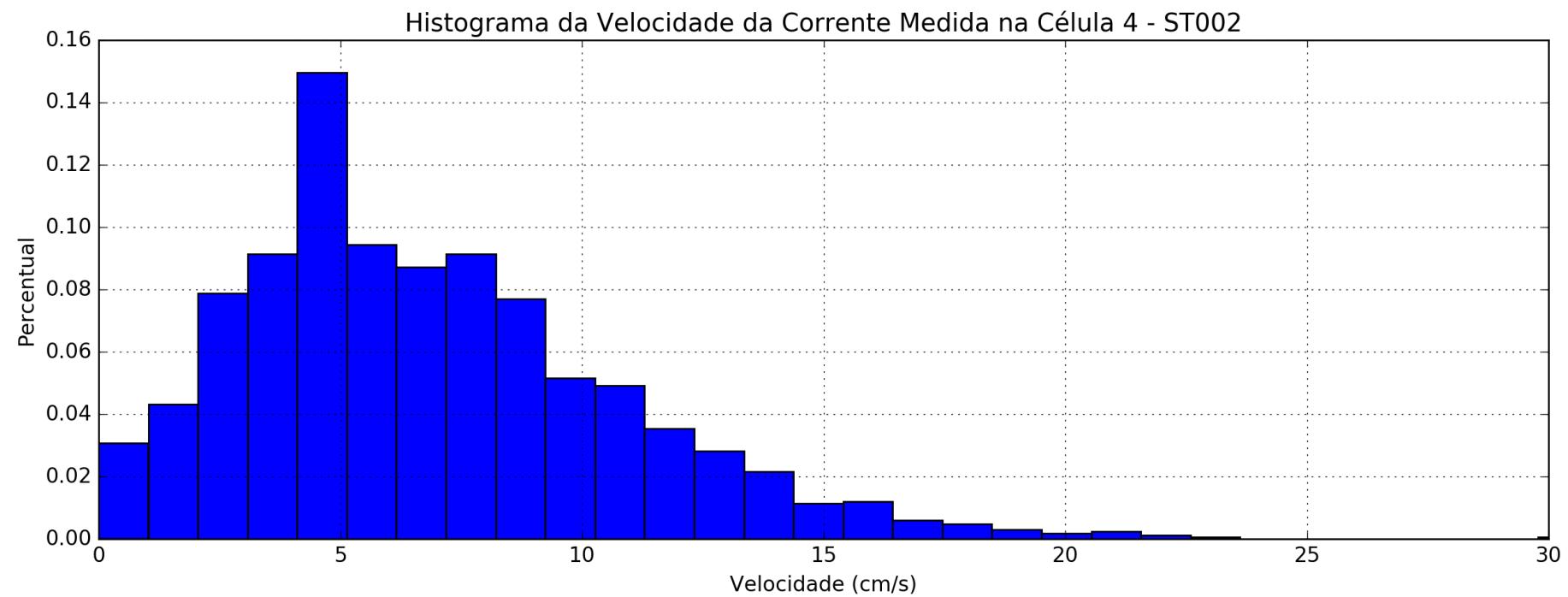


Figura 108 – Histograma da velocidade da corrente no ponto ST002 na Camada 4 (em $\text{cm} \cdot \text{s}^{-1}$)

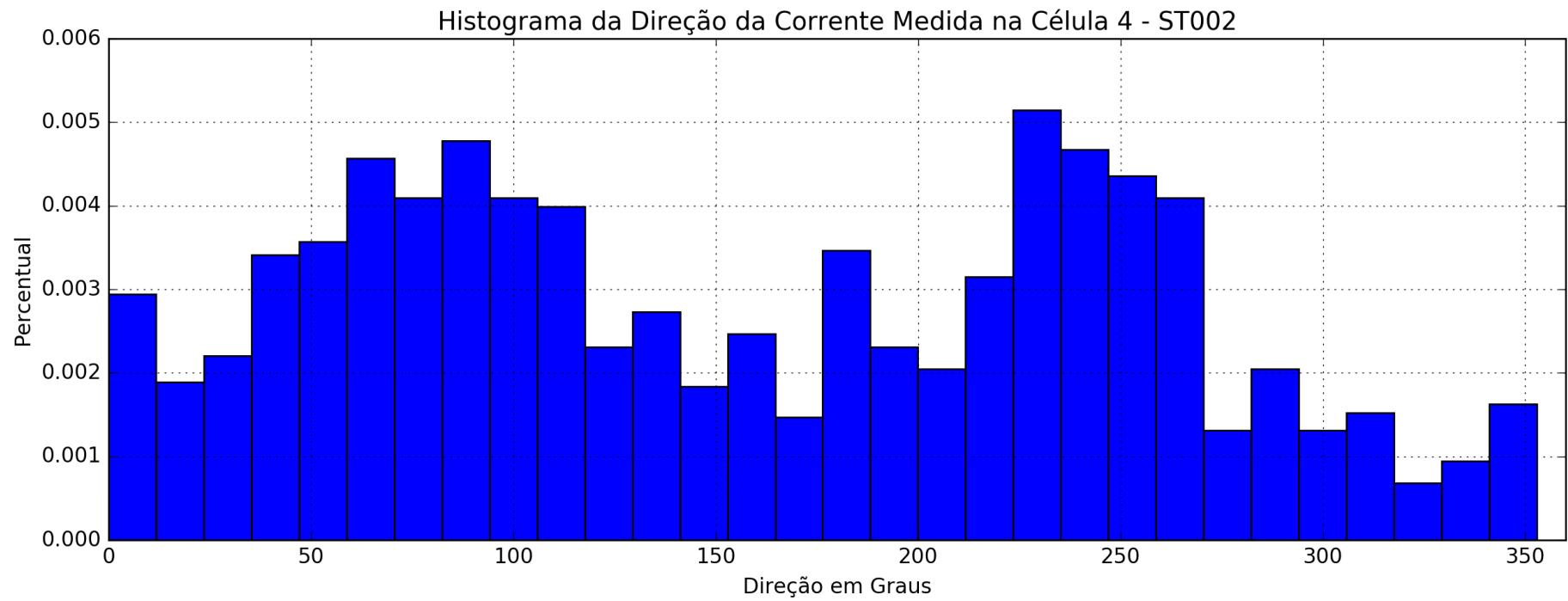


Figura 109 – Histograma da direção da corrente no ponto ST002 na Camada 4

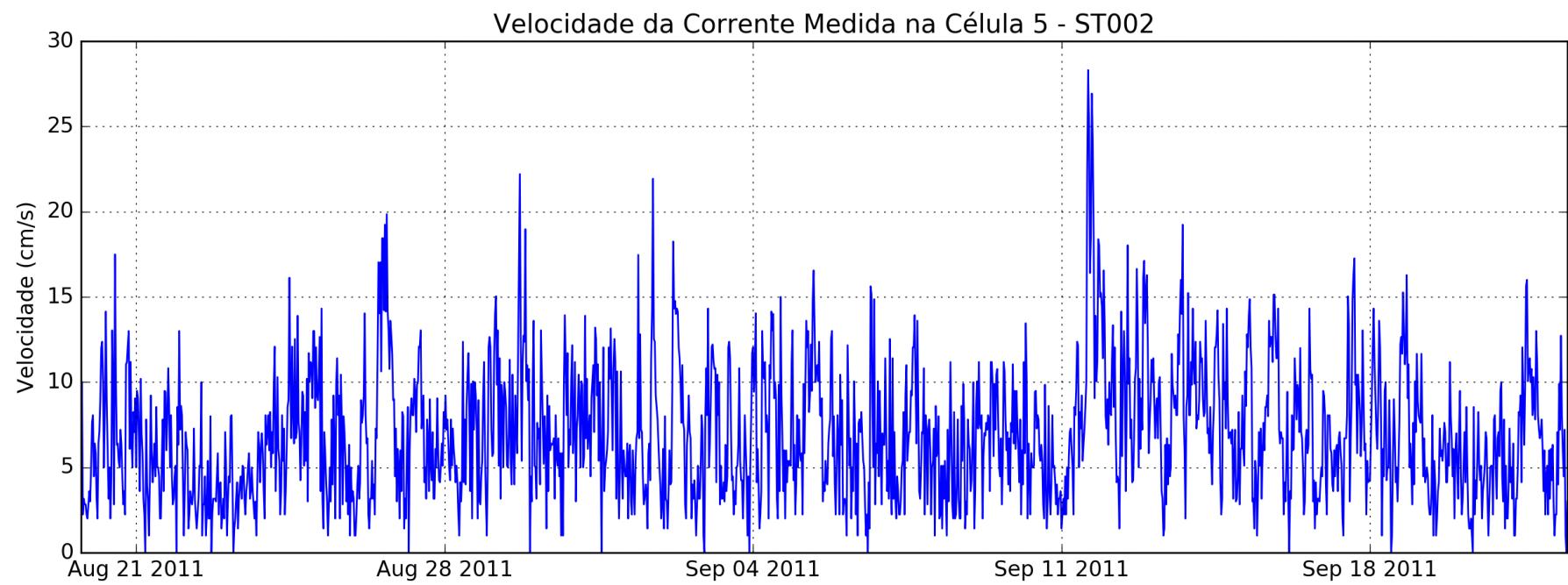


Figura 110 – Velocidade ao longo do tempo em ST002 na Camada 5 (em $cm.s^{-1}$)

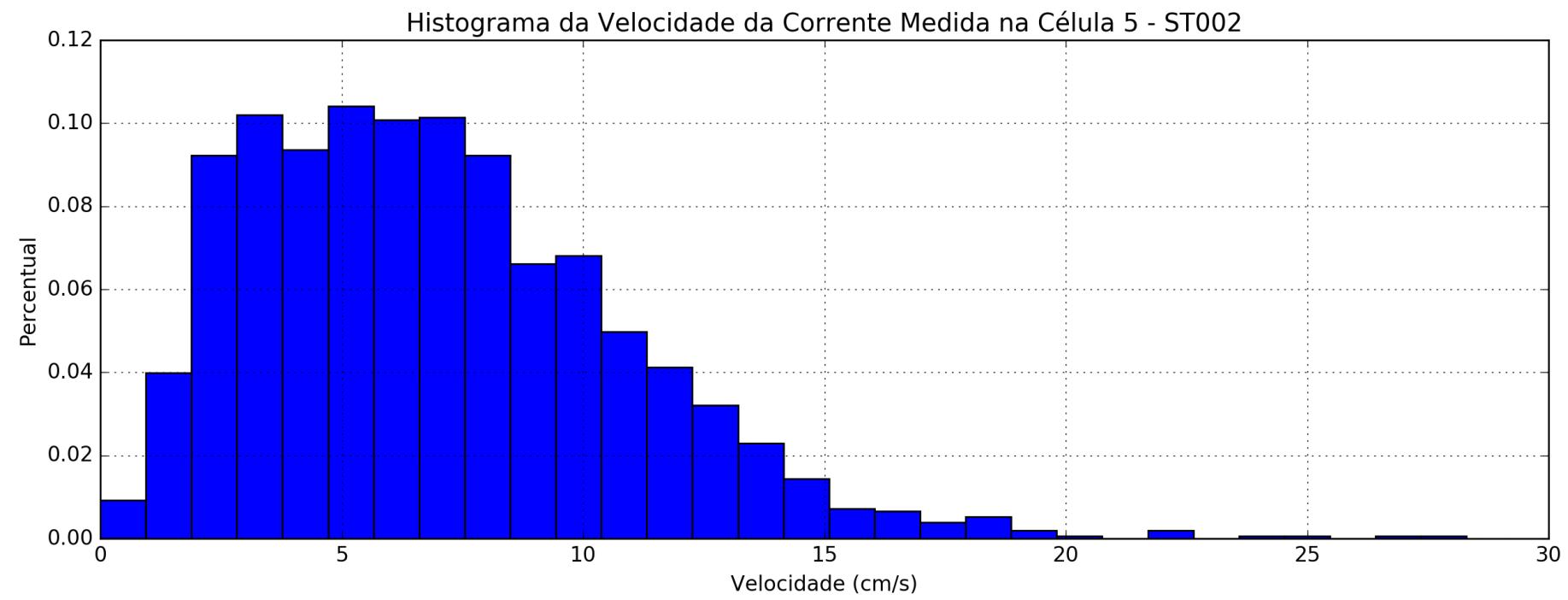


Figura 111 – Histograma da velocidade da corrente no ponto ST002 na Camada 5 (em $\text{cm} \cdot \text{s}^{-1}$)

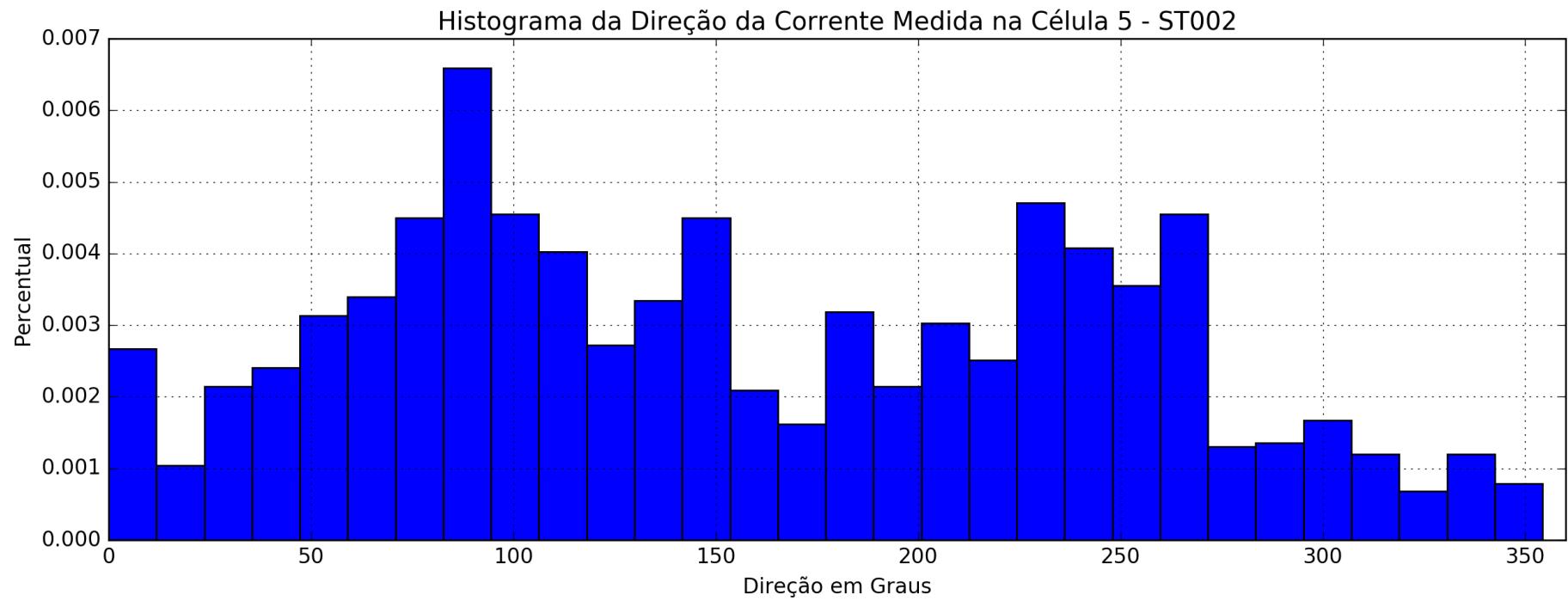


Figura 112 – Histograma da direção da corrente no ponto ST002 na Camada 5

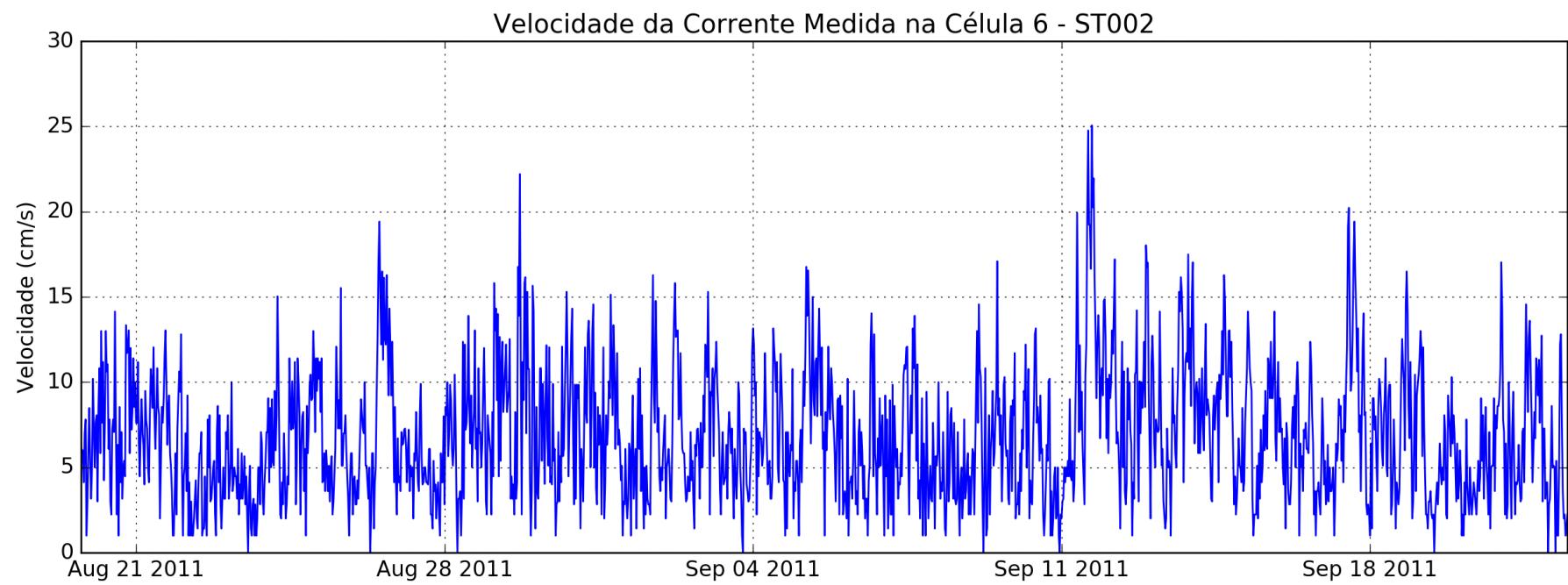


Figura 113 – Velocidade ao longo do tempo em ST002 na Camada 6 (em $\text{cm} \cdot \text{s}^{-1}$)

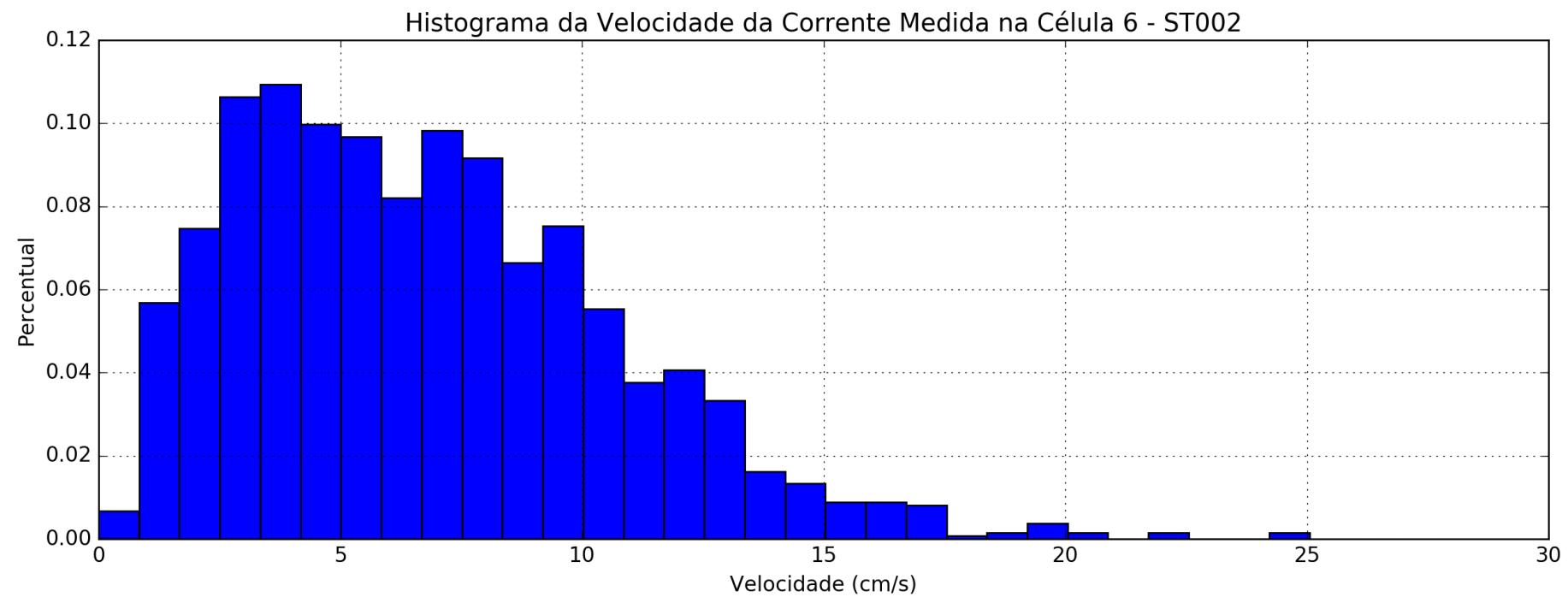


Figura 114 – Histograma da velocidade da corrente no ponto ST002 na Camada 6 (em $\text{cm} \cdot \text{s}^{-1}$)

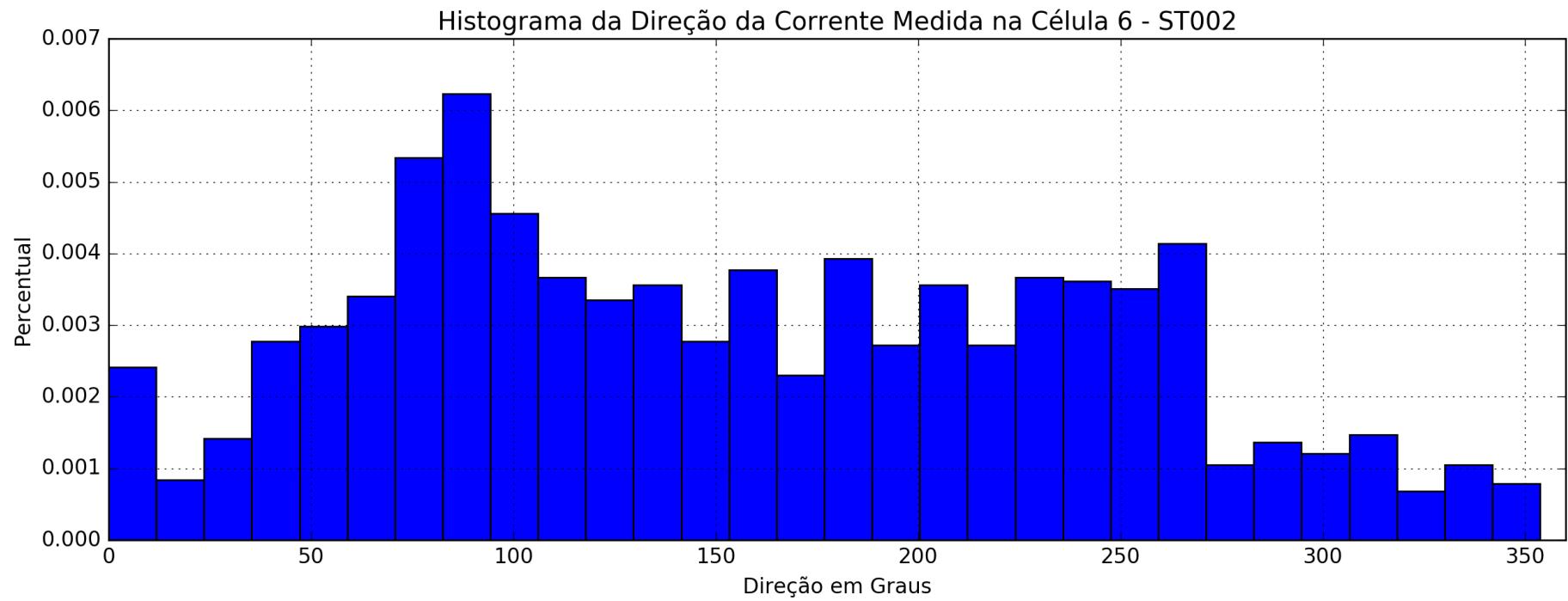


Figura 115 – Histograma da direção da corrente no ponto ST002 na Camada 6

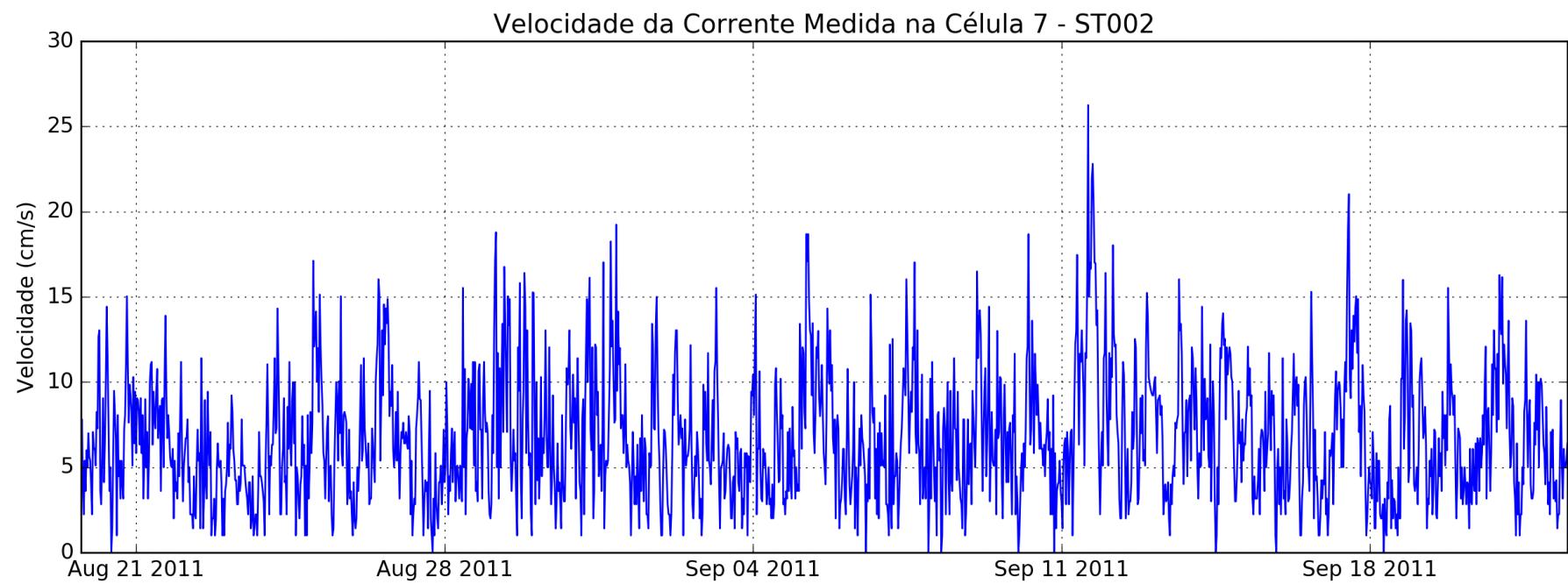


Figura 116 – Velocidade ao longo do tempo em ST002 na Camada 7 (em $\text{cm} \cdot \text{s}^{-1}$)

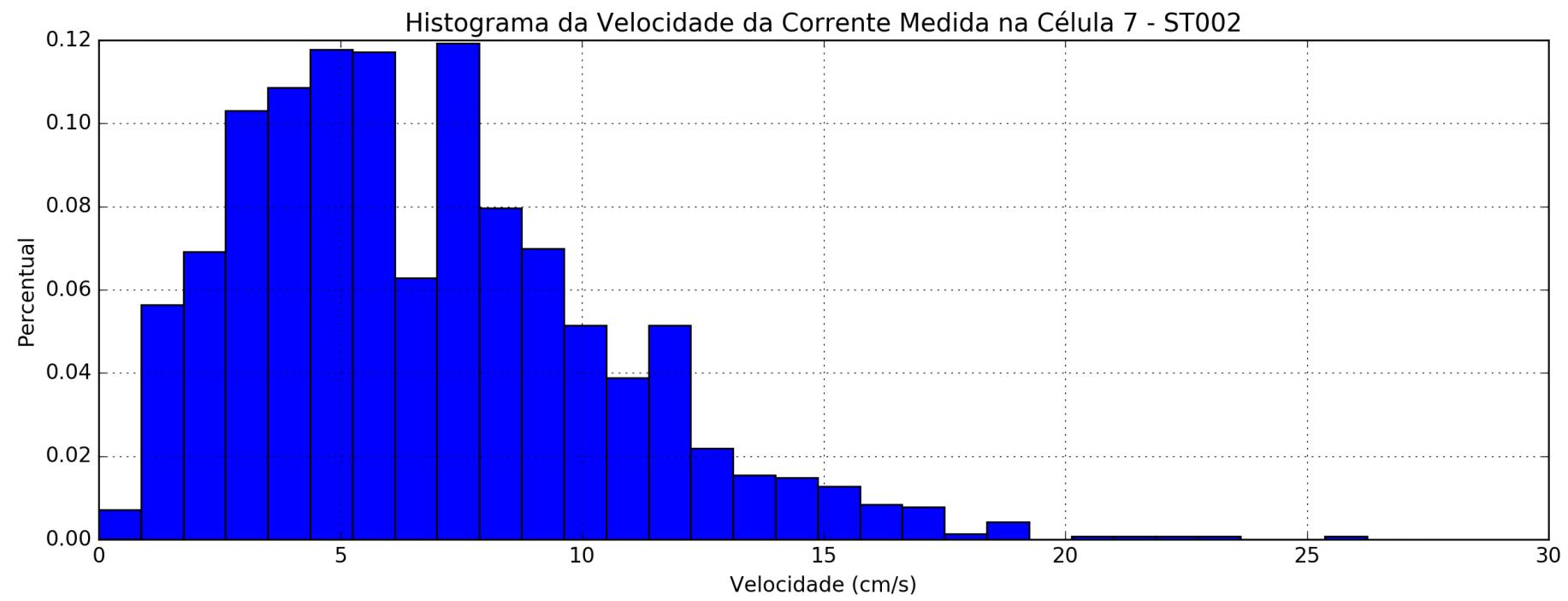


Figura 117 – Histograma da velocidade da corrente no ponto ST002 na Camada 7 (em $\text{cm} \cdot \text{s}^{-1}$)

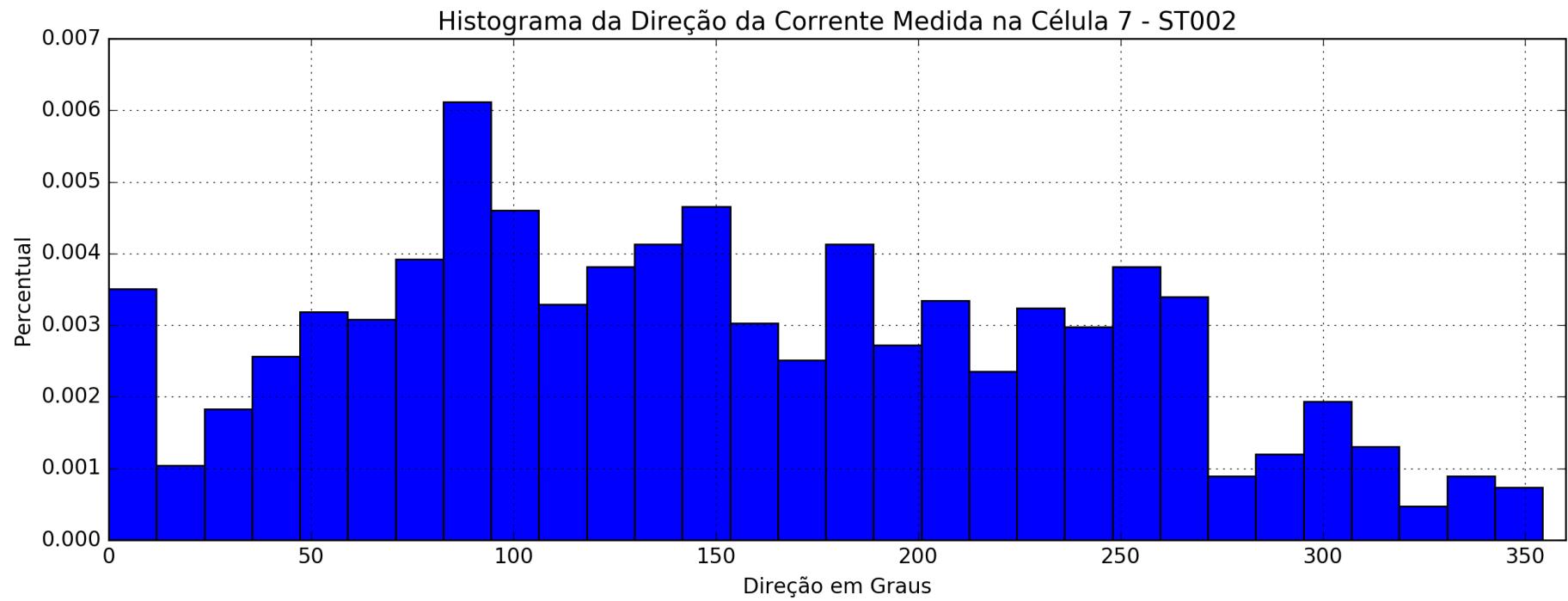


Figura 118 – Histograma da direção da corrente no ponto ST002 na Camada 7

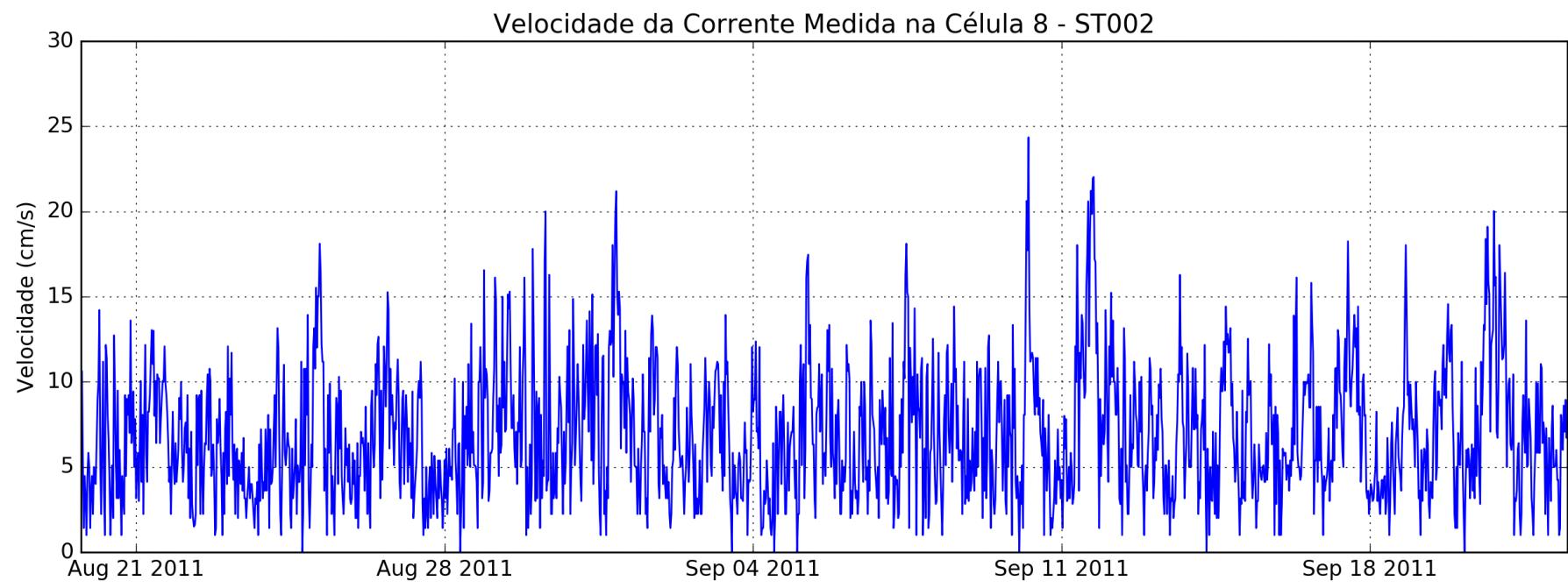


Figura 119 – Velocidade ao longo do tempo em ST002 na Camada 8 (em $\text{cm} \cdot \text{s}^{-1}$)

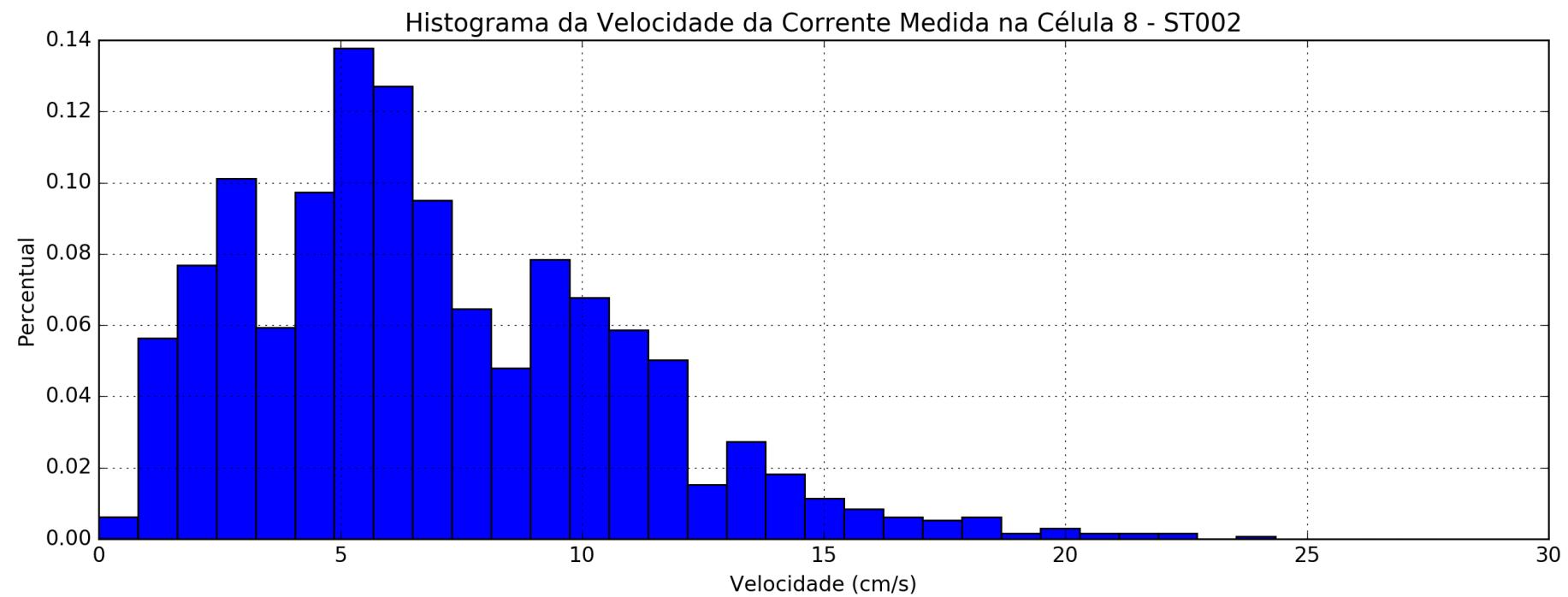


Figura 120 – Histograma da velocidade da corrente no ponto ST002 na Camada 8 (em $\text{cm} \cdot \text{s}^{-1}$)

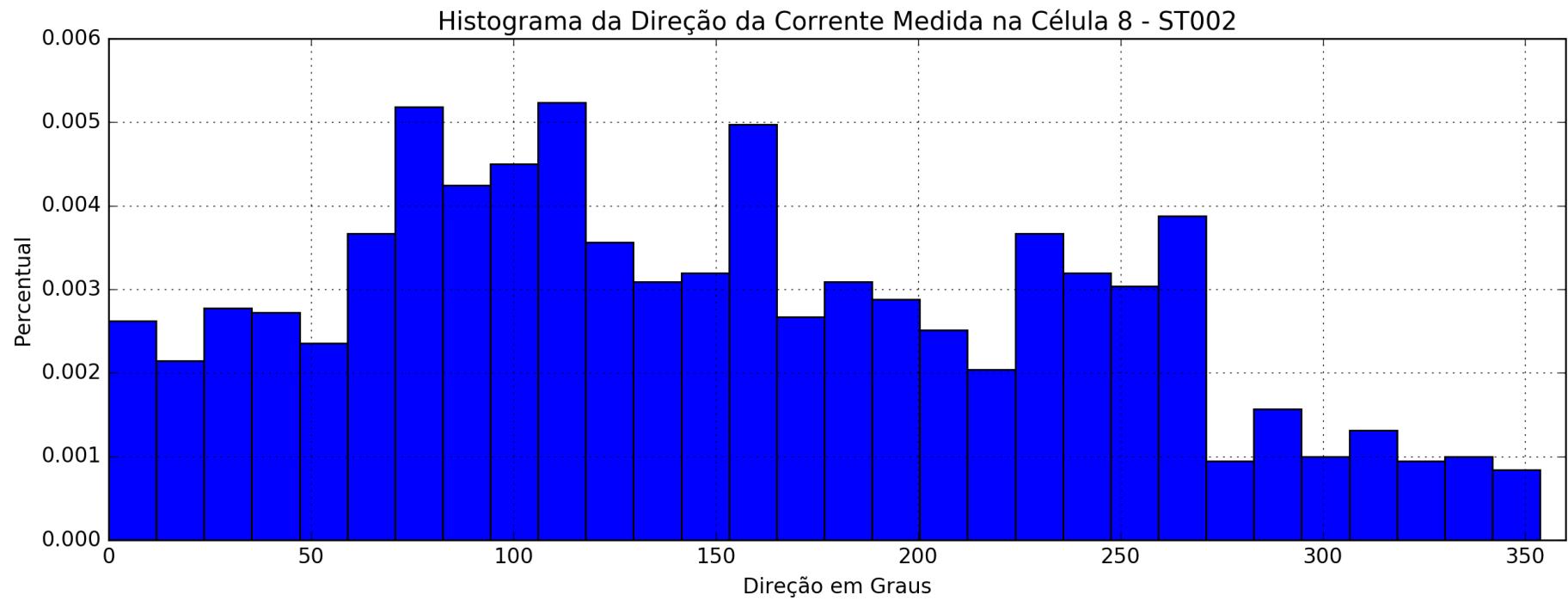


Figura 121 – Histograma da direção da corrente no ponto ST002 na Camada 8

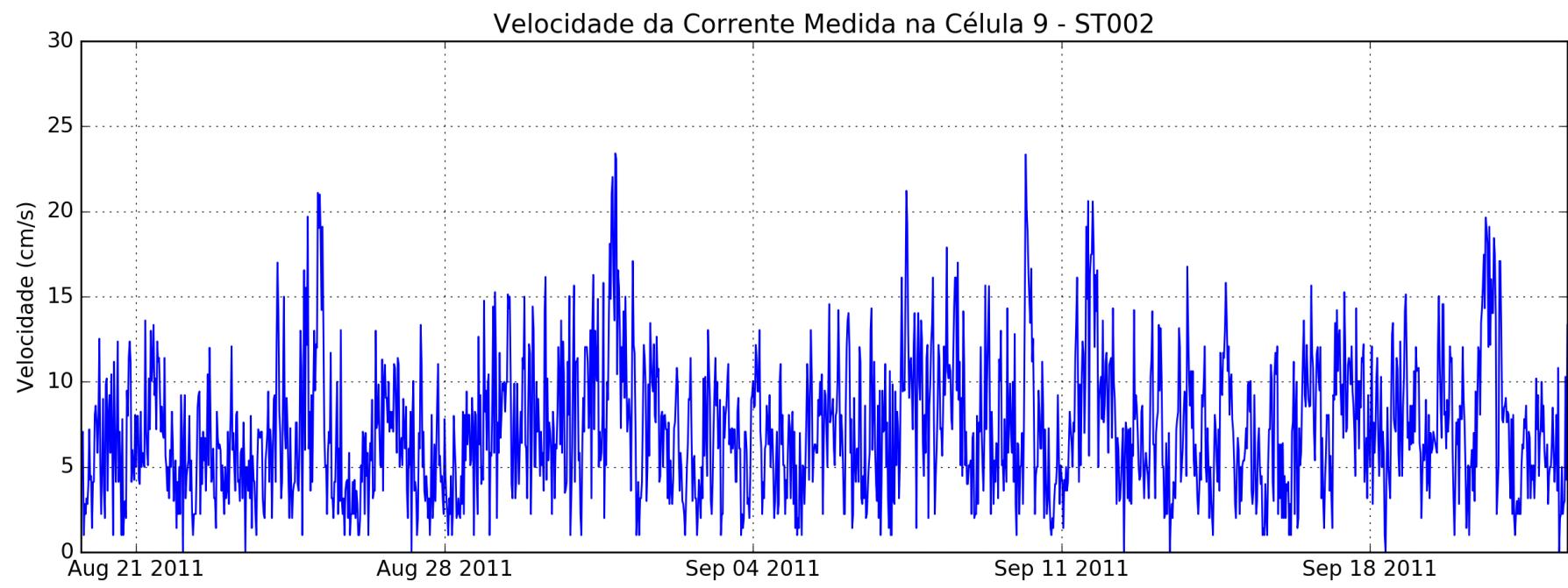


Figura 122 – Velocidade ao longo do tempo em ST002 na Camada 9 (em $\text{cm} \cdot \text{s}^{-1}$)

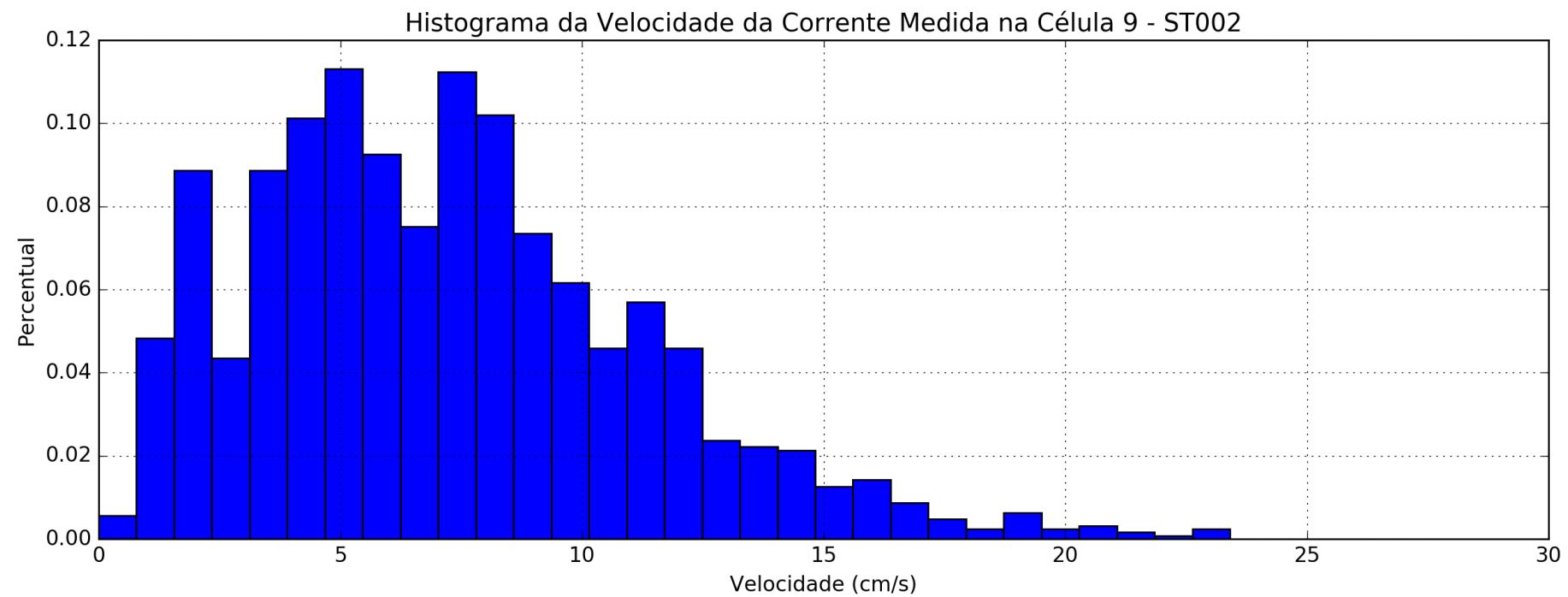


Figura 123 – Histograma da velocidade da corrente no ponto ST002 na Camada 9 (em $\text{cm} \cdot \text{s}^{-1}$)

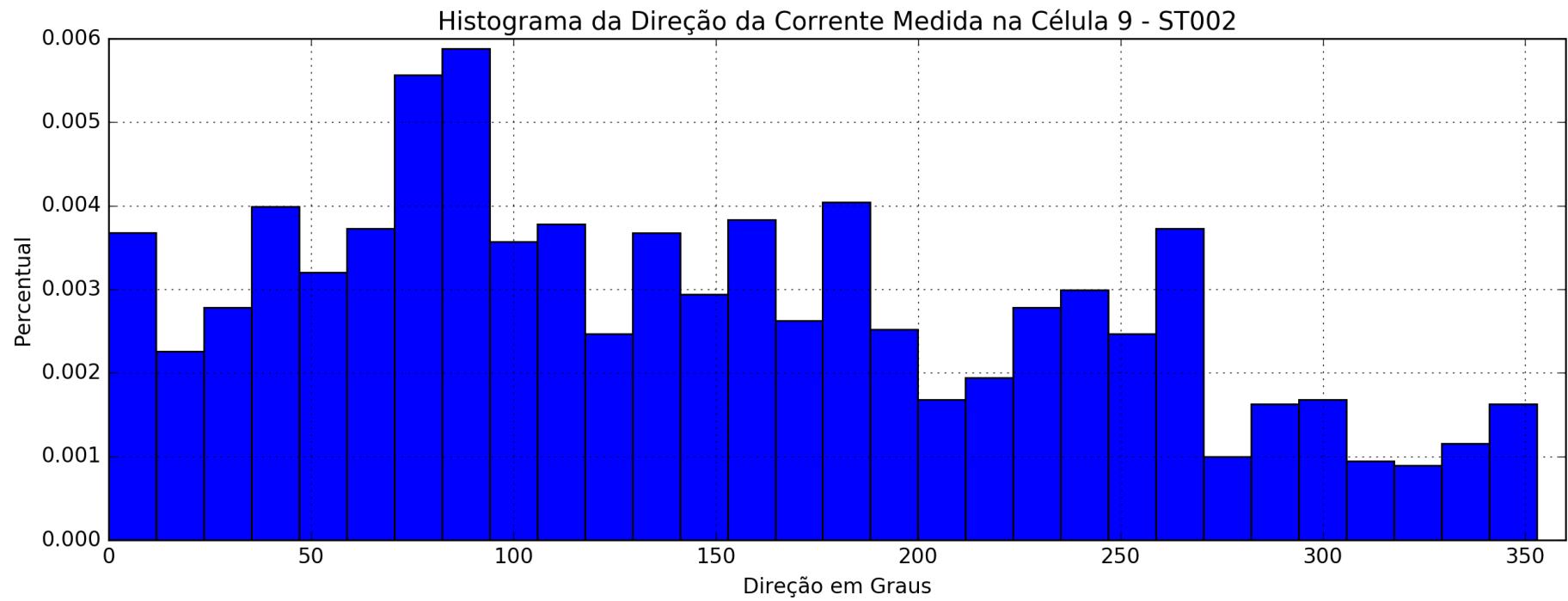


Figura 124 – Histograma da direção da corrente no ponto ST002 na Camada 9

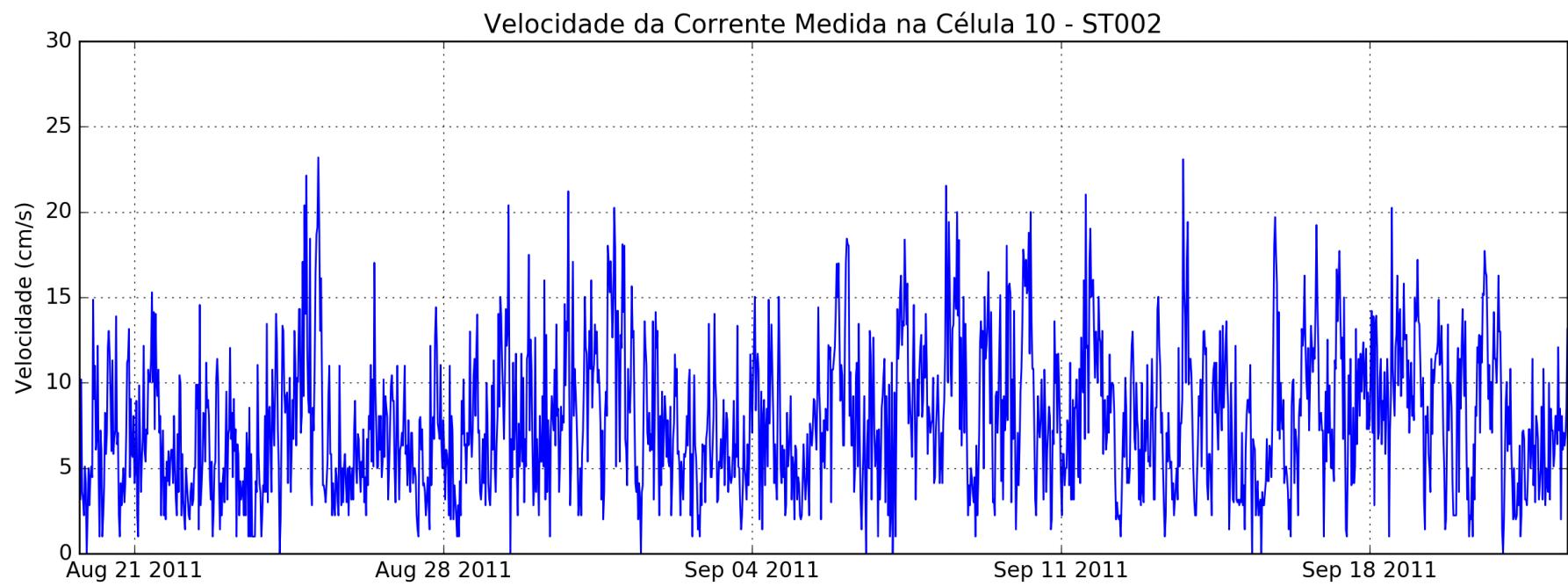


Figura 125 – Velocidade ao longo do tempo em ST002 na Camada 10 (em $cm.s^{-1}$)

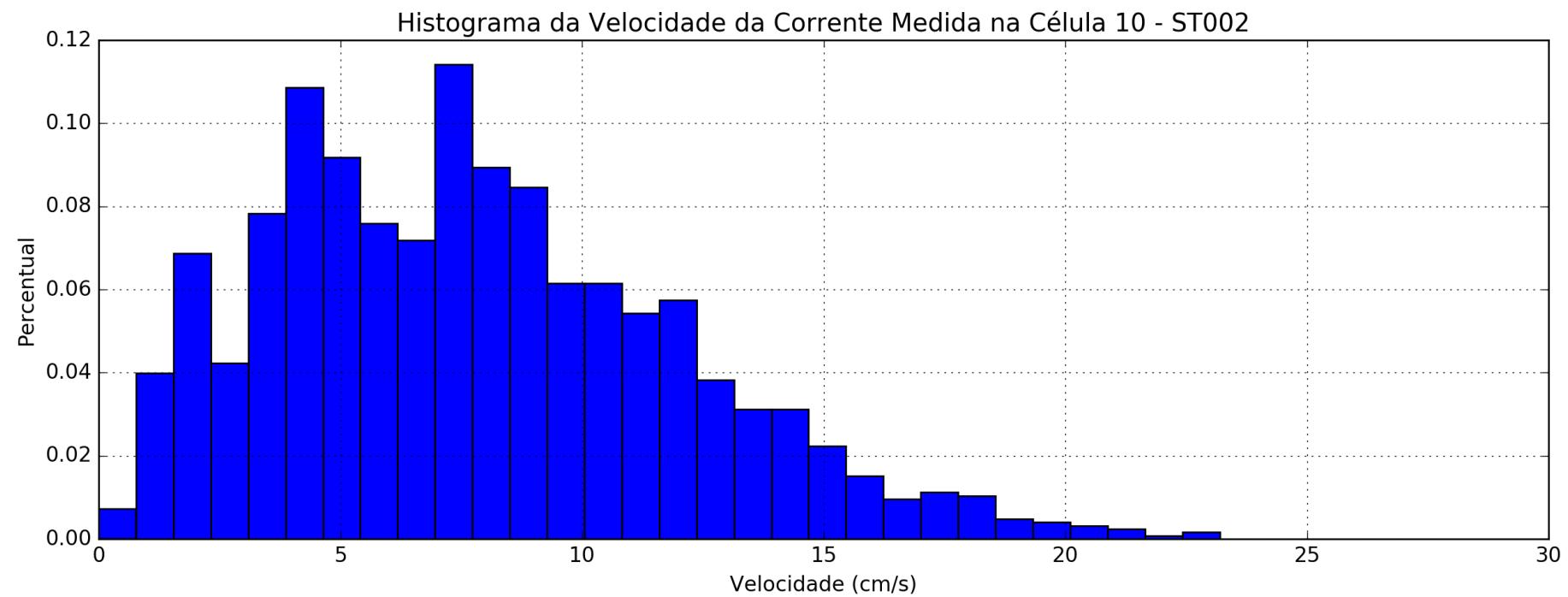


Figura 126 – Histograma da velocidade da corrente no ponto ST002 na Camada 10 (em $\text{cm} \cdot \text{s}^{-1}$)

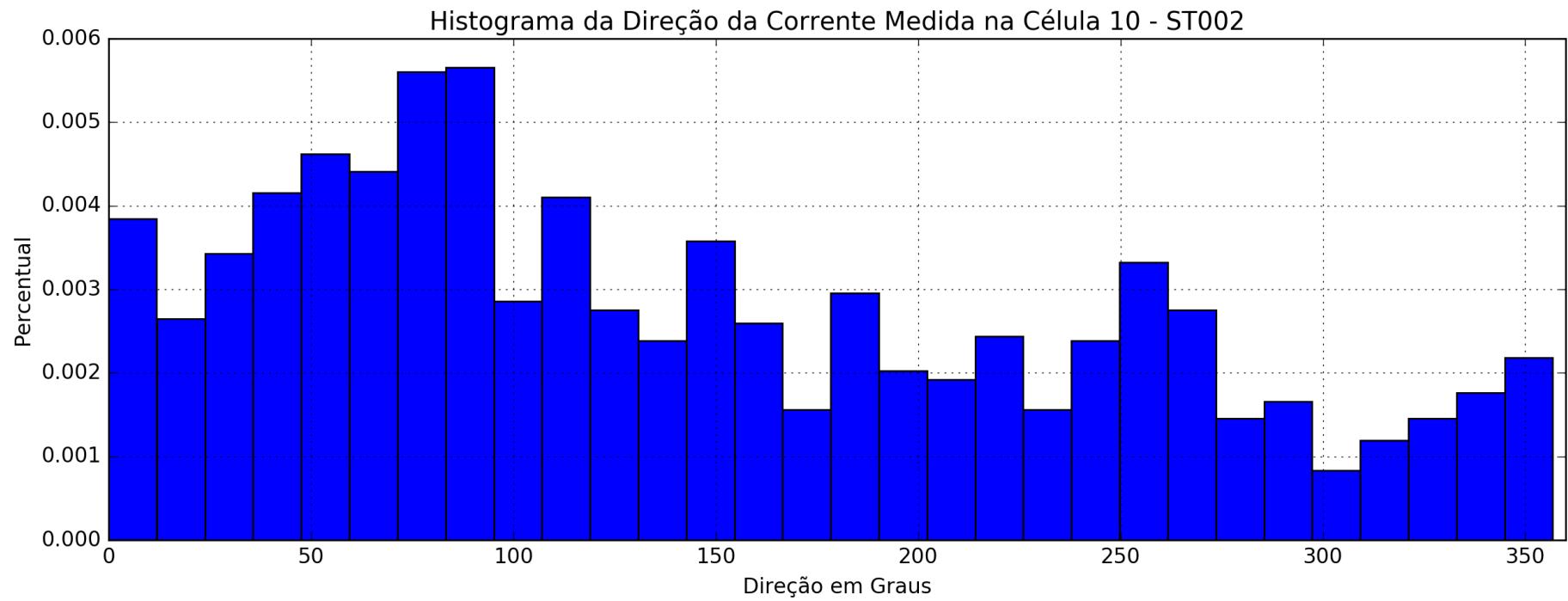


Figura 127 – Histograma da direção da corrente no ponto ST002 na Camada 10

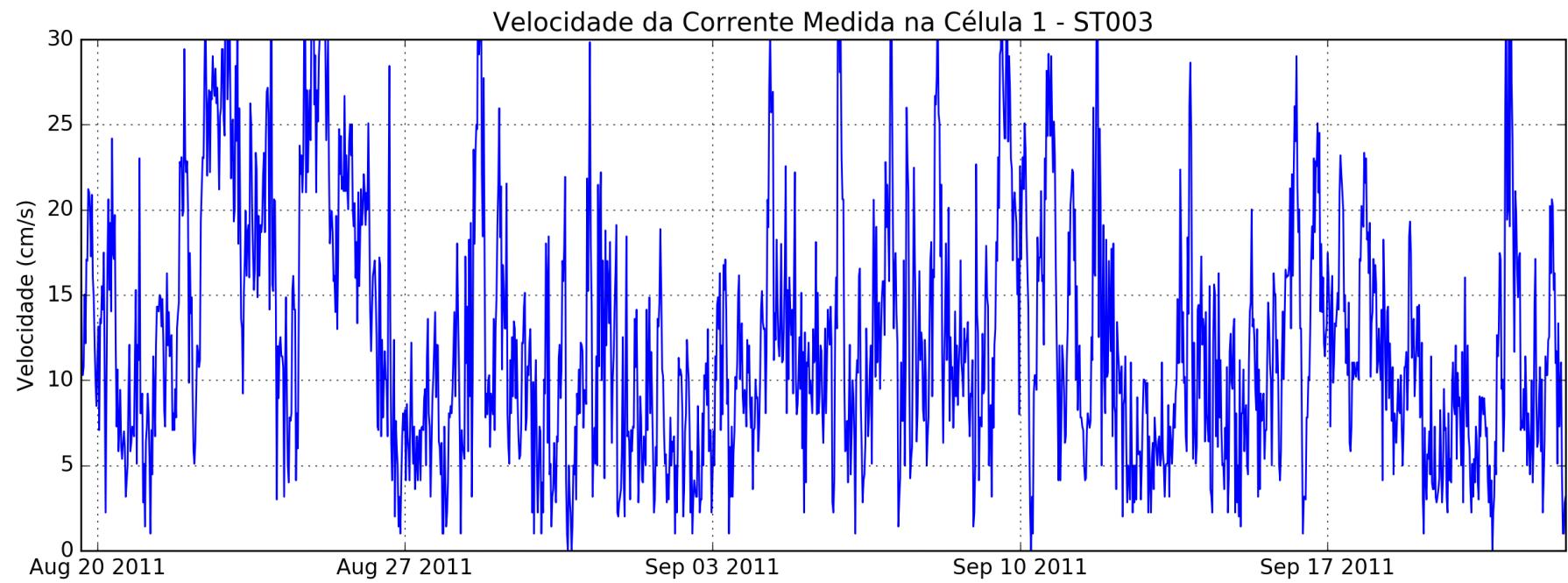


Figura 128 – Velocidade ao longo do tempo em ST003 na Camada 1 (em $\text{cm} \cdot \text{s}^{-1}$)

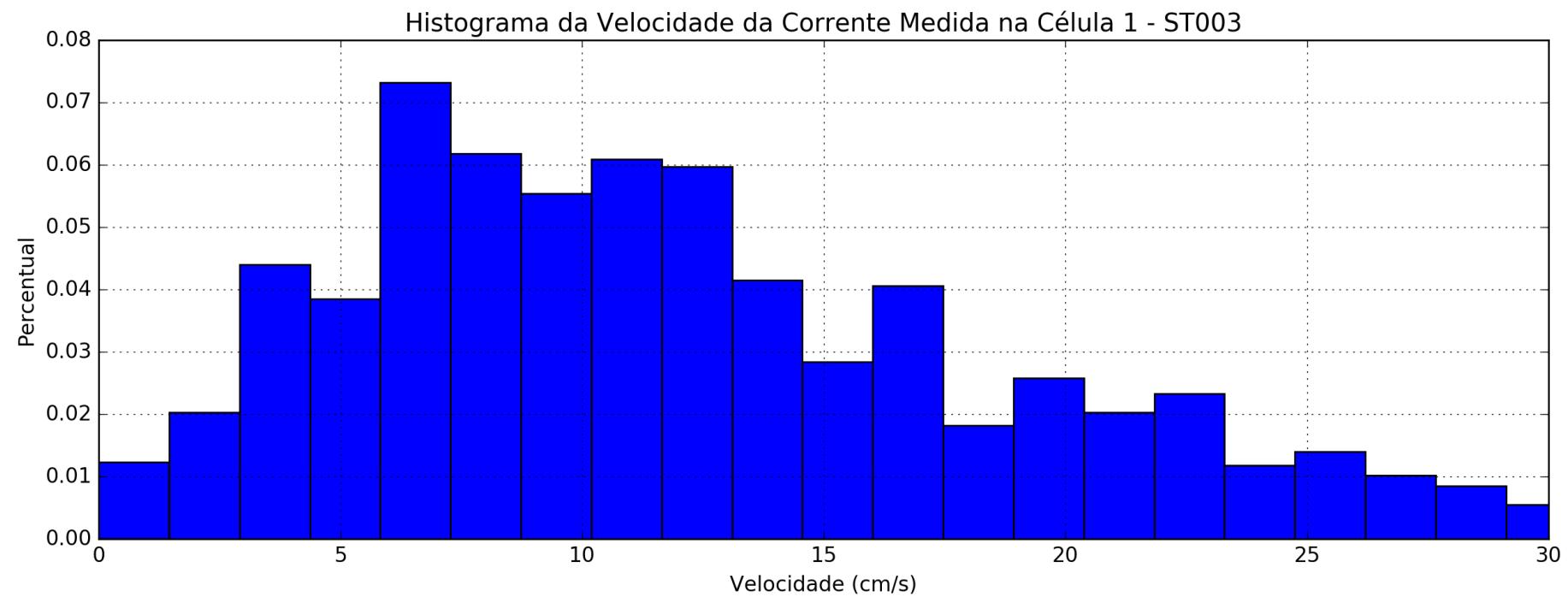


Figura 129 – Histograma da velocidade da corrente no ponto ST003 na Camada 1 (em $\text{cm} \cdot \text{s}^{-1}$)

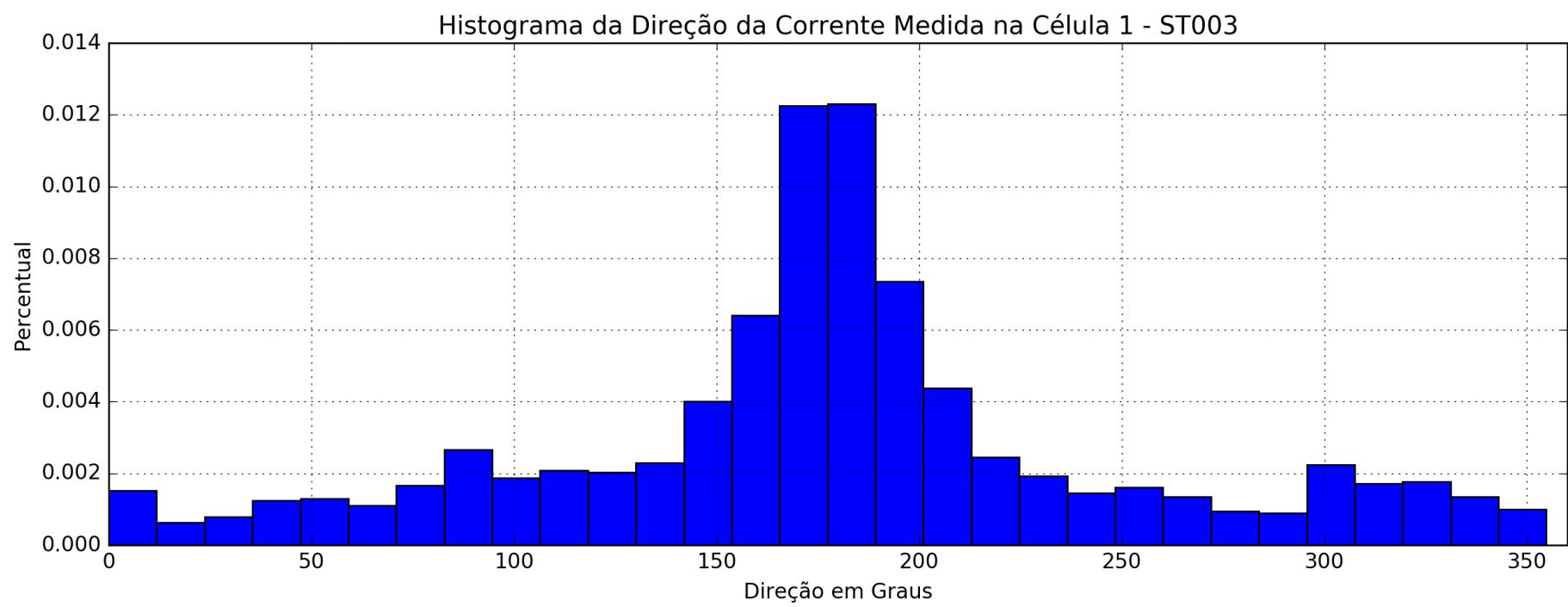


Figura 130 – Histograma da direção da corrente no ponto ST003 na Camada 1

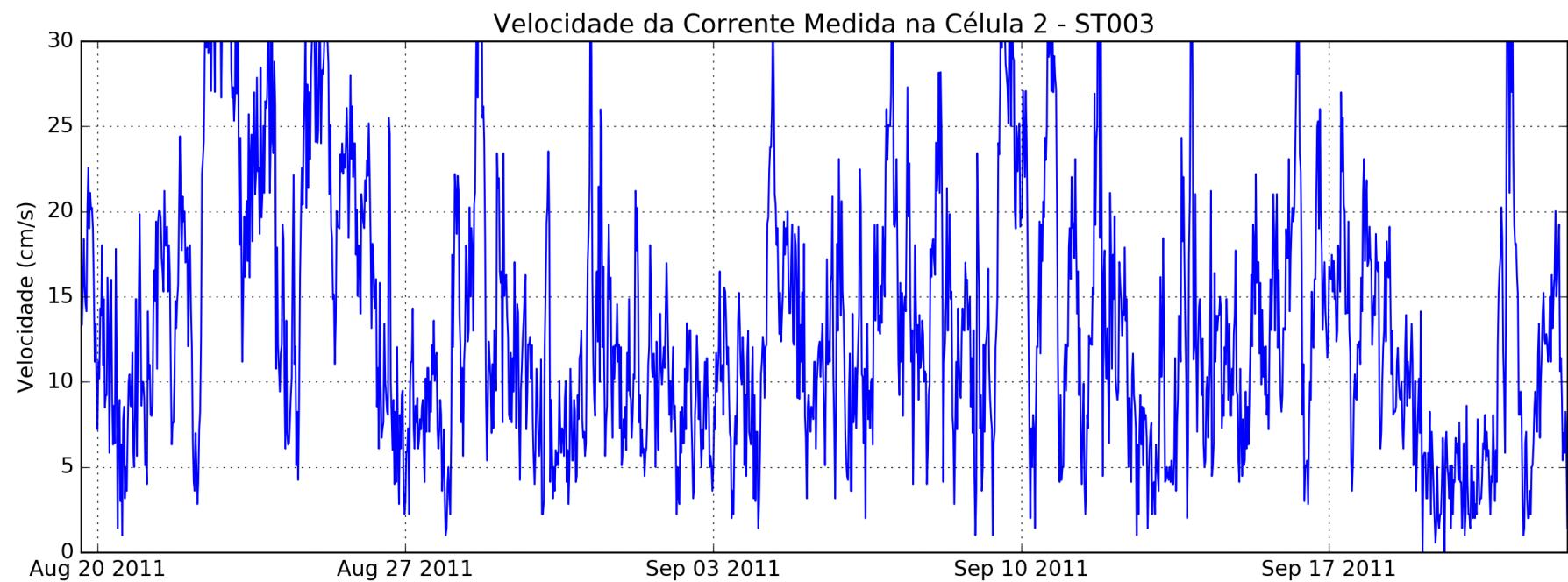


Figura 131 – Velocidade ao longo do tempo em ST003 na Camada 2 (em $\text{cm} \cdot \text{s}^{-1}$)

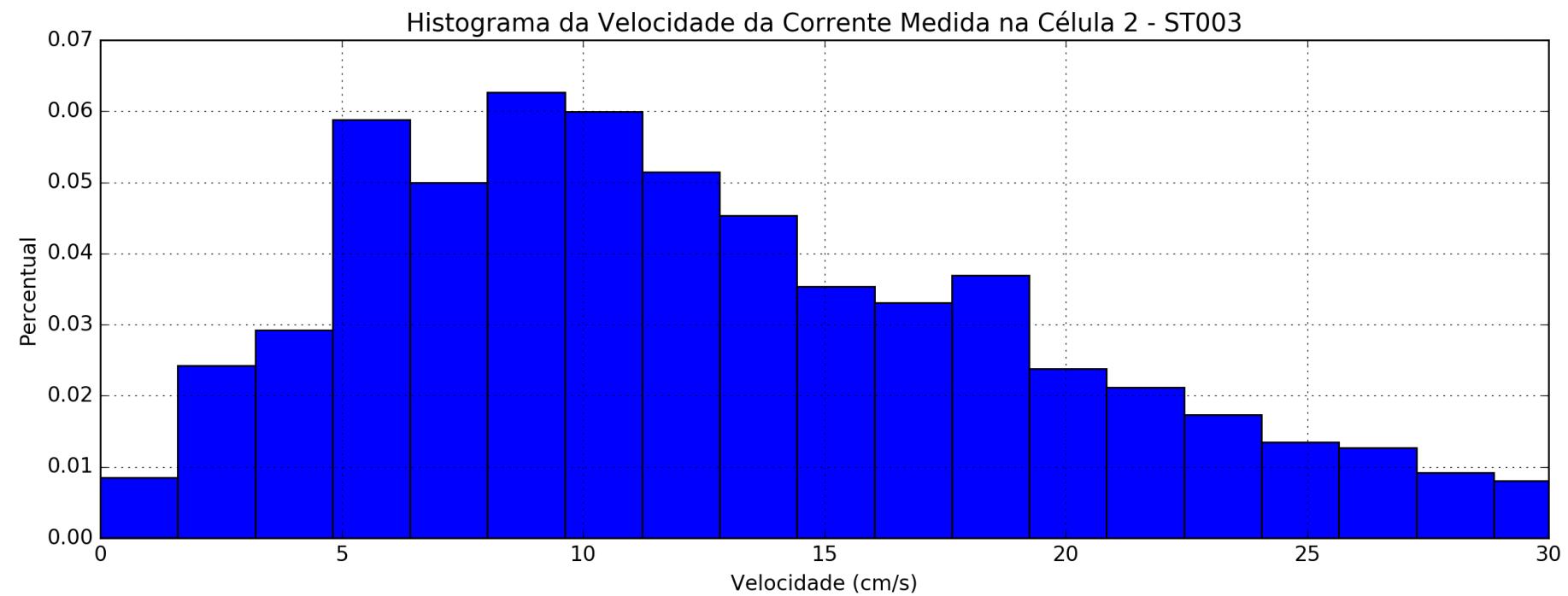


Figura 132 – Histograma da velocidade da corrente no ponto ST003 na Camada 2 (em centímetros por segundo).

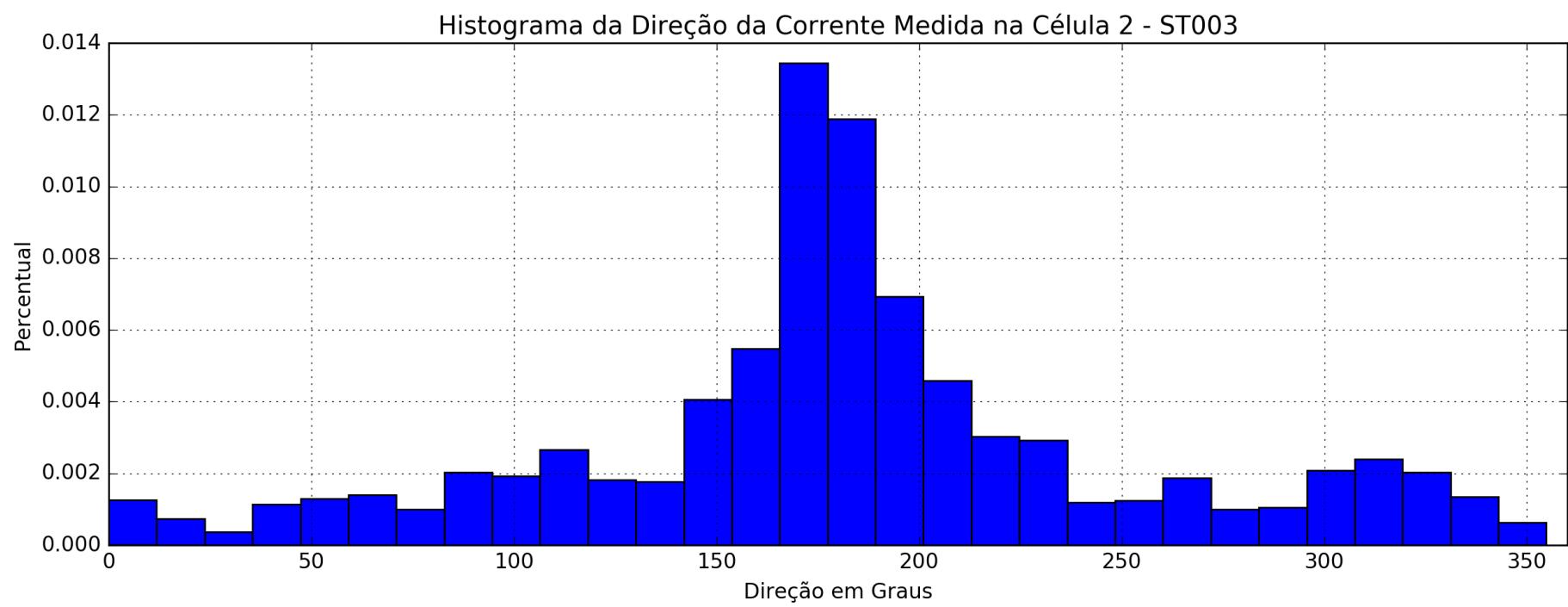


Figura 133 – Histograma da direção da corrente no ponto ST003 na Camada 2

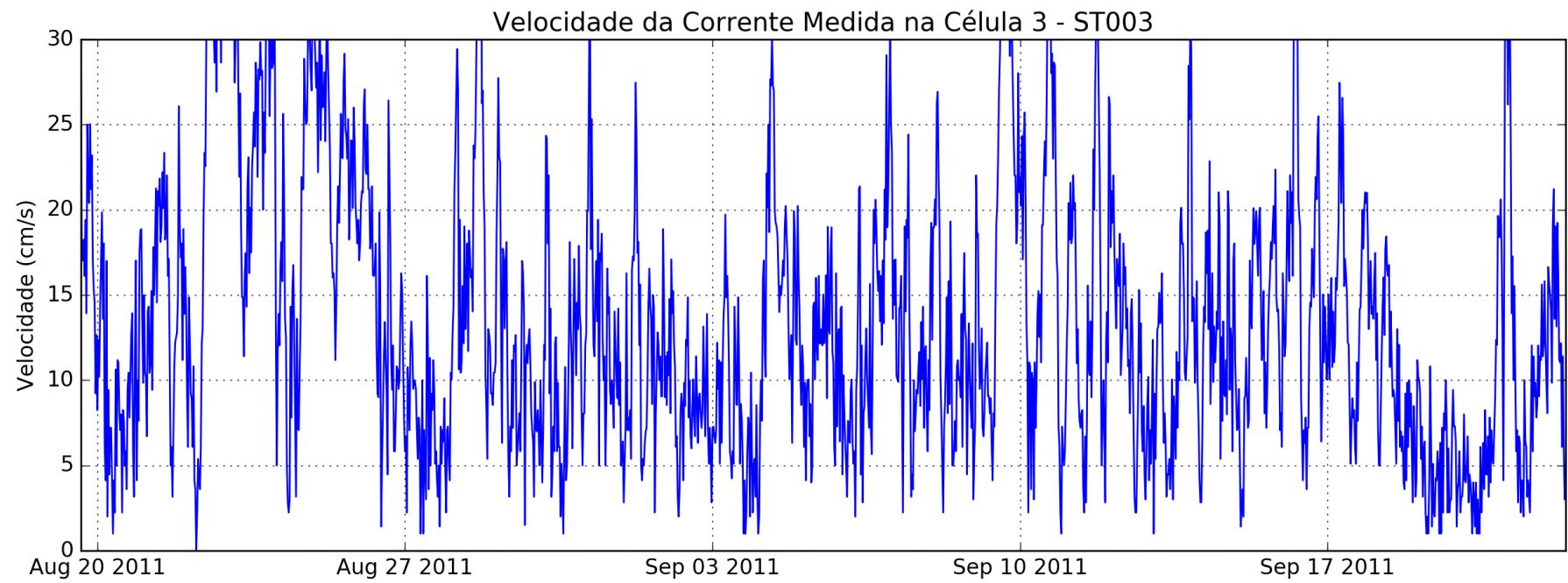


Figura 134 – Velocidade ao longo do tempo em ST003 na Camada 3 (em $\text{cm} \cdot \text{s}^{-1}$)

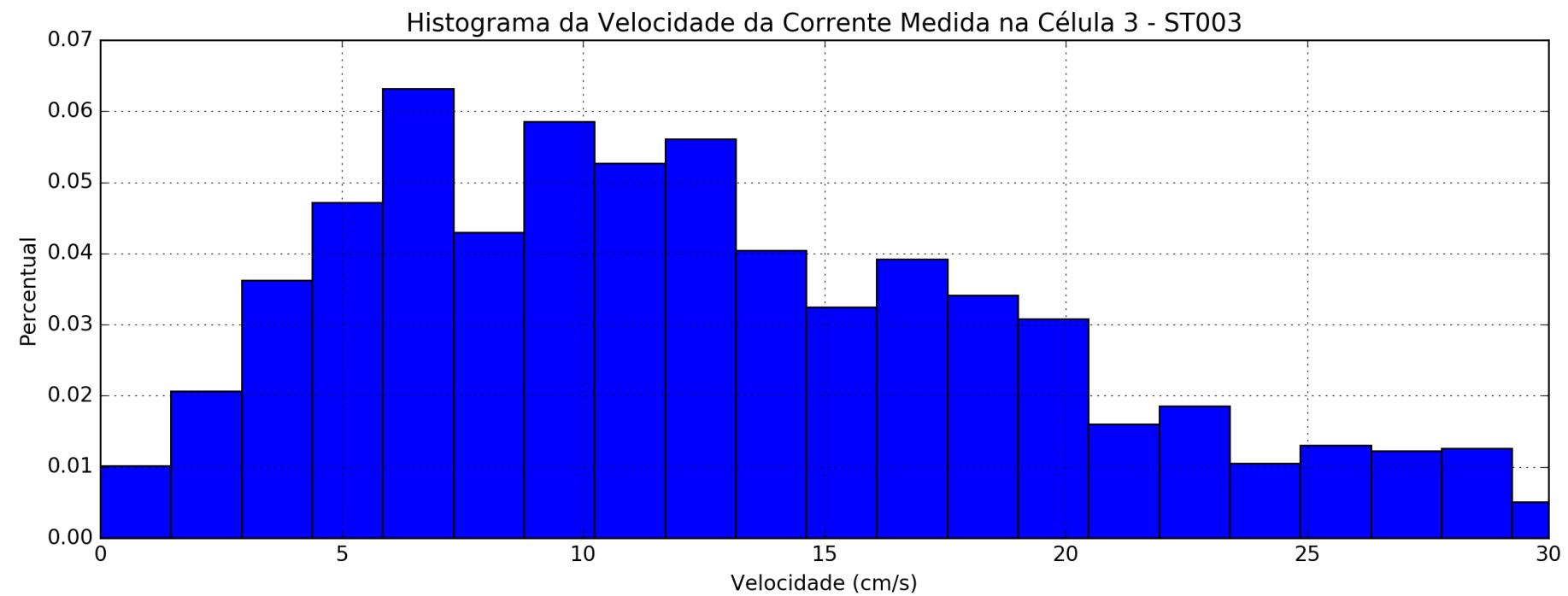


Figura 135 – Histograma da velocidade da corrente no ponto ST003 na Camada 3 (em $\text{cm} \cdot \text{s}^{-1}$)

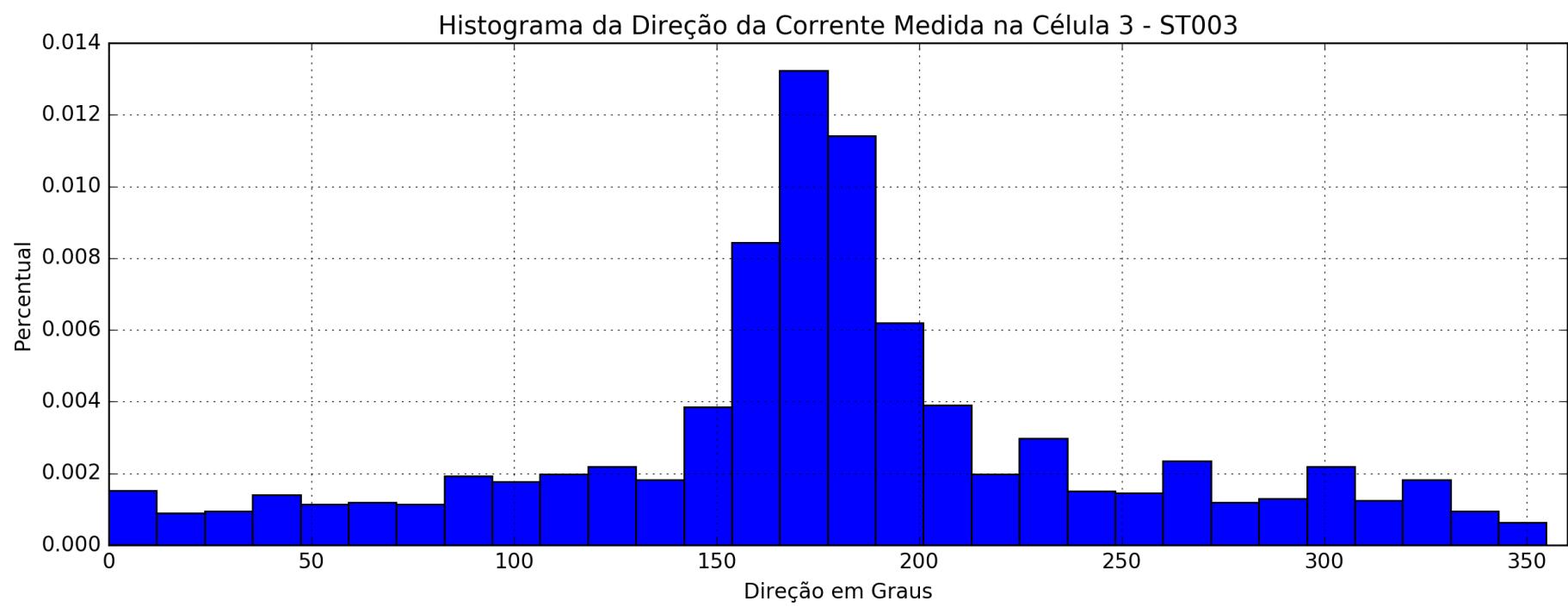


Figura 136 – Histograma da direção da corrente no ponto ST003 na Camada 3

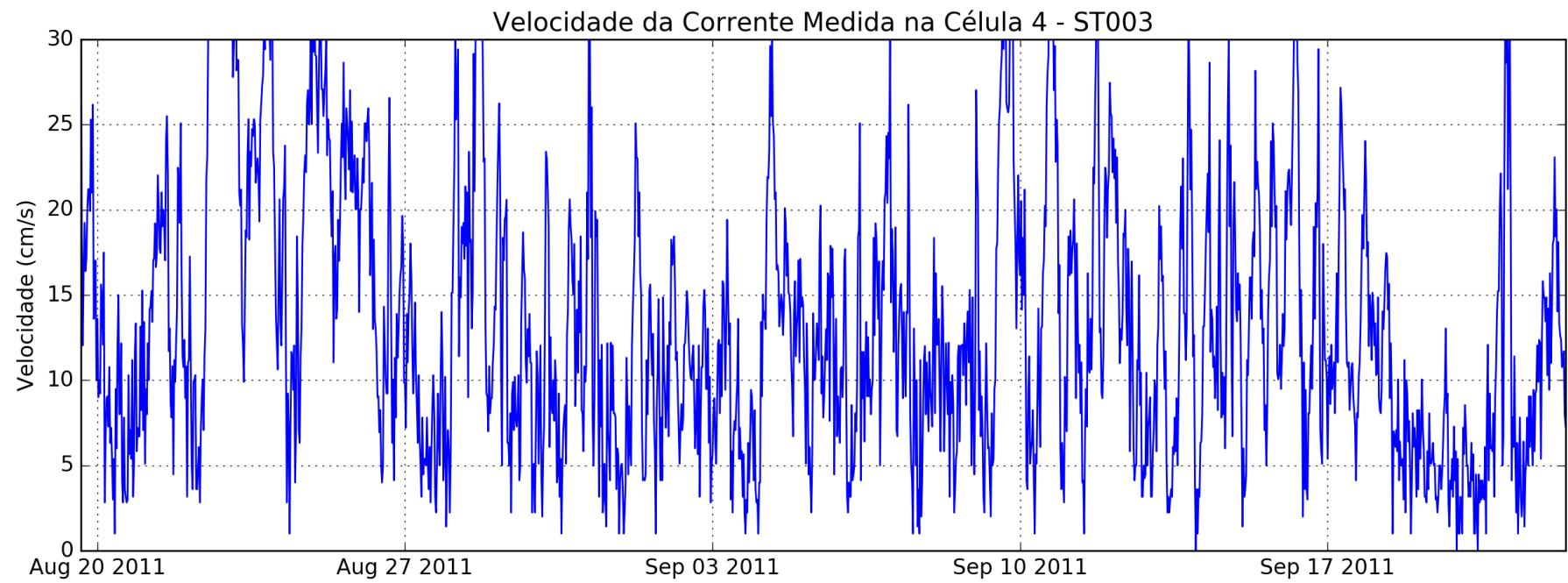


Figura 137 – Velocidade ao longo do tempo em ST003 na Camada 4 (em $\text{cm} \cdot \text{s}^{-1}$)

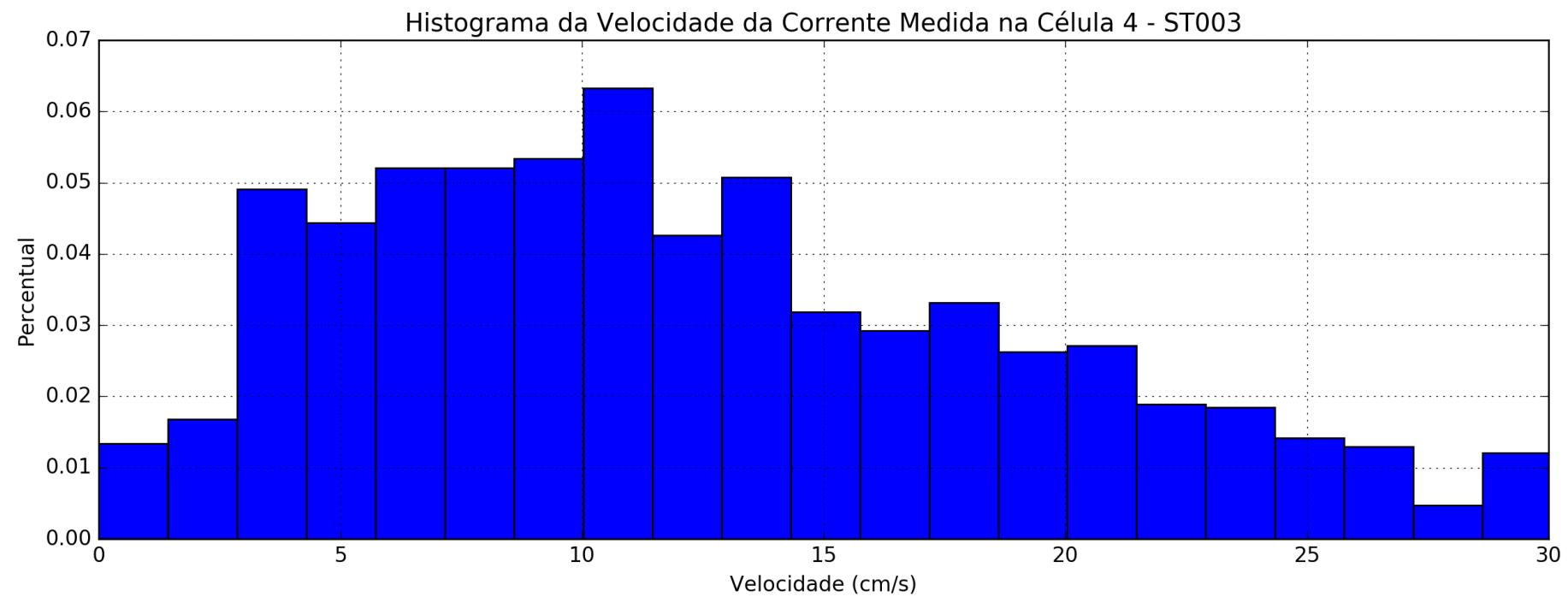


Figura 138 – Histograma da velocidade da corrente no ponto ST003 na Camada 4 (em $\text{cm} \cdot \text{s}^{-1}$)

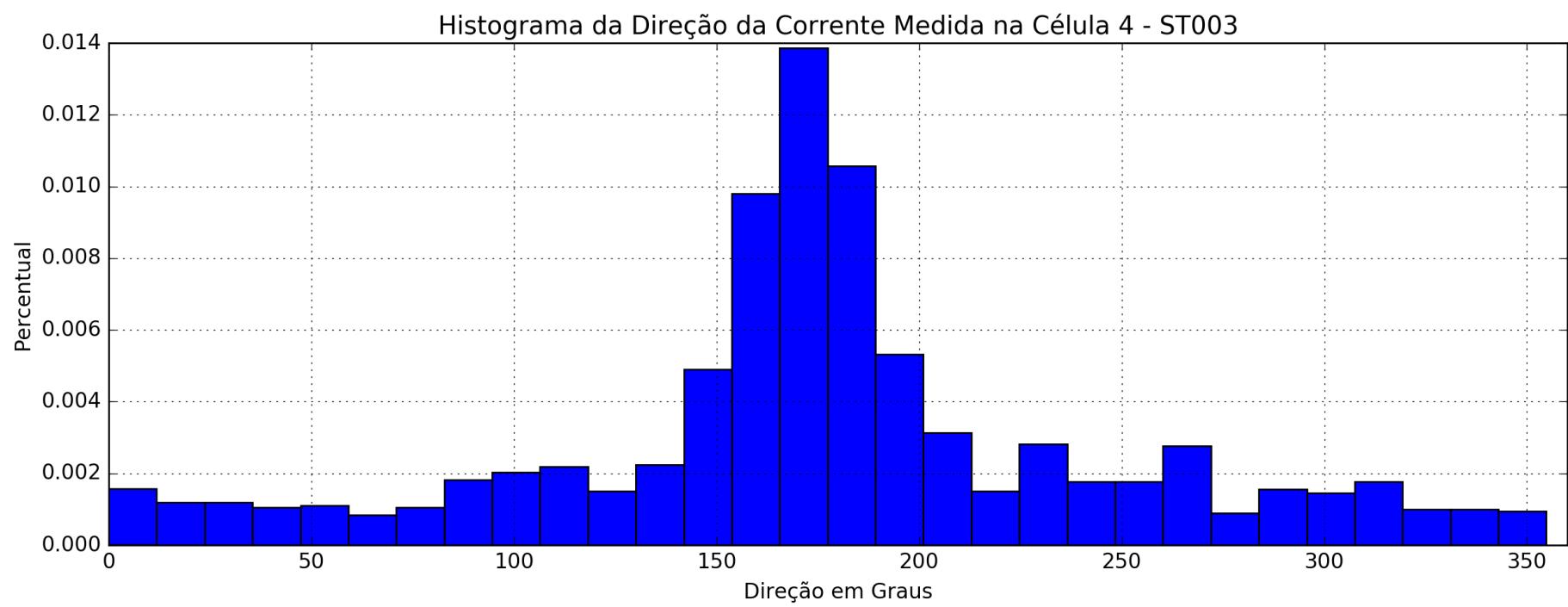


Figura 139 – Histograma da direção da corrente no ponto ST003 na Camada 4

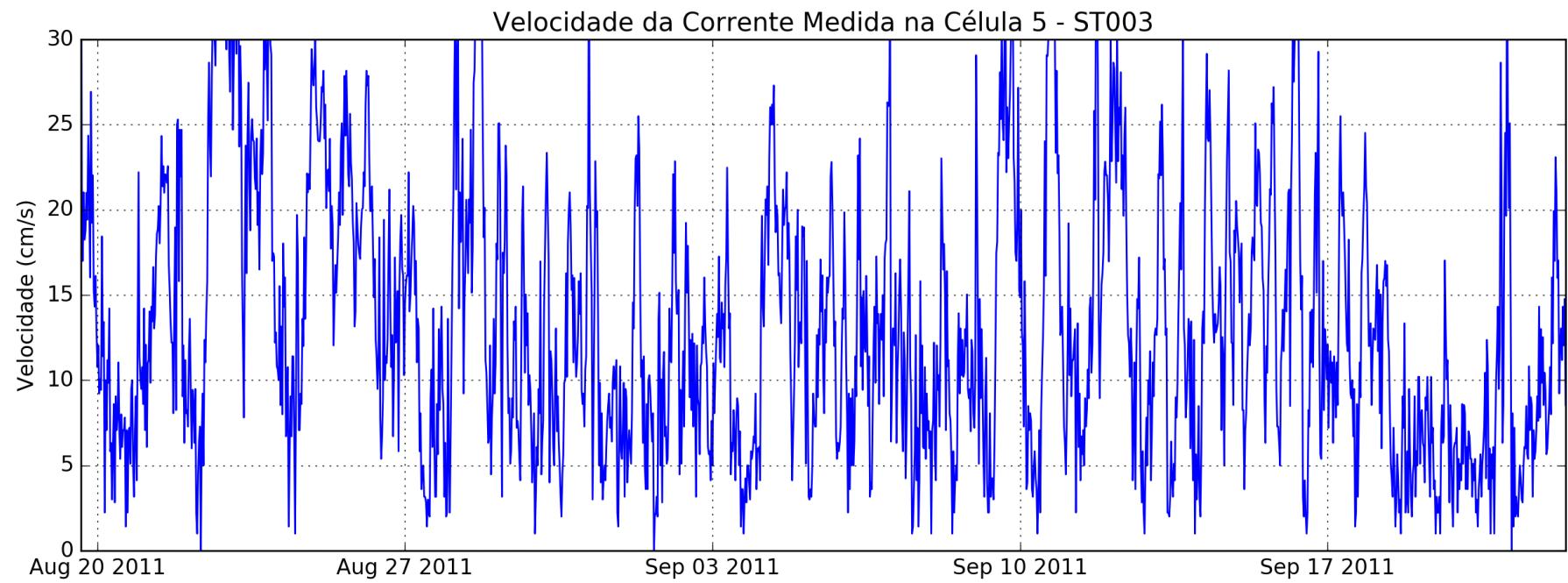


Figura 140 – Velocidade ao longo do tempo em ST003 na Camada 5 (em $\text{cm} \cdot \text{s}^{-1}$)

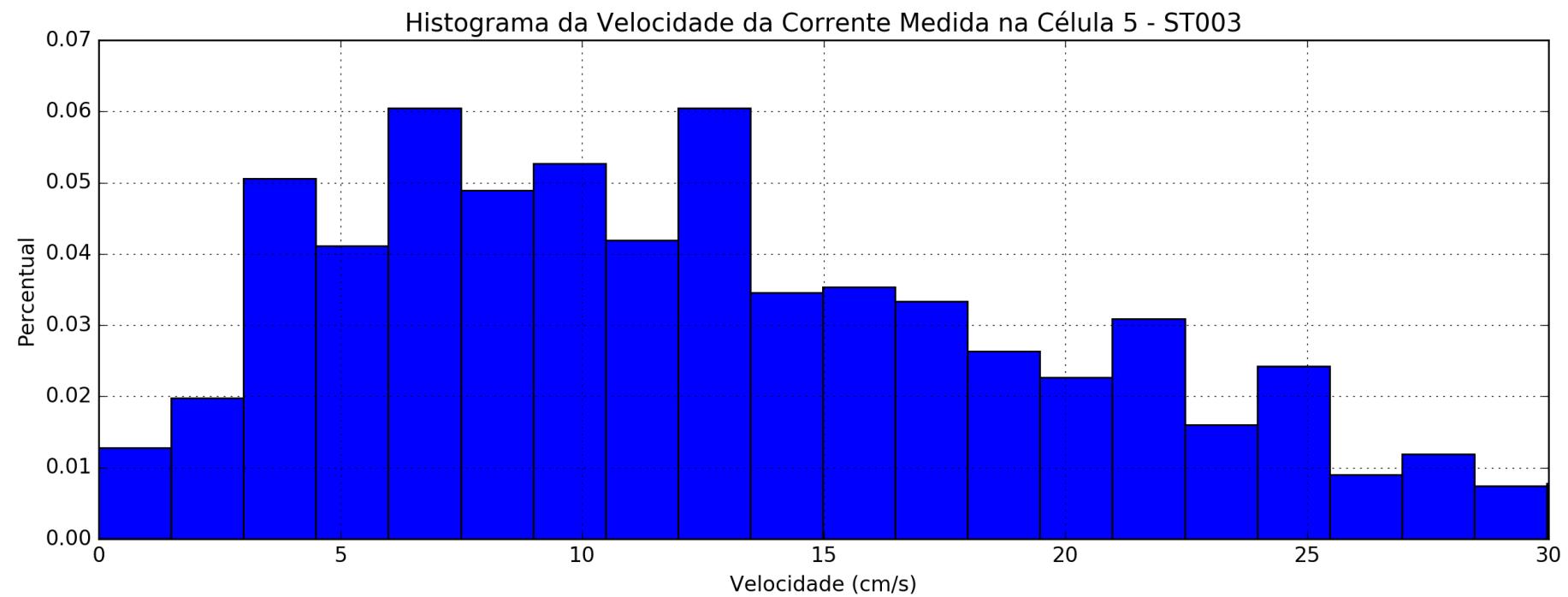


Figura 141 – Histograma da velocidade da corrente no ponto ST003 na Camada 5 (em $\text{cm} \cdot \text{s}^{-1}$)

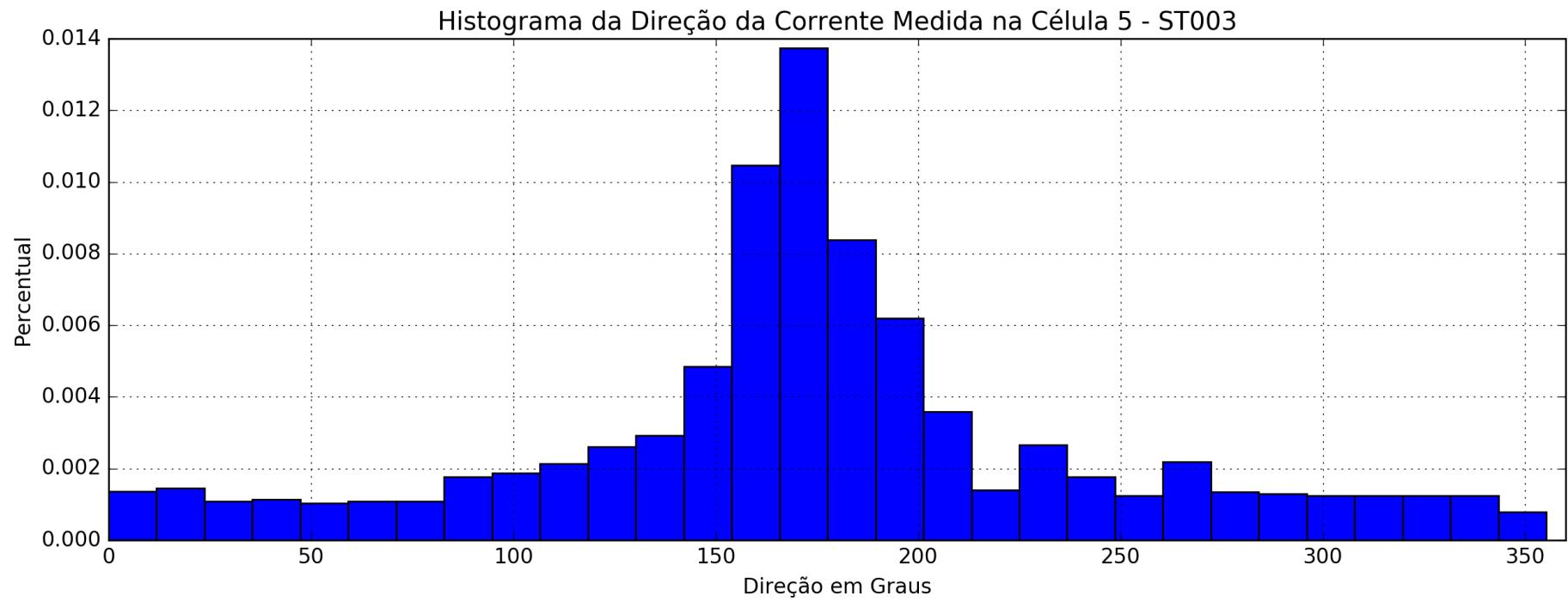


Figura 142 – Histograma da direção da corrente no ponto ST003 na Camada 5

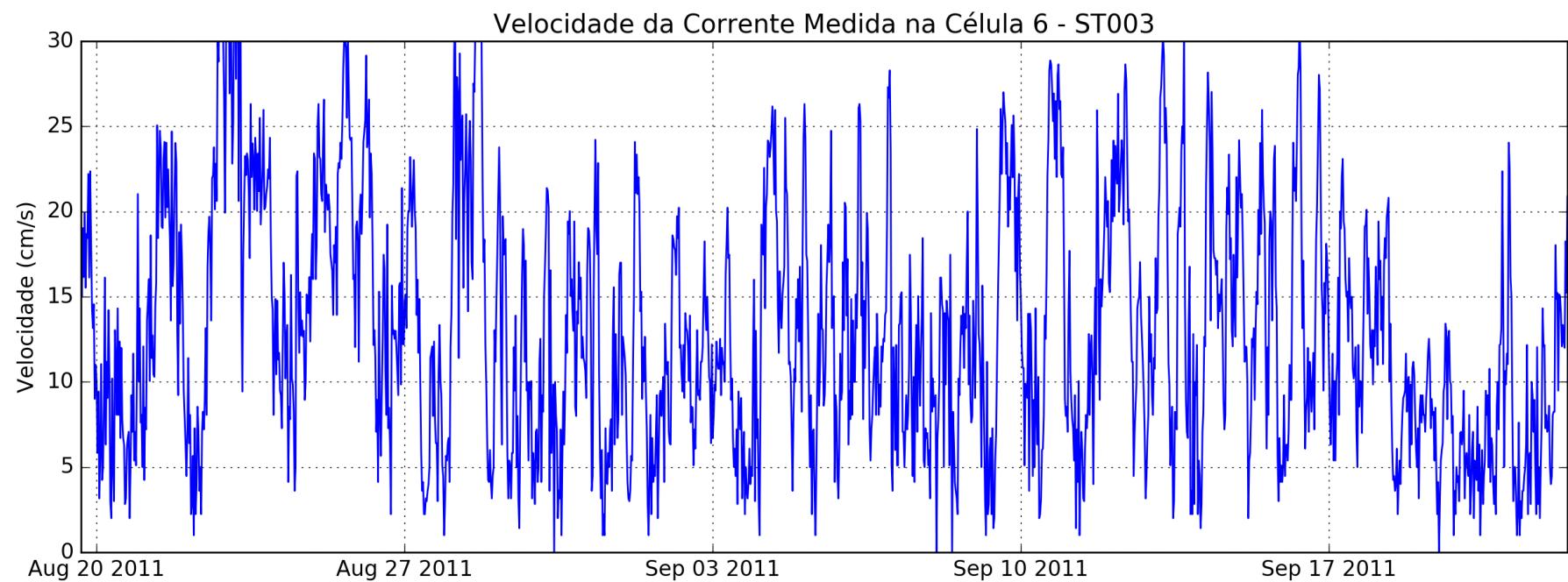


Figura 143 – Velocidade ao longo do tempo em ST003 na Camada 6 (em $\text{cm} \cdot \text{s}^{-1}$)

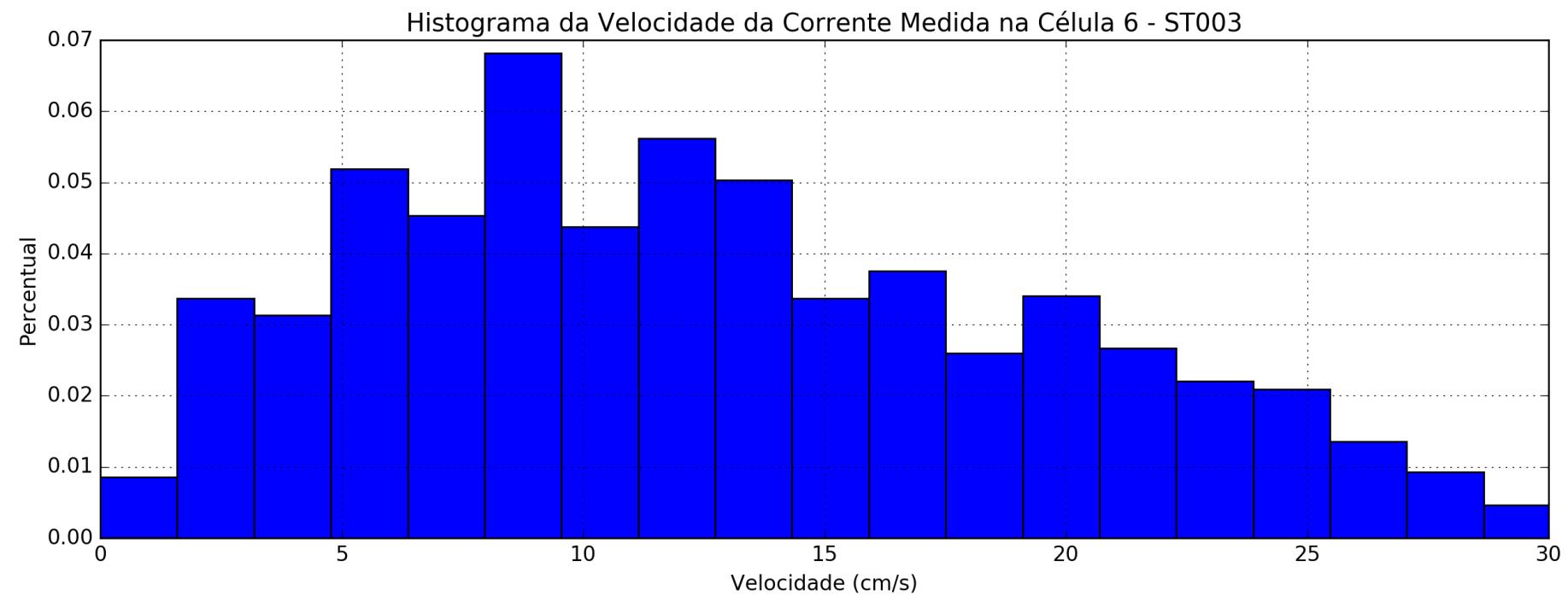


Figura 144 – Histograma da velocidade da corrente no ponto ST003 na Camada 6 (em $\text{cm} \cdot \text{s}^{-1}$)

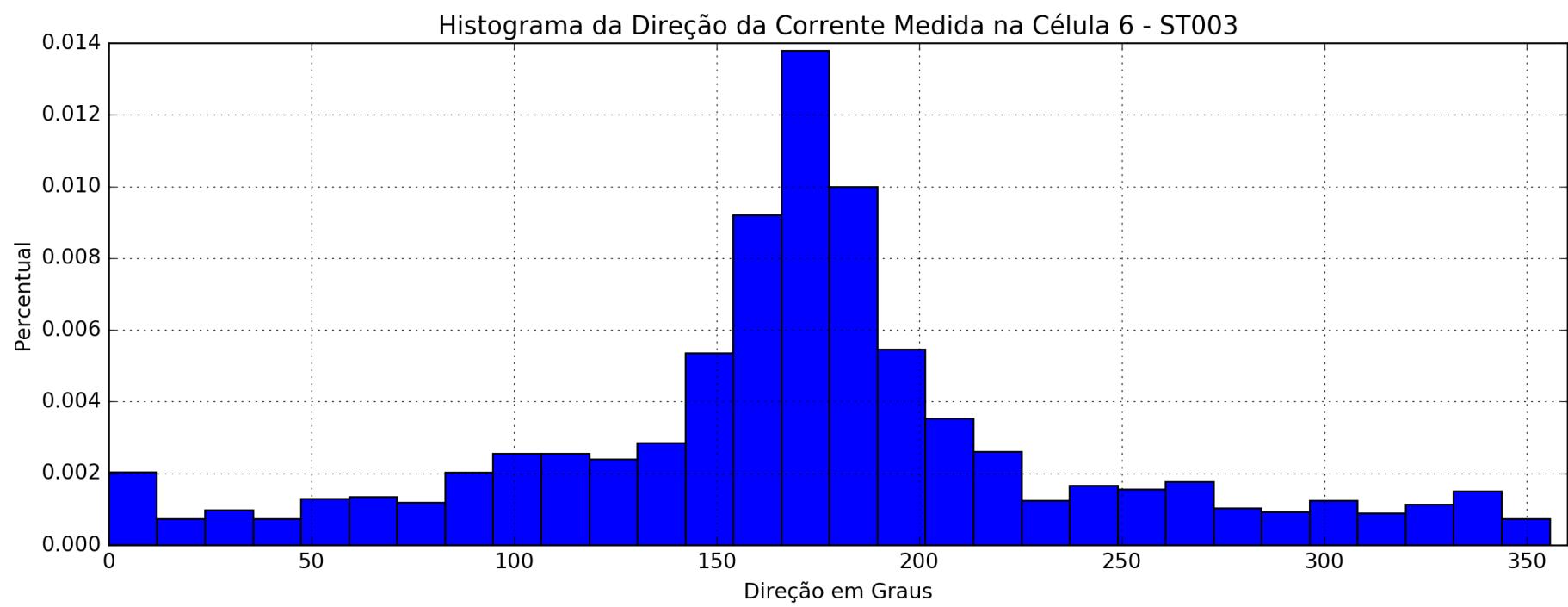


Figura 145 – Histograma da direção da corrente no ponto ST003 na Camada 6

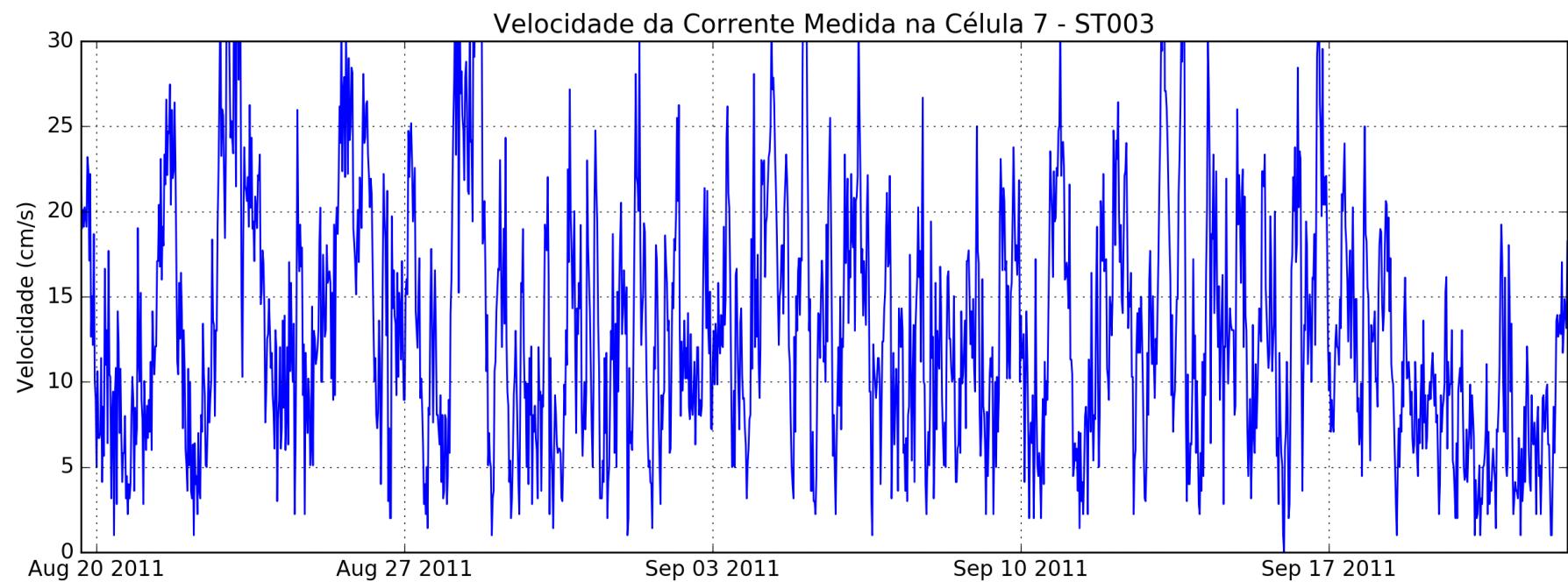


Figura 146 – Velocidade ao longo do tempo em ST003 na Camada 7 (em $\text{cm} \cdot \text{s}^{-1}$)

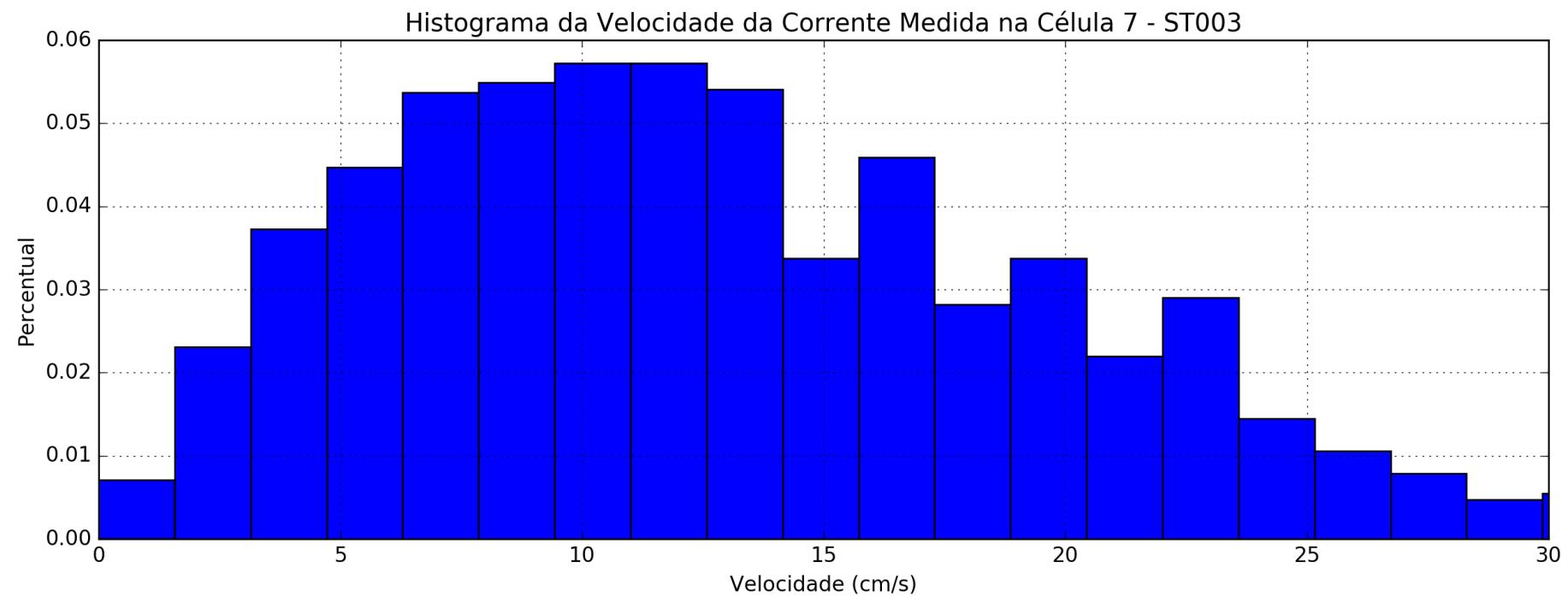


Figura 147 – Histograma da velocidade da corrente no ponto ST003 na Camada 7 (em $\text{cm} \cdot \text{s}^{-1}$)

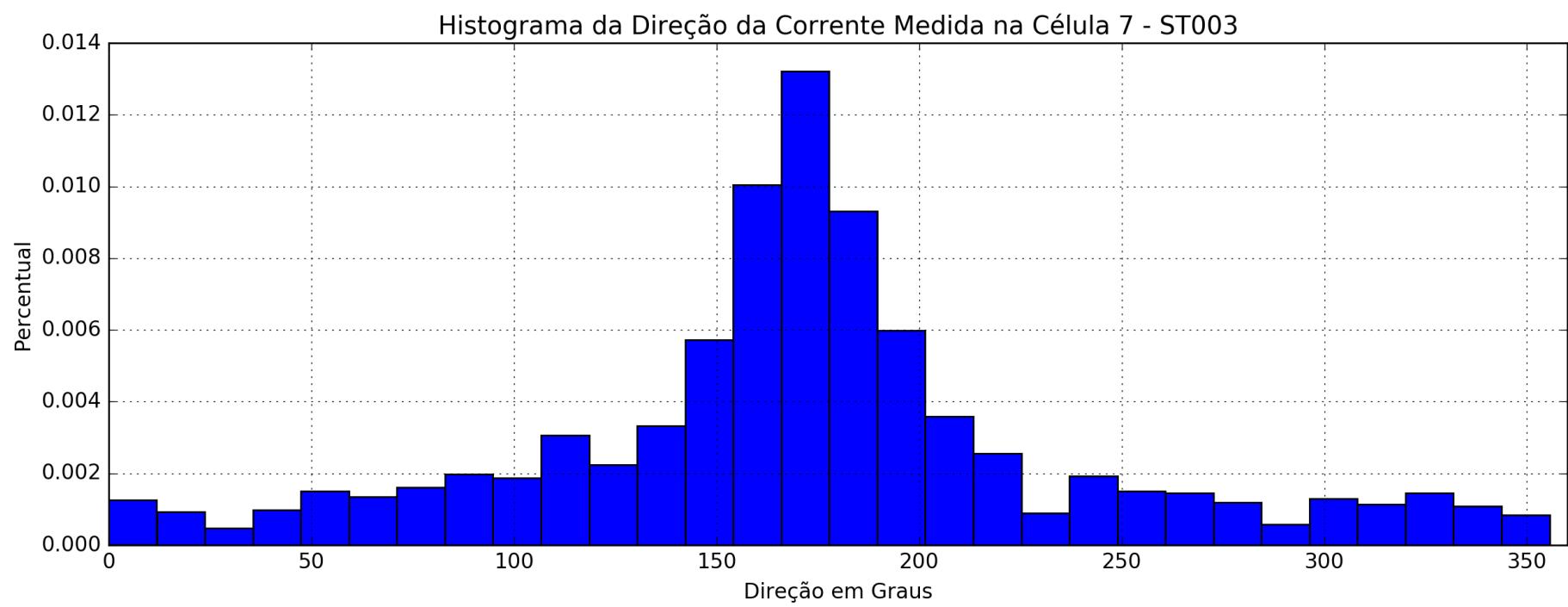


Figura 148 – Histograma da direção da corrente no ponto ST003 na Camada 7

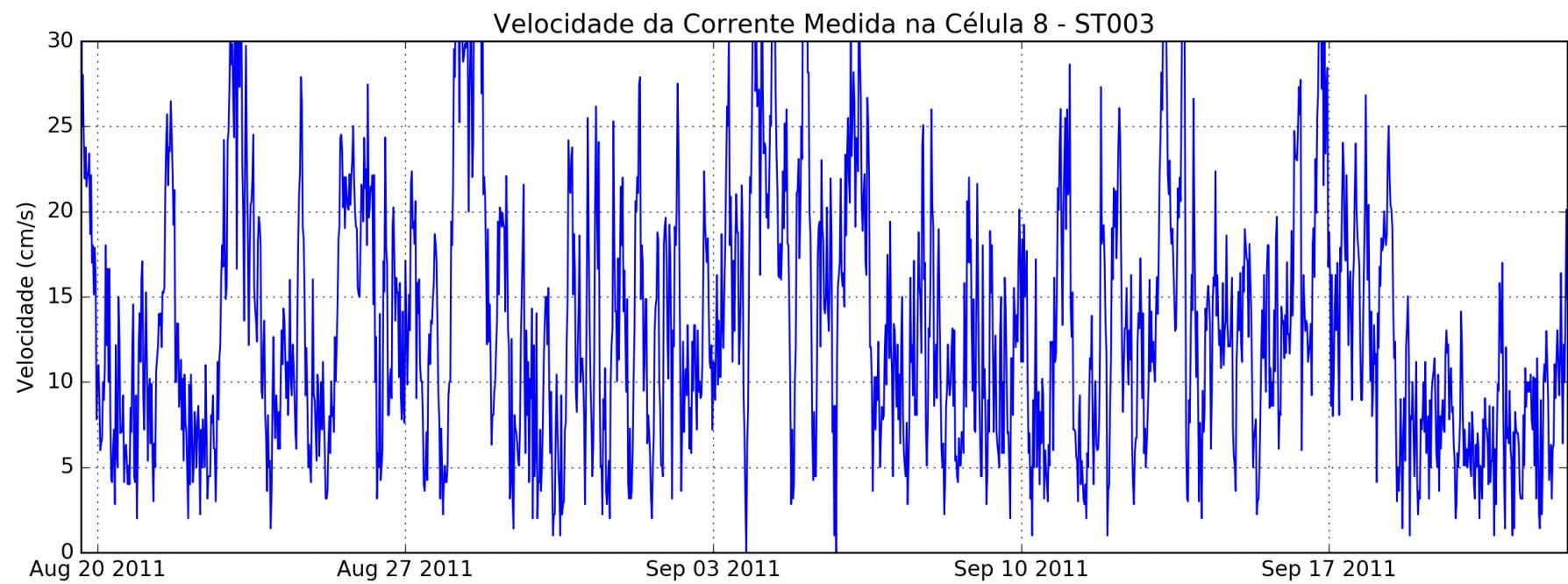


Figura 149 – Velocidade ao longo do tempo em ST003 na Camada 8 (em $\text{cm} \cdot \text{s}^{-1}$)

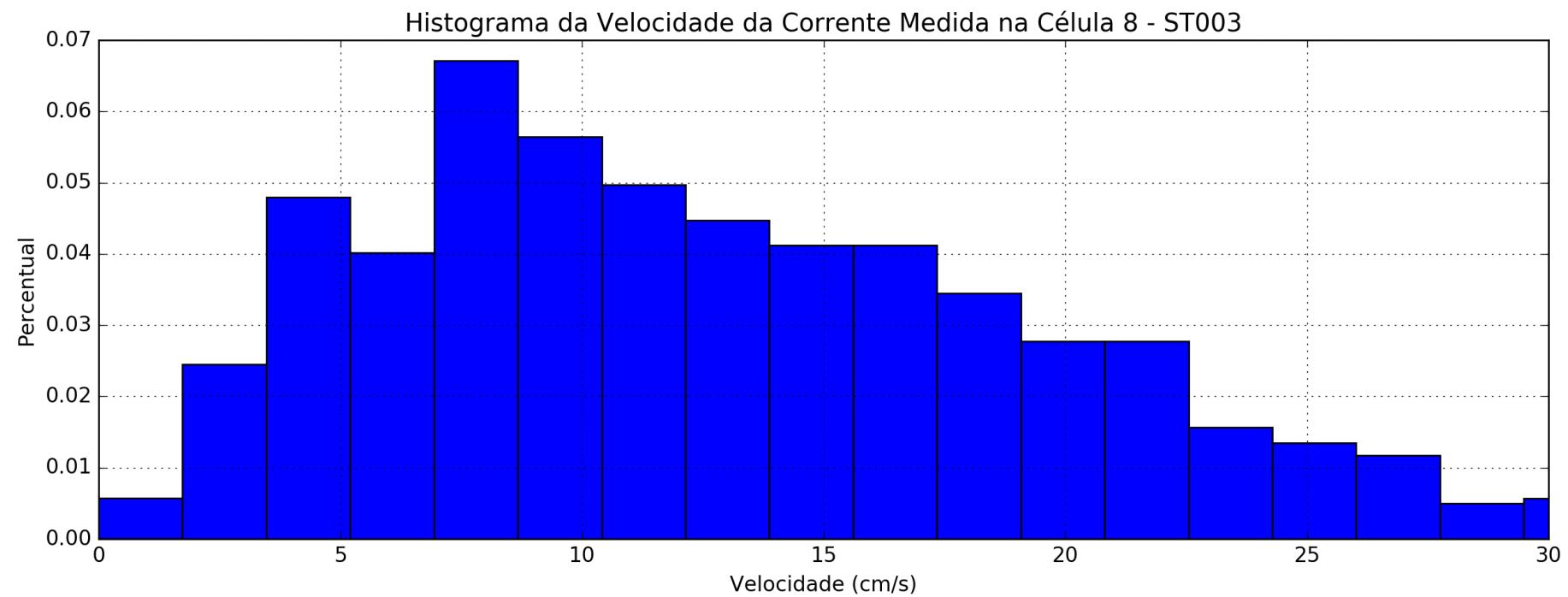


Figura 150 – Histograma da velocidade da corrente no ponto ST003 na Camada 8 (em $\text{cm} \cdot \text{s}^{-1}$)

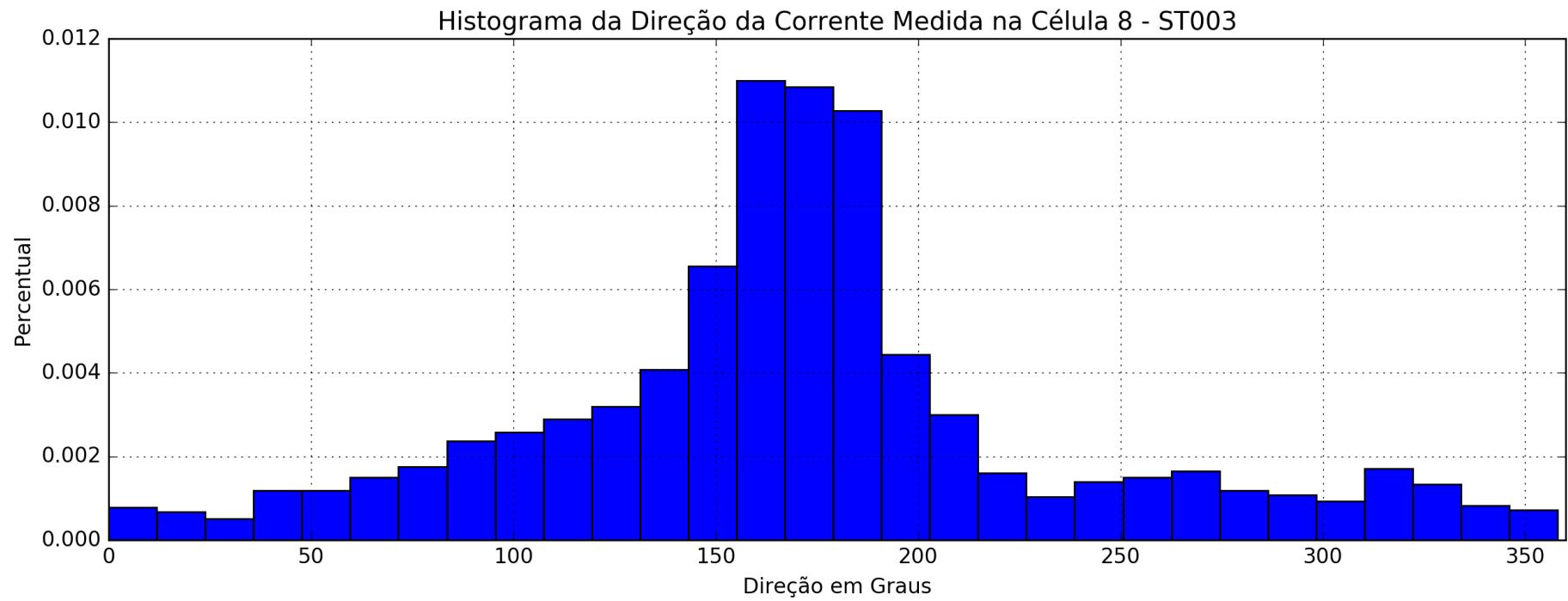


Figura 151 – Histograma da direção da corrente no ponto ST003 na Camada 8

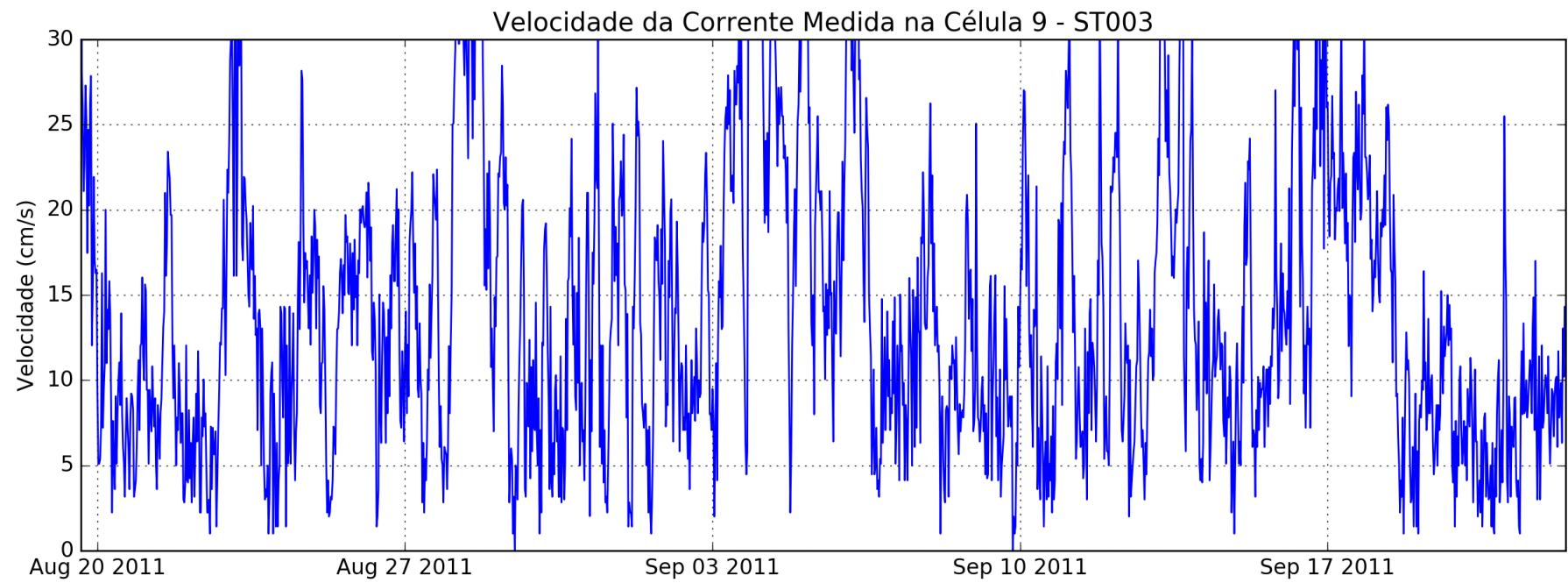


Figura 152 – Velocidade ao longo do tempo em ST003 na Camada 9 (em $\text{cm} \cdot \text{s}^{-1}$)

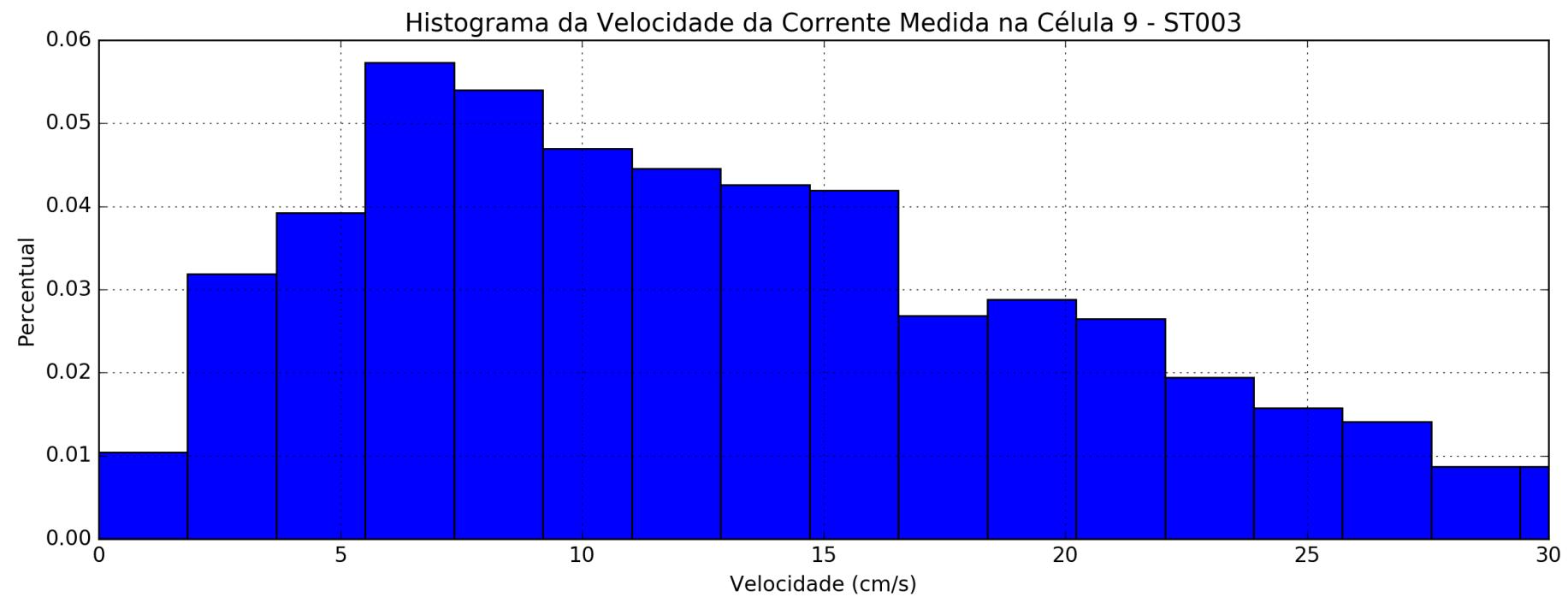


Figura 153 – Histograma da velocidade da corrente no ponto ST003 na Camada 9 (em $\text{cm} \cdot \text{s}^{-1}$)

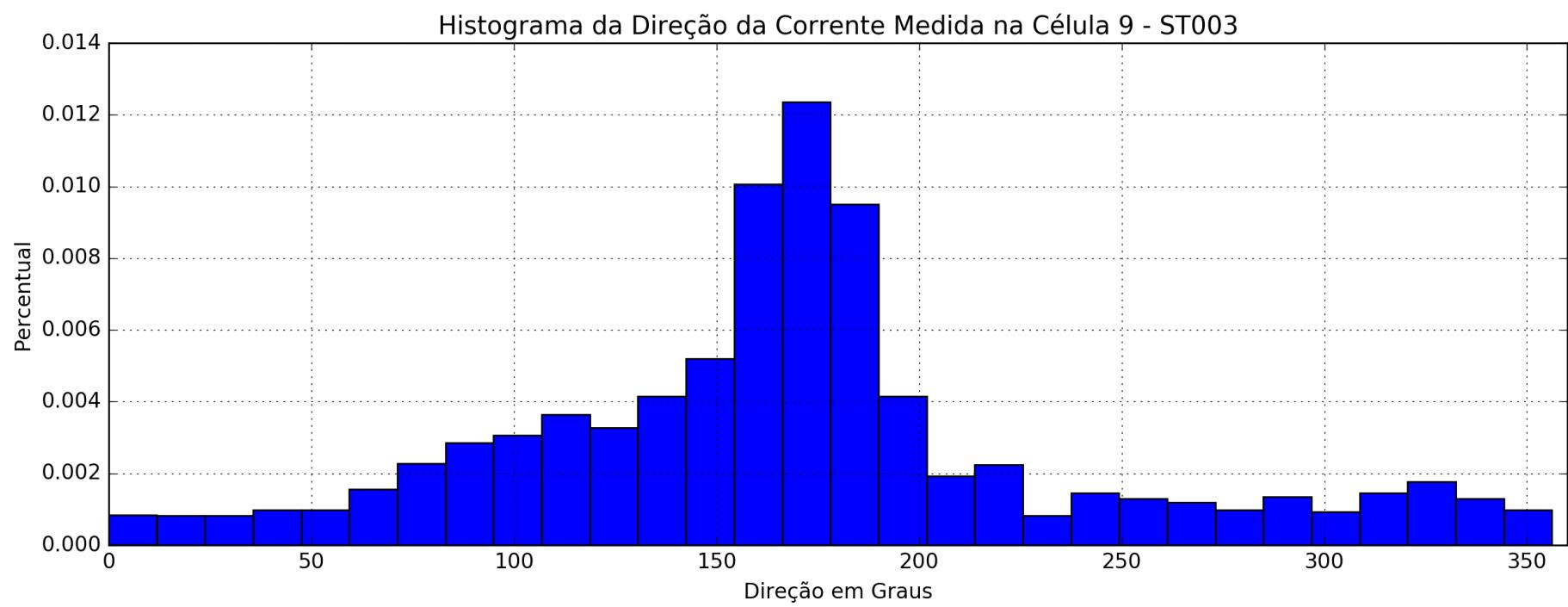


Figura 154 – Histograma da direção da corrente no ponto ST003 na Camada 9

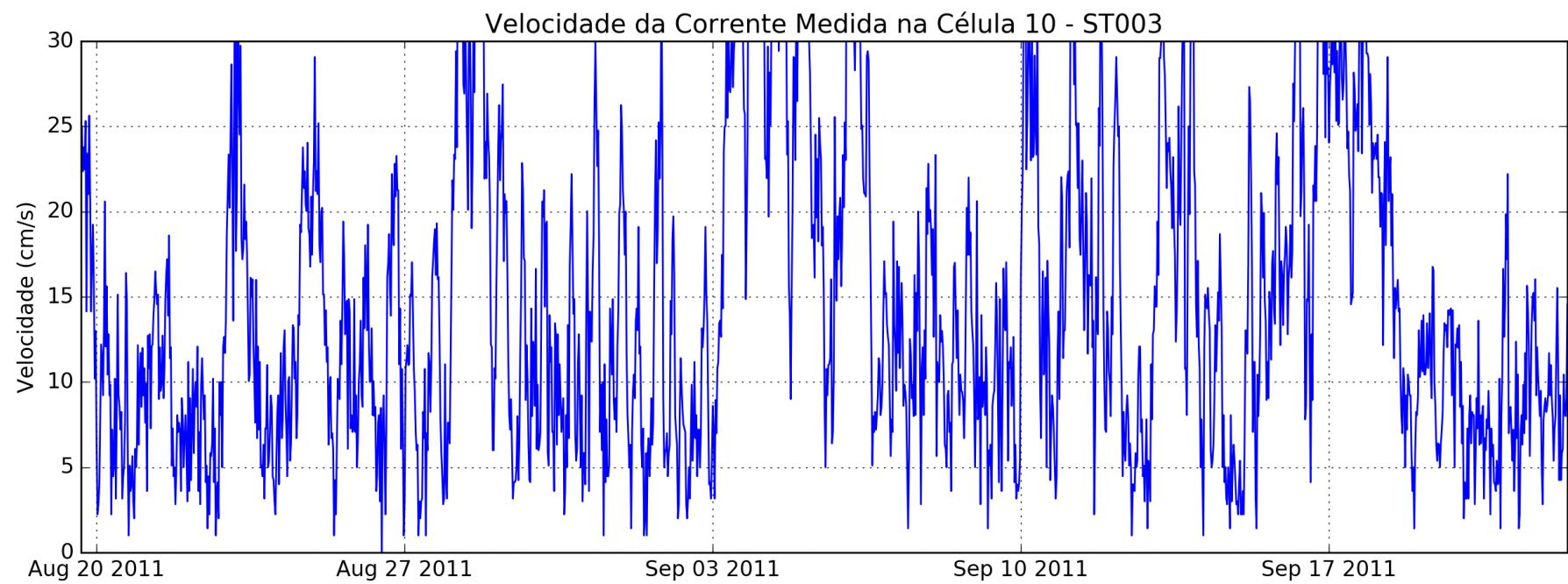


Figura 155 – Velocidade ao longo do tempo em ST003 na Camada 10 (em $cm.s^{-1}$)

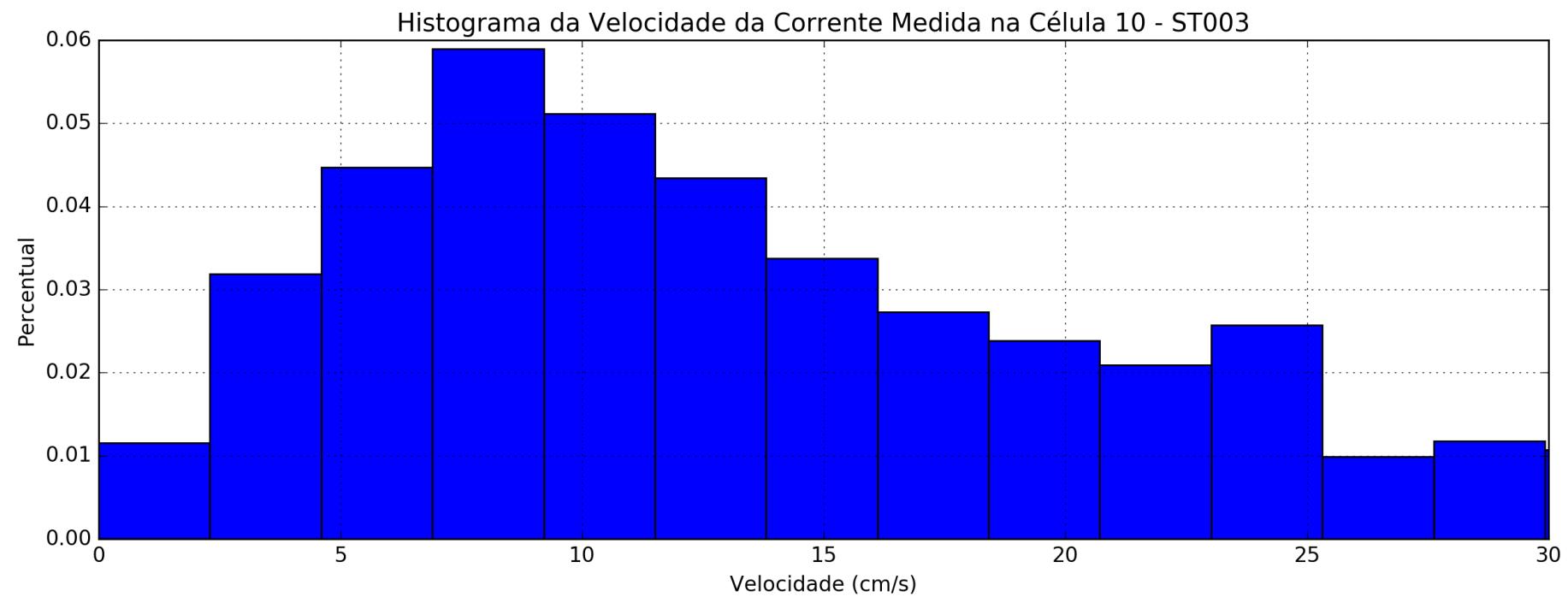


Figura 156 – Histograma da velocidade da corrente no ponto ST003 na Camada 10 (em $\text{cm} \cdot \text{s}^{-1}$)

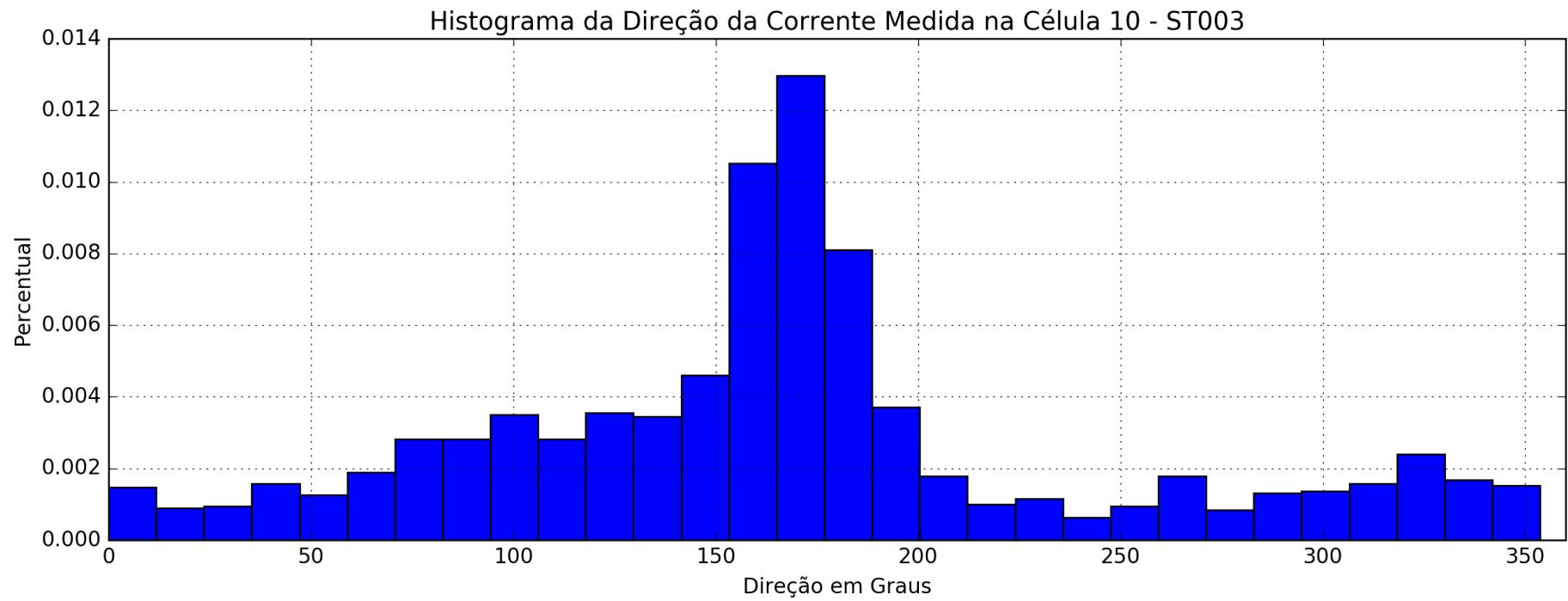


Figura 157 – Histograma da direção da corrente no ponto ST003 na Camada 10

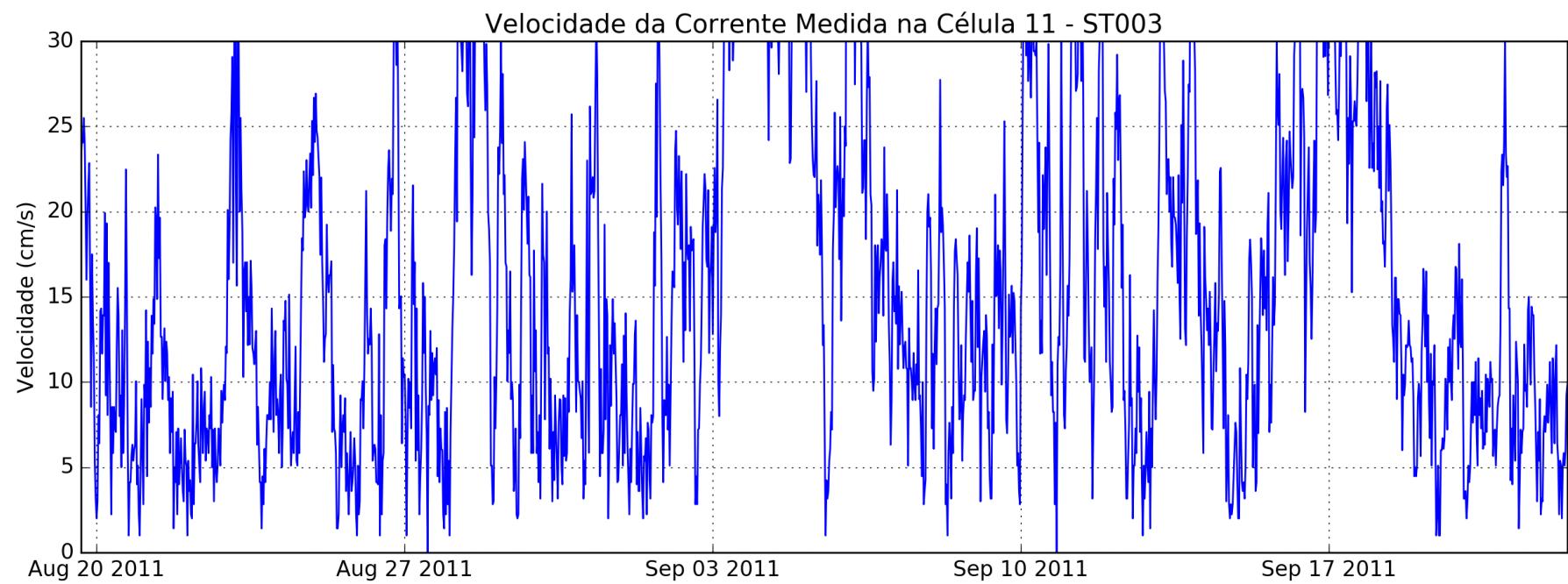


Figura 158 – Velocidade ao longo do tempo em ST003 na Camada 11 (em $cm.s^{-1}$)

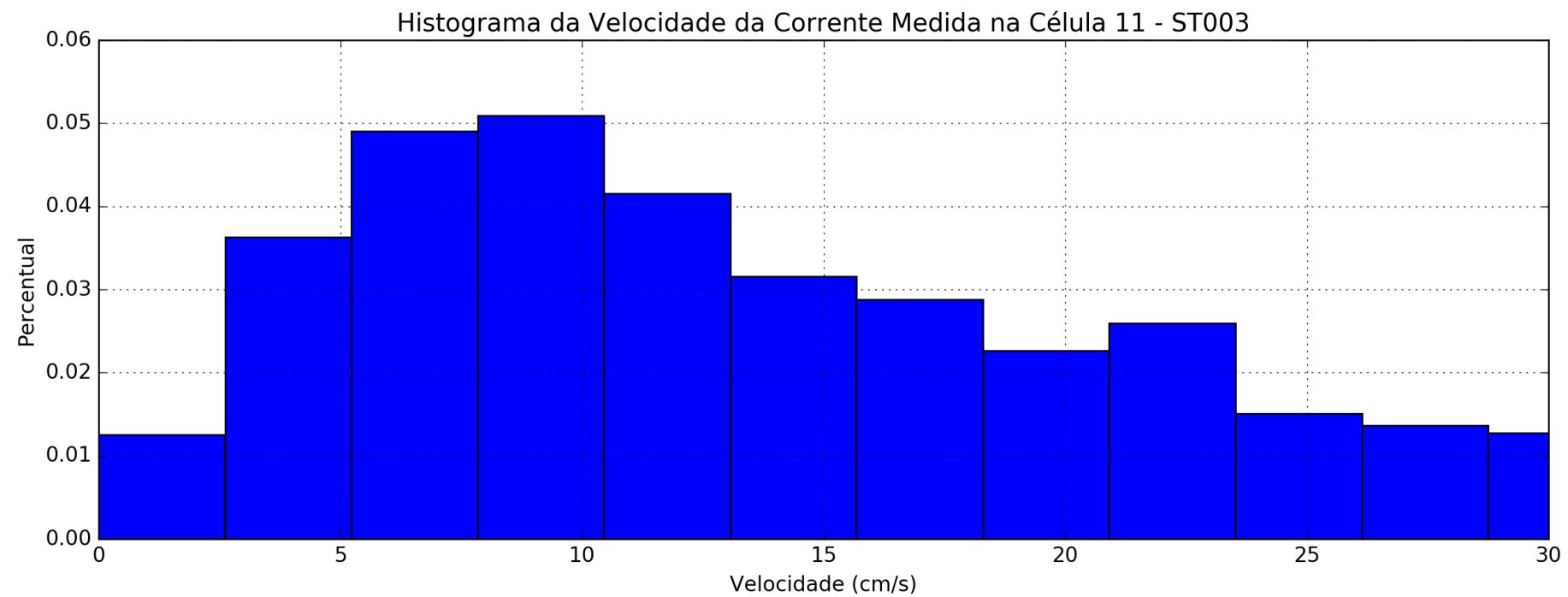


Figura 159 – Histograma da velocidade da corrente no ponto ST003 na Camada 11 (em $cm \cdot s^{-1}$)

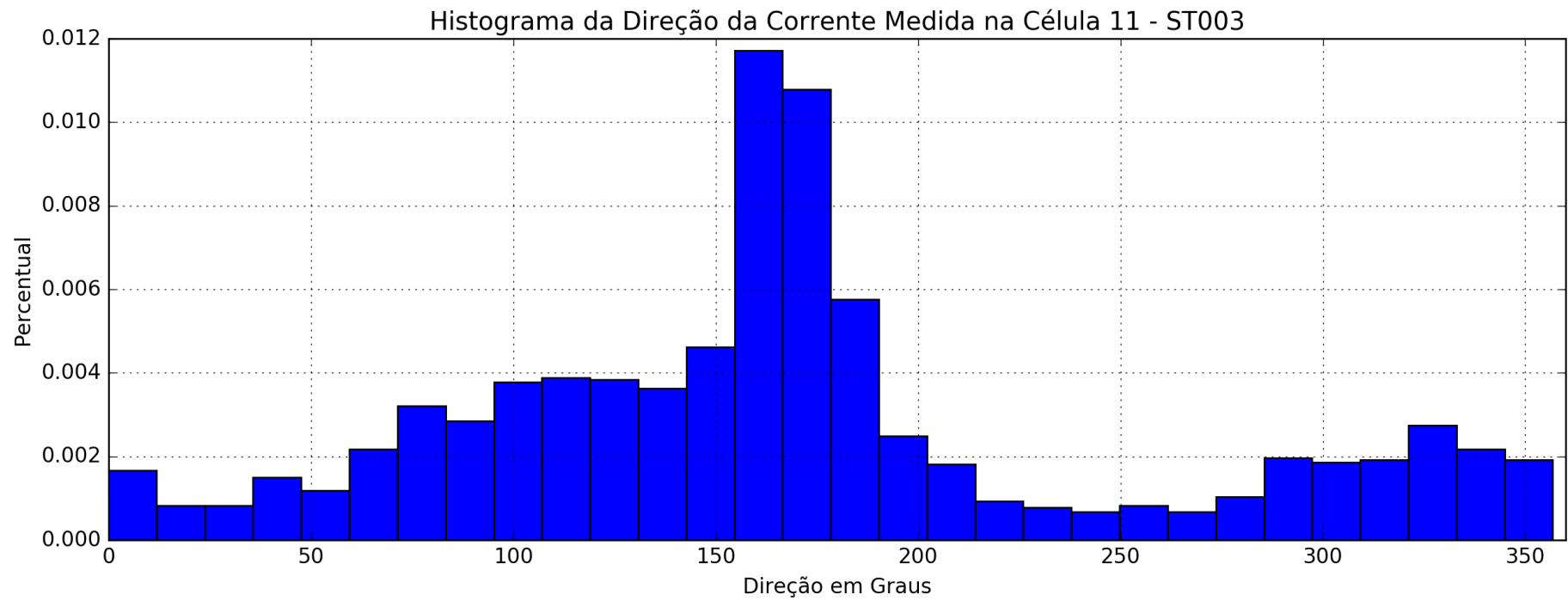


Figura 160 – Histograma da direção da corrente no ponto ST003 na Camada 11

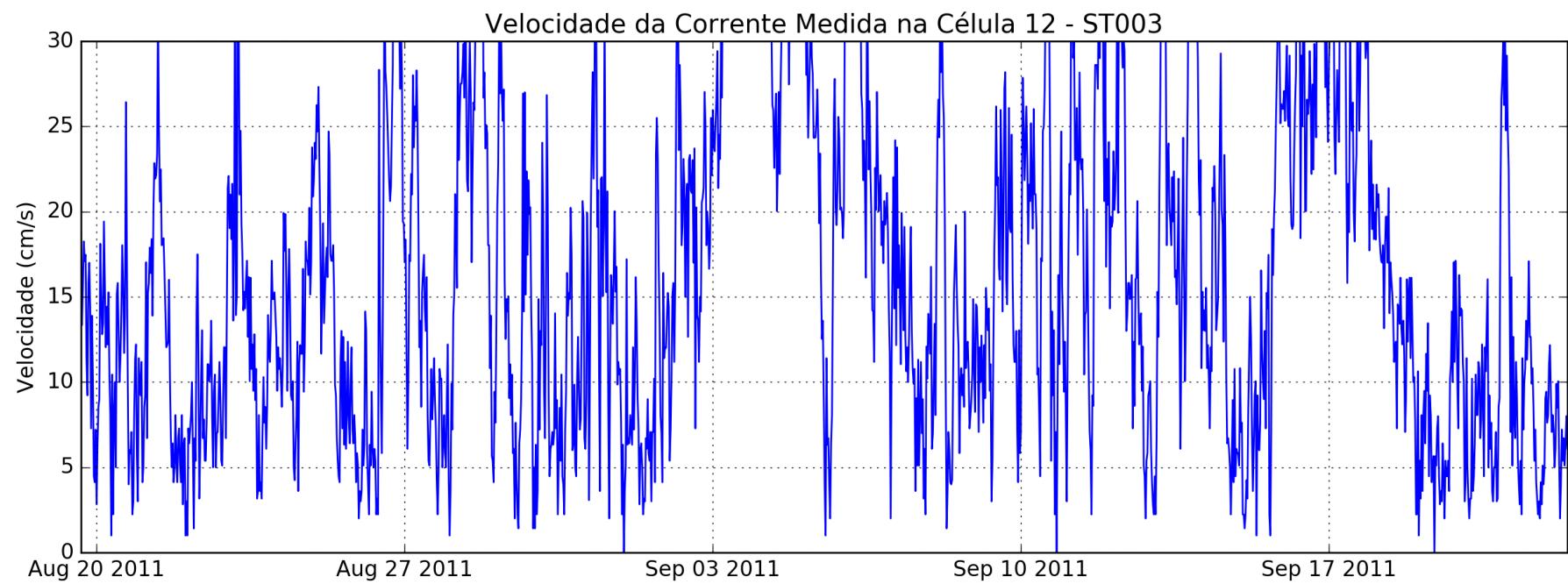


Figura 161 – Velocidade ao longo do tempo em ST003 na Camada 12 (em $cm.s^{-1}$)

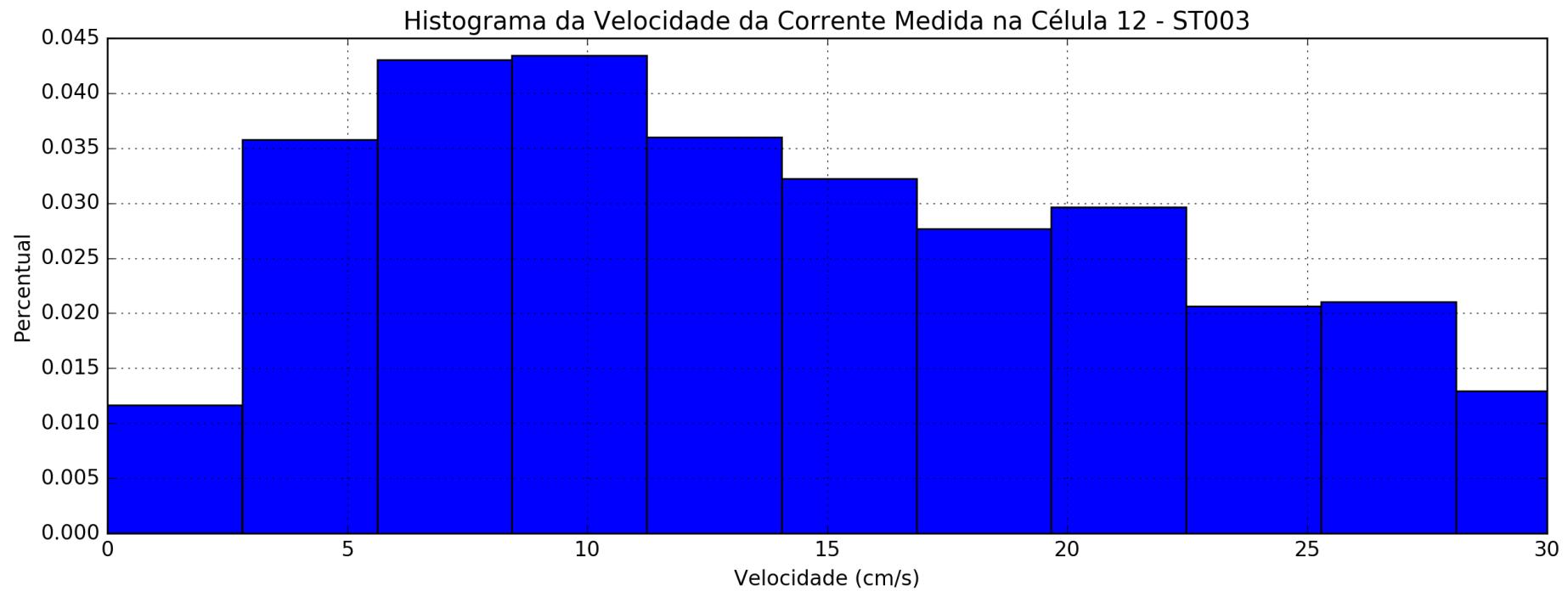


Figura 162 – Histograma da velocidade da corrente no ponto ST003 na Camada 12 (em $\text{cm} \cdot \text{s}^{-1}$)

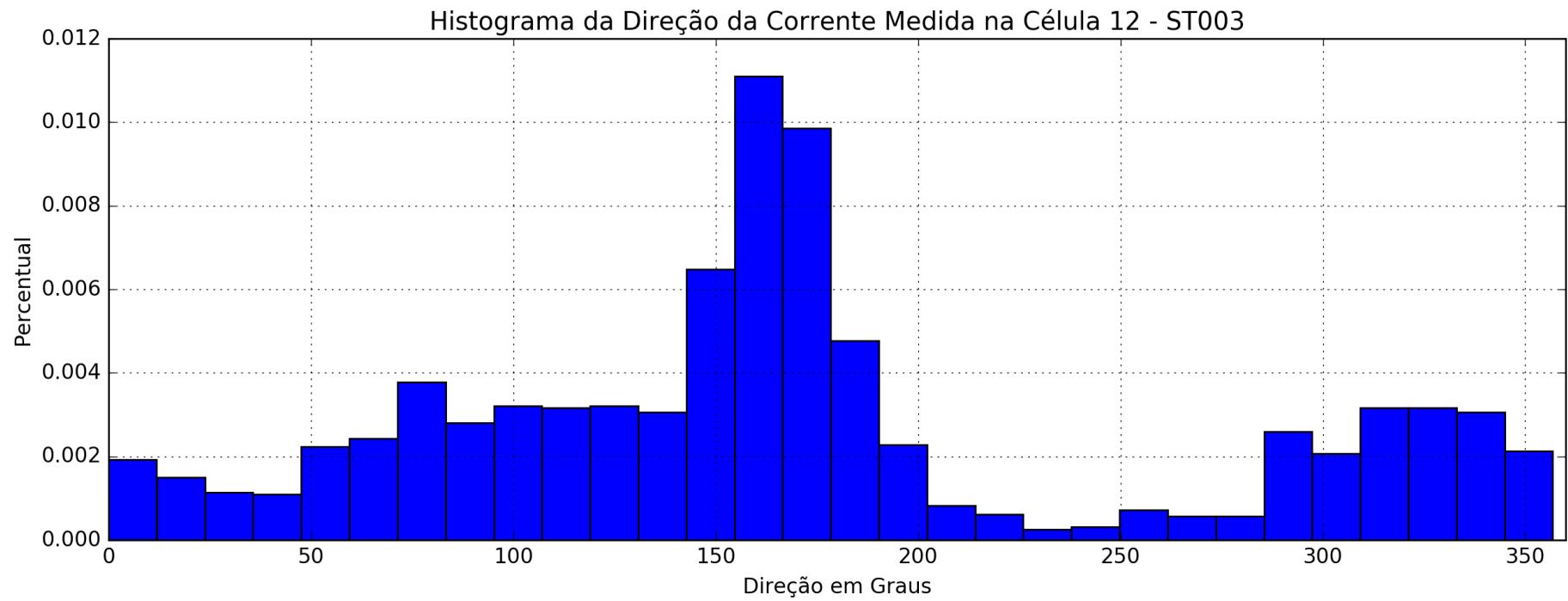


Figura 163 – Histograma da direção da corrente no ponto ST003 na Camada 12